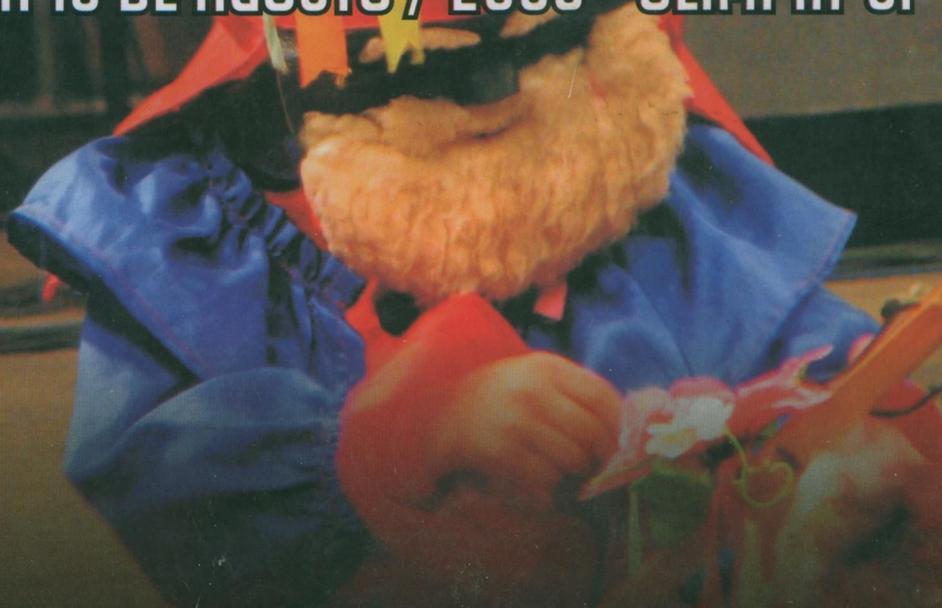


ANUÁRIO

5 A 13 DE AGOSTO / 2006 - OLÍMPIA-SP



42^o



FESTIVAL DO
FOLCLORE

O ENCONTRO DA CULTURA BRASILEIRA

42º FESTIVAL DO FOLCLORE



OLÍMPIA, CAPITAL DO FOLCLORE

ANO XXXIII - Nº 36 - 22 DE AGOSTO DE 2006



PREFEITURA MUNICIPAL
DE OLÍMPIA - ESTADO DE SÃO PAULO

Expediente: Rua David de Oliveira, nº 420, Caixa Postal 60 - Patrimônio de São João Batista - CEP 15400-000 - Olímpia-SP

Telefones: (17) 3281-6786 Fax: (17) 3281-6941

Diretor: José Sant'anna (in memorian)

Diretor Executivo e de Edição: André Luiz Nakamura

Assessores: Maria Isabel dos Anjos, Patrícia Alves Rodrigues Lopes e Luís Fernando Rabatone

Fotos: Welington Cudinhoto e Luís Fernando Rabatone

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica: A2 Agência de Arte - Paulo Souza - e-mail: a2agenciadearte@terra.com.br - Fone: (17) 3234-3321

Impressão e Acabamento: Fotogravura Rio Preto - e-mail: fotorp@terra.com.br - Fone (17) 3016-4000

Edição do Departamento de Folclore do Museu de História e Folclore "Maria Olímpia" da Prefeitura Municipal de Olímpia.

Todo Trabalho de redação assinado é de total responsabilidade do autor.

Quaisquer artigo ou ilustrações podem ser reproduzida, desde que citada a fonte.

SUMÁRIO

Literatura Oral	página	03
Os saberes populares e a escola: um diálogo possível?	página	37
Mundo Fantasmagórico: Fantasmas, Assombrações	página	44
O Pastoril Profano do Meloso	página	57
Santos milagreiros no cemitério de Barretos	página	62
Achega aos falares estudantis olimpienses	página	72
Dança Folclórica - Tamboril.....	página	103
Noticiário - O 41.º Festival do Folclore de Olímpia.....	página	113



LITERATURA ORAL

André Luiz Nakamura

Departamento de Folclore – Olímpia-SP

FOLCLORE

A palavra “folclore” é formada por dois vocábulos do antigo inglês: *folk* (que quer dizer “povo”, que, por sua vez, pode significar “nação”, “multição” ou “plebe”, gente simples, pobre) e *lore* (sabedoria, conhecimento). Assim, “folclore” (“conhecimento emanado do povo”), para os autores contemporâneos, se equivale a “cultura popular”.

Folclore é o conjunto das manifestações decorrentes da cultura espontânea e empírica do povo, de um modo geral – não só das classes “inferiores” da sociedade, os pobres, os analfabetos ou semi-analfabetos, como anteriormente se definia.

É chamada cultura empírica e espontânea (ou informal), porque ela se produz sem a in-

terferência direta do ensino oficial, ou erudito (emanado das escolas, universidades e livros); e também porque é aprendida e desenvolvida por meio da observação, da imitação, da experiência, sem teorias.

Outra característica fundamental da manifestação folclórica, além da espontaneidade e empirismo de que já falamos, é a aceitação coletiva, que é a aceitação da manifestação e seu efetivo uso pelo povo; ela tem que estar de acordo com o modo de pensar e interpretar do povo, enfim, ela tem que “pegar”, como se usa dizer na linguagem popular.

Características secundárias são anonimato (autoria desconhecida), oralidade (transmissão de “boca a ouvido”, não escrita) e tradicionalidade – de tradição, no sentido de transmitida de ge-

ração a geração (preferimos que seja entendida como “entrega”, “transmissão”, de um modo em geral, não só de “coisa do passado” transmitida de uma geração a outra). São secundárias porque, se faltarem, não deixará de ser considerada folclórica uma manifestação que apresente as outras características fundamentais a que nos referimos.

Lembremos, finalmente, que, tal como ocorre nos fenômenos sociais em geral, as manifestações folclóricas apresentam também as características de dinamicidade (constante reelaboração e modificação por que passa uma manifestação folclórica, de um lugar para outro, e no decorrer do tempo) e funcionalidade (razão de existir e um propósito para sua existência: entreter, celebrar, orientar).



LITERATURA ORAL

Expressão criada em 1881, pelo folclorólogo francês Paul Sébillot, para designar “as manifestações culturais, de fundo literário, em prosa ou poesia, transmitidas oralmente e conservadas na tradição”.

A Literatura Oral, segundo o mesmo autor, compreende tudo que, para o povo que não lê, substitui as produções literárias.

O termo literatura, empregado genericamente para designar todos os gêneros literários, surgiu no final do século XVIII e está mais vinculado à impressão gráfica (recente em termos históricos). Há, porém, outras etapas precedendo à imprensa, pois o homem já “escrevia”, antes dela, gravando seus sinais em pedra, argila, madeira, tendo, posteriormente, também manuscrito em pergaminho, até chegar à coisa impressa.

Em termos cronológicos, entretanto, a era em que a huma-

nidade se intercomunicava apenas pela fala é, em muito, superior à escrita.

“O homem falou antes de escrever e, portanto, houve uma literatura anterior ao que chamamos literatura” (John Macy, “História da Literatura Mundial”).

No entanto, encontram-se formas escritas dessa literatura oral, o que parece contraditório.

“Na verdade, tudo no começo se transmitia de forma oral, pela boca e ouvido do povo”. Nesse sentido é que queria ensinar Paul Sébillot, ao cunhar a expressão.

Confrontando-se a “Literatura Popular” ou “Literatura Oral” com a “Literatura Erudita”, observa-se, para fins didáticos, que esta última se distingue da popular por ser “fortemente compromissada com a gramática e a estética”, “atingida, muita vez, apenas por uma elite intelectual”, segundo Antônio Henrique

Weitzel (“Folclore Literário e Lingüístico”).

Mas ambas as literaturas, tanto a erudita como a popular, têm seus méritos, de modo que não se pode avaliá-las sob o mesmo critério.

Para Weitzel, ambas essas literaturas são “interdependentes” e formam uma só.

“Literatura Oral” compreende os cantares, contares e falares do povo e designa a seara do Folclore que se dedica ao estudo da criação literária popular, abrangendo: poesia popular, contos, anedotas, ditados populares, e o que de mais se verá neste artigo. Apesar de haver formas escritas em seu âmbito, como o Cordel, por exemplo, o termo “Literatura Oral” é o que se convencionou utilizar para se referir às manifestações de que trataremos a seguir (em preferência à “Literatura Popular” ou “Linguagem Popular”).

POESIA POPULAR

Começemos pela poesia, até mesmo porque foi essa a primeira forma de expressão literária, inclusive narrativa.

Poeta por excelência, aliás, é o povo brasileiro, como veremos no decorrer deste artigo.

Logo ao nascer já ouve acalantos, e morre ouvindo ladainhas e orações.

Nos próximos tópicos, notaremos também o fortíssimo vínculo da poesia com a música, pois a sonoridade e o ritmo que em ambas são fundamentais fazem com que elas caminhem unidas, e, quando não, pelo menos lado a lado.

Como bem disse Renato Almeida:

“Na poesia popular, salvo em

casos excepcionais, o povo não declama, canta. A poesia vive, na mentalidade primitiva, indissolivelmente ligada à música. Aliás, o poeta é dito cantor, e o símbolo da poesia é a lira”.

“Poesia é palavra querendo ser música”, como já me disse a querida amiga, Dr.^a Maria Carmen Guimarães Possato.



ACALANTOS

Acalantos ou cantigas de ninar representam um dos primeiros contatos do ser humano com o universo da cultura popular.

São usados para ajudar a fazer com que os bebês adormeçam.

A grande curiosidade que os acalantos despertam é a referência a monstros e assombrações que na maior parte deles se encontram.

Deífilo Gurgel diz que os “acalantos agem de duas formas: como uma espécie de intimidação para o menino dormir, pela invocação de seres sobrenaturais (...) ou de uma forma diametral-

mente oposta, apelando-se para personagens bíblicos e outros semelhantes” (“Espaço e Tempo do Folclore Potiguar”).

J. Gerardo M. Guimarães, sobre o conteúdo assustador de inúmeros acalantos, pondera:

“Na verdade, considerando a idade das crianças que ouvem os acalantos, podemos supor que elas nem sequer entendem aquilo que está sendo cantado. É exatamente a monotonia da música (...) que faz com que a criança relaxe e durma” (“Repensando o Folclore”).

Vejamos estes dois bem conhecidos:



“Boi, boi, boi
boi da cara preta
pega essa criança
que tem medo de careta”

“Dorme, nenê,
Que a Cuca vem pegar,
Papai foi na roça,
Mamãe foi trabalhar.
Bicho-papão,
Sai de cima do telhado
Deixa o meu nenê
Dormir sossegado.

QUADRAS (ou Trovas)

Quadras são pequenas composições representadas por estrofes de quatro versos, geralmente heptassílabos (com sete sílabas), em que o segundo rima com o quarto.

(Atente-se para a diferente contagem de sílabas feita pelo versificador em relação ao gramático: este, ao contá-las, atende aos elementos morfológicos do vocábulo; aquele, à prosódia, guiando-se pela audição e sem contar as sílabas posteriores à última tônica, eventualmente existentes.)

Soltas, anônimas, elas versam sobre os mais variados temas. Algumas são jocosas, satíricas. Outras, apaixonadas, copiadas em cadernos de meninas e mocinhas.

Há quadras, no entanto, que não têm nem pé nem cabeça, nas quais, por exemplo, a primeira metade não apresenta nexos tex-

tual com a segunda (a vontade de versejar prevalece em detrimento de conteúdo lógico).

É considerada a mais comum das expressões poéticas populares.

Alguns autores, como Weitzel e Rodríguez Marin afirmam que “todo o sentir de um povo está contido em suas trovas”.

A título exemplificativo, vejamos algumas quadras.

*Era um homem num julgamento,
Que se deixou condenar.
Entre a forca e o casamento,
Preferiu se enforcar.*

*Os homens são uns diabos,
Não há mulher que o negue,
Mas todas elas querem,
Um diabo que as carregue.*



*Desgraça de namorado
É ter uma vela junto
Eles pensam no amor
A vela pensa em defunto.
(Obs. vela, no sentido de companhia indesejada por namorados, e que não “se toca”)*



*No meio de tantas pedras
Pode nascer uma flor;
No meio de uma amizade
Pode nascer um amor*

*Se amor com amor se paga
Como diz ditado antigo,
Vamos, logo, meu amado,
Acerte as contas comigo.*

*Sinh'Aninha bebe fumo
No seu cachimbo de prata;
Cada fumaça que bota
É um suspiro que mata.*



*Cachaça faz bem no frio
Muito agrada no calor;
No calor ela refresca
E no frio é cobertor.*

O amor entra nos olhos
Vai ao peito diretinho
Amor embebeda a gente
Tal qual cachaça e vinho.

Se uma paixão matasse
Muita gente morreria
Eu seria a primeira
Que a morte levaria.

As quadrinhas costumam aparecer também nos chamados “correios elegantes”, também conhecidos por “telegramas sentimentais”, que são mensagens de conteúdo amoroso livres ou verificadas, escritas num cartãozinho de papel, a quem se remetem as pessoas que estejam em “paqueras”. Podem ser declarações de amor, avisos de uma abordagem iminente, convites para uma

conversa, “cantadas”, galantes ou audaciosos, etc. São apócrifos ou assinados. Ora com pistas, pseudônimos ou iniciais do nome do autor, ora com pedido de respostas, estabelecendo, assim, verdadeira correspondência amorosa. Em festas juninas, quermesses e bingos realizados na Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”, independentemente do Festival do Folclore, ou em virtude deste, são postos à venda, para maior “elegância”, “correios-elegantes” padronizados, com desenhos ilustrativos de um pombo-correio, do Cupido, de um coração atravessado por uma flecha, talvez disparada por aquele deus, de um coração cercado de flores (símbolos do amor), entre outras.

ROMANCE

Dá-se o nome romance ou “romanzo” às narrativas cantadas em versos, em forma de quadrinhas, nas quais se realçam o lirismo e a técnica do diálogo, com muitos poemas e poucas melodias, acrescentando-se que estas representam apenas uma modalidade da voz para facilitar a memorização, sem que por elas haja maior interesse.

É descendente das medievais “canções de gesta” européias (poemas que enalteciam feitos heróicos).

São também chamados por alguns como “romances cantados”.

À coleção de tais romances dá-se o nome “Romanceiro”.

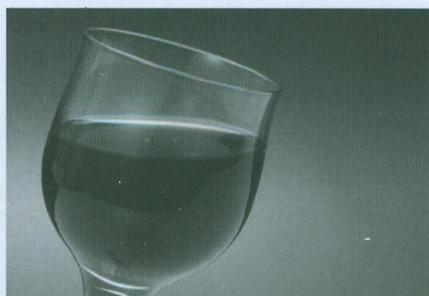
Digno de nota é o uso desse termo “romance”, pois, na literatura erudita, “romance” é narrativa longa em prosa (não em verso) e marca o ápice da evolução do gênero narrativo: da poesia

épica ou epopéia, para a prosa de ficção.

Alceu Maynard Araújo informa que no Nordeste, em geral, os romances não são com música, ao passo que no Sul do país, freqüentemente o são.

Um dos mais conhecidos é este, que canta a história de Dom Jorge e Juliana.

Dom Jorge foi convidar Juliana para seu casamento, esta lhe oferece um vinho, envenenado, no melhor estilo “não será meu, não será de ninguém”. D. Jorge, agonizando, diz que se casaria com outra, mas que era ela, Juliana, a quem amava de verdade.



1. *_ O que tu tens, ó, Juliana
Que andas triste a chorar?
_ Mamãe eu fiquei sabendo
Que o Jorge vai se casar.*

2. *_ Bem te disse, ó Juliana,
Não quiseste acreditar,
Dom Jorge tinha outro amor,
Queria só te enganar.*

3. *Lá vem o Senhor D. Jorge
Montado em seu cavalo
_ Bom dia, ó Juliana,
Como vai, como tem passado?*

4. *_ Seu D. Jorge, ouvi falar
Que o senhor vai casar.
_ É verdade, ó Juliana
Vim aqui te convidar.*

5. *_ Seu D. Jorge, eu tenho um vinho
Guardado para te dar
_ Juliana, que vinho é esse,
Que, parece, me matar.*



6. *_ Bebeste, ó desgraçado
Uma especial tintura
Misturada, com capricho,
Ao vinho da amargura.*

7. *_ Juliana, Juliana
Ah, eu te peço perdão
Tu não te casa comigo
Mas teu é o meu coração.*

8. *Seu Jorge deu um adeus,
Deu um suspiro profundo,
Disse adeus a Juliana,
Disse adeus para o mundo.*

9. *_ Ó, mamãe, matei o Jorge,
Matei com toda razão,
Ia se casar com outra,
Ferindo meu coração.*

10. *O delegado vem vindo,
Com dois soldados ao lado
Para prender Juliana,
Que matou seu namorado.*

(Versão que recolhemos em
Olimpia, cantada por D. Maria
Dias da Silva, in memoriam)

LITERATURA DE CORDEL

Também considerado herdeiro das canções dos poetas medievais europeus, o “Cordel” é a produção literária da gente simples do povo, dirigida a esse mesmo povo, e impressa em folhetos que se encontram dispostos à venda, pendurados em um barbante (ou “cordel”) em feiras e festas populares (apesar do título, nem sempre, estarão, necessariamente, pendurados em varais de barbante, em cordel; são também expostos em tabuleiros, mesas, ou mesmo no chão, sobre jornais).

Os custos com impressão não representam grande problema para os cordelistas. Eles “dão um jeito” com mimeógrafos e xerox.

A Literatura de Cordel vem geralmente acompanhada de ilustrações que, muitas vezes, são criações do próprio autor, as cha-

madas “xilografuras”.

Tanto a denominação como o modelo foram trazidos ao Brasil pelos portugueses.

É mais cultivada no Nordeste brasileiro.

No entanto, é forçoso lembrar que o Brasil era inicialmente nordestino, e do mesmo modo que este se foi ampliando, o Cordel migrou com os nordestinos para outras regiões brasileiras.

Além de entretenimento, o Cordel também é informativo, sendo vários os temas de que os cordelistas tratam: misticismo, religiosidade, heróis ou bandidos locais, figuras lendárias, fatos históricos, acontecimentos recentes, etc.

O cordelista pode declamar ou mesmo cantar seus versos, por isso há quem diga que essa literatura é tão oral quanto escrita.

Sua morte já foi várias vezes anunciada. Mas ele sobrevive. Recentes reportagens jornalísticas mostravam a produção de Cordel inclusive sobre os ataques terroristas que destruíram o World Trade Center, em Nova York (EUA).

Acrescentemos que do Cordel (“poesia popular narrativa impressa”, Veríssimo de Melo) também faz parte o ABC (Jorge Amado, por exemplo, declara que “Tereza Batista Cansada de Guerra” é uma história de Cordel, ressaltando-se que nela se encontra também o ABC da protagonista). Trata-se de gênero poético no qual cada estrofe é iniciada com uma letra do alfabeto, seguindo-lhe a ordem, como neste exemplo registrado por Alceu Maynard Araújo (“Folclore Nacional, Vol. III, p. 147):



ABC DO AMOR

*A letra A quer dizer – amor perfeito,
a letra B quer dizer – meu bem querer,
a letra C quer dizer – ser caridosa,
a letra D – Deus lhe dê um bem, formosa.*

*A letra E quer dizer – é mesmo todas,
a letra F quer dizer – felicidade,
a letra G quer dizer – guardar segredo,
a letra H – hoje mesmo eu tenho medo.*

*A letra I quer dizer – idades poucas,
a letra J quer dizer – jurei firmeza,
a letra K quer dizer – carinho sim,
a letra L – lembrará sempre de mim.*

*A letra M quer dizer – minha querida,
a letra N quer dizer – não sou de todas,
a letra O quer dizer – ó minha bela,
a letra P – para mim os olhos dela.*

*A letra Q quer dizer – queremos bem,
a letra R quer dizer – ramos de flor,
a letra S quer dizer – saudade forte,
a letra T – te amarei até a morte.*

*A letra U quer dizer – uma saudade,
a letra V quer dizer – vivemos bem,
a letra X quer dizer – chorei de dor,
a letra Z – zombarei do teu amor.”*

P:

*“Digo com soberba e tudo
sou filho de Bom Jardim
inda não nasceu no mundo
um cantor pr’a dar em mim,
se nasceu não se criou,
se criou já levou fim.”*

V:

*“Isto ninguém acredita
Eu digo e quero provar,
Serrador deu-te uma surra
Você não pode negar
Um cantor da sua marca,
Acostumou-se a apanhar”.*

P:

*“Eu sou culpado de tudo
porque também não sabia,
que vinha para um salão
da alta aristocracia
ouvir um analfabeto
mostrando sabedoria”.*

V:

*“O bruto só tem coragem
quando ignora o perigo
sendo eu analfabeto
só faço aquilo que digo
recorde a sua ciência
venha discutir comigo”.*

Veamos a seguir algumas manifestações pertencentes à seara da Literatura Oral, mas que são da preferência das crianças, ou a estas dirigidas, por iniciativas dos adultos.



REPENTES E DESAFIOS (OU PELEJAS)

“Repentes” são versos feitos de improviso e cantados ao som da viola. Dá-se um tema ao “repentista” (o autor daqueles versos) e este cantará sobre ele, num “repente”.

O “Desafio” (ou “Peleja”) é o “duelo poético” travado entre dois repentistas. Sua origem remonta às disputas líricas dos pastores gregos e romanos que eram travadas por meio de cantos al-

ternados em que os desafiantes deviam responder-se com igual número de versos.

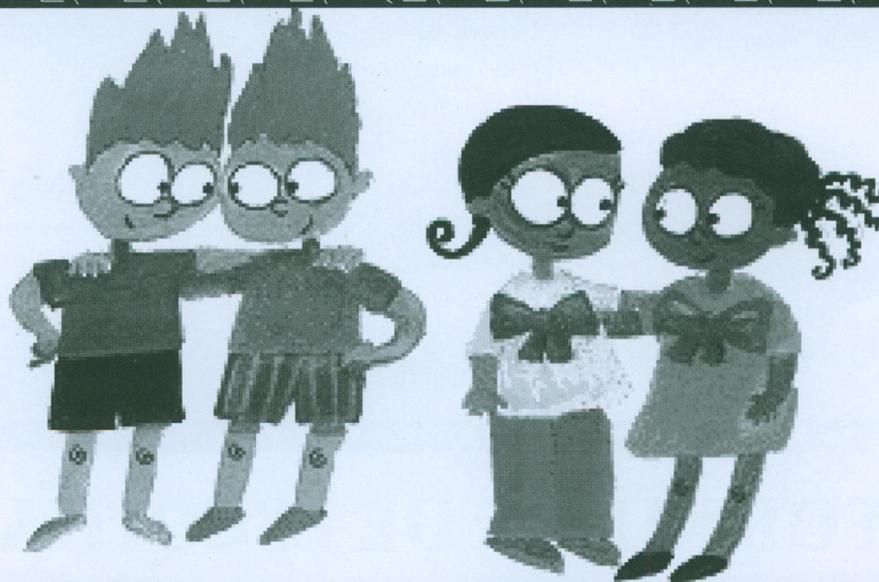
Nesses desafios não se nota grande preocupação com a música, mas, sim, com a poesia.

A música é mais um acessório, um acompanhamento para a “contenciosa” versificação.

Veamos um exemplo de um desafio, a conhecida “Peleja de Ventania com Pedra Azul”:



PARLENDAS, PARLENGAS ou LENGALENGAS



Originária do latim *parlare*, falar, parlenda é um palavreado em versos (muitas vezes desconexo), sem música, mas com cadência rítmica, que se usa para distrair ou acalmar crianças.

Lengalenga é o termo mais conhecido, o qual se tornou inclusive sinônimo de “enrolação”, conversa enfadonha, comprida, não convincente.

Câmara Cascudo, em seu clássico Dicionário, informa que acompanham algumas parlendas “movimento de bolandas, de vai-vém à criança que a ouve, ou simplesmente levando-lhe os braços para um e outro lado, num ritmo dos versos”, a exemplo destas:

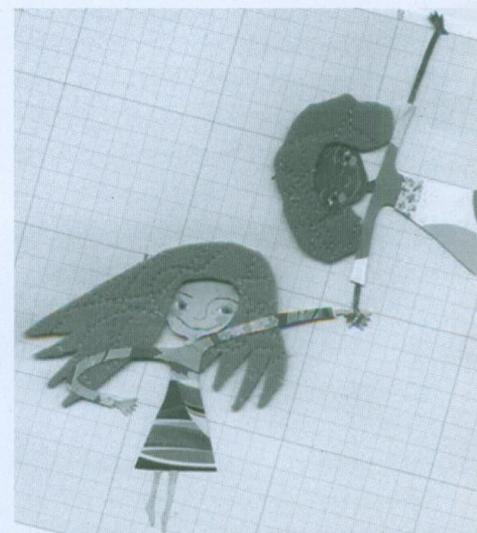
“Serra, serra, serrador
Quantos papos já serrou
Serrei um,
Serrei dois,
Serrei três,
Serrei quatro,
Serra, serra, serrador
Serrei o papo do vovô
Serra um,
Serra dois, etc.”

plô, destinado a crianças que já aprenderam a falar:

— Cadê o biscoito que tava aqui?
— O gato comeu.
— Cadê o gato?
— Foi pro mato.
— Cadê o mato?
— O fogo queimou.
— Cadê o fogo?
— A água apagou.
— Cadê a água?
— O boi bebeu?
— Cadê o boi?
— Tá amassando o trigo.
— Cadê o trigo?
— A galinha espalhou.
— Cadê a galinha?
— Tá botando ovo.
— Cadê o ovo?
— O vizinho bebeu.
— Cadê o vizinho?
— A vizinha chamou.
— Cadê a vizinha?
— Ela foi por aqui, por aqui, por aqui... (diz-se repetidas vezes, provocando cócegas e risos).

Mais um exemplo (de iniciativa das próprias crianças):

“Hoje é Domingo.
Pede cachimbo.
O cachimbo é de barro,
Bate no jarro.
O jarro é de ouro,
Bate no touro.
O touro é valente,
Bate na gente.
A gente é fraco,
Cai no buraco,
O buraco é fundo,
Acabou-se o mundo.”



PARLENDAS MNEMÔNICAS

(Mnemônica = “relativo à memória; (...) fácil de reter na memória; que ajuda a memória”)

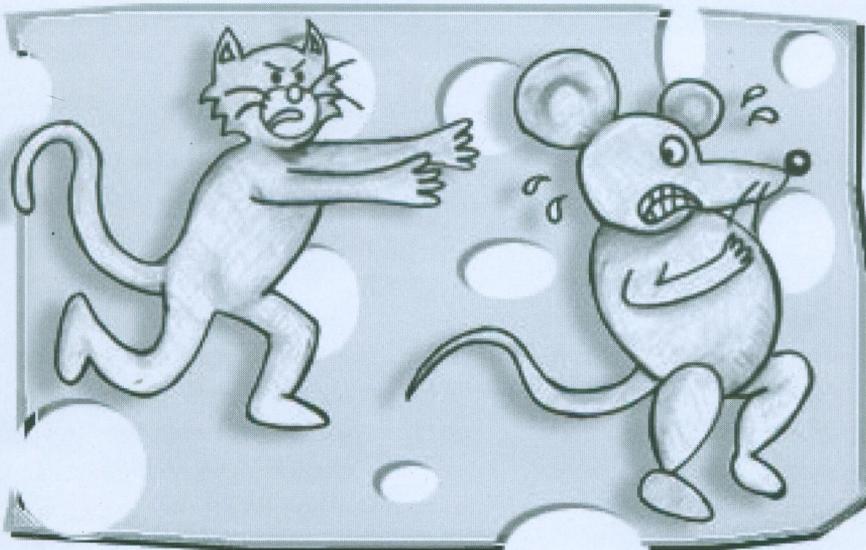
São aquelas cujo objetivo é transmitir às crianças as primeiras noções sobre números, meses, dias da semana, etc., valendo-se do ritmo e da rima para facilitar a memorização.

“Um, dois,
Feijão com arroz;
Três, quatro,
Feijão no prato;
Cinco, seis,
Macarrão inglês;
Sete, oito,
Café biscoito;
Nove, dez,
Fritar pastéis.”

Lembremos esta outra, bastante útil:

“Trinta dias tem novembro,
Abril, junho e setembro;
Vinte e oito só tem um,
Os demais tem trinta e um.”

FÓRMULAS DE ESCOLHA



Antes de muitas brincadeiras infantis, é preciso escolher quem, ou que grupo, vai iniciá-la ou nela exercer determinada função _ por exemplo, quem irá “bater cara” enquanto os outros se escondem (esconde-esconde), quem representará o “Gato e o Rato” ou a “Mãe da rua”, etc.

Para tanto, dentre outros modos e critérios de seleção, encontram-se as chamadas “fórmulas de escolha”, que assim se processam:

Algum dos participantes, a cada sílaba da fórmula, vai apontando o dedo para os outros (in-

clusive para si próprio). Se necessário, dependendo do número dos participantes, a fórmula é repetida, ou outra é escolhida e imediatamente utilizada a seguir.

A pessoa contra quem o dedo estiver sendo apontado no momento da última sílaba proferida, será, conforme o caso, escolhida ou eliminada (nesta hipótese, o procedimento recomeça, até o último, que, em “esconde-esconde”, por exemplo, será o que vai “bater cara”, isto é, vai ficar diante de uma parede, ocultando-lhe as vistas com as mãos, enquanto os outros se esconderão).

“Uni, du-ni, Trê
Sa-la-mê, min-güê,
Um sor-ve-te co-lo-ri-do
Para vo...cê”.

“Lá em ci-ma do pi-a-no
Tem um co-po de ve-ne-no
Quem be-beu mor-reu
Quem sa-iu fui... eu”

Às vezes, conforme a rapidez com que a fórmula é pronunciada, nem sempre corresponderá uma sílaba a cada participante.

“Um, tibum!, cada vez sai ... um”
“Um, tibum!, cada tiro mata ... um”

“Lá em cima daquele morro
Tem um velho fogueteiro
Que só gosta de mulher
Que usa fita no ca...be...lo”

“Uma velha muito velha
Que pitava no cachimbo
Foi dizê pra minha mãe
Que eu pitava no cigarro
Minha mãe me deu uma surra
Me jogou no taquará
Lá havia muito bicho
Me mordeu no cal...ca...nhá”



TRAVALÍNGUAS

São expressões de difícil articulação, especialmente se ditas com rapidez, usadas como recreação/disputa, para ver quem não “trava a língua”, isto é, não gaguejar ou trocar sílabas dessas expressões (ou quantas vezes é capaz de dizê-las, sem “travar”) pronunciando-as repetidas vezes, e rapidamente.

“É um fraseado usado com sentido lógico, porém estruturado de tal maneira que se torna difícil sua articulação. Espera-se que a pessoa repita a fórmula depressa, o que dificulta ou estimula o desafio” (Américo Pellegrini

Filho, “Literatura Folclórica”, p. 38).

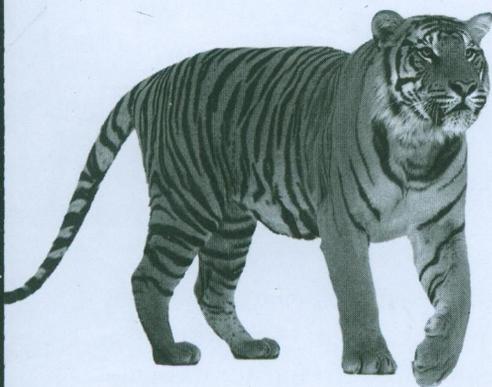
Além de modalidade lúdica, os travalínguas representam um bom exercício para aperfeiçoamento da pronúncia.

José Sant’anna, em “Travalínguas” (Anuário do 29.º Festival do Folclore), pontificava que “quando pronunciamos uma frase, todos os elementos que a compõem existem na nossa consciência; mas o pensamento é mais rápido que a palavra. Daqui resulta que os sons ainda não emitidos podem influenciar as palavras ou sons já emitidos (...) ressoam ao

mesmo tempo em nossa consciência tanto os sons que devem ser pronunciados imediatamente, como os que não de ser pronunciados mais tarde, de modo que estes elementos troquem entre si o seu lugar.”

Para esse grande lingüista e folclorista, “aos dislálícos (pessoas que têm dificuldade em articular as palavras) e aos que têm a língua presa, não há melhor remédio que uma boa dosagem de travalínguas”.

Destarte, os travalínguas, curiosamente, também servem para “destravar” as línguas.



_ Um tigre, dois tigres, três tigres.

_ Tire o trigo dos três tigres, traga os tigres e o trigo três vezes.

_ O peito do pé do Padre Pedro é preto.

_ Trazei três pratos de trigo para três tigres tristes.

_ Troque o trinco e traga o troco. Traga o troco e troque o trinco.

_ O cozinheiro cochichou que cozinhou chuchu chocho num tacho sujo.

_ Tu tagarelarias, vós tagarelariéis, elas tagarelariam.

_ Triste trolha atrapalhado, de trepar tanta trapeira, Consertar tanto telhado, Estragar tanta

goteira.

_ Debaixo daquela pia tem um pinto; pia o pinto, pinga a pipa; a pipa pinga, o pinto pia.

_ Um ninho de mafaguifos, com sete mafaguifinhos, quem tirar um mafaguifinho bom desmafaguifador será.

Vejamos mais alguns exemplos, recolhidos por Luís Fernando Rabatone:

_ A vida é uma sucessiva sucessão de sucessões que se sucedem sucessivamente, sem suceder o sucesso...

_ Cozinheiro cochichou que havia cozido chuchu chocho num tacho sujo

_ Lá vem o velho Félix com um fole velho nas costas. Tanto fede o velho Félix como o fole do velho Félix fede.

_ O princípio principal do príncipe principiava principalmente no princípio principesco da princesa.

_ O tatuador tatuado tatuou a tatua do tatu. Tatua tatuada enfezada, tatuou o tatu e o tatuador

já tatuado!

_ Tati tatibitate, no Tibet tubeou, em Itatiba bateu botas, em Itumbiara Itaquaquecetubou!

_ Um grego é gago, outro grogué é gagá. Tem um grego gagá e um grogue gago. Tem também grogue e um gago gagá.

_ Xuxa! A Sasha fez xixi no chão sujo da sala.

_ Se sessenta e seis serras serram sessenta e seis cerejeiras, seiscentos e sessenta e seis serras serrarão seiscentos e sessenta e seis cerejeiras.

_ Seis paralelogramos tem um paralelepípedo. Mil paralelepípedos tem uma paralelepipedovia. Uma paralelepipedovia tem mil paralelogramos. Então uma paralelepipedovia é uma paralelogramolândia?

_ O rato roeu a rolha do remédio e a roupa do rei de Roma, e a rainha, de raiva, roeu o resto. O rato correu, correu, correu, bateu com a barriga no barranco e morreu.

_ Em rápido rapto, um rápido rato raptou três ratos sem deixar rastros.

_ Não confunda ornitorrinco com otorrinolaringologista, ornitorrinco com ornitologista, ornitologista com otorrinolarin-

gologista, porque ornitorrinco, é ornitorrinco, ornitologista, é ornitologista, e otorrinolaringologista é otorrinolaringologista.

_ Meio milhão, dez limões, dois milhões, nove limões, três milhões, oito limões, quatro mi-

lhões, sete limões, cinco milhões, seis limões, seis milhões, cinco limões, sete milhões, quatro limões, oito milhões, três limões, nove milhões, dois limões, dez milhões, meio limão.

RÉPLICAS

São agrupadas sob esse título as “respostas prontas”, as “respostas feitas”. Podem ser usadas como contra-ataques ou como apartes

jocosos em conversações. Conforme o tom, podem ser ofensivas, desconcertantes ou simplesmente galhofeiras. Em algumas delas, veri-

fica-se apenas uma busca pela rima, independentemente de seu sentido lógico. Muitas são espirituosas, interessantes; outras, nem tanto.

_ O que é isso?

_ Chouriço.

_ Quem cochicha o rabo espicha.

_ Quem reclama o rabo inflama.

_ Bem feito!

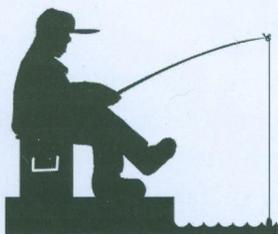
_ Vai dizer pro prefeito.

_ Onde é que eles estão?

_ Pescando, pra fazer pirão.

_ Não, obrigado.

_ Não é obrigado, não. Pegue se quiser.



_ Fulano morreu...

_ Antes ele do que eu.

_ Coitado!

_ Coitado é filho de rato que nasce pelado.

Ou: _ Coitado é de “coito”.

_ Que horas são?

_ Oração? Ave-Maria cheia de graça...

_ Isso é palhaçada!

_ Não, é “milho cozido” (contra “palha assada”).

_ Deixa eu ver.

_ Não vai chover.

_ Obrigado. Não mereço, mas agradeço (contra algum xingamento).

_ O que é que a gente faz?!

_ Não faz, compra feito.

_ Tô de mal!

_ Come sal, na panela com mingau, e deixa um pouco pro Natal.

_ O negócio é o seguinte...

_ O preço da égua é cento e vinte.

_ O que foi?

_ Um carro de boi.

_ Não é da sua conta.

_ Seu nariz de sete pontas.



Vejamos mais alguns exemplos, citados por Weitzel (“Folclore Literário e Lingüístico”) segundo o qual, nas réplicas, se pode estudar “os fenômenos da analogia, os efeitos da rima, a associação de idéias”:

_ O que há de novo?

_ Muita galinha e pouco ovo.

_ O que você deseja?

_ Cachaça com cerveja.

_ Nada.

_ Quem nada é peixe.

_ Quer mais? Pega e faz.

_ Burro!

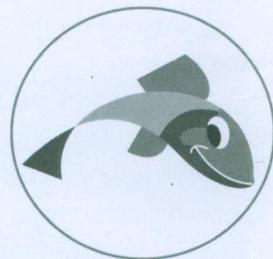
_ E você é égua. Eu te amonto, você me carrega.

_ O que é que houve?

_ Ouvido

Ou: _ Muita verdura e pouca couve.

_ Qual é a graça? _ O palhaço lá na praça.



DESCRIÇÕES DE GIROLA

Assim o Prof. José Sant'anna qualificou, em "Estroinices" (Anuário do 30.º Festival do Folclore), as "historietas mentirosas", preferidas pelos adolescentes, nas quais se exageram qualidades ou defeitos:

_ era um homem tão humilde, mas tão humilde que chegava até a se orgulhar de sua humildade;

_ era um avarento, tão avarento, que olhava por sobre seus óculos para não gastar as lentes;

_ era um preguiçoso, tão preguiçoso, que não sabia se ficava dormindo até mais tarde ou se levantava mais cedo para ficar mais tempo sem fazer nada;

_ era um rapaz tão desligado, mas tão desligado, que, só depois de socorrido, quando estava

morrendo afogado, é que se lembrou que sabia nadar;

_ era uma senhora tão míope, mas tão míope, que não dormia sem seus óculos, para enxergar se acaso sonhasse;

Retomaremos, doravante, manifestações pertencentes à Literatura Oral sem vinculação estreita com o folclore infantil.

CONTOS POPULARES



Um dos fatos folclóricos mais estudados são os contos _ a narrativa popular em prosa, concisa, de autoria desconhecida, que se perpetua por meio da transmissão oral. São os contos de fada, da Carochinha, etc.

Obras especializadas colacionam milhares deles, que, com efeito, são inumeráveis.

Muito se discute sobre sua origem. Alguns dizem que os mais antigos são egípcios. Outros, que a origem se encontra na Índia, ou na Babilônia. Não há consenso.

Segundo Câmara Cascudo, no seu clássico "Dicionário do Folclore Brasileiro", as histórias mais populares no Brasil, "não

são as mais regionais ou julgadoamente nascidas no país, mas aquelas de caráter universal, seculares, espalhadas por quase toda a superfície da terra".

Na boca do povo, há muitas versões de várias dessas histórias _ inclusive daquelas oriundas da "literatura culta", que chegam ao povo por meio do fenômeno da folclorização.

A história da Dona Baratinha, por exemplo, parece muito brasileira, pois o João Ratão cai na "nossa" feijoada. No entanto, uma história similar já havia sido registrada em coletânea de contos da Índia, há quase dois mil anos.

Os contos, além de recriar, tem objetivos éticos e estéticos: enaltecem os bons sentimentos; depreciam os maus. Geralmente, o bem e a justiça prevalecem.

Costumam ser classificados em "contos de encantamento", "contos de adivinhação", "contos religiosos", "contos de exemplo", enfim, eles versam, praticamente, sobre quase todos os temas.

Interessa-nos aqueles classificados como "contos de animais", visto tratar-se de FÁBULA, a qual, em algumas obras, é apresentada separadamente; em ou-

tras, como espécie de conto. São narrativas alegóricas cujo teor revela um princípio moral, nas quais as personagens são animais vivendo situações humanas.

Apenas como ilustração, lembremo-nos deste, muito conhecido, já que foi aqui mencionado:

Dona Baratinha, ao varrer a casa, encontrou um tostão. Correu fazer compras. Mobiliou toda a casa, maquiou-se, comprou jóias, roupas novas, muitos doces, guardou o troco numa caixinha, pôs uma fita no cabelo e foi com seu dote para a janela à procura de um namorado. Perguntava com a mais maviosa das vozes:

"Quem quer casar com a Dona Baratinha, que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha".



Muitos pretendentes foram por ela recusados, por causa do barulho que fariam à noite e que a impediriam de dormir sossegada. Houve um cavalo, um bode, um burro, um boi, um galo, um cachorro, um gato, todos recusados, até que apareceu um rato, que à pergunta da Dona Baratinha respondeu, numa voz baixinha:

“Eu quero”.

Percebendo que ele não faria tanto barulho à noite, perguntou-lhe o nome:

“Dom Ratão”, respondeu estufando o peito.

Ficaram noivos.

Quando soube que Dom Ratão adorava feijoada, D. Baratinha deu ordem para que parassem, no dia do casamento,

uma deliciosa feijoada para a festa depois do casório.

Na hora do casamento, Dom Ratão não aparecia. D. Baratinha, desesperada, achava que ele tinha fugido.

Uma das cozinheiras chegou então com a notícia de que Dom Ratão havia caído e se afogado na feijoada, deixando D. Baratinha de luto e morta de tristeza.

CONTOS ACUMULATIVOS

Os contos acumulativos, segundo J. Gerardo M. Guimarães (in “Repensando o Folclore”, pág. 115), são “narrativas de palavras ou períodos encadeados, ações e gestos, que se articulam numa longa seriação”.

Veja a seguir um exemplo de conto acumulativo, citado pelo mencionado autor:

“Era uma vez um macaco que estava brincando em cima de um tronco de árvore, com uma semente de milho!

No tronco havia uma fenda! A semente caiu na fenda. Aí o macaco falou: - tronco, me dá o meu milho.

O tronco falou: - não dou!

Aí o macaco disse: - pois então eu vou falar com o machado.

_ Machado, corta o tronco que não quer me dar meu milho, pra eu brincar.

O Machado falou: - não corto! Aí o macaco disse: - pois então eu vou falar com o fogo.

_ Fogo, queima o machado que não quer cortar o

tronco, que não quer me dar o milho, pra eu brincar.

O fogo falou: - não queimo. Aí o macaco disse: - pois então eu vou falar com a água.

_ Água, apaga o fogo, que não quer queimar o machado, que não quer cortar o tronco, que não quer me dar meu milho, pra eu brincar.

_ A água falou: - não apago! Aí o macaco disse: - pois então eu vou falar com o boi.

_ Boi, bebe a água, que não quer apagar o fogo, que não quer queimar o machado, que não quer cortar o tronco, que não quer me dá meu mi-
lho, pra eu
b r i n - car.

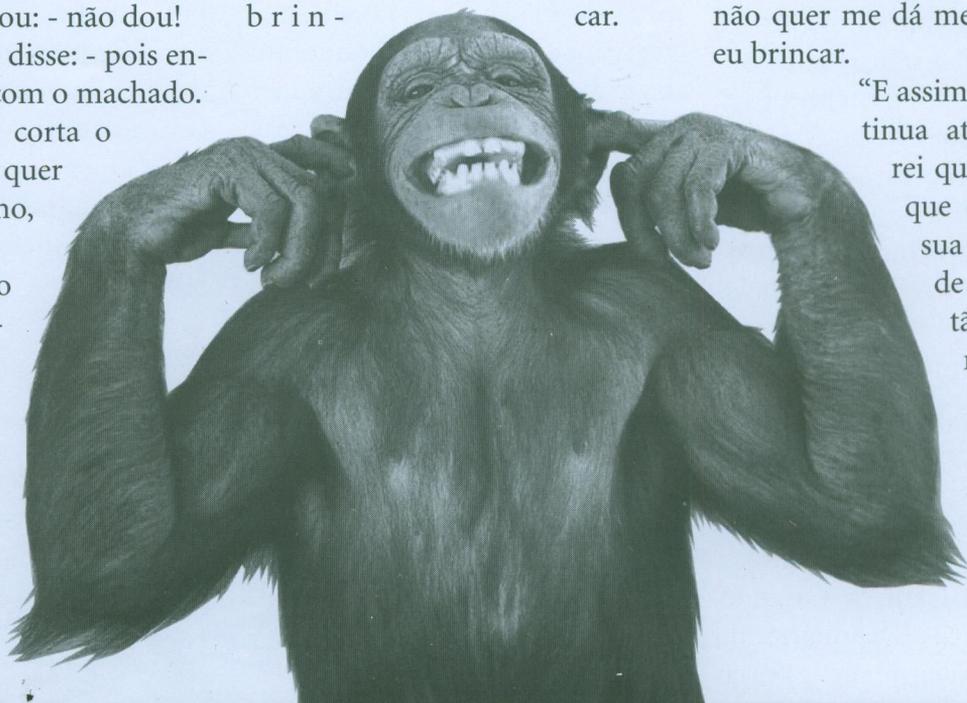
O boi falou: - não bebo! Aí o macaco disse: - pois então eu vou falar com o homem.

- Homem, mata o boi, que não quer beber a água, que não quer apagar o fogo, que não quer queimar o machado, que não quer cortar o tronco, que não quer me dá meu milho, pra eu brincar.

O homem falou: - não mato. Aí o macaco disse: - pois então eu vou falar com o delegado.

- Delegado, prenda o homem, que não quer matar o boi, que não quer beber a água, que não quer apagar o fogo, que não quer queimar o machado, que não quer cortar o tronco, que não quer me dá meu milho, pra eu brincar.

“E assim o conto continua até chegar no rei que, com medo que o rato roa a sua roupa, decide ajudar. Então o conto é narrado ao contrário, até chegar ao ponto inicial”.



ANEDOTAS (OU PIADAS)

“A anedota, espécie de pintura mural, irresponsável e maravilhosa de acuidade satírica, voz anônima do povo, é uma obra-prima que se desinteressa ao copyright”.

Câmara Cascudo

“A anedota é caricatura verbal que surge espontânea. A anedota revela a presença do folclore no cotidiano. Folclore do Cotidiano”.

Alceu Maynard Araújo

Anedota = narrativa sucinta (mais concisa que o conto), anônima, espirituosa, que visa a provocar o riso.

Nem sempre, porém, se pode atingir o efeito jocoso que se espera com uma piada. Depende ele não só do conteúdo da anedota, mas da habilidade cômica de quem a narra.

Política, religiões, etnias, costumes, classes sociais, quase tudo, enfim, é motivo pra piada, principalmente no Brasil, cujo povo, aliás, “perde um amigo, mas não perde uma piada”. Esse ditado faz lembrar que o vocábulo *piada* também é utilizado para designar frases espirituosas e galhofeiras sobre alguém ou alguma situação, a exemplo de referências ao jogador Ronaldo “Fenômeno”, na Copa 2006, “um atacante de peso”.

Acredita-se que as primeiras piadas que surgiram entre nós tenham sido contra os portugueses, numa crítica à colonização e ao jeito europeu de se vestirem e se portarem. Esse tema, aliás, tem grande acervo até hoje, lembrando, porém que as piadas dos brasileiros sobre os portugueses têm reciprocidade; estes também nos

satirizam.

Costumava-se chamar “piada de salão” àquelas que poderiam ser contadas em qualquer ambiente, para qualquer público, e “piadas que não é de salão” ou “apimentada” às pornográficas. Não mais se ouve tal distinção.

É oportuno lembrar também que se costuma dizer reiteradamente que o Brasil “é o país da piada pronta”.

Apenas para exemplificar, vejamos estas duas:

“Manoel, azafamado, a escrever uma carta, a qual, nota-se, tem muita pressa de enviar. A certa altura, diz para a esposa:

— Maria, enquanto acabo de escrever esta missiva, fecha tu o envelope. Assim, ganharemos algum tempo...”

“Uma freguesa chega irritada e pergunta ao velho proprietário da padaria:

— Estes pães estão mal feitos, muito duros.

— Malfeitos? A senhora ainda não tinha nascido e eu já jazia pães.

— Ah! Então estes devem ser



daquele tempo”.

“Um português saiu apressado do carro e travou a porta esquecendo a chave na ignição. Aflito, pegou um pedaço de arame, entortou-lhe a ponta, e o introduziu no carro, através de uma fresta no vidro, tentando puxar o pino que travava a porta.

A esposa do português, que não havia descido do carro, orientava dali de dentro:

— Manuel, mais para a esquerda...”

Ao que o português retrucou para a mulher dentro do carro:

— Ô, Maria, pára de dar palpites, que assim tu me deixas nervoso e não consigo abrir a porta!” (esta última recolhida por Antônio H. Witzel op. cit., pág. 61)



PIADAS-PEGAS

São alarmes falsos de que uma piada será contada. Prepare-se o picadeiro e o espírito de alguns ouvintes para alguma piada, que acaba não sendo narrada.

- _ Você sabe da última piada?
- _ Não.
- _ Nem eu.



- _ Você conhece a piada do gato?
- _ Não.
- _ Nem vai. Gato não pia, mia.

- _ Quer ouvir uma piada suja e pesada?
- _ O elefante caiu na lama.

ENGANOS

Weitzel dá outros exemplos, a que chama “Enganos” (“fórmulas populares destinadas a fazer o interlocutor cair num logro”) usados independentemente do falso anúncio de uma piada, às vezes rimados (op. cit., pág. 199)

- _ Você gosta de laranja?
- _ Sim.
- _ Então, corre que você arranja.

- _ Sabe quem morreu?
- _ Não.
- _ Quem estava vivo.

- _ Você conhece o Zé?
- _ Que Zé?
- _ Aquele que te deu um pontapé.

- _ Eu vi seu nome escrito.
- _ Onde?
- _ Na careca de um mosquito

- _ Você se lembra daquele dia?
- _ Que dia?
- _ Que o macaco te deu bom dia, na porta ta padaria, comendo uma melancia.

Em outras situações, um bom contador de histórias envolve uma pequena platéia com uma narrativa dramática, narrando alguma tragédia que lhe acontecera, repleta de detalhes, de suspense, de “OH!”s e, de repente, respondendo ao “E aí?” de algum ouvinte, diz, gracejando: _ Aí eu acordei.



CALEMBURES

Também conhecidos como calemburgos, são trocadilhos, nos quais se brinca com a polissemia de vocábulos. Quem aprecia o ato de calemburar é chamado de calemburista. Vejamos alguns exemplos envolvendo nomes de celebridades.



Lavo pratos e a Glória Pires.
Não pude fazer, mas a Bete Faria.
Eu gosto de maçã e Marília Pêra.
O Maluf não gosta de fumo, mas o Celso Pitta.
Eu tenho cipós e o Tony Ramos.
Sou da Itália e o Chico Buarque de Holanda.
Gosto de laranja e Marina Lima.



ADIVINHAS

**Pra desvendá-las lutamos
E depois de desvendadas
Aos outros nós perguntamos
Entre chacotas e risadas?**

Resposta: As Adivinhas
(*Esse é um exemplo de formulação de uma adivinha por meio de quadras _ as chamadas quadras adivinhas de que logo falaremos _ cuja resposta são elas próprias.*)

Do latim clássico **dius** = Deus, derivando para **divus** e **divinus** = pertencente a Deus; o adjetivo **divinus** se torna substantivo, daí advindo o verbo **divinare** = prever, adivinhar.

Aliás, a origem desse vocábulo coincide, de certa forma, com seu uso mais vinculado a cultos religiosos em tempos distantes.

O deus Apolo, por exemplo, se manifestava no oráculo de Delfos, na Grécia antiga, por enigmas de difícil decodificação, na voz de suas sacerdotisas, as pitonisas.

“A mais antiga registrada”, conforme nos informa Maria de Lourdes Borges Ribeiro, em “Folclore”, é a pergunta de esfinge a Édipo. “Quem não a respondia era sacrificado; quem acertasse casar-se-ia com a rainha: ‘Que é que é, que de manhã anda de quatro pés, de tarde com dois e à noite com três?’ Édipo respondeu: ‘é o homem, que engatinha quando pequeno, anda normalmente quando adulto e apoiado em uma bengala quando velho’”.

As adivinhas representam um instrutivo e divertido passatempo que exige atenção, raciocínio hábil, rápido, e, em alguns casos, conhecimento de alguns aspectos das matérias que aprendemos na escola, como Geografia ou Ma-

temática. Por exemplo, a pessoa que não conhece Geografia, não saberá responder a esta adivinha:

“Qual o Estado Brasileiro que ama uma ferramenta?”

Resposta: Amapá”.

Iniciemos com alguns exemplos de adivinhas que requerem tal espécie de conhecimento, recolhidas pelo Prof. José Sant’anna, em “O que é, o que é”:

_ **Que país tem o nome de uma ave?** Resposta: Peru.

_ **Qual a capital de um país sul-americano que tem nome de fruta e de instrumento para amolar.**

_ Lima.

_ **Qual o Estado brasileiro que é azedo?**

_ Acre.

_ **Quem é que vai do Estado de São Paulo ao Estado do Paraná, não volta a São Paulo, mas não sai de lá?**

_ Rio Tietê.

_ **Antigamente escrevia-se farmácia com ph. Hoje como se escreve?**

_ Com h.

_ **O que é que tem quatro sílabas, mas se escreve com três letras?**

_ Etc.

_ **Que verbo lido às avessas é o mesmo?**

_ Reviver.

Acrescente-se que, embora a resposta para tais adivinhações requiera algum conhecimento

das mencionadas matérias, tais exemplos dessa manifestação não fazem com que eles deixem de pertencer ao domínio da cultura popular, pois não são eles decorrentes de influência direta dos meios educacionais, visto que surgiram conforme se processa a cultura espontânea, isto é, “informalmente”.

As adivinhas, como dissemos, exigem atenção. Algumas são chamadas “pegas”, porque a resposta já se encontra na pergunta. Os mais distraídos não percebem. Três clássicos exemplos (devem ser ditos com alguma rapidez):

_ **O que é o que é: perna de pau, boca de fogo, espingarda, seu bobo?**

_ **Qual a cor do cavalo branco de Napoleão?**

_ **Na metade de uma careca há 2000 fios de cabelo. Quanto há numa careca toda?**



Nota-se na formulação das adivinhas o uso de diversos recursos retóricos. São inúmeros os exemplos em que os enigmas se valem da alegoria, da linguagem figurada, de metáforas e da polissemia dos vocábulos, ou seja, dos muitos sentidos que uma palavra pode ter. Tomemos esta como exemplo: _ **O que tem 6 letras e em média 40 assentos?** (Um ônibus). Observe-se o artifício utilizado com as homófonas assento e acento (palavras que

têm o mesmo som quando pronunciadas, mas são diferentes na escrita e têm significado diverso; assento (banco) e acento (sinal gráfico). Como a adivinha é feita oralmente, o interlocutor pode ser confundido.

Vejamos mais algumas, recolhidas por Luís Fernando Rabatone:

_ Uma senhorita, muito assenhorada, nunca sai à rua, anda sempre molhada.

_ Língua.

_ Alta como pinho, verde como linho, amarga como fel, doce como mel?

_ Banana.



_ Que é, que é, que quanto mais quente está mais fresco é?

_ Pão.

_ Sou frio, também sou quente, sou fraco, também sou forte. Nunca posso estar parado, vejam lá a minha sorte!

_ Vento.

_ O que é que todo o nariz tem na ponta?

_ Z

_ Venho das ondas do mar, nascido na fresquidão. Não sou água nem sou sol, trago tempero na mão.

_ Sal.

_ Uma caixa pequenina mas que pode rebolar. Todos a sabem abrir, ninguém a sabe fechar.

_ Ovo.

_ Verde no campo, negro na praça e vermelho em casa.

_ Carvão.

_ O que é que salta, dá um espirro e vira pelo avesso?

_ Pipoca?

_ Uma casa com doze meninas. Cada uma com quatro quartos, todas elas usam meias, nenhuma rompe sapatos.

_ Relógio.

_ Por natureza está quente, Exceto em caso doentio, mas face a perigo iminente, devemos mantê-lo frio.

_ Sangue

_ Procuram-me muitas vezes, tenho estima, o leitor creia; mas se alguém olha para mim faz-me logo cara feia. Quem sou eu?

_ Sol.

_ São muitos vizinhos com os mesmos modos; quando um erra, erram todos.

_ Botões

_ Altos palácios, lindas janelas; abrem-se e fecham, ninguém mora nelas.

_ Olhos.

_ À meia-noite se levanta o francês, sabe das horas e não sabe do mês, tem esporas e não é cavaleiro, tem serra e não é carpinteiro, tem picão e não é pedreiro, cava no chão e não acha dinheiro.

_ Galo.



_ Qual é a coisa, qual é ela, que varre o céu todos os dias?

_ Língua.

QUADRAS ADIVINHAS

Quadras são pequenas composições representadas por estrofes de quatro versos, em que o segundo rima com o quarto.

Encontramos também adivinhas versificadas.

Vejamos alguns exemplos das chamadas "Quadras-Adivinhas" extraídas do livro homônimo do Prof. José Sant'anna:

Nasce no mato
Morre no mar;
Corre do alto;
Sem se cansar.

_ Rio.

Fui ao mercado,
Comprei um negrinho
Que junto ao fogo
Ficou vermelhinho.

_ O carvão.

No campo me criaram,
Metida em verde laços;
Choram por minha causa
Os que me fazem em pedaços.

_ A cebola.



Uma meia, meia feita,
Outra meia por fazer,
Diga lá, ó meu menino,
Quantas meias vem a ser.
_ Uma meia.

Este tipo de pergunta
É um pouco deferente:
Tem coroa, não é rei,
Tem cara, mas não é gente.
_ A moeda.

Tem cabeça e não pensa,
Tem os dentes e não come,
Tem o pé e não caminha,
Tem barba e não é "home".
_ Alho.

PAREMIOLOGIA

Provérbio = "máxima ou sentença de caráter prático e popular, expressa em forma sucinta e geralmente rica em imagens" (Aurélio, Minidicionário, 1977); "um condensado de experiência refletida, experiências da alma humana, das relações sociais, dos fenômenos da natureza, etc." (Amadeu Amaral, "Tradições Populares").

Da pouco conhecida forma grega *paremia*, para "provérbio", + *logos*, tratado, estudo, Paremiologia é compartimento da Litera-

tura Oral que se ocupa do estudo dos "provérbios".

Usa-se também, embora em menor grau, "Proverbiologia", "Adagiologia".

As coletâneas de provérbios são chamadas "Adagiário", "Axiomário", "Refraneiro", etc.

Provérbio é o termo mais usual para designar aquilo que preferimos chamar de "ditados populares". Outros, porém, são também utilizados quando se trata do assunto: adágio, anexim, axioma, brocardo, máxima, pro-

lóquio, rifão, etc.

No entanto, os pontos coincidentes entre as acepções dos mencionados vocábulos são muito superiores às eventuais distinções que se lhes tentam apontar. Uma rápida consulta a dicionários, por exemplo, revela a fragilidade das diferenças conceituais apontadas pelos estudiosos do assunto.

Preferimos, então, colocá-los, entre outros dizeres do povo que logo apresentaremos, sob o título...

DITADOS POPULARES

Das mais interessantes matérias pertencentes ao folclore ou a ele relativas são os "ditados populares".

Comuns a todos os povos, e de idade e nacionalidade incertas, eles teriam duas fontes: a erudita (bíblica, literária, filosófica) e a popular (os que nascem entre a gente do povo).

Os estudiosos do assunto, no entanto, divergem acerca da supremacia de uma ou outra procedência. Para uns, sobrelevam os de origem popular, os que vêm de indivíduos do povo. Para outros, estes representam uma parte muito menor do que se imagina.

Seja como for, para o estudo do folclore, o que importa é o seu efetivo uso pela gente simples do povo, sua aceitação coletiva, e esta, de fato, se verifica com os

"ditados populares".

Geralmente anunciados com expressões desse jaez: "como dizia a minha avó", "como diziam os antigos", "como diz o povo", "como diz o outro"... são usados, por exemplo, como regra da boa educação: _ "A cavalo dado não se olham os dentes" (não se deve dar importância ao preço ou à "marca" de algum produto dado de presente).

Os ditados populares também orientam, aconselham, criticam, repreendem, advertem, previnem, ameaçam, ou simplesmente são usados para ilustrar, por meio de sua linguagem predominantemente figurada, comentários e observações sobre fatos, hábitos, comportamentos e atitudes do homem.

Dentre suas principais características se notam a concis-

são, o ritmo, a rima (encontrada em vários exemplos) e o uso, no mais das vezes, de comparações, metáforas e de linguagem conotativa.

Considerados por muitos como "sabedoria das nações", eles resultam da sabedoria empírica dos povos, da experiência popular, da observação dos fatos, das relações sociais, dos fenômenos da natureza.

Não nos atreveremos a apresentar nenhuma forma de classificação, pois consideramos incompleta qualquer que se tente, tendo em vista que os ditados populares, a exemplo dos contos, versam sobre praticamente tudo.

Eis alguns:

Quem ri de quem chora pra chorar não demora.

Quem guarda com fome, o gato come.



(Observe-se que nos ditados populares, muitas vezes, a concisão predomina, não se notando muita preocupação com a Gramática ou com a Lógica. Nesse exemplo, não se pretende dizer, naturalmente, que é devorada por um gato a pessoa que guardou algo com fome, mas, sim, esse algo que foi guardado por sovinice.)

Não peça a quem pediu, não sirva a quem serviu.

Quem casa não pensa, quem pensa não casa.

Em tempo de guerra mentira é como terra.

Ladrão de tostão, ladrão de milhão.

Quem fala demais dá bom dia a cavalo.

Deus dá o frio conforme o cobertor.

A rico não devas, a pobre não prometas.

Quem deve pra Deus, paga ao

Diabo.

Cada tampa tem o seu balaio.

Antes tarde do que nunca.

O capeta atenta, a faca entra.

O pouco com Deus é muito, o muito sem Deus é nada.

Quem já foi rei nunca perde a majestade.

Se cumbuca de sal molhar, chuva vai pingar.

É o olho do dono que engorda o porco.

Uma ovelha desgarrada põe o rebanho todo a perder.

Quando o gato sai, os ratos tomam conta.

Em terra de sapo, de cócoras com ele.

Quem em minha casa não vai, da sua me corre.

Muito cozinheiro queima a comida.

Cachorro de muito dono morre de fome.

Amigado com fé casado é.

Mulher e cachaça em todo lugar se acha.

Nuvem na serra, chuva na terra.

Por bem fazer, mal haver.

Por causa do santo, beija-se o altar.

Rei morto, rei posto.

Seguro morreu de velho.

Só não se acaba o que nunca se começa.

Vão as leis aonde querem os reis.

Um pai é para dez filhos; dez

filhos não são para um pai.

O pai ganha, o filho bota fora, o neto pede esmola.

Só se atiram pedras em árvores que têm frutos.

Vintém poupado, vintém ganhado.

Mal de muitos consolo é.

Vaso ruim não quebra.

Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão.

O velho que se cura com anos dura.

Mulher formosa, ou doida ou presunçosa.

Quem compra sem poder, vende sem querer.

Quem corre cansa; quem anda alcança.

Como se toca se dança.

Saco vazio não pára em pé.

Quem tudo quer tudo perde.

Pelos santos novos se esquecem os velhos.

Quem não sabe nadar não se aventura ao mar.

Antes que cases, vê o que fazes.

Aqui se faz, aqui se paga.

Veremos mais alguns, ao tratarmos dos "Antipróverbios". Antes, porém, a título ilustrativo, falemos um pouco sobre as contradições e do uso galhofeiro dos provérbios nos próximos dois tópicos.

CONTRADIÇÕES PROVERBIAIS

Antes de tratarmos dos antipróverbios, é necessário que falemos mais um pouco sobre os provérbios, especialmente da contradição que em muitos deles se pode evidenciar quando confrontados (a que podemos nos referir como "proverbiais" contradições). Vejamos alguns exemplos:

Amor é que nem sauramp, só dá na gente uma vez x *Amor é vento; vai*

um, vem um cento.

Deus não dá nozes a quem não tem dentes x *Deus dá asas para quem não sabe voar.*

Sorte no jogo: azar no amor x *O amor é um jogo.*



O segredo é a alma do negócio. x *A propaganda é a alma do negócio.*

Recordar é viver x *Recordar é sofrer duas vezes.*

Os semelhantes se atraem x *Os opostos se atraem.*

Quem espera sempre alcança x *Quem espera desespera.*

O que não mata engorda x *O que não mata aleija (aleija).*

Quem vê cara, não vê coração x *Se conhece o pau pela casca.*



Conselho desprezado, há de ser lembrado x Conselho se fosse bom, ninguém dava de graça.

Um bom conselho até ao Diabo se pede x Dá-me a mim dinheiro, ao Diabo, conselho.

Para alguns folcloristas e pronomiólogos, essa objeção (i. e., a de que o provérbio é contraditório) é a única que se lhes pode opor, sendo ela, entretanto, tranquilamente por eles justificada sob o argumento de que tal contradição é inerente à própria vida. Alguns provérbios, aliás, bem demonstram os paradoxos da humanidade e do mundo (e dos próprios provérbios, inclusive), como estes, por exemplo: “Água que lava também suja”. “Cada um vê o mal ou o bem conforme os olhos que tem”. “Tantas cabeças, tantas sentenças”. “Para uns, boi pare. Para outros, vaca move”.

E a vida, contraditória, é também imprevisível, instável, e,

por isso, nem todas as previsões dos provérbios (inclusive as meteorológicas) são fatais, já que o futuro a Deus pertence. E quanto àqueles arremates inoportunos que costumam aparecer após fatos adversos já ocorridos, solenemente expressos mediante a citação de algum provérbio, com ares de um “não avisei?”, sem que houvesse qualquer aviso, lembremos um outro: “Depois do mal feito, todo mundo tinha previsto”.

Ante o exposto, vê-se que é possível jogar um provérbio contra o outro, e alguns, contra todos os outros.

O importante é que eles estão aí, à disposição, pr’o que der e vier, pr’o que vier e der. São calhamaços e calhamaços, incontáveis, de onde um contumaz usufrutuário certamente poderá extrair algum provérbio que lhe respalde ou justifique o ponto de vista – tal qual sucederá a uma

eventual parte contrária, que dele divirja (excetuando-se, evidentemente, aqueles que de alguma forma versem sobre a morte ou sobre a irreversibilidade do tempo e dos acontecimentos). Neles se encontram mensagens otimistas, “realistas”, nefastas, enfim, o que se quer e o que não se quer ouvir.

É oportuno recordar uma cena narrada pela Prof^a Neide Rodrigues Gomes (“O provérbio na música brasileira”, Anuário do 31.º Festival do Folclore, p. 12), em que uma mulher, ao embarcar num trem da Sorocabana, instava o marido a apressar-se, para que fossem os primeiros a chegar com os queijos no mercado da cidade. Dizia: “Boi lerdado só bebe água suja”. O marido, que decerto amava seus vagares e havia perdido a pescaria, retrucava: “Quem anda depressa não enxerga o que procura”.

CONTRA OS PROVÉRBIOS

Não obstante muitos autores ressaltarem que existe salutar intercâmbio a envolver ambas as fontes dos ditados populares, e, bem assim, o eventual uso “sério” desses ditados pelos meios de comunicação, há quem os critique com veemência, tanto os provérbios como a utilização destes, dizendo, por exemplo, que representam falta de criatividade, de expressividade, de imaginação. Pode ser que os considerem frases prontas a que recorrem aqueles que por si sós não são capazes de exprimir suas próprias idéias (se as tiverem).

Muitos são os que contestam ou ironizam os provérbios.

Para Machado de Assis, são “bem aventurados os que possuem, pois serão consolados”, e

“a ocasião faz o furto; o ladrão já nasce feito” (contra “a ocasião faz o ladrão”)



Sobre o ditado “Águas passadas não movem (ou não tocam) moinho”, Saul Martins, em “A Lógica dos Provérbios”, Comissão Mineira de Folclore, diz que “tocam, sim, desde que haja moinho localizado abaixo; ou, através da evaporação, água passada pode cair acima, em forma de chuva”.



Chico Buarque de Holanda também tem um “Bom conselho” a oferecer. É sempre bom recordá-lo: “Ouça um bom conselho/ Eu lhe dou de graça/ Inútil dormir que a dor não passa/ Espere sentado/ Ou você se cansa/ Está provado/ Quem espera nunca alcança/ Venha, meu amigo/ Deixe esse regaço/ Brinque com meu fogo/ Venha se queimar/

Faça como eu digo/ Faça como eu faço/ Aja duas vezes antes de pensar/ Corro atrás do tempo/ Vim de não sei onde/ Devagar é que não se vai longe/ Eu semeio o vento na minha cidade/ Vou pra rua e bebo a tempestade...”

Os comediantes, por sua vez, deleitam-se com os provérbios, misturando-os, fazendo paródias, trocadilhos e debochadas citações, propositadamente equivocadas.

Mistigris, personagem de Balzac em “Uma estrela na vida”

adora parodiar provérbios, dizendo coisas como “Abondance de chiens ne nuit pas” (“Abundância de cães não faz mal”) em vez de “abondance de biens” (abundância de bens).

O nobilíssimo Barão de Itararé adverte: “Mais valem dois marimbondos voando que um na mão”; “O homem que se vende, geralmente, recebe muito mais do que vale”; “O homem põe e o Diabo come o ovo”.

Eis mais alguns exemplos, extraídos de alguns programas

humorísticos de televisão: “Pedra mole em água dura tanto bate até que afunda”; “Ajoelhou tem que nadar”; “O amor é uma flor roxa que nasce no meio da coxa”; “No Brasil quem vai preso é só ladrão de galinha. Pro ladrãozão... cem anos de perdão”.

E o povo, o autor dos provérbios, a exemplo do Grande Criador, cujas vozes são as mesmas (diz um ditado), criou também os opostos, os extremos dos provérbios, que muitas vezes se tocam...

ANTIPROVÉRBIOS

Antiprovérbio é o termo utilizado para designar as expressões que de algum modo se opõem aos ditados populares em geral. Muitas vezes, o recurso utilizado para tanto consiste na deturpação da mensagem desses ditados, valendo-se dos diversos sentidos de algumas das palavras que neles são usadas.

Os antiprovérbios são a resposta daqueles que são “do contra”, contra a excessiva “generalização” dos provérbios.

Como já dissemos, são muitos os nomes que se deram aos ditados populares em geral. No entanto, tendo em vista que provérbio é um dos termos mais usuais, em preferência aos inúmeros sinônimos existentes, antiprovérbio vem sendo usado nas publicações produzidas pelo Departamento de Folclore de Olímpia como o vocábulo mais próximo da adequação possível para designar as expressões que de algum modo se oponham aos ditos populares, inclusive as chamadas frases feitas (de que a seguir trataremos). Justifique-se seu uso, outrossim, pela síntese nominal, pois antiprovérbio ou



contraprovérbio são mais práticos que “anti-ditados populares”.

Trata-se de um tema pouco ou quase nada explorado, pois somente nas referidas publicações olímpias é que o assunto foi amplamente abordado.

É uma interessante manifestação folclórica, cujo mérito autoral podemos também atribuir ao povo, haja vista o anonimato do produto, assim como se faz com os provérbios (sem unanimidade, como já se aduziu).

Uma de suas principais características consiste no singular aspecto de que eles, em muitas das vezes, não contradizem propriamente os provérbios; representam, antes, uma forma de criticar-lhes ou rebater-lhes a enfática generalização, na qual se busca “desfigurar” a linguagem figurada que neles prevalece. E, a contrário senso, quando se verifica em alguns provérbios o uso

de uma palavra em sua literal acepção, aplicam-lhe um sentido conotativo, ou se valem dos diferentes sentidos dos vocábulos empregados (ex: _ Tudo na vida é passageiro, menos o motorista e o cobrador).

O provérbio é: Tudo na vida é passageiro.

Noutros casos, acrescentam-se-lhes uma ressalva, uma idéia condicional ou restritiva, uma circunstância atenuante ou agravante, etc. Vale tudo.

Entretanto, é oportuno ressaltar que são poucos os antiprovérbios que ostensivamente dizem o contrário do que é dito em determinados provérbios; que lhes discutem a essência da mensagem, inclusive aquelas formuladas com sentido figurado; que, enfim, “entram no mérito”. Em tais casos, depara-se-nos a séria dificuldade de se estabelecer a distinção entre o que seria antiprovérbio e quando se trataria de provérbios contraditórios. De qualquer forma, alguns exemplos que apresentarem os mesmos “sintomas”, ou algumas das características dos antiprovérbios, estarão incluídos na respectiva



coletânea que logo apreciaremos.

A exemplo de réplicas já verificadas no uso de certos provérbios, como:

“_ Quem cochicha, o rabo espicha.
_ Quem reclama, o rabo inflama.”

“_ O que vem de baixo não me atinge. _ Senta num formigueiro pra ver.”

, observamos que os antiprovérbios são também empregados como uma resposta, um retruque, à citação de algum provérbio, como que para lembrar que nem todo boi manso derruba o dono, que nem sempre quem cala consente, ou que, às vezes, o que é da onça, o lobo come.

Ex: _ Quem ri por último, ri melhor, vaticina um usuário de provérbios.

_ O amor está nos olhos de quem bebe.

(_ O amor está nos olhos de quem vê.)

_ Quando um não quer, o outro insiste.

(_ Quando um não quer, dois não brigam.)

_ Quem dá aos pobres tem que pagar a camisinha.

(_ Quem dá aos pobres empresta a Deus.)

_ Há males que vêm pra pior.

(_ Há males que vêm pra bem.)

_ Vão-se os anéis, ficam as contas.

(_ Vão-se os anéis, ficam os dedos.)



_ Depois da tempestade, vêm os estragos.

(_ Depois da tempestade, vem a bonança.)

_ As paredes têm tijolos.

(_ As paredes têm ouvidos.)

_ Quando a esmola é demais, o padre gosta.

(_ Quando a esmola é demais, o santo desconfia.)

_ Quem nunca comeu melado não sabe o que está perdendo.

(_ Quem nunca comeu melado, quando come, se lambuza.)

_ Não cobice a mulher do próximo, se o próximo estiver próximo.

(_ Não cobice a mulher do próximo.)

_ Cão que late não morde enquanto está latindo.

(_ Cão que late não morde.)

_ Quem ri por último, ri atrasado, reage um interlocutor.

Doutras feitas, visto que os provérbios, de tão conhecidos, podem até ser citados pela metade, diz-se apenas a primeira parte de algum deles, de modo reticente. Se alguém o completa, ou se a expressão de silenciosos ouvintes denota assentimento, “corrige-se” o interlocutor, na primeira hipótese, ou conclui-se a frase, na segunda, mas com um antiprovérbio.

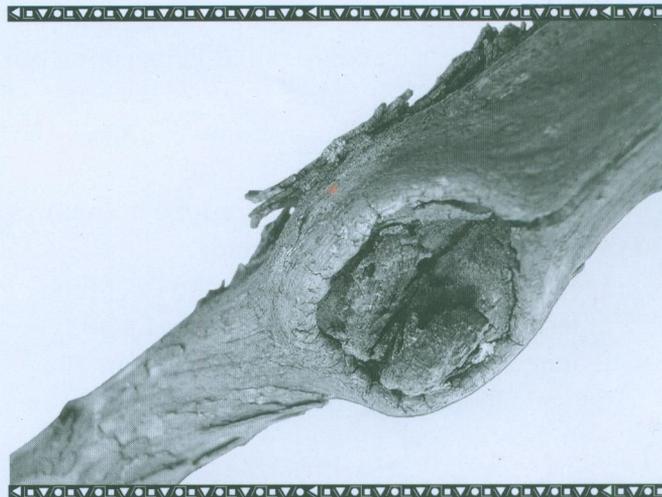
Pelo exposto, digamos que os antiprovérbios expressam a reação dos que são contrários à excessiva generalização dos provérbios, ou até ao próprio uso destes. Seriam respostas, muitas vezes bem humoradas, dos que não gostam dos provérbios, que são “antipro-

vérbio”, talvez porque, para eles, muitos provérbios lembrem reprimendas, lições, orientações, conselhos (de que não querem ser lembrados), e os contraprovérbios, por outro lado, quase sempre “desorientam”, não repreendem ninguém, não ensinam nada, não aconselham coisa nenhuma. Eles podem representar, enfim, uma réplica dos que são do contra, ou de criativos galhofeiros (para quem os provérbios não devem ser levados tão a sério) que em quase tudo vêem subsídios para piadas.

Vejamos, sem mais delongas, a seguinte relação de antiprovérbios que coletamos em Olímpia (os respectivos provérbios estão entre parêntesis):

_ Pau que nasce torto, com jeito endireita.

(_ Pau que nasce torto, morre torto.)



É oportuno lembrar um provérbio que fica em “cima do muro”: “Pau que nasce torto, tarde ou nunca se endireita”.

_ Devagar com o andor, se não o povo não alcança a procissão.

(Devagar com o andor que o santo é de barro.)

_ Papagaio come milho; periquito, a periquita.

(_ Papagaio come milho; periquito leva a fama.)

_ Quem pariu Matheus foi a mãe dele.

(_ Quem pariu Matheus que o embale.)

_ De grão em grão, a galinha “enche o saco”.

(_ De grão em grão, a galinha enche o papo.)

_ A União faz o açúcar.

(_ A união faz a força.)



_ É nos pequenos frascos que cabe menos perfume.
(**_ É nos pequenos frascos que estão os melhores perfumes.**)



_ Quanto mais se vive, mais se fica velho.
(**_ Quanto mais se vive, mais se aprende.**)
_ Quem tem boca vai ao dentista.
(**_ Quem tem boca vai a Roma.**)
_ Antes mal acompanhado do que só.

Também dos mais conhecidos, e consagrado num antigo sucesso de Erasmo Carlos, (“Mesmo que seja eu”) que cantava: “(...)filosofia é poesia, assim dizia a minha avó, antes mal acompanhada do que só”, é dos poucos que contradizem explicitamente o provérbio “antes só do que mal acompanhado”. (Mas e aí? Depende da companhia? Uma cobra, por exemplo?)

_ A mulher do meu vizinho, pra mim é minha vizinha.
(**_ A mulher do meu vizinho, pra mim é homem**)
_ Em terra de cego ninguém vê nada.
_ Em terra de cego quem tem um olho é caolho.
(**_ Em terra de cego quem tem um olho é rei.**)
_ Quem não deve não tem contas pra pagar.
_ ... Quem não teme não paga.
(**_ Quem não deve não teme**)
_ Cesteiro que faz um cesto é preguiçoso.
(**_ Cesteiro que faz um cesto faz um cento**)
_ O pior cego é aquele que anda sem bengala.
(**_ O pior cego é aquele que não quer ver**)
_ Onde há fumaça, há fogo, ou há um fumante.
(**_ Onde há fumaça, há fogo**)



_ Quem tudo quer, tudo pede.
(**_ Quem tudo quer, tudo perde.**)
_ A justiça, quando não é falha, tarda.
(**_ A justiça tarda, mas não falha**)
_ Atrás de um grande homem, há sempre uma mulher cansada.
(**_ Atrás de um grande homem, há sempre uma grande mulher**)
_ Um dia da caça, outro da pesca.
(**_ Um dia da caça, outro do caçador.**)
_ Quem vê cara não vê o resto.
(**_ Quem vê cara não vê coração.**)
_ O dinheiro, se não traz felicidade, manda buscar.

Variante:
_ O dinheiro não traz felicidade; manda buscar.
Sem dúvida, este é o mais conhecido e reiterado antiprovérbio, a ponto de se poder considerá-lo como um provérbio que contradiz outro. No caso, este já quase esquecido: “O dinheiro não traz felicidade”.
_ Macaco velho não põe a mão na macaca.
(**_ Macaco velho não põe a mão na cumbuca.**)
_ Quem espera sempre cansa.
(**_ Quem espera sempre alcança.**)
_ Fazer o bem, sem olhar a quem, seus perigos tem.
(**_ Fazer o bem sem olhar a quem.**)
_ De onde menos se espera daí mesmo é que não sai nada.
(De onde menos se espera daí é que vem.)
_ Conselho só é bom quando é de graça.
(**_ Conselho, se fosse bom, ninguém dava de graça.**)



Os últimos três já foram registrados como provérbios, inclusive neste Anuário, mas aqui estão porque apresentam todos os sintomas de um antiprovérbio.

_ Quem ri por último, ri sozinho.
_ Quem ri por último é retardado.
_ Quem ri por último é porque não entendeu a piada.
(**_ Quem ri por último, ri melhor.**)
_ Roupa suja se lava na máquina.
(**_ Roupa suja se lava em casa.**)
_ Tudo na vida passa, o ferro passa, a uva...



- (_ Tudo nesta vida passa.)
 _ Quem não bebe, não fuma e não mente não é filho de boa gente.
 (_ Quem mente não vem de boa gente.)
 _ Gato escaldado morre.
 (_ Gato escaldado de água fria tem medo.)
 _ Amor com amor se paga, e com desdém se paga.
 (_ Amor com amor se paga)
 _ Quem fala o que quer, ouve o que não quer, se perto estiver.
 (_ Quem fala o que quer, ouve o que não quer.)
 _ O que não tem remédio mata.
 Variante:
 _ O que não tem remédio não tem cura.
 (_ O que não tem remédio, remediado está.)
 _ Quem não tem cão, fica sem caça.
 _ Quem caça com gato só encontra rato.
 _ Quem não tem cão não gasta dinheiro com veterinário.
 (_ Quem não tem cão, caça com gato.)
 _ Mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga.
 _ Quem cedo madruga fica com sono o dia inteiro.
 (_ Deus ajuda quem cedo madruga)
 _ O que os olhos não vêem, a vista não enxerga.
 (_ O que os olhos não vêem, o coração não sente.)
 _ Os últimos serão os primeiros, e os do meio, sempre serão os do meio.
 _ Os últimos serão os primeiros... a reclamar.
 _ Os últimos estão desclassificados.
 (_ Os últimos serão os primeiros.)

- _ Quem cala nada fala.
 (_ Quem cala consente.)
 _ O amor é cego, mas enxerga longe.
 _ O amor é cego, mas o vizinho não.
 (_ O amor é cego.)
 _ Mato tem capim e parede tem tijolo.
 (_ Mato tem olhos e paredes têm ouvidos.)
 _ Água mole em pedra dura bate e espirra.
 _ Água mole em pedra dura tanto bate até que cansa.
 (_ Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.)



- _ Cautela e caldo de galinha não faz mal pra ninguém, exceto para a galinha.
 (Cautela e caldo de galinha não faz mal pra ninguém.)
 _ Um é pouco; dois é par; três é ímpar.
 _ Um é pouco; dois é bom; três é melhor ainda.
 (_ Um é pouco; dois é bom; três é demais.)
 _ Muito riso, muita alegria.
 (_ Muito riso, pouco siso.)
 _ De tostão em tostão...
 ...o caixa do banco vai xingar.
 (_ De tostão em tostão chega-se a um milhão.)

FRASES FEITAS

São assim denominadas algumas expressões que se usam para qualificar e “figurativizar” pessoas, atos, comportamentos e situações. São frases comparativas, explicativas ou conclusivas, que se amoldam ao assunto sobre o qual se comenta:

...Plantar verde para colher maduro (testar uma mentira fingindo tê-la descoberto).

...Dar o braço a torcer (reconhecer erro, culpa).

...Tirar o cavaliinho da chuva (desistir).

...Colocar o carro adiante dos bois (precipitação).

...Chover no molhado (redundância).

...Estar no mato sem cachorro (perdido, em perigo).



...Fazer cortesia com chapéu alheio (oferecer algo que pertence a outrem).

...Matar a cobra e mostrar o pau (assumir o que se faz).

...Dar o tapa e esconder as mãos (o oposto da anterior).

...Botar lenha na fogueira (estimular uma contenda).

...Fazer-se de burro para comer milho (fazer-se de coitado para obter o que quer).

...Fazer das tripas, coração (esforço demasiado).

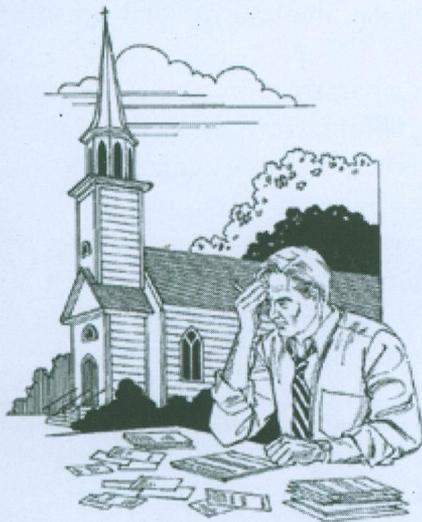
...Dar tapa com luva de pelica (revide diplomático).

Essa espécie de frase feita distingue-se de provérbios de igual propósito, pela necessidade de complemento, visto que lhes falta o sujeito (apesar do nome “frase feita”).

Por exemplo, em referência a alguém que está demasiadamente preocupado com algo irrelevante, diz-se que “Fulano (introduz-se o sujeito) está fazendo tempestade em copo d’água”.

Elas, como todos os “ditados populares”, representam um bom exercício de interpretação de texto, em que se busca também localizar o contexto em que se encaixariam:

- ...Ver passarinho verde.
- ...Lavar a égua.
- ...Virar a casaca.
- ...Queimar a pestana.



- ...Ter as costas quentes.
- ...Ficar de orelha em pé.
- ...Ir de mãos abanando.
- ...Juntar os trapos.
- ...Comer gato por lebre.
- ...Ir para a terra dos pés juntos.
- ...Procurar chifres em cabeça de cavalo.
- ...Levantar com o pé esquerdo.
- ...Fazer de gato e sapato.
- ...Estar entre a cruz e a caldeirinha.
- ...Matar dois coelhos com uma cajadada só.
- ...Dar com os burros n’água.
- ...Chorar como um bezerro des-

- mamado.
- ...Fazer o diabo a quatro.
- ...Pôr a mão no fogo (por alguém).
- ...Procurar agulha em palheiro.



- ...Falar de corda em casa de enforcado.
- ...Fazer ouvidos de mercador.
- ...Botar os pingos nos is.
- ...Arranjar sarna pra se coçar.
- ...Dar uma no cravo e outra na ferradura.
- ...Estar cozinhando o galo.
- ...Botar (alguém) no chinelo.
- ...Contar com os ovos antes da galinha botar.
- ...Dar murro em ponta de faca.
- ...É gastar vela com defunto ruim.
- ...Cutucar onça com vara curta.
- ...Dar as costas por resposta.
- ...Ir com muita sede ao pote.
- ...Querer tapar o sol com a peneira.
- ...Estar pisando em ovos.
- ...Ter o olho maior que a barriga.
- ...Conversa mole pra boi dormir.
- ...Dormir com as galinhas.
- ...Não ata nem desata.
- ...Não dá para o cheiro.
- ...É querer ensinar o Pai-nosso ao vigário.
- ...É o mesmo que ir a Roma e não ver o Papa.
- ...É Maria vai com as outras.
- ...É canja de galinha.
- ...É pau pra toda obra.
- ...Vai ver com quantos paus se faz uma canoa.
- ...Foi pego com a boca na botija.

O termo é também usado para designar expressões que se consagraram pelo reiterado uso, como “Isso vai dar pano pr’as mangas”; “Isso tem dois v (vai e volta)”; “Um pé lá, outro cá”. “Aí é que a porca torce o rabo”.

Outras espécies de frases feitas, que, embora contenham sujeito (no sentido técnico, usado em análise sintática) são também assim chamadas, confundindo-se com provérbios. Às vezes, alguns autores as incluem em coletâneas apresentadas sob o título “provérbios”, como por exemplo: “Chumbo trocado não dói”.

- “Mulher de amigo meu é homem”.
- “Pra baixo todo santo ajuda”.
- “Por fora bela viola, por dentro, pão bolorento”.
- “Parentes são os dentes”.
- “O mar não está pra peixe”.
- “O barato sai caro”.
- “Onde comem um, comem dois”.
- “Não adianta chorar o leite deramado”.
- “O mundo é a melhor escola”.
- “O que seria do verde se todos gostassem do amarelo?”.
- “Quem foi à Bahia perdeu a bacia”.
- “Quem gosta de velho é reumatismo”.
- “Tamanho não é documento”.
- “Muito ajuda quem não atrapalha”.
- “O mundo dá muitas voltas”.



- “Nem todo dia é dia santo”.
- “Cada porta tem sua chave”.

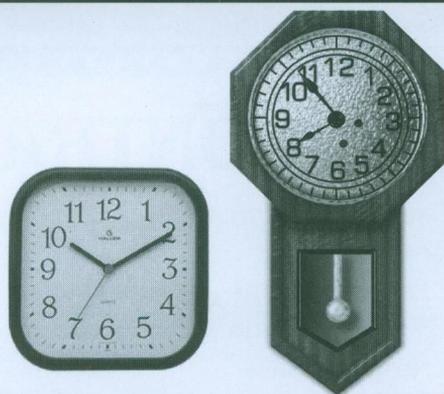


“Ficou pior a emenda do que o soneto”.

“Até as pedras se encontram”.

“Gosto não se discute”.

“Quem trabalha de graça é relógio”.



Algumas das primeiras espécies de frase feita a que nos reportamos no início deste tópico também muito se confundem com os provérbios, pois podem aquelas se tornar conselhos se colocadas, por exemplo, na forma negativa (“Não se deve falar de corda em casa de enforcado”).

DISPARATES

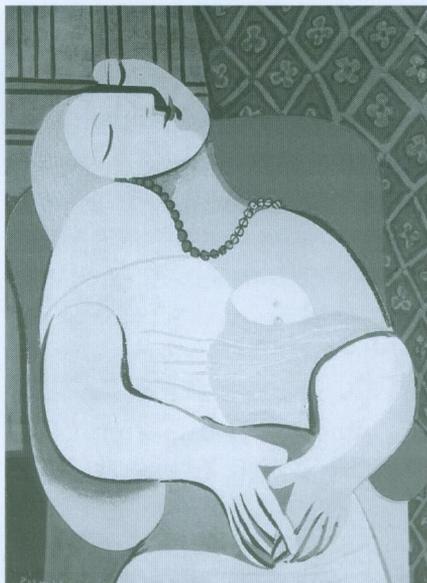
São expressões utilizadas para ressaltar a inexistência de correlação entre um assunto e outro comentados por interlocutores em alguma conversa ou discussão.

O que é que tem a ver catraca de canhão com conhaque de alcatrão?

O que tem a ver a obra de arte do mestre Picasso com a pica de aço do mestre de obras?

O que tem a ver a peruca do Juca com a piroca do Joca?

O que tem a ver espinafre de caçarolinha com espingarda de



caçar rolinha?

Vejamos mais alguns exemplos, registrados por Alceu Maynard Araújo (“Folclore Nacional, Vol. III, pág. 179), que ecoam até hoje:

“Que é que tem a ver as ceoulas com as calças?”

“Que é que tem o urubu com o luto de Maria?”

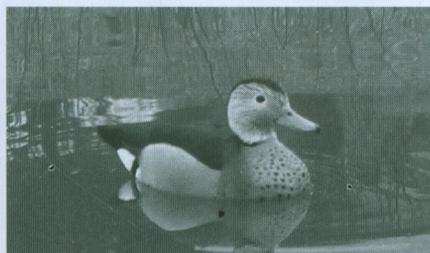
“Que importa ao pires se o bebedor de café tem ou não bigodes?”

“Que tem a ver a água do joelho com a seca no Ceará?”

“NÃO QUERO NEM SABER...”

As próximas expressões que veremos são utilizadas em situações em que alguém não aceita ou nem quer ouvir justificativas ou desculpas, exigindo — após proferi-las — diligência e empenho para remediar algum mal ou para realizar alguma tarefa que não foi levada a efeito.

Por exemplo: “Não quero nem saber quem pôs o rabo no cometa. Entregue hoje o material”.



Não quero nem saber...

— quem colocou dentadura no serrote;

— quem entortou o anzol;

— quem esticou o pescoço da girafa;

— quem cortou uma perna do Saci;

— quem virou os pés do Curupira para trás;

— quem pôs leque no rabo do peru;

— quem matou o Mar Morto;

— quem pôs a coroa no abacaxi;

— quem açucarou o Pão-de-açúcar;

— quem coloriu o Mar Vermelho;

— quem esticou a linha do trem.

Há outras expressões similares, complementadas com outras orações, que servem para demonstrar fogosa exultação, predisposição para a farra, para a contenda ou para “tacar lenha na fogueira” e “ver o circo pegar fogo” (já que falamos de frases feitas):

— Não quero nem saber quem morreu; eu quero é chorar;

— Não quero nem saber se o pato é macho; eu quero é ovo;

— Não quero nem saber se a mula é manca; eu quero é rosetar.

FÓRMULAS CONTRA FIADO

São expressões, em prosa ou verso, expostas nas paredes de casas de comércio, por meio das quais o proprietário comunica a seus fregueses que não “vende fiado”. Às vezes, tais dizeres apresentam-se acompanhados de ilustrações, que se complementam, exibindo, por exemplo, pessoas na miséria por terem vendido fiado (“Este vendia fiado”, sob um desenho de um mendigo). São mais freqüentes em botequins.

Antigamente, eram manuscritas, e os desenhos, feitos à mão. Hoje, predominam as fórmulas impressas. No entanto, o que importa é que os vates populares continuam.



“Se você bebe pra esquecer, pague antes de beber”.

“Fiado só amanhã”.

“Só vendo fiado quando o Saci cruzar as pernas”.

“Fiado só pra veado”.

“Fiado, só algodão”.

“Vendia fiado, acabei pelado”.

“Fiado, só de pano”.

“Fiado? Só em dia feriado, que o boteco está fechado”.

“O colega que vendia fiado saiu pra fazer cobrança e até hoje não voltou”.

“Fiado só depois que o bar fechar”.

“Fiado só com o ex-dono; ele faliu”.

“Fiado só para maiores de 100 anos, acompanhados dos avós”.

“60 num bar, 70 sair sem pagar, aí mando a polícia 20 buscar”.

“Entre e peça fiado sem medo.

Eu saberei negar educadamente.”

“O fiado já morreu

Com o dono foi enterrado



Quem quiser beber cachaça
É só no dinheiro contado”.

“Se vem por bem, entre
Esta casa é sua
Mas se pedir fiado
Não entre
Fique na rua”.

“Freguês educado
Não cospe no chão
Não compra fiado
Não diz palavrão”.

“Não passe sem parar
Não pare sem entrar
Não entre sem gastar
Não saia sem pagar”.

“Eu não vendo mais fiado
Pois corro muito perigo,
Se não cobro, perco o dinheiro,
Se cobro, perco o amigo.”

PREGÕES

São frases e orações, às vezes rimadas, por meio das quais vendedores ambulantes, feirantes e camelôs anunciam os produtos que comercializam.

Câmara Cascudo informa que os pregões são conhecidos no mundo inteiro e em todos os tempos.

Vejamos alguns:

_ Queijo assado saboroso. Assa na hora e não demora. (Recolhemos na “Praia dos Artistas”, Boca do Rio, Salvador, Bahia.)

_ Pode encher a bolsa, menina. Esse camarão é coisa fina. (Recolhemos em uma feira, em Lagarto, Sergipe.)

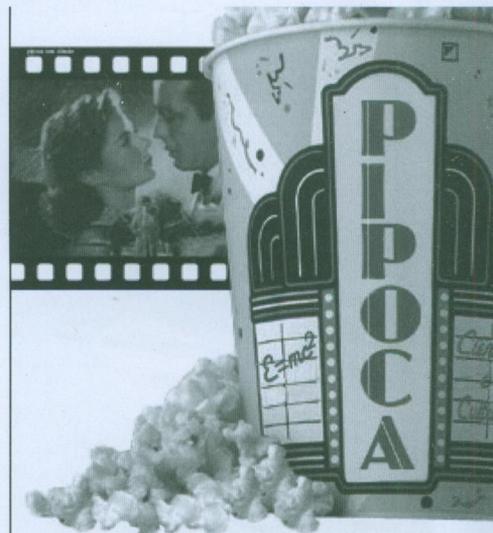
_ Pipoca na manteiga, mais gostosa que a freguesa.

_ Na barraca do seu João, você enche o sacolão.

_ Essa é a banca do Chico Bola-cha, onde o que se procura acha.

_ Olha o coração no espeto, coração apaixonado.

_ Olha a cocada, olha a cocadinha!



DIZERES EM CAMINHÕES



Também conhecidos como “escritos”, “dísticos”, “lemas”, inscrições, “de” ou “em” caminhão; ou ainda “linguagem de motorista”, “sabedoria de chofer”, etc., são as mensagens escritas nos pára-choques ou outras partes desse veículo.

Desconhece-se sua origem. Há quem diga, no entanto, que somente no Brasil existe esse costume de se escrever frases nos pára-choques dos caminhões.

Com mensagens breves, fáceis de memorizar, esses pára-choques conduzem pelas estradas a filosofia dos caminhoneiros, constituindo “uma literatura folclórica, com linguagem própria”, segundo o Prof. José Sant’anna

(criador do Festival do Folclore de Olímpia).

Humor, poesia, demonstrações de saudade, de otimismo, de tristeza, de alegria, de fé religiosa, enfim, de tudo se encontra nesses fragmentos das muitas histórias que os caminhoneiros têm para contar.

Às vezes neles se verifica o uso de ditados populares, mas, com efeito, prevalecem as mensagens criadas pelos motoristas.

Os dísticos também servem para distrair, mesmo que durante fração de segundo, os motoristas de veículos de passeio que se enfiavam quando em trânsito lento, atrás de um caminhão, sem poder ultrapassá-lo.

Vejam alguns:

“Se ferradura desse sorte, burro não puxava carroça”.

“O casamento vem a cavalo; o arrependimento, na garupa”.

“Se amar for pecado, jamais serei perdoado”.

“Marido de mulher feia detesta feriado”.

“Os velhos dão bons conselhos porque não podem mais dar maus exemplos”.

“Se o mundo fosse bom, o dono moraria nele”.

“No fim dá tudo certo. Se ainda não deu certo é porque não chegou ao fim”.

“Pobre só entra em banco pra pagar conta”.

“Tem amigos que são como o sol; só aparecem em tempo bom”.

“Devo, não pago, nego enquanto puder”.

“Quem planta maconha colhe cana”.

“Mulher é como táxi, um larga, outro pega”.



“Mais perigoso do que cavalo na estrada é um burro no volante”.

“Se andar fosse bom, carteiro não morria nunca”.



“Um falso amigo é um inimigo secreto”.

“A vida é cruel desde cedo, por isso inventaram o despertador”.

“Se correr, o guarda multa; se parar, o banco toma”.

“Na estrada da vida, passado é contramão”.

“O casamento vem a cavalo; o arrependimento, na garupa”.

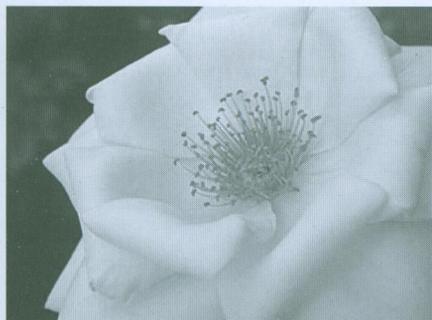
“Não sou dono do mundo, mas sou filho do dono”.

“Eu dirijo, Deus me guia”.

“No fim dá tudo certo. Se ainda não deu certo é porque não chegou ao fim”.

“Se os homens são todos iguais, por que as mulheres escolhem tanto?”.

“Adoro as rosas, mas prefiro as trepadeiras”.



“Mais perigoso do que cavalo na estrada é um burro no volante”.

“Se casamento fosse estrada, eu só andava na contramão”.

“Na subida, paciência; na descida, dá licença”.

“80ção! 20 ver! 100 você não sei viver”.

“No casamento, meu bem; na separação, meus bens”.

“99% da beleza feminina sai com água e sabão”.

“Farol alto na cara é como mulher gritando no ouvido”.

“Seja dono de tua boca, para não ser escravo de tuas palavras”.

“Quem inventou o trabalho não tinha o que fazer”.

“Votem nas putas. Os filhos delas não resolvem nada”.

“O prazer dá o que a sabedoria promete”.

“Viva cada dia como se fosse o último... um dia você acerta”.

Além dos pára-choques de caminhão, há, naturalmente, outros veículos de dizeres populares, registrados por folcloristas, a exemplo do papel-moeda (apesar de tal prática ser ilegal), e das paredes de banheiro público.

No primeiro caso, de tudo se encontra: palavrões, versos, piadas, xingamentos, e às vezes algumas frases espirituosas como esta:

“Trabalhar para patrão pobre é pedir esmola pra dois”.

Camisetas também veiculam in-

teressantes dizeres:

“Não tenho nenhum vício. Só bebo e fumo quando jogo”.

“Se a bebida atrapalha seus negócios... (frente)

Largue dos negócios e beba” (verso).

“Não beba dirigindo...

Você pode derrubar a garrafa”.



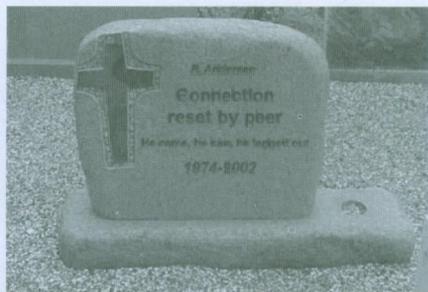
“A bebida mata lentamente (frente)

Não tem problema. Não tenho pressa” (verso).

“Quem não bebe e não fuma... Morre em perfeita saúde”.

Quanto aos escritos em paredes de banheiros públicos, a cuja coletânea chamam, alguns folcloristas, de “Latrinária” (de *latrina*, vaso sanitário) pertencem estes ao chamado ‘folclore escatológico’, nos quais prevalecem os palavrões.

Deixemos também de lado os epitáfios (escritos em túmulos, elogios póstumos). Mencionemo-nos apenas para lembrar que eles existem.



APELIDOS

“É costume, e bem antigo, chamar ou designar alguém, não pelo nome ou sobrenome, mas por outro que lhe foi dado por circunstâncias físicas, morais, reais ou supostas, ou ainda, por

seus defeitos, qualidades ou profissões. Não podemos confundir com os cognomes ou a antonomásia, figura retórica que consiste em acrescentar ao nome da pessoa uma expressão geralmen-

te de sentido nobilitante, e nem mesmo os de família”, segundo Laura Della Mônica (Anuário do 22.º Festival do Folclore).

Na quase totalidade das vezes, os apelidos representam um



rebatismo satírico ou depreciativo, mas, como nem todos eles têm essa finalidade galhofeira, é melhor nos servirmos do “Aurélio”, que registra, como uma das acepções de apelido, a seguinte: “designação especial de alguém ou de alguma coisa”, tendo em vista que também se chamam apelidos às designações carinhosas nas quais se usa abreviatura e/ou diminutivo do nome (“Beto”, para Roberto; “Leninha”, para Helena).

Os que mais interessam, no entanto, são aqueles apelidos que derivam de algum traço ou

defeito físico, hábito, vício, do exercício de alguma profissão, de algum feito bizarro ou situação esdrúxula protagonizada por al-



guém, etc.

Exemplos: “Maria Fogueira” (por vender fogos de artifício); “João Garrafão” (para alcoólatras); “Zé do Caixão” (para assíduos freqüentadores de velórios e sepultamentos), “Maria Gasolina” (para aquelas que, dizem, gostam muito de passear de carro); “Ferrugem” (ruivos). Muitos são irônicos, como por exemplo, “Tarzã” para homens franzinos.

É muito do gosto do brasileiro e se fixa, muitas vezes, conforme a reação do apelidado; se hostil, aí que “pega” mesmo.

ALUSÕES

Na mesma esteira dos apelidos, algum traço ou defeito físico, hábito, vício, do exercício de alguma profissão, dão ensejo às “Alusões” (denominação dada por Weitzel, op. cit.). Às vezes, independentemente desses fatores, um nome comum pode ocasionar a criação dessas fórmulas, que logo veremos, haja vista o simples prazer de rimar e a sempre presente inclinação para o chiste dos brasileiros, mormente os infantes. Eis alguns exemplos:



Janete
Canivete
Raspa a perna com gilete.

Oi, Dona Mariinha,
Como vai sua barriguinha?



Rita bonita
Parece cabrita.

Ana banana
Caiu no pé de cana.

(Fulano) Pe-rereira
Subiu na bananeira,
Comeu banana podre,
Morreu de caganeira.

LINGUAGEM CRIPTOLÓGICA ou LINGUAGEM SECRETA

É uma espécie de linguagem cifrada que crianças e adolescentes utilizam quando pretendem dificultar ou prejudicar a imediata decodificação de algumas mensagens, evitando que seu conteúdo seja descoberto por pessoas que não podem dele tomar conhecimento.

Essa variedade de linguagem exige prévia convenção entre seus

utilitários, além de grande familiaridade e prática com a linguagem que se irá adotar.



A codificação da mensagem pode se dar de várias formas:

– pela substituição de fonemas (Vimis imbira – “Vamos embora” - troca de todas as vogais pela vogal “i”);

– pela inversão das sílabas das palavras (Laca a cabo – “Cala a boca”);

_ pela introdução de fonemas entre as palavras, antes ou depois das respectivas sílabas. Tomemos como exemplo a conhecida “Língua do Pé”:

_ (Pê)a (pê)me (pê)ni (pê)na (pê)bo (pê)ni (pê)ta (pê)che (pê)gou (A menina bonita chegou).

_ Vá (pê)cha (pê)mar (pê)e (pê)la (pê) pra (pê)Dan (pê)çar (pê) (“Vá chamar ela pra dançar”).



Há também a língua do gê, do cê, do guê, do tô, etc.

O dinamismo é a grande característica dessa linguagem, pois se a mensagem deixar de ser cifrada porque o tipo de expediente que se usa para codificá-la for se tornando muito conhecido, cria-se outra fórmula. A inventividade infantil não tem limites.

FOLC-LATINISMOS

São traduções equivocadas de expressões latinas, presentes na linguagem jurídica e litúrgica católica, em razão da similaridade entre os sons das palavras proferidas em latim e vocábulos em português, não obstante este derivar daquele.

A expressão em latim *Salus infirmorum*, por exemplo, que significa “saúde aos enfermos”, na “boca do povo” acabou sendo traduzida para “sal nos enfermos”.

Vejam os mais alguns exemplos de folc-latinismos citados por Weitzel na já citada obra de sua autoria (a tradução correta segue entre parêntesis, antecedida

da expressão original em latim):

_ “Água de Deus que atola os pecados do mundo” (*Agnus Dei*, que *tollis peccata mundi* = Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo);



_ “Regina partiu a cara” (*Regina Patriarcharum* = Rainha dos Patriarcas);

_ “Sete libra de sal amargo” (*Sed libera nos amalo* = Mas livrai-nos do mal);

_ “Houve derramamento de cera benta” (*Omme delectamentum in se habenten* = Que encerra em si toda doçura);

_ “Couro curtido e molhado nem Deus espicha” (*Cor constrictum et humiliatum, Deus, non despicias* = Ó, Deus, não desprezais um coração contrito e humilhado);

_ “A necessidade tem cara de herge” (*Necessitas caret lege* = A necessidade não tem lei).

LINGUAGEM POPULAR

Linguagem Popular é expressão que também se usa para designar “os contares, os cantares e os falares populares” em geral, incluindo sob esse título os ditados, dísticos de caminhões, parlendas, adivinhas, etc. O uso consagrou, porém, o título “Literatura Oral” para “empacotar” as manifestações que apresentamos nos tópicos anteriores. Grande número de folcloristas, entretan-

to, usa o título que encima este capítulo, de maneira apartada, tratando do tema assim como faremos a seguir.

Língua é o idioma, “o conjunto das palavras e expressões usadas por um povo por uma nação, e o conjunto de regras de sua gramática”, segundo o Aurélio.

Linguagem é o modo como se usa a Língua, é “o uso da pa-

lavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre pessoas”, segundo o mesmo dicionarista.



Passemos, então, à “Linguagem Popular”:

Objeto de profundo estudo, o tema é apresentado em artigos de revistas e livros especializados, nos quais se demonstram fenômenos observados no linguajar das camadas menos favorecidas da sociedade, na zona rural, nos vilarejos, povoados, nas pequenas cidades interioranas.

O estudo da linguagem popular compreende também o vocabulário, o sotaque ou a pronúncia própria de uma região, suas expressões características, como o “Óxente!” dos nordestinos, o “Uai!” dos mineiros, o “Égua!” dos paraenses, o “Tchê!” dos gaúchos.



Vários são os fenômenos na linguagem popular observados:

– a desobediência às normas de concordância: “os menino levaro três dúzia de laranja”;

– a substituição do “l” pelo “r”, geral na linguagem popular (carçada, armoço, forga, sordado);

– a supressão ou o acréscimo de fonemas, no início, no interior ou no final de várias palavras, (além de outras deturpações que exigiriam enorme classificação): home, viagem, inda, cadera, tesora, mor, casá, vamo, fazê, fazeno, oro, sôdade, quedê, causo, flera, inleição, pobrema, irregular, fruta, baibuleta, estomo, prenguntar, às direita, etc.

A linguagem popular é considerada amplamente, como



sendo a linguagem praticada por todas as camadas da população, sem observância das normas gramaticais ou quaisquer outras normas. É aquela que se aprende no contato interpessoal.

“Na linguagem popular predominam os elementos culturais pertencentes ao grupo social que a utiliza de maneira imediata, sem preocupações formais ou estruturais. Isso quer dizer que o interesse está na sua eficácia enquanto instrumento de comunicação” (J. Gerardo M. Guimarães, op. cit., grifamos).

Roselys Vellozo Roderjan, em “Folclore Brasileiro – Paraná” chega a afirmar que “a linguagem familiar, simples e descontraída, tornou-se hoje uma constante em todas as classes”.

A linguagem popular se opõe, assim, à linguagem erudita, cujo domínio requer estudo sistemático e progressivo, promovido pelas instituições de ensino e

O GAÚCHO E O MINEIRO



pelos livros.

A abordagem do tema atualmente é vastíssima. José Carlos Rossato, por exemplo, incluía até as “gírias” ao tratar do assunto, em “Nosso Folclore” (págs. 12 e 13, Editora Soma, 1987).

Vejam apenas alguns exemplos concernentes ao vocabulário das diversas regiões brasileiras:

Do Norte (Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins):

“Abespinhar” (ficar espantado);
“Abraço de tamanduá” (gesto hipócrita);
“Andar Caipora” (estar sem sorte);
“Destabocado” (valente, atrevido);
“Desunhar” (trabalhar);



“Jururu” (triste, “Ele está jururu”);

“Pirica” (“estar pirica” = tremendo);

(Exemplos extraídos de “O Grande Livro do Folclore”, Carlos Felipe, Maurizio Manzo)

Do Nordeste (Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão):

“Amocado” (escondido);
“Bode” (conquistador, macho);
“Fricote” (exigências, manias);



“Tenência”: “Tome tenência, home!” (cuidado, juízo, prudência);

“Vexado” (envergonhado, mas também apressado): Se avexe, não!

(Coleta de Veríssimo de Melo, em “Folclore Brasileiro – Rio Grande do Norte”)

“Atucanar” (importunar);

“Enrabichar-se” (gostar de uma pessoa e estar sempre junto dela);

“Graça” (nome): “Como é sua graça?”;

“Quebra-costela” (abraço);

“Quengo” (inteligência).

(Registrados por Noé Mendes de Oliveira, em “Folclore Brasileiro – Piauí”).

“Agastar-se” (zangar-se);

“Birrento” (implicante, imprudente);

“Pindaíba” (“quebradeira”, sem dinheiro, usada principalmente na locução “estar na pindaíba”).

(“Folclore Brasileiro – Ceará”, Florival Seraine);

“Queixão” (atrevido, inconveniente, “Que menino mais queixão!”);

“Nó nas tripa” (apendicite);

“Porreta” (destemido, corajoso, valente, forte, esse termo tem vários sentidos);

“Arretado” (igualmente polissêmico é esse; tem os mesmos sentidos do vocábulo anterior, além de excitado, algo bonito, etc.)



O linguajar baiano, sergipano ou maranhense, é o linguajar nordestino em geral. Algumas palavras e expressões, no entanto, escapam a essa generalidade, adquirindo sentido diferente de um Estado para outro. “Estar de calundu”, na Bahia é “estar tris-

te”, “de baixo astral”. Já no Piauí, conforme registra Noé Mendes de Oliveira (op. cit.) calundu é “zanga”.

A diversidade de sentidos que determinados vocábulos da linguagem popular adquirem de uma região para outra é, então, muito maior.

“Rapariga”, para os nordestinos, especialmente os potiguares, que muito usam tal vocábulo, é simplesmente o feminino de “rapaz”. Já no interior de São Paulo é sinônimo de prostituta.

Do Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso e Matogrosso do Sul):

“Atazanar” (importunar);

“Bolicho” (armazém);

“Chuçar” (espetar, cutucar);

“Coloio” (bagunça, confusão)

“Condó” (calção);

“Descabriado” (sem juízo);

“Gambira” (troca);

“Inquizilado” (aborrecido);

“Pampero” (algazarra, confusão)

(Exemplos extraídos de “O Grande Livro do Folclore”).

Do Sudeste:

“Arranchar” (acampar, estabelecer moradia);

“Assuntar” (perguntar, inquirir);

“Batuta”, “Supimpa” (excelente, ótimo);

“Cambito” (perna fina);

“Carne-de-vaca” (coisa muito comum, vulgar, banal: “Isso já virou carne-de-vaca”);

“Rabeira” (ficar para trás);

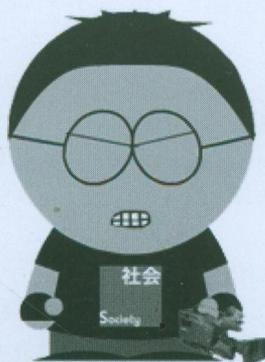
“Sacudido” (forte, saudável);

“Tapera” (casa velha, abandonada);

“Varar” (atravessar, romper)

(Hélio Damante, em “Folclore Brasileiro – São Paulo”)

“Abiscoitar” (obter, conseguir);



“Abonado” (endinheirado);
 “Afanar” (furar, roubar);
 “Bacana” (rico, bem de vida) note-se a “vida própria” das palavras; “bacana”, em outras regiões equivale a “legal”;
 “Bancar” (simular importância, fazer figura);
 “Farofeiro” (turista de breve permanência no local visitado)
 “Lenha” (dureza, dificuldade);
 “Maciota” (“lábria”, manha);
 “Penetra” (participante de festa que não foi convidado);
 “Sacar” (perceber, captar)
 (“Folclore Brasileiro – Rio de Janeiro”, Cásia Frade).

“Engafecer” (afligir);
 “Gafo” (ansioso);
 “Pomongado” (lambuzado)
 (“Folclore Brasileiro – Espírito Santo”, Guilherme Santos Neves)

“Breguete” (coisa, objeto);
 “Franga” (recusa para dançar ou

namorar);
 “Goiabeiro” (aquele que vive de barganhas);
 “Quiabar” (desfazer negócio já realizado);
 (“Folclore Brasileiro – Minas Gerais”, Saul Martins)

Do Sul:

“Boanoitou” (anoiteceu);
 “Boleiro” (mentiroso);
 “Ciar” (ter ciúmes);
 “Entendida” (parteira);
 “Entojado” (convencido);
 (“Folclore Brasileiro – Paraná”, Roselys V. Roderjan)

“Aborrido” (doente);
 “Bater bruaca” (vagabundear);
 “Campear” (procurar);
 “Dor na nuca” (preguiça);
 “Escoteiro” (sozinho isolado);
 “Querência” (lugar de afeição, moradia);
 “Queixudo” (teimoso);

“Riconvência” (recado, convite);
 (“Folclore Brasileiro – Santa Catarina”, Doralécio Soares)

“Prenda” (mulher, a dançarina mulher);
 “Peão” (homem, dançarino);
 “Charachachá” (elogio “rasgado”, agradecimento veemente). Recolhamos em Olímpia/SP, de gaúchos de um grupo parafolclórico de danças participante do 36.º Festival do Folclore de Olímpia. Os termos eram usados por eles, no sentido aqui exposto).

“Aperado” (rico);
 “Assoleado” (cansado, depois de muito andar no sol);
 “Abichornado” (triste);
 “Matundo” (cavalo ruim);
 “Rebordosa” (desordem);
 “Trampear” (enganar)
 (Exemplos extraídos de “O Grande Livro do Folclore”).

Observe-se, porém, que muitas palavras e expressões nativas ou próprias de um Estado ou de uma região “migram” para outros, onde são aceitos e utilizados com o mesmo significado. Por exemplo, “cafundó” (lugar distante, de difícil acesso) é usado tanto no Piauí como em São Paulo; “lenha” (difícil), é dos baianos e dos cariocas; “baita” (grande) se ouve nas regiões sul e sudeste (embora signifique “estupendo, maravilhoso” em Pernambuco, segundo Waldemar Valente, em Folclore Brasileiro – Pernambuco); nordestinos e sulistas recomendam que se tenha “tenência”; “sustança” (corruptela de substância = energia, força) se usa em vários Estados brasileiros;

Outras, entretanto, só são espontaneamente usadas em determinadas regiões. Vocábulos como “porreta” e “arretado”, para exemplificar, são típicos apenas dos nordestinos.

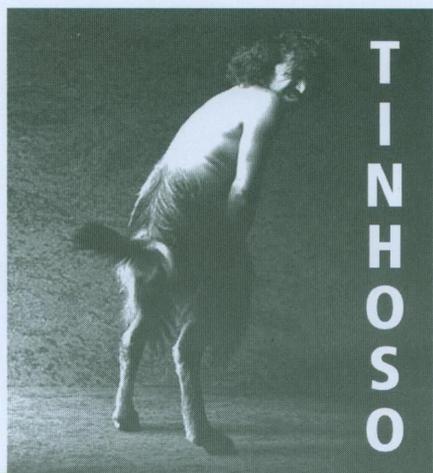


TABUS LINGÜÍSTICOS E EUFEMISMOS

Tabu (algo cujo uso se proíbe ou não se recomenda).

Eufemismo (recurso retórico em que se substitui uma palavra ou expressão por outra, mais “suave”).

Algumas palavras e expressões são evitadas pela gente do povo e substituídas por outras, mais “leves”, por respeito, por pudor ou por medo, por superstição.



Eis alguns exemplos:

“Doença ruim”, em lugar de câncer.

“Campo santo”, em vez de cemitério.

“Tinhoso” (Diabo).

“Desgramado” (desgraçado)

“Mulher da vida” (prostituta).

“Entregar a alma a Deus”, “Dar o último suspiro”, “Partir desta para melhor” (morrer).

LINGUAGEM DOS GESTOS



do nariz, a mão aberta e os outros dedos abanando é gesto zombeteiro.

Vasto e riquíssimo é o campo da Literatura Oral, que a vida a toda hora nos dá exemplos. É dos aspectos mais dinâmicos da cultura, em permanente renovação, da qual também fazem parte, entre muitos outros, os Mitos e Lendas, de que já tratamos separadamente, seguindo o exemplo dos grandes José Sant’anna e Alceu Maynard Araújo.

Para finalizar, nada mais adequado do que dois exemplos de FÓRMULAS DE TERMINAR HISTÓRIA (versos que indicam a conclusão de uma narrativa) recolhidos em Olímpia:

“Acabou a estória
Entrou por uma porta
Saiu pela outra
Quem quiser
Que conte outra”

“Terminou a estória
Foi ela bem-vinda
Pena que acabou
Essa história que acho linda”

A linguagem gestual certamente foi a primeira forma de comunicação humana.

O gesto aperfeiçoa, acompanha, enfatiza a fala, e, na ausência ou na impossibilidade desta, a substitui. É mais espontâneo do que as palavras, chegando, às vezes, a dizer mais do que elas.

Há inumeráveis exemplos dessa modalidade de linguagem. Vejamos alguns:

_ Os dedos médio e indicador, de ambas as mãos, entrelaçados é sinal de “torcida”.

_ Braço estendido com a palma da mão para baixo, balançado, significa “mais ou menos”.

_ Duas pessoas, quando

batem com as palmas de sua respectiva mão direita, uma na outra, com os braços erguidos, é sinal de comemoração (de um ponto obtido num jogo, por parceiros, por exemplo).

_ Bater a mão na boca três vezes indica arrependimento por ter dito algo que não devia.

_ O indicador em movimentos circulares próximo à orelha é referência a pessoa com problemas mentais.

_ Antebraço erguido e mão fechada é a chamada “banana”, um gesto ofensivo.

_ Sacudir os ombros traduz indiferença, descaso, daí a expressão “deu de ombros”.

_ O polegar direito na ponta





Os saberes populares e a escola: um diálogo possível?

Gustavo Côrtes¹

A vida escolar pode ser uma pluralidade de discursos e lutas conflitantes, um terreno móvel no qual as culturas da escola e da rua se chocam e os professores, estudantes e administradores escolares afirmam, negociam e, às vezes, resistem à forma como a experiência e práticas escolares são denominadas e realizadas. A meta fundamental da educação é criar condições para que os estudantes se fortaleçam e se constituam como indivíduos plenos. (GIROUX, 1997. p.203).

Sabemos que a escola apresenta a função de ensinar, transmitir conhecimentos e cultura como o seu principal papel social, e ela pode tornar público um conhecimento privado de determinado grupo social. Dentro dessa perspectiva, as discussões sobre a recontextualização dos saberes populares, do conhecimento cotidiano, do folclore e das tradições populares têm tido espaço na formulação do conhecimento escolar?

Os processos curriculares detêm a centralidade do conhe-

cimento e ditam as normas para a escolha dos saberes que serão ministrados e legitimados nas escolas. É no currículo escolar que se encontra o campo de políticas culturais, terreno dos acordos e conflitos dos diferentes saberes, capazes de contribuir na formação das identidades individuais e sociais.

O acesso ou não de determinadas informações, formas de conduta, de pensamento, de valores privilegiados na escola define a inclusão ou a exclusão de pessoas nos processos de produção e so-

cialização de saberes e saber-fazer na sociedade. Nessa perspectiva, não existe currículo neutro e imparcial, o que gera inúmeras mudanças no conhecimento escolar. Através de disputas entre grupos e classes, que atuam no sentido de valorizar suas tradições culturais, excluem-se outras tradições de grupos e classes consideradas subalternas. Exemplo típico está nas culturas indígena e negra, cujas produções e expressões são praticamente alijadas do processo de constituição dos currículos escolares. Assim, o

1 Professor de Folclore e Danças Populares Brasileiras da Universidade Federal de Minas Gerais, Mestre em Educação, autor do livro "Dança, Brasil!" festas e danças populares, Diretor do Grupo Sarandeiros.



processo de seleção, organização e distribuição do conhecimento escolar passam a ser um reflexo de processos sociais mais amplos de acumulação material e legitimação de uma ordem social.

Essa estreita relação entre os processos macrosociais e os processos curriculares escolares não devem ser entendidos a partir de um determinismo mecanicista. Limitar a importância da cultura ao campo das conseqüências materiais, por exemplo, é empobrecer o mundo simbólico geral, menosprezando e ignorando a sua capacidade criadora e sua influência na subjetividade das pessoas e grupos sociais.

De acordo com FORQUIM (1993), a educação escolar não se limita a fazer uma seleção entre os saberes culturais disponíveis em um dado momento. Ela também deve torná-los efetivamente transmissíveis e assimiláveis às jovens gerações através de um intenso trabalho de reorganização e reestruturação, conhecido como transposição didática. Partindo dessa interpretação, entenderemos como conhecimento

escolar neste trabalho o conhecimento selecionado de uma parte da cultura geral de uma sociedade, que passa por um processo de transposição didática no interior das diferentes disciplinas ou áreas de conhecimento que constituem o currículo escolar. De acordo com LOPES (1999), a escola não apenas trabalha com os conhecimentos vindos da sociedade, mas também cria e recria estes conhecimentos.

Na visão antropológica de cultura, que predomina hoje no campo pedagógico, não existem conhecimentos melhores ou piores, mas diferentes, com racionalidades distintas, produzidos e em circulação em instâncias de realidades heterogêneas. Um conhecimento deriva do outro por adequações e correções contínuas. A análise do processo de seleção cultural nos permite concluir que o processo de constituição do conhecimento escolar ocorre no embate com os demais saberes sociais, ora afirmando, ora negando um dado saber. Dentre os saberes sociais, o conhecimento científico e o conhecimento cotidiano se mostram como dois

campos que se inter-relacionam com o conhecimento escolar, mas não sem contradições. LOPES (1999) afirma que o conhecimento escolar se propõe a princípio, a construir/transmitir aos alunos o conhecimento científico permitindo a compreensão de eventos e fatos de forma diferenciada das explicações do senso comum, instrumentalizando o indivíduo para a vida cotidiana.

A melhor compreensão desses campos de conhecimento poderá nos auxiliar a analisar a construção do conhecimento escolar. Nesse sentido, buscar entender as características do conhecimento cotidiano e as diferenças existentes entre o saber comum e os saberes populares que formam este conhecimento, poderá nos auxiliar neste estudo sobre a valorização da cultura popular na escola.

LOPES (1993) afirma que o saber comum, ou senso comum, não se restringe a uma dada classe. Ele é definido como uma forma de expressão do conhecimento cotidiano, como uma maneira de conceber o mundo pelas diversas camadas sociais. Como afirma GRAMSCI (1978):

O senso comum não é uma concepção única, idêntica no tempo e no espaço: é o "folclore" da filosofia e, como folclore apresenta-se em inumeráveis formas; seu traço fundamental e mais característico é o de ser uma concepção (inclusive nos cérebros individuais) desagregada, incoerente, inconseqüente, adequada à posição social e cultural das multidões, das quais ele é filosofia. (p.187).

Segundo este autor, o senso comum está relacionado com as explicações consideradas não científicas, baseadas em fenômenos físicos e sociais que guardam relações com a tradição, a religião e as ciências, constituindo-se em um mosaico com diferentes marcas sociais. Podemos observar, então, a existência de vários

senso comuns, em diferentes lugares e ao mesmo tempo, elaborados a partir das relações sociais de diferentes grupos sociais. Entretanto, de acordo com LOPES (1999), enquanto o senso comum aponta para a uniformidade e para a diversidade.

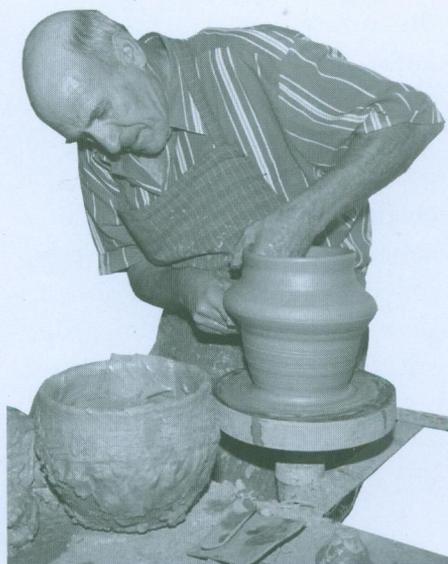


Contudo, é necessário salientar a íntima relação existente entre os diferentes saberes populares e o senso comum, relação essa basicamente ideológica. O resgate de saberes populares deve ser atravessado necessariamente pela crítica ao senso comum e às formulações ideológicas que contribuem para a dominação neles existentes. [...] Assim sendo, a valorização dos saberes populares não deve passar pelo estabelecido de uma igualdade epistemológica entre os diferentes discursos, na perspectiva de conferir aos primeiros uma cientificidade que não possuem. Ao admitirmos a pluralidade, estaremos aceitando diferentes saberes como possíveis e válidos dentro de seus limites de atuação, o que torna fundamental a compreensão desses critérios de validade. E sejam esses saberes ciência ou não, têm na suplantação do senso comum um objetivo a alcançar. (p.152-153).

No interior dos grupos sociais há um conjunto de saberes e práticas que caracterizam formas de vida, como suas festas, celebrações, formas de comportamento, linguagem, gosto estético, que são elementos constituintes da identidade cultural desse grupo. Dessa forma, estes elementos das culturas populares são um conhecimento necessário para que estes grupos se orientem no mundo, ajam, sobrevivam e se comuniquem. São conhecimentos necessários como forma de representação e identidade cultural. Nesse contexto, se incluem como saberes populares as diversas formas de manifestações definidas como folclóricas relacionadas às diferentes expressões artísticas, às formas de produção de artefatos e artesanatos², culinária, músicas, textos em verso e prosa, danças, festas, dentre outras manifestações culturais. Dessa maneira, é possível afirmar que estes saberes populares são frutos da produção de significados das camadas populares da sociedade, consideradas as classes subalternas, sob o ponto de vista econômico e cultural.

Através destas questões sobre o conhecimento cotidiano e o

conhecimento científico, tentaremos argumentar em favor de um conhecimento escolar que trabalhe as diferenças culturais, como forma de combater a tendência uniformizante que privilegia uma hierarquização dos saberes



na escola. Ao questionar esta hierarquização cultural, que valoriza elementos da cultura erudita e despreza os saberes e saber-fazer encontrados na cultura popular buscaremos identificar as explicações que buscam justificar esta desvalorização na medida em que a cultura erudita assume um papel como sendo o que há de melhor na sociedade. Não deve-

mos, entretanto, associar cultura erudita à cultura predominante na sociedade, mas sim à cultura hegemônica, ou aquela a que é atribuído maior status, ou seja, àquela legitimada, a partir de interesses das classes dominantes.

Segundo GRIGNON (1995), a ação da escola contribui muito mais para afirmação e reforço dos elementos uniformes da cultura dominante do que para a diversificação presente nas culturas populares. A escola não suprime a forma de se expressar através da cultura oral, presente nos saberes populares importante no papel da comunicação pedagógica, mas não a concebe sem a presença da escrita, e da versão legitimada da língua oral com suas infinitas regras. O sentimento escolar de correção, que penalizam a falta de conhecimento das regras e formas de expressões valorizadas pela escola, tem como resultado a inibição de práticas dos saberes populares pelos alunos, que passam a acreditar na idéia de inferioridade de seus conhecimentos e maneiras de expressão culturais. Por fim, a noção do tempo escolar nos parece reforçar este quadro. Elemento básico da disciplina na escola, o tempo escolar é um

2 A característica principal do artesanato relacionado ao folclore está em produzir um efeito físico; o objeto é produzido em relação a este objetivo, no qual se inclui a noção de utilidade. Neste sentido, ele está intrinsecamente relacionado aos recursos naturais existentes e decorre da relação entre o homem e o seu meio, refletindo o sistema de vida de um povo. O artesanato de sobrevivência perdura até os dias de hoje, apesar da alta tecnologia que nos envolve, com suas técnicas rudimentares de fazer farinha, rapadura, mel, cachaça, cerâmica, rendas, etc. Maiores informações ler MEGALE (1999).

dos mais poderosos meios para a perpetuação dos valores transmitidos tradicionalmente. Dessa forma, por meio de seus rígidos horários, e também de regras e penalizações para faltas cometidas, muitas vezes relacionadas a desvios por não se enquadrarem nos padrões da versão autorizada da cultura, a escola contribui de maneira contundente para a construção de um conhecimento monocultural. Por meio da transmissão social desigual, de saberes normalmente associados a uma pretensão universal, a escola converte a cultura dominante em uma cultura de referência, em cultura padrão, reduzindo a importância das culturas populares.

O currículo escolar, escolhido dentro de processos de seleção cultural, faz parte dos instrumentos privilegiados da função de integração cultural reproduzida pela escola. Tais instrumentos fazem com que se estabeleça a idéia de supremacia dos saberes gerais

e universais sobre os saberes locais, da teoria sobre a prática, do pensamento abstrato sobre a experiência concreta. Partindo dessa interpretação cultural, torna-se necessário compreender os processos de seleção cultural, cujo próprio processo é construtor de uma tradição, ao designar o que é considerado como universal e importante de ser incorporado. Sob esta ótica, parte-se do princípio que existe um conhecimento escolar que é universal, historicamente construído, sistematizado e dominante e que deva ser ensinado a todos. Nesta construção muitos conhecimentos são excluídos e outros são privilegiados na organização dos saberes curriculares.

O currículo escolar assume um importante papel cultural, pois constrói sujeito particular, corporifica narrativas específicas sobre conhecimentos, sobre formas de organização da sociedade e sobre os diferentes grupos sociais. Este processo traduz as

representações que tais grupos sociais tem de si mesmos e dos outros. Desta forma, enquanto algumas trajetórias de alguns alunos são valorizadas e instituídas como modelos, outras são eximidas e proscritas dos processos educativos, pela dificuldade que os alunos apresentam em assimilar os valores, comportamentos e conhecimentos que a escola se propõe a ensinar. Para SANTOS (2001) é importante destacar que o currículo não apenas socializa os estudantes nos conhecimentos trabalhados nas diversas disciplinas, mas também forma personalidades e subjetividades, ao criar predisposições, sensibilidades e formas de raciocínio. Partindo deste contexto, os currículos escolares ao trabalharem com determinados assuntos, privilegiando certos conhecimentos, determinam a reprodução das estruturas da vida social. Desta forma, segundo a autora:



O grande desafio para o currículo é incluir experiências culturais diversificadas. Ao invés de programas abarrotados de conteúdos, a escola precisa selecionar temas relevantes, articulados com as experiências das crianças e adolescentes, conectando-os com a vida e com a realidade social. (p.46).

Segundo SILVA (1995), podemos dizer que o currículo não está envolvido em um processo de transmissão ou de revelação, mas num processo de posicionamento, de constituição do indivíduo como um sujeito de um determinado tipo e de seu múltiplo posicionamento no interior das diversas divisões sociais. Neste sentido, segundo o autor, os currículos escolares contam histórias e narrativas particulares que fixam nos alunos e professores noções específicas sobre gênero, raça, classe, ao longo da trajetória escolar.

Segundo SANTOS (1999), as recentes discussões no campo da Sociologia da Educação mostram também que a educação escolar implica seleções no interior da cultura e na reelaboração desses conteúdos culturais, de forma a torná-los transmissíveis, correspondendo apenas com uma parcela restrita da experiência coletiva humana. O conjunto de conteúdos selecionados, sobretudo em termos de conhecimentos, experiências, valores e atitudes, constituem aquilo que é denominado de versão autorizada da cultura. Isso significa que o conhecimento cotidiano de diversos grupos sociais fica marginalizado do processo de escolarização e é visto como algo a ser eliminado pela escola, devendo ser substituído pela cultura hegemônica que está presente em todas as esferas do sistema de ensino. Normalmente, o que se tem feito é uma transposição direta



entre os conteúdos selecionados e a busca de sua socialização pela escola.

Neste processo, muitas vezes os saberes populares são utilizados apenas como um “trampolim” para se atingir o conheci-



mento escolar, embasado em um entendimento equivocado de que o primeiro seria de menor valor e que é na escola que ele vai se transformar em um conhecimento cientificamente correto.



De fato, a escola tem assumido historicamente um papel de homogeneização e assimilação cultural nas sociedades modernas, suprimindo o folclore e a tradição orla de vários grupos sociais. (TURA, 1999).

As questões relacionadas ao valor educativo dos conhecimentos cotidianos, especialmente o folclore e sua aplicabilidade na escola nos levam, invariavelmente, a discussões correntes no campo acadêmico em nossos dias. Porém, pouco proveito tem tido esta discussão nas escolas.

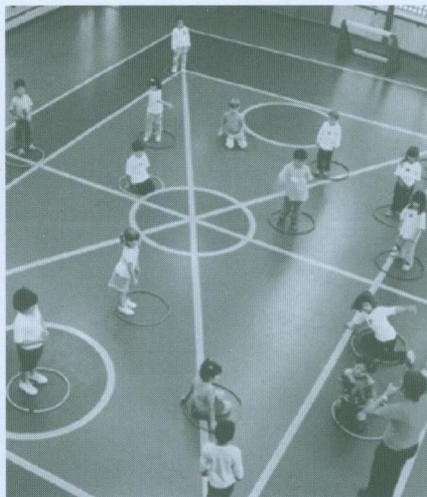
Os trabalhos que discutem sobre o assunto têm procurado compreender a dinâmica e o significado que têm o estudo do folclore e as relações da cultura popular com os saberes escolares nas salas de aula. O estudo do folclore é, desta forma, apresentado como um conhecimento cotidiano da cultura de um povo, que merece ser estudado nas escolas porque faz parte da vida destes povos, como forma de reconhecimento e legitimação destas culturas silenciadas historicamente pelo currículo.

Entretanto, o debate sobre o Folclore nas escolas tem sempre uma conotação que pode ser considerada como restrita ou caricaturada. Atualmente, estão sendo divulgados o que podem ser chamados de “modismos étnicos”, ligados a trajes, danças, músicas, penteados, alimentação, que fazem parte das diferentes tradições de grupos culturais distintos e marginalizados. Sabe-se que esta adesão se dá mais pela

linha do exotismo do que pela importância do conhecimento. A escola deveria aproveitar a abertura destes espaços trazidos por este surto do politicamente correto para informar corretamente o que significa a igualdade na diversidade. Para tal, seria necessário que os professores investissem na produção de pesquisas e práticas culturais relacionadas aos saberes populares relevantes ao ensino, tanto na sua formação, como na sua prática. Caminhando nesta direção, cabe às universidades desempenhar importante papel na reprodução e divulgação das pesquisas que estão discutindo estes assuntos. Desta forma, as pesquisas podem auxiliar as escolas a reverem o modelo educacional atual que, com um olhar simplista, ignora as diversidades existentes, sejam elas culturais, raciais ou sociais. A rica heterogeneidade cultural nacional deve ser aproveitada pelos educadores como forma de preservar essa diversidade, promovendo o acesso à pluralidade de conhecimentos,

a compreensão e o respeito em relação às diferenças culturais.

Através da educação, o folclore pode ser mantido não apenas como um sistema de idéias, valores e expressões. Há também um sentimento que se mantém através dele, que se revigora e que orienta o comportamento e as atitudes do homem na sociedade em que vive. Quando uma criança brinca de roda, este brincar tem toda a significação e a importância psico-social que teve para as crianças do passado, não se tratando apenas de uma sobrevivên-



cia, de algo do passado, que poderia ser tomado como parte de uma inércia cultural. O contexto sócio cultural se alterou, mas preservaram as condições que asseguraram a vitalidade e a influência dinâmica dos elementos folclóricos. Segundo FERNANDES (1978), podemos afirmar o verdadeiro valor educacional do folclore em dois planos distintos: o primeiro, no plano das relações humanas. A atualização de um jogo cênico, de uma dança ou de um brinquedo, exige todo um suporte estrutural, fornecido pelas ações e atitudes das crianças e para realizá-los, elas precisam organizar coletivamente o seu comportamento. Em segundo plano, cada um destes elementos relacionados envolve a elaboração de gestos e composições tradicionais que mantêm vivas as representações da vida social do homem em um clima moral que existe e se perpetua através do folclore. Nestes dois planos, são variáveis as influências socializadoras do folclore:

De um lado, a criança aprende a agir como ser social: a cooperar e a competir com seus iguais, a se submeter e a valorizar as regras sociais existentes na herança cultural. De outro lado, introjeta em sua pessoa técnicas, conhecimentos e valores que se acham objetivados culturalmente. (p.62).

Tratados como estudos sem importância, os conteúdos folclóricos freqüentemente só encontram significado na escola nas chamadas atividades extra-classe, com a denominação de atividades complementares, extra escolar ou de lazer, onde é dado espaço às festas, às danças e às artes populares. Normalmente desenvolvidos no mês de agosto, dentro de disciplinas isoladas, especialmente a Educação Física e as Artes, os pro-

jetos que discutem este assunto raramente ultrapassam os limites do exótico, através de atividades que evocam as tradições brasileiras populares, normalmente ilustradas nas comemorações cívicas ou nas comemorações organizadas pela escola como feiras de cultura, festa da primavera, festas juninas, envolvendo, muitas vezes, as famílias. Segundo SEGALA (2000), nestas comemorações, o uso do Folclore como recurso di-

dático perdeu o principal objetivo que seria a sua problematização como campo de estudos da educação, uma oportunidade para estar discutindo pesquisas realizadas no cotidiano, voltadas para a cultura plural e conflitante das ruas. O Folclore ainda se apresenta nas atividades escolares apenas em trabalhos específicos como semana de folclore ou eventos classificados como típicos ou, como afirma SEGALA:



Folclore é festa de agosto que consagra ainda hoje, o “típico”, as regiões culturais há muito desconstruídas, teórica e empiricamente pelos processos de migração interna, pelas novas tecnologias, os meios de comunicação de massa e a lógica de globalização cultural (p.66).

Trabalhar com o ensino do folclore nas escolas nos leva a vários questionamentos de como poderemos utilizar deste conhecimento, que se aprende nas ruas, e transformá-lo, trabalhando-se de forma sistematizada e disciplinarizada, para dentro da escola, sem que estes saberes sejam desfigurados de suas características essenciais. As discussões e o debate sobre a pluralidade cultural nos diversos campos sociais, especialmente o educacional, tem se intensificado nos últimos anos. Vários congressos estão sendo realizados tendo como tema políticas educacionais e a pedagogia multicultural, investigando tendências e fazendo propostas para que haja uma profunda mudança na chamada

cultura escolar. Desta forma, diversos autores como McLAREN (2000), LOPES (1999), SANTOS e MOREIRA (1995) e SILVA (1999) destacam a tensão existente entre projetos que privilegiam uma ação educacional relacionada à pluralidade étnico-cultural política de uma educação universal, prevista pelos processos educacionais igualitários. Neste sentido, a problemática da diversidade cultural e da construção das dife-

renças têm sido trazidas em uma visão de cidadania multicultural, legal, concreta, negociada em discursos como o da educação e da formação docente, mas ainda falta espaço para a organização do conhecimento escolar que busque articulações com a cultura popular e as tradições regionais e nacionais de forma integrada na escola.

Muitos estudos têm tentado trazer à luz da educação, a importância dos saberes populares na escola. Cabe a nós, estudiosos das tradições brasileiras trabalhar em prol dos estudos do folclore e da sua importância na construção do conhecimento escolar. E você, caro leitor, qual a sua contribuição?



Bibliografia consultada

FERNANDES, F. O folclore em questão. São Paulo: Hucitec, 1978.
FORQUIN, J. C. Escola e cultura. Porto Alegre: Artmed, 1993.
GIROUX, H. A. Cruzando fronteiras do discurso educacional: novas políticas em educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
_____. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. Teoria e Educação, Porto Alegre n.5, p.28- 49, 1992.
GRAMSCI, A. Observações sobre o folclore. In: _____. Literatura e vida nacional. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. Cap 6.
GRIGNON, C. Cultura dominante, cultura escolar e multiculturalismo popular. In: SILVA, T.T. Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p.178-189.
_____. A escola e as culturas populares: pedagogias legitimistas e

pedagogias relativistas. Teoria e Educação, Porto Alegre, n.5, 1992. p. 50 -54.
LOPES, A. R. Conhecimento escolar: ciência e cotidiano. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1999.
McLAREN, P. Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio. Porto Alegre: Artmed, 2000.
MEGALE, N. B. Folclore brasileiro. Petrópolis: Vozes, 1999.
MOREIRA, A. Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995.
SANTOS, L. L.C.P. O discurso pedagógico: relação conteúdo-forma. Teoria & Educação, Porto Alegre, n.5 , p.81-90, 1992
_____. Dilemas e controvérsias no campo do currículo – Diretrizes Curriculares da Escola Sagarana – PROCAD. Belo Horizonte: SEEMG ,2001. (Guia de Estudos,

5)
_____. ; MOREIRA, A. F. Currículo: questões de seleção e de organização do conhecimento. In: TOZZI, D. A. (Org). Currículo, conhecimento e sociedade. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1995. p.46-65.
SEGALA, L. A traça, a traça e o forrobodó: folclore e cultura popular na escola. In: GARCIA, R. L. (Org.) Múltiplas linguagens na escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.61-75.
SILVA, T. T. Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte, Autêntica, 1999.
TURA, M.L. Escola, homogeneidade e diversidade cultural. In: GONÇALVES, M. A. R. (Org.). Educação e Cultura: Pensando em Cidadania. Rio de Janeiro: Quartet, 1999. p.87-112.



MUNDO FANTASMAGÓRICO: FANTASMAS, ASSOMBRAÇÕES

ISEH BUENO DE CAMARGO
Departamento de Folclore - Olímpia

Já escrevi sobre esse assunto no anuário de 2004. Algumas pessoas que tiveram a oportunidade de conhecer os fantasmas que apresentei, pediram-me que desse continuidade ao assunto. Não foram muitas, mas o tema é, realmente, inesgotável. Em certos recintos, falando sobre o alvo das minhas pesquisas, logo surge alguém que sabe uma história de almas penadas, de coisas do além. Coisas que estão fora de explicações científicas ou, quando muito, fora da compreensão de quem as vivenciou.

Há, como já expus anteriormente, diversos vocábulos dirigidos a nomear esses estranhos seres que atormentam a mente de muita gente, gente corajosa até. E, sejam eles o que quer que sejam, são sempre objeto de muita conversa, de sustos intensos e, com ares de descrentes “deßas aparições”,

conta-se o fato tal qual o ouviu ou como o viu.

São sempre as mesmas falas: não acredito nessa historia de assombração, de fantasmas que vêm atormentando a vida do ser humano, mas meu avô contava... Minha mãe sabia muitos casos... Foi um tio que não costuma mentir que fez esta narração. De modo geral, o narrador soube por outra pessoa, ouviu dizer, contaram a ele.

Assim acontece nas nossas reuniões da 3ª Idade, em local que reúne sócios de mais de sessenta anos, a grande maioria vinda da roça para a cidade. Vão logo explicando que nunca acreditaram nessas histórias antigas, mas seus avôs, às vezes até os pais, conheciam os fatos e as pessoas envolvidas no incidente.

Se me perguntarem: alguém gosta disso? Afirmo que sim. No pes-

queiro do Sr. Luiz Sciarra, Taiacu, os falantes silenciam quando um pescador começa a contar um caso. E logo um outro se destaca com novo conto. O mais interessante é que a criançada pára o que estiver fazendo e se transforma no mais sério auditório que se possa desejar. Pedem que se conte outra, e mais outra, chegam algumas a tentar dar explicações lógicas a fatos absurdos. No meio do bando há sempre um medroso que procura um ombro amigo para se proteger. Todos gostam, ninguém crê no que ouve ou no que conta, mas sempre arranca do fundo da memória algo que lhe foi contado em distantes dias. O tema fantasma, seres do outro mundo ou do além, fazem parte da literatura mundial. Estranhos fatos são narrados por estudiosos europeus, asiáticos, sul-americanos, em livros de contos popu-



lares, em histórias de terror, em obras de ficção científica, entram até escritores religiosos. As diferenças ficam, quase sempre, por conta do ambiente onde o fato acontece. Os fantasmas londrinos ou ingleses em geral vivem em castelos abandonados ou pouco visitados. Os espectros ou avantesmas austríacos preferem as cabanas nas escarpadas montanhas do Tirol; as assombrações russas vivem em cavernas e choupanas

perdidas na imensidão da taiga. As almas penadas japonesas ficam em aldeias esquecidas pelas muitas ilhas do país. Por aqui, os fantasmas andam mais soltos, passeiam pelos campos e se adaptam à vida urbana, gostam dos rios que ainda resistem aos embates da destruição, aceitam casas velhas e ruínas.

Sem grandes esforços, fui conseguindo mais histórias sobre esses etéreos seres de outro mundo,

histórias narradas por crianças (duas delas, pelo menos), por pessoas de idade e variada cultura, por homens e mulheres, mais por elas, é claro, surgem a contragosto e vão se estendendo, ficam as promessas de que trarão outras no próximo encontro. Muitas são repetições, são as já coletadas, trazem variantes muito sutis, nem vale a pena transcrevê-las. Espero que sejam inéditas as que vou apresentar.

PORTEIRA MISTERIOSA

Histórias que José Freitas, de Taiacu, contou a Luiz Sciarra, do pescueiro, há muitos anos.

Eram três jovens. Altas horas da noite, retornavam de uma festa realizada bem longe. Viajavam a cavalo, noite estrelada, sem luar. Moravam perto um do outro, em três diferentes sítios pertencentes a Taiacu.

Chegaram perto do local onde o primeiro deles deveria parar, o próprio José Freitas. A conversa

parou, o adeus de despedida foi dito, a porteira rangeu, abrindo-se sem que nela alguém tocasse. Os três se entreolharam assustados. E a porteira foi sendo fechada sem um toque humano. Nessa altura, foi a corrida, o José para o abrigo do lar, os dois outros sumiram na estrada. Uma outra porteira foi construída longe daquela, os anos a destruíram e, quem sabe, deram fim ao abridor silencioso.



CÃO ESPANCADO

Narrado por um morador de Taiacu – Antônio, conhecido por Buita, na casa dos 40 anos.

Eles eram quatro caçadores, no tempo em que não havia leis proibitivas levadas a sério. Caçando sem nada encontrar, domingo ensolarado, nenhum tatu, nada de nambu, nem saracura. O jeito era voltar para a casa que fi-

cava nas proximidades de Vista Alegre do Alto.

Sem aviso, o cão que os acompanhava começou a ganir, a gemer, ficou todo arrepiado, parecia estar sendo agredido por chicotadas e pontapés. Achando que o cão estivesse sofrendo de algum mal súbito, levaram-no a um conhecido, entendido em animais. Mas o cão, em luta feroz, recusou-se a passar sobre a ponte do rio Tabarana.

Foram por outro caminho. Conhecidos que encontraram disseram que o animal se espantara com um velho pneu que estava no

caminho. Resolveram voltar pela ponte. Tudo de novo. O cachorro gemia, uivava, olhos arregalados, puro medo. A ponte o assustava e acabou assustando os valorosos caçadores. Arrepiados, gelados de medo, coração aos pulos, botaram as pernas a funcionar, longe da ponte. O cão, calmo, parecia agradecer a cada um em particular. Depois de muitas explicações que nada explicaram, a decisão foi comum: quatro caçadores a menos naquelas bandas. Pelo menos com um cão ou com espingardas de caça. De repente...



O MACACO QUE SUMIU

Contada pelo morador de Taiacu, Buita como é chamado, Antônio como é registrado, nada de outros dados.

Três amigos, muito jovens, saíram com modestas armas de fogo para caçar qualquer ave que fosse comestível: nambu, por exemplo. Depois de muito andar pelo pasto e por alguns aglomerados de árvore, eis que encontraram uma de bom tamanho, cheia de galhos, quase todos secos. E lá, bem no alto, viram um macaco de olhos na turma. Decidiram que carne de macaco



pode, se bem tratada, ser comida assada, cozida. E não esperaram mais nada. Bons de tiro, chumbo de todas as espingardas. O macaco, recebendo os tiros, mais serelepe ficava, fazia horríveis caretas para os meninos, zombava deles.

Quando a munição acabou, correram ao pé da árvore, certos de que o macaco acabaria por cair. Mas cadê o macaco? Nem cheiro dele, nem sangue, nem pêlo. Calados, olharam-se nos olhos e puseram-se a correr a mais não poder. E acabou-se aí a etapa de caçadas proibidas.

PASSOS NA NOITE

Segundo a minha nova fonte de histórias, o Buita de Taiacu, ele e mais três amigos voltaram à Tabarana, longe de onde o outro fato os surpreendera. Pararam para pescar em um poço fundo, cercado de fechada mata, bom para bagre.

Noite escura, sem luar, muitas estrelas no céu. O marulhar do rio trouxe, logo, os primeiros bagres. Um deles gritou que havia pego um “baitelo”, ergueu a vara para exibi-lo à luz da lanterna, o ba-

gre sumiu, nem barulho de peixe voltando para a água. E, atrás dos pescadores, pesados e rápidos passos, como de homem forte com sapatos.

Um outro fisgou um bagre, cantou vitória, levantou a vara _ cadê o peixe? Não caiu n’água, ninguém ouviu som de queda e passos pesados atrás das árvores. Já que um deles se arrepiou, os demais o acompanharam. Fizeram o “pelo sinal” e teimaram na pescaria que

prometia ser boa. Olhos no rio, ouvidos na mata, um peixe bem pesado curvou uma das varas, zuniu, estava fisgadíssimo. Lá se levanta a vara, o peixe ali não estava, o anzol peladinho à luz pálida da lanterna. Os passos mais fortes na mata.

Mais rápidos e muito mais fortes foram os passos dos pescadores que, segundo afirma o narrador, jamais voltaram àquele estranho lugar.

DENTES TRAIÇOEIROS

Tão antigo o conto em nosso repertório que, poderia dizer, vem comigo desde o nascimento. Minha avó Luiza o contou dúzias de vezes, e meu avô, Antonio Benedito Cazé, dizia até conhecer os personagens da história.

Uma senhora, mãe de criança pequena, aguardava o retorno do marido que fora à cidade. Morava no sítio, casa isolada. E o marido demorava a chegar, a tarde caiu.

Lá pelas tantas surgiu um menino, avisando que sua mãe ia ter um nenê e queria a ajuda da comadre. Sem saber o que fazer, agarrou o seu bebê, enrolou nele um pesado xale vermelho e foi acudir a outra. Demorou pouco por lá, pois tudo deu certo e a criança nasceu bem. Era noite de lua cheia, dispensou o acompanhante e foi para casa. Chegando à porteira, viu um grande cão negro, que avançou rosnan-

do. Ágil, subiu no alto da porteira e o cão, tentando alcançá-la, conseguiu arrancar fiapos do xale. Um galo cantou perto, o dia ia clarear. O bicho sumiu. Ela desceu da porteira e correu para casa.

Ao ouvir que ela entrava, o marido foi ao seu encontro com largo sorriso. E nos seus dentes a mulher viu muitos fiapos de pano vermelho. Era ele o lobisomem da porteira.



FIGUEIRA ASOMBRADA

Este conto foi narrado por Guilherme Bertolani Biondani Parra, de São Miguel Paulista, São Paulo, 13 anos de idade.

Uma jovem, moradora do bairro Jacuí, perto de São Miguel, vivia feliz em seu lar. Era muito prendada, possuía um grande número de amigos.

Apaixonou-se por um jovem do mesmo lugar onde vivia, estava alegre, preparava-se para o casamento. Porém, chegou ao lugar uma outra moça, namorada, e o seu noivo desistiu de tudo, foi-se embora atrás da outra.

Por isso, sentindo-se abandonada, em um dia muito escuro, frio, arrumou uma corda e com ela se enforcou em um galho da grande figueira, árvore que dava sombra a todos de Jacuí, aos passantes, aos animais, especialmente aves. A tristeza abateu-se entre os moradores, e o tempo passou. De repente, alguns que eram obrigados a sair à noite altas horas, ouviram o choro sentido da moça, os soluços que cortavam o coração. Fugiam dali e contavam aos outros o que os assustara. Muitos tentaram saber a verdade daquele choro, mas desistiam e sumiam.

A figueira resistiu aos anos e, em meados do século XX, ainda estava de pé, com o choro da jovem traída e seus dolorosos soluços. Não sabe muito bem onde se localizava a figueira, mas seu pai sabe e não conta para ninguém. Deixem os mortos em paz!



UM DISCO VOADOR

Conta-se que em 1958, entre Paraguaçu Paulista e Assis, SP, diversos discos foram vistos pela população, circulavam pelas cidades e causaram sustos e pânico.

Dona Maria José Rodrigues de Araújo, que reside atualmente em Presidente Prudente, conta o que recorda. Uma noite, subitamente, surgiu sobre o restaurante que pertencia à família, um disco esquisi-



to, como um círculo de fogo que a todos assustou. Suas luzes eram fortíssimas, aquilo girando sem parar, sem descer, sem subir. Na terra, todos gritando, muitos vizinhos e comensais do restaurante em polvorosa, diversos objetos pegando

fogo. Foi o fato mais comentado nas cidades por muitos meses. E o campo de futebol, na mesma noite, foi queimado quase que totalmente. Há muita gente que viu e garante que estudiosos ficaram atônitos, mesmo os muito apegados à ufologia. Que seria aquilo? Coisas do além? Dá arrepios em Dona Maria ao lembrar esse acontecimento, para ela, inexplicável.

A NOIVA SEM DESTINO

Há, nas proximidades da cidadezinha chamada Dumont, perto de Ribeirão Preto, uma acentuada baixada, onde a estrada parece ser tragada pelo asfalto. E nesse local, quase uma reta, sempre acontece algum acidente ou alguém consegue uma história para contar.

O que todos vêem, altas horas da noite, é uma noiva, de corpo esbelto, véu esvoaçante, belo buquê de flores nas mãos, posicionando-se à frente dos carros. Muito motorista, com o susto, passa sobre a noiva e só depois pára para ver o estrago. Nada vê, contudo. Infelizmente, alguns se assustam de tal maneira, que perdem o controle do veículo. Muita gente foi parar no hospital ou, o que é pior, ali morreu.

A um motorista que foi socorrido

sem graves ferimentos, a enfermeira local contou que a noiva volta ao local onde o seu futuro marido, no dia do casamento, morreu em acidente horroroso. Acrescentou que,



enquanto a família do noivo não permitir que se benza o local, a noiva ali voltará até o final dos tempos. De dor, a moça morreu aos pés do altar, já de noiva, à espera do amado que jamais chegou. E só se encontrarão quando os vivos limparem, espiritualmente, o lugar fatídico. Muitos ali perderão suas vidas, é o carma.

Narrado por Silvia Nikaido, descendente de imigrantes japoneses, radicados em Ribeirão Preto. Contou que ouviu essa história desde pequena, mas se arrepiava até hoje ao contá-la. Não gosta de falar de “fantasmas”, por isso não deu muitos detalhes do conto. Prefere fazer “ouvidos moucos” quando alguém conta “esses casos”.

O CACHORRO NEGRO

“Aconteceu. Eu era solteiro e andava sempre a cavalo. Numa dessas andanças, eu vi uma coisa difícil de explicar. Nunca tinha visto assombração. Eu vinha por uma estrada de terra, deserta, sem moradores. Num certo trecho, encontrei um amigo, isso lá pelas duas da manhã. Paramos para conversar e, de repente, apareceu um cachorro preto, muito grande, e ficou perto de nós.

— Eu bebi, amigo, mas acho que esse cachorro é o Lulu de sua casa.

É — ele me disse: — esse é o cachorro do qual meu avô falava. Só acompanhava cavaleiros ou carreiros que ainda andam de carros de bois. E daí foi embora e o cão ficou.

Fui ficando com medo daque-

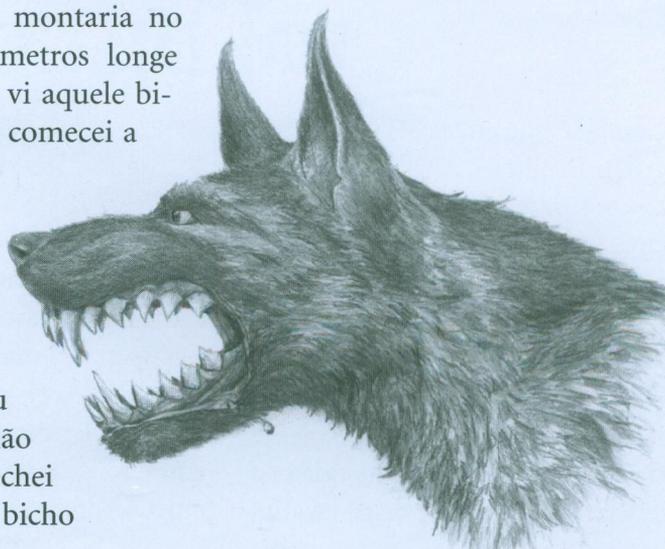
le bicho calado, sempre atrás de mim, por bem uns 5 quilômetros. Quando estava perto da minha casa, procurei o bicho, e nada. Sumiu.

Mas, quando fui entrar, ali estava ele, os olhos muito vermelhos como brasa. O medo era muito, mas fui soltar a montaria no pasto, uns 300 metros longe da casa. Quando vi aquele bicho me olhando, comecei a tremer, larguei o animal e voei pra dentro de casa. Não sei contar se tirei o arreio da mula, se ela ficou solta ou presa, não sei como abri e fechei a porta sem o bicho

entrar.

Nunca mais passei por aquela estrada, pois o cachorrão grande, feio e esquisito ainda deve andar por lá.”

Narrada por João de Freitas Nazaro, de Taiaçu, SP.



A LOIRA DO TREVO

Trevo, entroncamento de rodovias ou de estradas, nada de trevo vegetal, inclusive se se tratar de um procurado por ser portador de quatro folhas, signo da sorte. O trevo em questão, o de Pirangi, SP, local que nos une às outras estradas dos arredores.

Os estudantes dos anos 50, 60, voltavam de ônibus (jardineira) de cidades vizinhas: Bebedouro, Catanduva, Rio Preto, Ribeirão Preto. Quase sempre depois das vinte e três horas. Escuridão total, só quebrada pela luz dos faróis que nem sempre funcionavam. Aqueles que perdiam o sono,

eram os primeiros a vê-la: loira, vastos e luzidios cabelos, corpo bem feito, um rosto pouco visível. Olhava fixamente para as luzes, o motorista levava sempre um susto, desviava o veículo, o vulto sumia. E algumas vezes _ isso foi constatado por diversos passageiros _ via-se o vulto ficar sob o carro, soltavam gritos que acordavam os que dormiam, nada mais na pista, o vazio absoluto. E, daqueles assustados jovens do passado, já idosos todos eles, há os que narram o fato com detalhes. Concordam com o vulto da loira, jeito de mulher jovem

e bem nutrida, um certo quê de desamparo e solidão. De vez em quando voltam ao trevo, nem sempre à meia-noite como antes, mas sempre à noite, mas não conseguem vê-la à luz dos bons faróis de hoje. Há quem esteja à espera de “ter a sorte” de rever a loira do trevo.

Quem narra o fato com mais minúcias é a sobrinha Suseley Saranz Camargo Queirós. Sua mãe e sua tia Judithe confirmam o fato. A loira do trevo existiu! Ninguém sabe quem era, o que fazia naqueles ermos pirangienses.

UM AMOR AMALDIÇOADO

(Recolhida por Ineh Bueno de Camargo, na Fazenda São Pedro, nos idos dos anos 40, finais da década).

Chegando de jardineira na pequena cidade, uma mulher teve um par de bebês. O marido, ao saber-se pai de gêmeas, afirmou não ter condições de criar as duas filhas. Aí, uma alma caridosa apareceu e uma das crianças foi registrada como sua filha legítima. O casal prometeu segredo eterno.

Passaram-se os anos. Já moça, a que morava com os pais verdadeiros, apaixonou-se por um bom rapaz da cidade, que foi trabalhar na fazenda durante a semana. Ficaram noivos, marcou-se a data do casamento.

Foi quando a moça descobriu que era traída, que o noivo possuía



outra noiva na cidade. Sem dizer nada a ninguém, armou-se, foi à cidade e matou a rival. E, na hora do desespero, os pais adotivos contaram a história. Ela matara a irmã, tão inocente quanto ela.

O choque foi tão grande, que a noivinha enlouqueceu. Agarrou um litro de álcool, foi para longe da casa e, em morro bem saliente, ateou fogo nas roupas. Morreu queimada; suas cinzas, o vento levou.

No lugar onde se matou, ainda hoje, quase um século depois, os passantes vêem, de longe, longas labaredas que se levantam da terra. É a alma penada que assassinou a própria irmã. Todos fogem e ninguém se atreve a pensar em fogo-fátuo. De repente, é o que todos pensam... Por isso, fugir é o melhor que se faz.

ROUBANDO O LEITE

Há mais de meio século ouvi o conto na fazenda do Sr. João Bernardes da Fonseca. Todos os colonos o conheciam e, com ligeiros toques diferenciais, repetiam a quem quisesse ouvir.

Uma bonita moça amava o filho do dono da fazenda. Mas ele nem olhava para ela, seu amor era gente fina, de longe, pessoa estudada. Houve o casamento deles, um festão que durou dois dias, levou todos os fazendeiros à cerimônia, a cidade em peso foi convidada.

Em menos de um ano, o herdeiro daquelas terras férteis veio ao mundo. Alegria para todos. Mas no coração da moça pobre, só o ódio ficou. E, ajudada por uma velha da colônia, comprou uma cobra "ensinada" e, às escondidas, a introduzia no quarto do casal. A cobra arredava o bebê do seio materno, botava sua cauda na boca dele e mamava todo o leite que havia. A criança foi definhando. Os pais em desespero, poções, médicos renomados, o bebê morrendo.

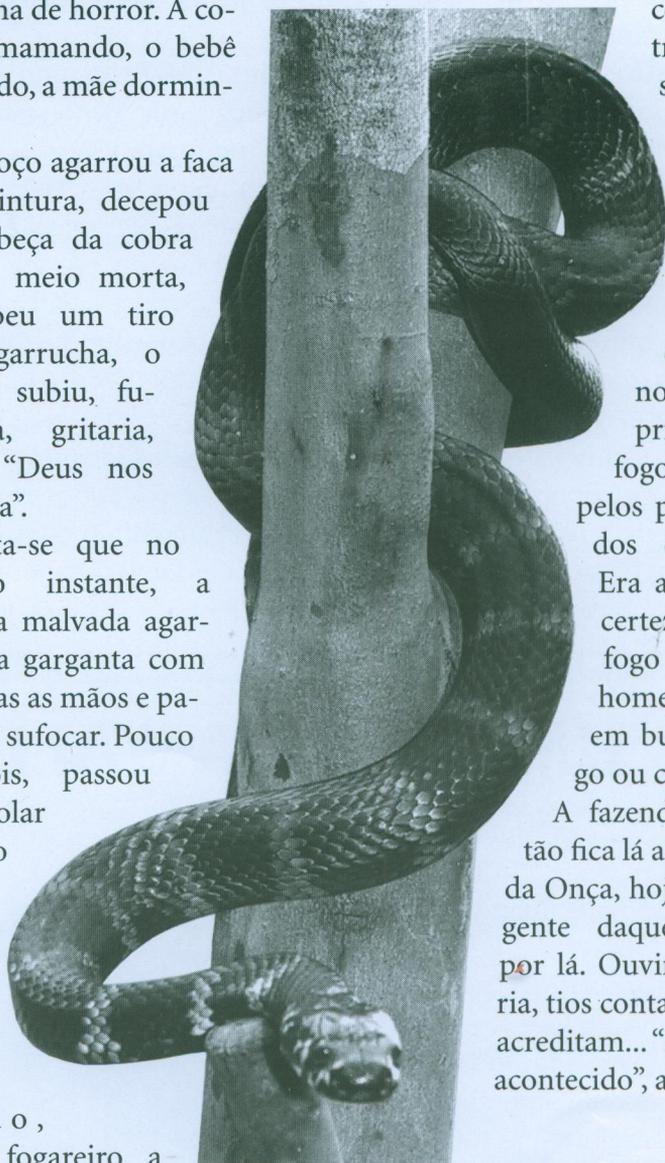
Um dia, voltando mais cedo para casa, o desolado pai assistiu àque-

la cena de horror. A cobra mamando, o bebê ao lado, a mãe dormindo.

O moço agarrou a faca da cintura, decepou a cabeça da cobra e, já meio morta, recebeu um tiro de garrucha, o fogo subiu, fumaça, gritaria, um "Deus nos acuda".

Conta-se que no exato instante, a moça malvada agarrou a garganta com ambas as mãos e parecia sufocar. Pouco depois, passou a rolar pelo

chão, um fogareiro a



cercou e estranho vulto saiu dali pela janela afóra. Muita gente daqueles tempos dizia ver, em certas noites, comprido rastro de fogo correndo pelos pastos, gemidos e lamentos. Era a moça, com certeza, a cobra de fogo que levava homens a correr em busca de abrigo ou companhia.

A fazenda em questão fica lá ao lado do rio da Onça, hoje riacho. Há gente daqueles tempos por lá. Ouviram a história, tios contaram-na, não acreditam... "mas pode ter acontecido", arrematam.

POLENTA SANGRENTA

Contada por Sr. Luiz Sciarra do Pesqueiro de Taiaçu.

Seus avós, logo que a família se acomodava para o descanso dos trabalhos da roça, contavam casos acontecidos há muito tempo ou coisas do mundo. E a história da polenta era repetida muitas e muitas vezes. A menina pedia, o conto vinha, e, com ele, a tremedeira, os arrepios, o medo. Era sexta-feira santa. Paixão de Jesus. A velha matriarca de um casarão

no sítio cozinhava para o batalhão todo, algumas mulheres, muitos homens. O prato predileto deles era polenta com frango e almeirão. Por ser dia santificado, carne era proibida. Iriam comer apenas a polenta com almeirão acebolado. Os homens não gostaram e exigiram que o frango fosse feito. Como os homens mandavam naqueles tempos, a velha teve que atender.

A polenta era fatiada com um fio

forte de linha de carretel, número 40 ou 50. Não se cortava com faca. Na hora do corte, aconteceu: o fio saiu cheio de sangue. Foi grito geral. Foram pegar outro carretel, lá veio o sangue. É claro, naquela sexta-feira ninguém comeu frango. Nem polenta.

Conta o narrador que o fato se repete sempre que alguém zomba e desrespeita as leis de Deus. É só experimentar para ver.



UMA BOLA DE FOGO

Aconteceu em Presidente Prudente, SP, em 1963. Muita gente da região viu, assustou-se, os comentários foram muitos, explicações pouco convincentes.

Estavam em uma sacada, à noite, mãe e filha, ambas adultas, porém jovens: Dona Angelina Muchiat Colnago e Cláudia. Conversam animadamente quando gigantesca bola de fogo se elevou do solo, um calor incrível cercando os arredores, nenhum som. Só aquela

estranha brancura pairando no ar. As duas, abraçadas no amplexo do medo, pasmas, chegaram a ouvir a gritaria dos vizinhos e passantes



da rua. Como elas, assustados por aquele fato jamais visto. Depois de alguns minutos que pareceram horas, a bola começou a se elevar em giros rápidos e, pouco a pouco, desapareceu entre as nuvens. Até hoje, ao se recordarem do que houve, há um certo receio, mas um pouco de vontade de ver de novo o tal disco de fogo.

Narrado por Angelina Muchiat, Vila Lessa, Presidente Prudente, SP.

O JAPÃO E SEU FOLCLORE FANTÁSTICO

Uma jovem, descendente de japoneses, chamada Sílvia Kobayashi Nikaido, residente em Ribeirão Preto, ao ouvir alguns pescadores contando-me casos “assombrados”, lá no pesqueiro de Taiaçu, disse que sabia muitas histórias de fantasmas japoneses. (Já havia me contado a da noiva da estrada de Dumont). Expliquei que fazia

pesquisas sobre casos brasileiros e, mais do que isso, ocorrências de nossa região, ou quando muito, do Estado de São Paulo. Não se conformando, teve a gentileza de enviar-me, pelo correio, três interessantes contos japoneses, contos muito conhecidos por seus pais e familiares. Eles não fazem parte do conteúdo que se-

leciono. No entanto, ao ver a importância que Sílvia deu às nossas pesquisas, espero possa ser publicado um dos contos, nada igual à singeleza dos “meus fantasmas”, porém, também fantasioso. Que me perdoem os pesquisadores e fantasmas pátrios, mas um fantasma oriental vai entrar no nosso trabalho.

A MULHER DE NEVE

No antigo Japão morava um rapaz que, não tendo ainda encontrado a noiva ideal, vivia sozinho. Numa noite de inverno, durante uma tempestade de neve, ele escutou uma batida na porta; foi ver quem era e se deparou com uma jovem caída na soleira. Compassivo, levou-a para dentro. A moça logo recuperou a consciência, mas seu rosto continuou branco como a neve. Perdidamente apaixonado por sua estranha beleza, o rapaz lhe pediu que se casasse com ele.

Os dois jovens viveram felizes durante todo o inverno, porém, quando a primavera chegou e as neves

começaram a derreter, a moça passou a definhar a olhos vistos.

O marido pensou que talvez ela precisasse de um pouco de distração. Assim, resolveu organizar uma festa para comemorar a chegada da primavera e convidou todos os seus amigos.

Enquanto os convidados se regavam na sala, o rapaz chamou a esposa, que tinha ido até a cozinha. Não obtendo resposta, foi procurá-la e não a encontrou em parte alguma. Tudo o que restara da jovem misteriosa era seu quimono, deixando numa poça de água diante do fogão.



FANTASMAS MODERNOS

É outro conto de Buita, residente em Taiapu, SP, pescador quase que diário no pesqueiro do Sr. Luiz Sciarra. Perguntando do Sr. Luiz se já ouvira falar de um estranho homem, aparência jovem, até bem vestido que, altas horas da noite, aparecia ali pertinho, na estrada Pirangi – Taiapu, Buita só fazia ouvir.

Não sabia de nada, nem o “seo” Luiz. Mas, curioso como ele só, especialmente em se tratando de assombração que ele tão bem conhece e não quer ficar ao lado delas, andou sondando e soube algo que o arrepiou.

Na estrada, cheia de curvas, há apenas aquela reta. O moço aparece para algumas pessoas, sempre de pé sobre o “capô” de um

carro meio velho, pelo menos é o que aparece à luz dos faróis de quem passa. De pé, gesticulando como quem pede socorro. De vez em quando some, volta dias ou meses depois, repete-se sempre. Às vezes são dois vultos na “capota”. Não há quem reconheça o moço, nem o carro é de gente conhecida e não há corajoso que enfrente um provável fantasma ou caia no ardil de ladrões. Não há explicação para o fato.

Porém, meu vizinho, o Grilo, tentou fazer-me crer que o moço é apenas um vigia noturno de canavial, a fim de evitar que vândalos incendeiem a plantação. Só que não há canavial no local, há mata raquítica e algumas

plantas nativas: farinheira, goibeira, jurubeba, arranha-gato. E o Buita explicou: naquele lugar a estrada era de terra, um moço, recém-casado, voltava para casa com a mulher. Perdeu o controle do carro, capotou, morreram os dois. Só que ele não deve saber que está morto e ali ficará a pedir socorro a quem passa. E o outro que às vezes aparece deve ser de alguém que tentou ajudá-lo e também morreu.

Seja lá quem for ou o que for, o certo é que muita gente não passa pela estrada depois que anoitece. Ninguém acredita na história, porém, por via das dúvidas, usa-se a estradinha paralela, sem mortos em cima de carro.

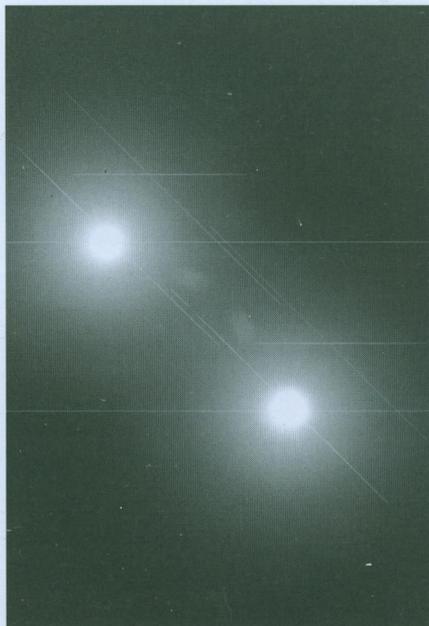
LUZ DO ALÉM

Quase todas as noites no outeiro onde fica a fazenda dos Lourençatto, duas fortes luzes surgem, brilham por algum tempo, desaparecem. Dá para vê-las de diversos pontos da cidade. Houve gente que já as viu mais longe, para as bandas da lagoa do rio Tabarana. Assustam-se sempre, são fortes demais, brancas e brilhantes, fazem o breu da noite mais negra ficar. Que luzes são essas?

Uma versão é de Leozina de Jesus, pirangiense por adoção, velha moradora. Já morou na roça, é quase alfabetizada, mas se mantém fiel às raízes. Contou o seguinte: Uma bonita moça da roça apaixonou-se pelo oveiro que pelo sítio passava a cada quinze dias. Trazia novidades e coisas para trocar ou vender: linha de

carretel, agulha de máquina, sabonete, água de cheiro, tecidos, sapatões. Comprava ovos, frango, mel, palmito, cabritos.

Namoraram uns bons meses e o casamento foi marcado. Na noite



marcada para entrega das alianças de noivado, armou um temporal. A moça resolveu esperar o moço na boca da mata, levando 2 lampiões acesos para a volta. E o vento gemeu, galhos tombaram, a mata se revirou toda. Ela à espera. Nada de aparecer. Desesperada, corria de um ponto a outro da estradinha, gritando o nome do noivo. Não apareceu. Quando o dia clareou, louca de dor e de medo, a jovem foi encontrada, quase morta. Enlouqueceu. Andava com o lampião ou lamparina à procura do amado, ninguém soube onde encontrá-lo. E, morta há muitos anos, de vez em quando percorre o caminho, esperando o retorno do ingrato. Só se vêem as luzes. O resto é sombra e saudade.



A CASA MAL ASSOMBRADA

Havia uma fazenda chamada Capoeirão. Nessa fazenda havia um casarão e, segundo alguns moradores da região, nessa casa, tempos passados, sucedeu um assassinato. Uma empregada foi morta pelo patrão ou por sua mulher. Tudo foi abafado, a moça enterrada, mas o seu espírito permaneceu na casa e estranhos fatos passaram a acontecer.

Algumas pessoas viam, à noite, um vulto de mulher junto à janela. As portas e janelas abriam-se e se fechavam sozinhas. Esquisitos ruídos de queda de objetos eram ouvidos. Pratos e copos caíam das prateleiras. Um cara da cidade resolveu ir até lá, a fim de tirar as suas dúvidas, mas acabou ficando abobalhado. Ouvia risos por todos os lados. Sem saber quem era, viu arroz ser misturado com

feijão, terra foi jogada no saco de trigo, esterco de vaca jogado em copos d'água ao serem levados à



boca. Alguém assobiava no alto do telhado. Horror!

A vizinhança rezava que rezava, muitas orações foram proferidas, mas o mistério persistiu. Os cavaleiros que passavam por perto agarravam firme as rédeas, impedindo que as montarias os jogasse ao chão.

Um dia, apareceu na cidade um santo padre, acreditou no que ouviu e partiu para a fazenda, benzeu o que encontrou, canto da casa e, como ninguém mais morou lá desde então, julga-se que não haja mais nenhuma assombração.

Narrado por Edith Araújo Zúcolo, que termina sua narração assim: "O que eu ouvi sempre contar foi isso, por pessoas que não mentem. Escrevo para você o que ouvi".

A MOÇA E A VELA

Este conto está no livro de Câmara Cascudo, contos tradicionais do Brasil. Aqui em Pirangi e em Ibirá, contaram a mesma história, com poucas variantes, trocando apenas os objetos entregues à moça. Ficamos com Cascudo.

— Minha filha — dizia sempre a mãe de uma moça que tinha por costume ficar à janela até as tantas da noite — quem se deixa ficar à janela em altas horas vê coisas que não deve ver. Isso é exemplo dos antigos que sabiam mais do que nós.

— Qual o quê! — dizia a moça. Nunca vi nada de espantar. Não tenho sono, não hei de dormir com as galinhas,

A mãe repetia-lhe sempre o con-

selho, mas a moça, com quem ia às vezes falar o namorado, continuou com seu costume.

Vai por uma vez, estava a teimosa à janela, quando ao soar a última badalada da meia noite, viu aproximar-se uma figura envolta num hábito muito branco, caminhando com passo apressado e trazendo, numa das mãos, uma vela acesa. A moça estava tão distraída, a pensar nos seus amores e naquele que esperava, que nem pavor sentiu. Foi como se não tivesse visto nada.

O desconhecido saudou-a e, apagando a vela, pediu-lhe que a guardasse até a sua volta. Malquinalmente ela foi colocar a vela sobre o leito e, quando voltou, já não encontrou o desconhecido.

Nem se lembrou dos conselhos da mãe nem a aparição lhe causou o menor abalo. Continuou à janela toda preocupada com seus pensamentos de amores.

Às duas da madrugada, que é quando as almas penadas se recolhem, ela ainda estava apreciando a noite. O desconhecido chegou-se e pediu-lhe a vela. A moça foi buscá-la, mas soltou um grito de horror. Em vez de vela, se lhe apresentou um esqueleto estendido na cama. A caveira ergueu-se e foi, diante de seus olhos, saindo pela janela, como uma pluma.

Desde esse dia, a moça ficou pateta, rindo e chorando à toa, e foi exemplo a todas as filhas desobedientes, no lugar onde esse caso se deu.

O ENGENHO MAL-ASSOMBRADO

Conto extraído do livro *Lendas e Mitos do Brasil* de Theobaldo Miranda Santos, 9ª ed.

Quando bate a meia-noite, o velho engenho em ruínas, há muito tempo abandonado, começa a se agitar. Do seu interior surgem vultos fantásticos. O primeiro a aparecer é o senhor de engenho, de chapéu de abas largas, botas com esporas e chicote na mão, que grita:

— Vamos! É hora de serviço! Comecem a trabalhar.

Então, tudo se movimentava. As velhas almanjarras se põem a rodar. E os moleques, empoleirados no alto das máquinas, berram, açoitando as bestas que puxam as rodas.

Apesar de azeitadas, as engrenagens do engenho rangem sem cessar. E as canas, esmagadas entre os cilindros das moendas, estalam: craque,



craque, craque...

Os escravos trabalham sem descanso, com o suor escorrendo pelas costas nuas. O tombador de canas faz o seu serviço, entoando uma cantiga alegre. O carregador de ba-

gaços passa, a cada instante, levando nos braços feixes de canas. E o caldo verde e espumoso escorre aos borbotões pelas bicas. Parece uma cascata de esmeralda líquida! O fogo crepita nas caldeiras, que gemem e chamam como se fossem vivas. A fumaça sobe pela chaminé. De fora, vem o rechinado dos carros de bois, trazendo cana. Tudo palpita dentro do engenho.

Mas quando os galos começam a cantar, o ruído das máquinas e o clamor das vozes diminuem. Pouco a pouco, as luzes se apagam, os homens e os animais vão ficando sem vida e sem cor, transformando-se em sombras esbatidas. E quando clareia o dia, o velho engenho volta a ser um montão de ruínas, abandonado e silencioso.

O SERTANEJO E O LOBISOMEM

Conto que está no livro de Theobaldo Miranda Santos, 9ª ed. “Contam muitas histórias sobre o lobisOMEM. Uma delas é interessante. Um sertanejo nordestino costumava dizer aos seus companheiros de trabalho que não acreditava em bobagem de lobisomens. Um deles, muito pálido, declarou-lhe, um dia, meio zangado, que ele havia de se arrepen-

der de zombar de lobisOMEM.

Numa noite de sexta-feira, viu o sertanejo de volta para casa, quando foi atacado por um monstro horroroso. Era um bicho preto, do tamanho de um bezerro, com orelhas enormes, cheio de pêlos, com os olhos de brasa. A luta foi terrível. O sertanejo, que era forte e valente, sacou da faca e enfrentou o monstro. Lutou, lu-

tou, até que conseguiu tirar sangue da fera. O lobisOMEM soltou um urro de dor, deu um salto tremendo e desapareceu no mato. O sertanejo, apavorado, passou a noite em claro. Pela manhã, não encontrando no trabalho o seu colega pálido, soube que estava doente. Foi visitá-lo e encontrou-o gemendo, tomando remédios e com o pescoço todo ferido.



O NOIVADO DO SEPULCRO

Coloquei, em 2004, no Anuário do Folclore, alguns trechos da poesia que leva esse título. Conseguiram-me a cópia completa do poema sepulcral e, desta feita, a história vai inteira. Seu autor é o poeta português do Porto, Antônio Augusto Soares de Bastos, conhecido como poeta Soares de Bastos. Chama seus versos de Balada. Ei-los:

Vai alta a lua! Na mansão da morte
Já meia-noite com vagar soou;
Que paz tranqüila, dos vaivens da sorte
Só tem descanso quem ali baixou.

Que paz tranqüila!...mas eis longe, ao longe
Funérea campa com fragor rangeu;
Branco fantasma semelhante a um monge
Dentre os sepulcros a cabeça ergueu.

Ergueu-se, ergueu-se! Na amplidão celeste
Campeia a lua com sinistra luz;
O vento geme no feral cipreste
O mocho pia na marmórea cruz.

Ergueu-se, ergueu-se! Com sombrio espanto
Olhou em roda... não achou ninguém...
Por entre as campas, arrastando o manto
Com lentos passos caminhou além

Chegando perto de uma cruz alçada
Que entre ciprestes alvejava ao fim,
Parou, sentou-se e com voz magoada
Os ecos tristes acordou assim:

Mulher formosa que adorei na vida
E que na campa não cessei de amar,
Por que atraíças, desleal, mentida,
O amor eterno que te ouvi jurar?

Amor! Engano que na campa finda,
Que a morte despe da ilusão falaz,
Quem dentre os vivos se lembrará ainda
Do pobre morto que na terra jaz?

Abandonado neste chão repousa
Há já três dias e não vens aqui...
Ai, quão pesada me tem sido a lousa
Sobre este peito que bateu por ti!

Ai, quão pesada me tem sido! E em meio
A fronte exausta lhe pendeu na mão,
E entre soluços arrancou do seio
Fundo suspiro de cruel paixão

Talvez que rindo dos protestos nossos,
Gozes com outro d'inferral prazer,
E o olvido cobrirá meus ossos
Na fria terra sem vingança ter.

Oh! Nunca, nunca! De saudade infinda
Responde um eco suspirando além...
Oh! nunca, nunca! Repetiu ainda
Formosa virgem que aos seus braços vem.

Cobrem-lhe as formas divinais, airosas,
Longas roupagens de nevada cor;
Singela c'roa de virgíncias rosas
Cercam-lhe a frente de mortal palor.

Não, não perdeste meu amor jurado;
Vês este peito? Reina a morte aqui...
E já sem forças, ai de mim, gelado
Mas ainda pulsa com amor por ti.

Feliz que pude acompanhar-te ao fundo
Da sepultura, sucumbindo à dor;
Deixe a vida... que importava o mundo,
O mundo em trevas sem a luz do amor?

Saudosa ao longe vês no céu a lua?
Oh! vejo... recordação fatal!
Foi à luz dela que jurei ser tua
Durante a vida e na mansão final.

Oh! vem! se nunca te cingi ao peito
Hoje o sepulcro nos reúne enfim...
Quero o repouso de teu frio leito,
Quero-te unido para sempre a mim.

E ao som dos pios do cantor funéreo,
E à luz da lua de sinistro alvor;
Junto ao cruzeiro, sepulcral mistério
Foi celebrado esse infeliz amor.

Quando risonho despontava o dia,
Já desse drama nada havia então.
Mais que uma tumba funeral vazia,
Quebrada a lousa por ignota mão.

Porém, mais tarde, quando foi volvido
Das sepulturas o gelado pó,
Dois esqueletos, um ao outro unidos
Foram achados num sepulcro só.

Assim termina a fantasmagórica história de um português, poeta que morreu jovem, tuberculoso, deixando em paz outros fantasmas que porventura quisessem chegar até nós.

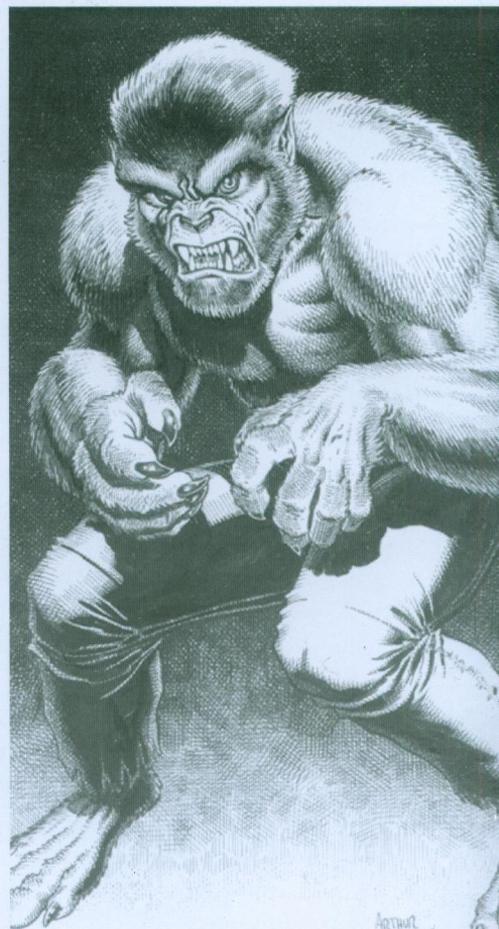
DOIS LOBISOMENS

Em pequena cidade próxima a Bebedouro, moravam dois homens que sempre se conheceram. Desde crianças. Amigos inseparáveis, até no serviço um ao lado do outro. Homens normais, comuns, nada que os distinguisse dos demais. Um casou-se, tinha filhos; o outro, solteiro.

Com o correr dos anos, foram ficando marcados por uma coincidência: não trabalhavam durante a semana santa inteira e, ao voltar ao serviço no primeiro dia útil, vinham muito machucados, com manchas roxas, cortes, ferimentos. As desculpas não combinavam: um caiu quando pescava, outro caiu de uma escada ou um touro chifrou um deles e pisoteou, brigaram com um ladrão... E o povo, desconfiado, nada podia saber. Porém, um delegado que apareceu na cidade tomou a decisão de esclarecer o fato. E ficou na cola deles na semana san-

ta, vindo a ver o que queria, mas não devia. Eles eram lobisomens que conseguiam manter-se na linha durante o ano todo e, só na semana santa, cumpriam o seu trágico destino. Só que o delegado pagou caro a sua esperteza: ficou louco, lelé da cuca e os dois devem estar vivos até hoje.

Quem contou, ainda ontem, foi Neusa Francisco, da 3ª Idade, que garantiu que o João, seu marido, sabe muitas dessas histórias. E o João foi meu aluno em escola rural há mais de meio século. Agora é tarde. Já deixei os fantasmas e os seres fora do nosso controle em paz. Que, fantasmas, seres do além, assombrações, almas penadas, cobras de fogo que lambem o capinzal seco, descansem em paz, se possível, que dêem descanso aos mortais que jamais acreditarão neles... mas sempre os temerão.



O VIADUTO AMALDIÇOADO

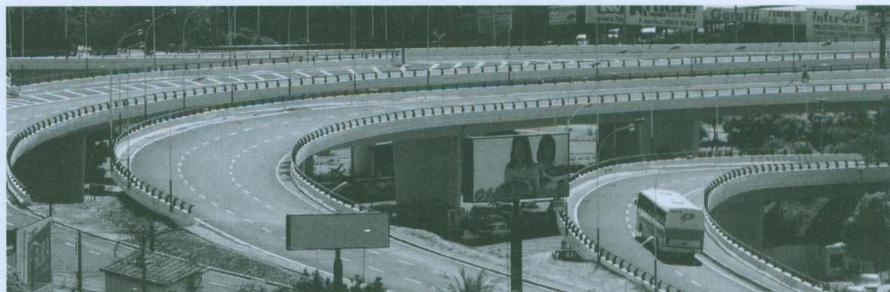
Isto aconteceu em São José do Rio Preto. Não só seus moradores sabem do fato, como muitos visitantes ou meros passantes tiveram a oportunidade de ver o que acontece por lá. É um viaduto comum, passa sobre a estrada de ferro que foi pujante no passado, hoje mera lembrança.

Ligava duas partes da cidade: Alto da Boa Vista ao centro, pedestres por cima, trens por baixo. Havia um casal de namorados muito felizes. Doces planos para o futuro. Mas o moço encantou-se com outra moça, abandonou a namorada. Em desespero, a jovem, quase menina, saltou do viaduto para a morte, sendo esmagada pelo trem.

Os anos correram, os trens quase desapareceram, as famílias dos jovens partiram para outros rincões. Mas a jovem não foi embora. Permaneceu, em espírito, junto ao viaduto e, algumas vezes, noites de trevas, silenciosas, o gemer plangente de alguém que sofre quebra a monotonia do lugar. Arrepiam-se todos, ninguém resiste, foge! E ouve de longe o la-

mento: “vem me buscar...”

E esta quem conta é Izabela Camargo Queirós, criança ainda, quase adolescente. Quando ouve o apelo da suicida, corre para a cama da mãe, ali o medo não chega. Mas nem de dia quer ficar parada no sinaleiro do local, de repente a pobre pode vir com sua triste cantilena...





O PASTORIL PROFANO DO MELOSO

José Maria Tenório Rocha
Folclorista de Maceió - AL

PESSOAL VENHA CÁ
PARA VER O QUE NÃO VIU,
O MELOSO CHEGOU
COM O SEU PASTORIL.

O PASTORIL DO MELOSO
PARA ALEGRAR NÃO TEM IDADE,
VEIO AQUI PARA CANTAR
ALEGRAR SUA CIDADE.

MELOSO, O DOS PASTORIS PROFANOS

Idalvo Dias de Oliveira, o Meloso, dos Pastoris Profanos de Sergipe, nasceu na cidade de Salvador (BA.), em 20 de junho de 1940, filho do alfaiate Andel Dias de Oliveira e de Dona Elizabete Fateu de Oliveira, que tem (ou tinha?) como profissão "prendas domésticas".

Devido à falta de contatos com a mãe, pois não a vê há mais

de trinta anos, Idalvo não sabe ao certo se ela está viva ou morta! Pode parecer incrível, mas é verdade, verdadeira!

Em toda a sua infância de menino de família muito pobre, residente no povoado baiano de Pau Miúdo, jogou bola e chegou até a entrar para o juvenil do Bahia; também saía atrás dos circos que passavam, acompanhando-os

para ganhar entrada "de graça", depois, voltava para casa com o braço sujo, e não poderia lavar, pois era marca identificadora que acompanhara o palhaço do circo.

Quando já contava a idade de ser chamado propriamente rapaz, continuou jogando futebol, para depois passar para o jornalismo radiofônico, sendo reconhecido como um bom profissional da

voz. Muito jovem casou-se e teve vários filhos com a primeira esposa; por incompatibilidade de gênios, separou-se e fez um segundo matrimônio em 1979, com uma das moças que dançam em seu pastoril.

A respeito da educação formal, lembra que estudou o ABC e o curso primário na Escola Parque II, em Salvador, situada na Rua Marquês de Maricá, nº 342; o curso ginásial em Duque de Caxias, na Escola Técnica de Salvador.

Católico praticante, tem muita fé em Deus e enorme mal estar em relação a outras religiões; para si, os terreiros de candomblé e o espiritismo kardecista são seitas que as pessoas utilizam para enganar os pobres de espírito, destituídos de informações.

Em termos de trabalho, enfrentou vários, dentre eles, o ofício de tipógrafo, cobrador de ônibus, vendedor de balas, vendedor de ovos e, às vezes, quando dava, ia jogar bola e, muito nervoso,

acabava quebrando tudo o que encontrasse pela frente, e quando chegava em casa, sua mãe o surrava sem piedade. Entrou no rádio através de conhecidos e acabou se especializando, recebendo carteira na Rádio Cultura da Bahia. Em Aracaju, trabalhou nas rádios: Aperipê, Atalaia, Liberdade e na



Rádio Jornal, durante oito anos. Atualmente trabalha na Rádio Aperipê, mas de tudo isso, o que mais gosta é de sentir o calor do público, através do PASTORIL

DO MELOSO.

Suas idéias em relação às comunicações de massa são, no mínimo, tendenciosas e extemporâneas, quando diz, entre outras coisas, só ser verdadeira a Rádio FM Aperipê e a Rádio Liberdade; as outras são falsas e mentirosas. Gosta muito de ouvir músicas, sendo fã de Luiz Gonzaga, mas também adora música brega. Antes da divulgação do vídeo-cassete, gostava muito de cinema, tanto que assistiu a um filme trinta e duas vezes, mas esquece do nome de tal película. Gosta de cantoria de viola, admirando as criações de Palmeirinha da Bahia.

As leituras que aprecia giram em torno de jornais locais, revistas infantis, tipo gibis e ainda algumas histórias reais, que servem como experiências de vida.

Chegou em Aracaju no ano 1970 e de lá para cá, sente ser sergipano, com todas as honras.

O PASTORIL DO MELOSO

O PASTORIL DO MELOSO
É UMA COISA MUITO LOUCA,
O POVO VAI FICAR
TUDO COM ÁGUA NA BOCA!

O TATU CORRE NA MATA
O PREÁ NA TIRIRICA,
MENINA DE DOZE ANOS
TEM CABELO NA PESTANA!

No ano de 1974, quatro anos depois de ter chegado a Aracaju, criou um tipo de Pastoril Profano, com base no antigo Pastoril do Faceta, de Pernambuco, muitíssimo picante.

Em seu Pastoril Meloso atua como os antigos velhos dos pas-

toris profanos, que se acompanha por quatro mulheres chamadas MELOSAS, na faixa etária de 15 a 25 anos de idade, são elas: Emanuela, esposa de Meloso, Nete, Karla e Lílian. A dançarina principal é a esposa do palhaço, e um de seus filhos toca teclados nas

apresentações, às vezes utiliza o conjunto COBRAS DO MELOSO, formado basicamente por sanfona, zabumba e triângulo.

As Melosas recebem um cachê por apresentação que faz; Meloso não quer muito con-



tato com elas, pois isso pode causar trabalho e responsabilidade. O cachê é 50% do rendimento das apresentações. As roupas de cena são feitas pela esposa de Meloso, e são formadas por mini-saias e biquínis. Os trajes pertencem a Meloso, que guarda e cuida deles. Os trajes de Idalvo são simplesmente roupas convencionais de palhaço.

As músicas cantadas no Pastoril são de estilos e estruturas musicais variadas, entre elas: forrós, lambadas e músicas conseguidas no cancionário folclórico; cabe a Meloso cantar e as Melosas respondem em coro. As mais

requeridas são: A Bochechada, A Peceta, A Manuela, esta feita por Meloso, em homenagem a sua filha. As coreografias seguem as músicas cantadas.

Embora as apresentações do Pastoril sejam feitas em qualquer lugar, como em circos, áreas abertas, igrejas, escolas ou onde sejam convidados, e para isso o palhaço cobrava em 2002 quinhentos reais por apresentação, na maioria das vezes, o Pastoril é apresentado em seu circo; esse referido circo foi recebido por Meloso, como presente de seu irmão Ailton Patu de Oliveira, que reside em Juazeiro da Bahia.



O FORRO

J. BORGES

NO CIRCO DO MELOSO, O SHOW DEVE CONTINUAR, SEMPRE!...

O PATRÃO MAIS A PATROA
DORME NO SEU BOM COLCHÃO,
EU AQUI MAIS A NEGUINHA
SE ENROLO PELO CHÃO.

O PATRÃO MAIS A PATROA
COME CARNE DE PERU,
EU AQUI MAIS A NEGUINHA
NÓS SE LASCA É NO ANGU.

Embora sofrendo forte concorrência das comunicações de massa, das bandas de forró eletrônico, dos pagodes, o circo continua a cumprir o seu papel milenar de oferecer ilusões a um público circunstante e muito fluante, que paga ingresso, dessa forma, sustentando várias bocas que dependem das apresentações.

Visto de fora, com uma certa distância, a fábrica de ilusões do Meloso possui lona com as cores

vermelhas, azuis e alaranjadas, enfeitada por estrelinhas, formando partes de um calidoscópio que sugere o mundo mirífico que representa.

A estrutura é simples: armada dentro de um cercado de ferro, a tenda de lona se ergue sustentada por um mastro de madeira central, e variados mastros menores, "soltos", como a dizer que dentro de pouco tempo ele será desmontado e transportado para outra praça, onde, mais uma vez,

depois de armado, crianças serão convidadas para seguir o palhaço respondendo em coro o que ele comanda: - Hoje tem espetáculo? - Tem sim, senhor! Às oito horas da noite? - É sim, senhor...E o palhaço, o que é?...

O circo é formado por uma área de 22 metros quadrados, "metros redondos", como costuma dizer o palhaço; uma pequena e simples arquibancada de madeira que comporta 400 pessoas sentadas, mas a lotação com-

pleta, pode atingir a 700 pessoas ao todo.

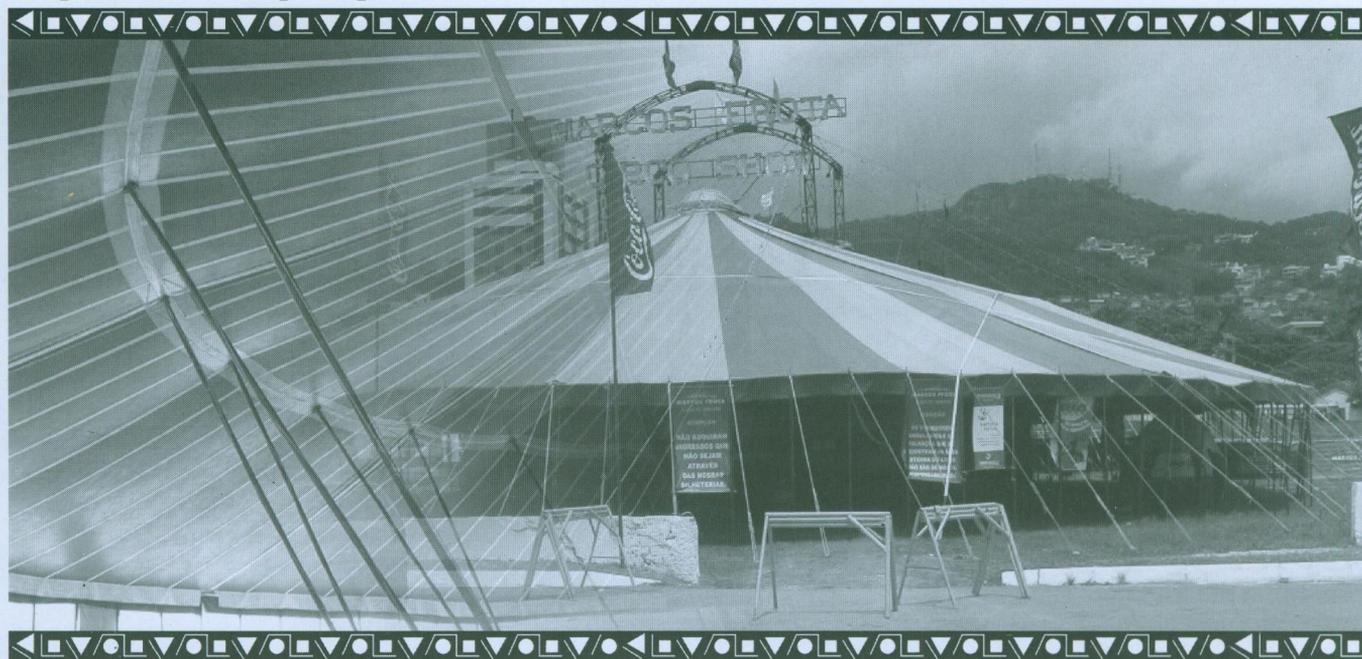
“O palco” é um pequeno picadeiro com um tablado, é ali onde o espetáculo acontece. Doze artistas praticam números de facas, malabarismos, chicote, rumbeiras e o tradicionalíssimo palhaço. Tais artistas residem no próprio circo, em barracas situadas por trás da lona principal. O

circo é a sua casa, seu lar, mas o endereço depende do sucesso do espetáculo, pois casa cheia significa mais tempo de permanência no local.

O ingresso deverá ser sempre Um Real (R\$ 1,00), pois, segundo o palhaço, o povo não consegue pagar mais, a carestia leva tudo. Todos os dias o palhaço, que também faz as vezes de locutor,

anuncia esperançoso: “Hoje tem espetáculo!”

O desejo de todos é que todo o santo dia tenha função, para garantir o sustento dos artistas que perpetuam uma tradição milenar, que nos chegou da longínqua Europa e continua, precária, mas continua e não quer morrer por nada nesse mundo!



DISCOGRAFIA DO MELOSO

Ao todo o palhaço gravou dois Long Plays (1980 e 1991?) e dois CDs, um em 1995(?) e outro em 1997, tipo gravações domésticas, espécies de coletâneas, queremos crer, pois não conhecemos o CD de 1995, apenas o de 1997 verdadeiro improvisado, feito na base do querer fazer, sem possuir tantas condições técnicas.

LP PASTORIL DO MELOSO LP 2-11-405-351. Gravação Ghantecler, São Paulo, Gravação Estúdios Rozemblit, Recife. Mixagem Estúdio Gravodisc, São Paulo, 1980.

Lado 1- 1-Chegada das pastoras- DP recolhida por Gerson Filho; 2-O patrão e a patroa- DP; 3-Sacudi(sic) a poeira- DP, recolhido por Gerson Folho; 4-Vida

danada- Idalvo Dias de Oliveira- Gerson Filho 5.-Somos pastorinhas- Clemilda. 6- Pastoril do Meloso - Idalvo Dias de Oliveiras - Gerson Filho.

Lado 2- 1- Noite escura- DP, recolhida por Gerson Filho; 2- Preta Marieta- DP, idem; 3-Boi na linha- DP idem; 4- Minha viola, DP idem; 5- O sapo batendo papo. DP idem; 6-Nascimento de Jesus - Ataíde de Oliveira- Clemilda.

No texto da contracapa, Fernando Dória, o apresentador cita: “O Meloso tem neste longa duração o seu batismo de fogo”.

LP MELOSO, PASTORIL E FORRÓ. LP Talisman, Salvador(BA) 599-404-568, s.d. 1991(?)

Lado 1-1-Show de Manue-

la- Idalvo Dias, canta Meloso; 2- Morena linda- Adalvenon, canta Adalvenon; 3- Pinta de galã- Luiz Paulo, canta Luiz Paulo; 4- Gato da Judite- Galdino Alves e Idalvo Dias, canta Meloso; 5-Assim dizia Luiz - Luiz Paulo, canta Luiz Paulo; 6- Umbuzada azeda- Adalvenon, canta Adalvenon.

Lado 2- 1-Minha gravação- Luiz Paulo, canta Luiz Paulo; 2-Pastoril do Meloso- Maria Josinete, canta Meloso; 3-Garoto comilão- Adalvenon, canta Adalvenon; 4- Dólares e cruzados- Luiz Paulo e Jorge Henrique ; 5- E mais é má- Francisco Carlos e Idalvo Dias, canta Meloso.

CD PASTORIL DO MELOSO, 1997. Gravação doméstica, coletânea.

1- Show de Manuela; 2-Gato



de Judite; 3-Pastoril do Meloso; 4- E mais e...; 5-Patrão mais a patroa; 6-Vida danada; 7- Preta Marieta; 8~- Boi na linha; 9-Noite escura; 10- Chegada das Pastorinhas.

PARA OUVIR MAIS PASTORIL

LP Pastoril do Faceta. Bandeirantes Discos (Wea Discos), 1978.

Cacá Diegues em seu filme Bye, Bye Brasil, inclui a música Bacurinha, do 1.º LP do Faceta.

LP Pastoril do Faceta vol 2. Bandeirantes Discos, 1979.

LP Plenitude. Maria Alcina. Som Ind. E Com. S/A. COIP S/A. COIP nº 12-498, São Paulo, 1979. Inclui a música É mais embaixo!.

LP Pastoril do Faceta Vol. 3. Bandeirantes Discos, 1980.

LP Pastoril do Velho Xaveco. Eu já fui bom nisso. LP Direcional, Limoeiro (PE) LP nº 00401, 1991.

LP Pastoril do Velho Barroso. LP Passarela, nº 60.103. Gravadora Rozemblit, Recife, 1978.

CD Veio Mangaba e suas pastoras endiabradas. CD 398-420-223-2, Geléia Geral, Warner Music Brasil, 1997. aqui se trata de recriação do fato folclórico; é puramente peça teatral erudito, não gênero folclórico.

PARA CONHECER MAIS A RESPEITO DE PASTORIL, LEIA:

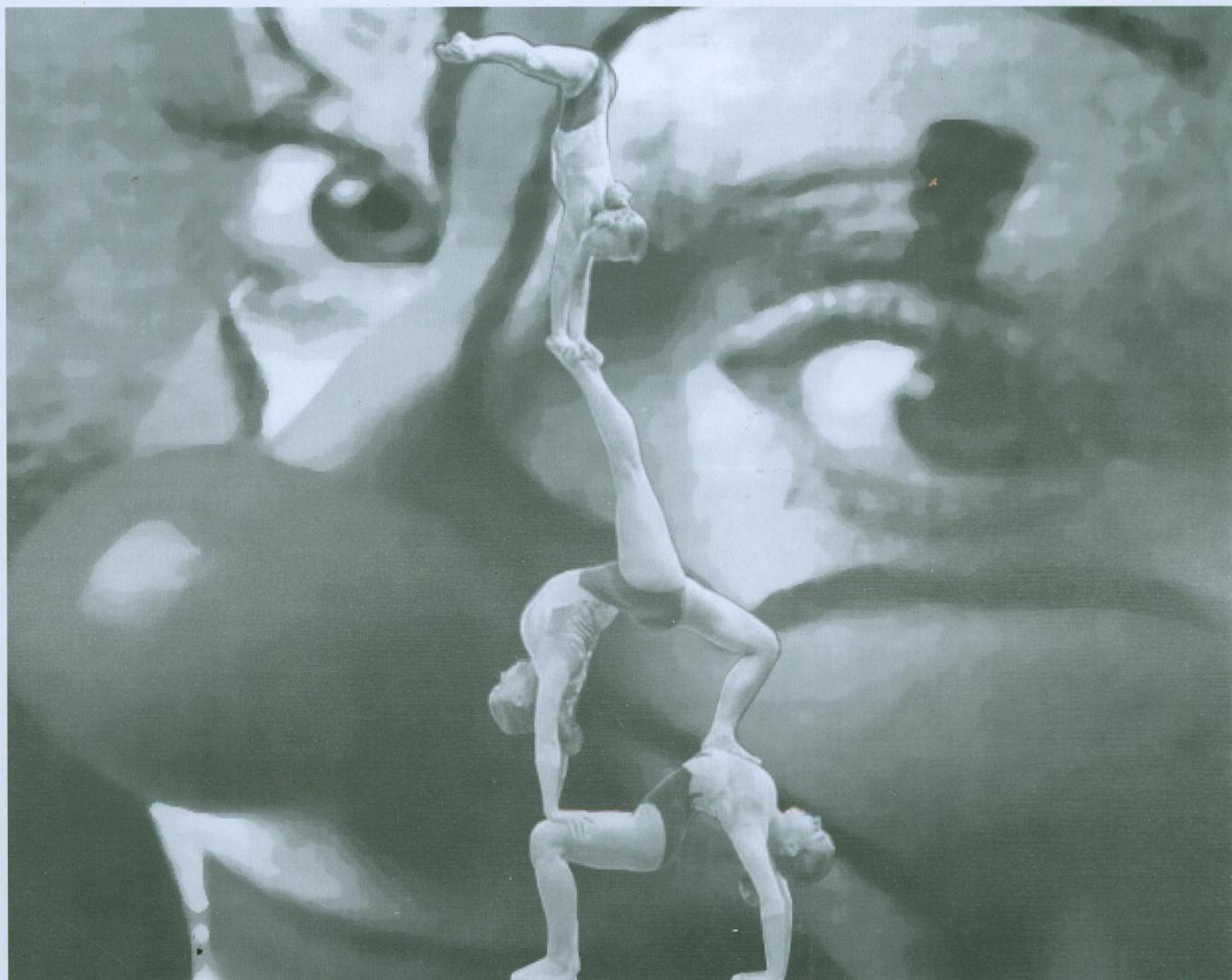
ROCHA, José Maria Tenório.

-----Um pastoril com piadas e anedotas grossas. Jornal de Alagoas, Maceió, 15 mar. 1979. Cad B:l.

-----Folclorista alagoano defende Pastoril do Faceta como manifestação folclórica. Jornal de Alagoas, Maceió, 18 nov.1979. Cad B:l.

-----Pastoril dos estudantes. Folhetim Funted, Maceió: Fundação Teatro Deodoro, s.d. (1982) Folhetim nº 39.

-----Os pastoris profanos. In:O obsceno, jornadas impertinentes. São Paulo: Hucitec/ Intercon, 1983, pp.122-135.





SANTOS MILAGREIROS NO CEMITÉRIO DE BARRETOS

Francisco Gabriel Junqueira Machione

Departamento de Folclore – Olímpia/SP

A crença popular nomeia pessoas que tiveram mortes violentas, trágicas, passagens pela vida, em desgraça, enfim, pessoas que experimentaram, na existência, o gosto amargo do sofrimento.

Não importam a forma e o meio da tragédia. O relevante é a crença. O importante é acreditar. Se alguém foi, na vida, feliz, normal, mas teve morte violenta, foi assassinado; se alguém passou pela existência, deficiente físico, em sofrimentos atroz; se alguém sofreu morte inesperada, violenta, como, por exemplo, um doloroso desastre; se alguma criancinha feliz foi morta por um anormal; se alguém morreu de doença atroz, após muito sofrimento, todos esses falecidos têm a potencialidade de se tornarem santos milagreiros.

O ingrediente seguinte é, apenas, a fé de alguém pedindo ajuda, necessitando de graça, alguém que acredita em milagre,

alguém que cultiva a fé nalguma coisa a mais do que a realidade banal de cada dia.

Se alguém pediu graça, a qualquer um dos mencionados aqui e foi atendido (ou melhor, conseguiu seu intento), seja ele lá o que for, o círculo do milagre se fechará e marcará o nascimento de novo santo milagreiro, popular.

Imaginemos que dona Maria, conhecedora da morte da jovem Conceição do Itambé, peça-lhe uma graça, a cura de uma ferida crônica na pele. Continuará se tratando com seu médico. De repente, dona Maria é curada. Ela vai afirmar convicta que foi obra da santinha.

Os remédios do médico ela esquece. Assim nasce um santo milagreiro. Angelina Saudino, a Santinha Prostituta, recebia poucos pedidos, de alguns que conheciam a sua história.

Um dia a EPTV fez larga reportagem sobre ela, há uns dez

anos. Resultado: até uma senhora de São Paulo veio cumprir promessa que recebeu, após assistir a um noticiário, convicta do milagre obtido.

Hoje, o túmulo de Angelina é repleto de flores, veleiro e velas. Maria Aparecida Conceição, a jovem assassinada no Itambé (hoje Ibitu), atende todas as graças. Angelina, a Santinha Prostituta, paradoxo dos paradoxos, concede graças e curas a pessoas que possuem amores impossíveis ou proibidos: homem casado com moça solteira, vice-versa e outros impedimentos que a sociedade condena.

Angelina é o paradigma da contestação, dos excluídos do bom costume. É o modelo de protesto contra as convenções sociais, feitas pelo homem, para cercar sua própria liberdade. Já o Carrasco (João Estefânio) que na vida foi boêmio, notívago, e curtidor de boa cachaça, agora atende pedidos de todas as crian-



ças, no seu repouso eterno.

Houve um santo milagreiro temporário em Barretos, há muitos anos, a senhora Ikeda, cujo túmulo era de granito. Na época da seca, o acúmulo de água em seu interior, resultante do período das chuvas, fazia minar água por uma das frinchas de suas paredes.

Muita gente ia buscar água

no local, interpretando o líquido vertido ali como santo.

Outros santos milagreiros, de notoriedade passageira, foram reverenciados em certas épocas, para depois passarem ao esquecimento, cedendo lugar a outros. “Quem na vida viveu na dor, na eternidade conhecerá o louvor”, certa vez escreveu sobre os santos milagreiros, meu amigo José

Vieira.

Louvados sejam os santos milagreiros, santos de plantão, que existem em todos os cemitérios, servindo cada um a determinado mister de devoção. Benditos os que foram eleitos pelo povo, a representá-lo no céu, junto a Deus, aos santos, ao panteão dos bem-aventurados e dos anjos.

A santinha dos amores impossíveis

Existe no Cemitério Municipal de Barretos um monumento funerário com uma história tão misteriosa, fascinante e tenebrosa que os anos subseqüentes aos fatos foram burilando, pouco a pouco, uma lenda, com tal força e carisma, que só é possível classificá-la como uma das mais belas e pungentes que a vida pode tecer para continuar além da morte.

Aquela mulher estava desorientada pelo grande drama que lhe roía o íntimo. Quando entrou no cemitério tinha no rosto cansado a marca de sua grande preocupação. Era separada, com dois filhos atravessando a adolescência. Sua cabeça, nos últimos dias, girava num turbilhão louco de pensamentos descontraídos. Vivia agora na luta desesperada entre a razão e a paixão, os preconceitos e a vontade incontrolável de continuar aquela aventura que, apesar de todos os pesares, todos os prognósticos desfavoráveis, acalentava ardentemente no íntimo. Às vezes, até então, era nas lágrimas, no disfarce de um choro discreto que lavava a alma e um pouco daquela mágoa e daquele desespero.

Uma amiga orientou-a a firmar-se na devoção da “Santinha



dos Amores Impossíveis e Proibidos”, uma moça assassinada no começo do século, de nome Angelina e que já fizera muitos milagres em atendimento a pedidos de ordem afetiva, fossem eles os

mais difíceis e escusos. E na ocasião disse-lhe: _ ela é a verdadeira defensora de casos amorosos e paixões proibidas. É só implorar com fé, fazer a promessa, que a graça virá imediatamente. Mas

vá escondida. Não deixe ninguém vê-la, senão a graça não vem. As palavras da outra encorajaram-na. E preveniram-na. E então, agora, lá estava ela, furtiva como seu sentimento, com um maço de velas à mão, esgueirando-se pouco antes da hora do cemitério cerrar seu portão, na súplica de uma solução de seu desespero. A amiga advertira-lhe, na despedida, que para o atendimento da promessa não esquecesse do detalhe essencial: acendesse as velas no anonimato ou oferecesse flores, mas quando ninguém estivesse perto, sem que viva alma a visse na prática do ato de devoção.

Tão absorta estava no que deveria fazer, que nem notou a poucos metros de distância, apadrinhado ao grande mausoléu, um jovem, ansioso também em ali pedir uma graça - esquecer um amor que lhe trouxera muito sofrimento e mágoa. Este procurava chegar, como ela, sem ser visto, ao mesmo túmulo onde a moça martirizada em 1920 jazia. A mulher, depois de acender, uma a uma, as velas levadas, gaguejou em rápidas palavras uma prece sincera e esperançosa e saiu apressada como chegara, temerosa de olhares indiscretos. Foi-se embora.

O moço, vendo o local disponível, aproximou-se e ao lado da caixa retangular de metal que resplandecia cheia de fulgores das chamas das velas, com muito cuidado, ajoelhou-se para acender a sua. Ele havia levado apenas uma. Acendeu-a, inclinou-a gotejando um pouco de cera quente e fixou-a ao chão. Orou. Depois, disfarçando seu ato, foi saindo numa meia volta, distraído ainda com o pensamento no fervor que o levará até ali. De repente, seu corpo resvalou em outro. Assustou-se. Levara um encontrão com uma

jovem de “tez clara, muito mi-mosa e de rara beleza”, com uma criança nos braços, vinda de direção contrária. Desculpam-se. Entreolharam-se. Ela disfarçou, mas não conseguiu esconder o que trazia na mão direita fechada: uma vela e, na esquerda, um rosário de contas brancas. Ele, meio desconcertado, titubeou, ainda se desculpando e depois seguiu seu caminho, buscando o portão do campo santo. Então mais calmo, parou ali. Ela era de uma formosura invulgar. Mesmo vendo-a de relance, ficou deslumbrado. Nunca em sua vida vira beleza tão suave, tão majestosa e cheia de tanta candura. Procurou entabular conversa com o guarda enquanto esperava a passagem daquela moça linda que o encantara, quando voltasse buscando a saída. Mais tarde, disse a um amigo que sua intenção de tornar a vê-la não tinha malícia alguma. Apenas se impressionara com aqueles traços fisionômicos perfeitos. Pareceu-lhe o arquétipo pleno de beleza e feminilidade que contemplara naquele momento fugaz de hesitação.

Ficou papeando por longo tempo ao lado da entrada com o guarda que estava acompanhado de um homem quase careca de mais idade e de uma senhora gordalhona, morena. Às 18 horas, o primeiro prontificou-se a fechar o portão. Era hora do encerramento das visitas. Curioso, ele perguntou ao funcionário se ele não ia esperar aquela moça linda, com uma criancinha no colo, voltar de suas preces para sair.

O guarda perguntou-lhe onde a encontrara. Ele explicou meio sem graça, disfarçando, que tinha sido bem em frente ao túmulo da Angelina, a protetora dos amores impossíveis e proibidos. A senhora encarou-o muito séria e continuou assim enquanto

fazia o sinal da cruz e murmurava uma prece. Notou que as mãos da mulher, enquanto benzia-se, tremiam. O senhor, meio calvo, ao lado, então lhe disse: _ isto acontece sempre quando a santinha vem avisar a alguém que sua graça será atendida e quando ela garante assim, aparecendo, nunca falha. _ E continuou emocionado: _ foi ela mesma que você viu. Ela e sua criancinha morta no dia em que nasceu.

_ Você estava lá pedindo alguma coisa ou pagando alguma promessa? _ perguntou o guarda ao rapaz. E acrescentou: _ tem muita gente vindo aqui ultimamente para rezar para ela. O seu túmulo sempre está cheio de velas. Esta alma abençoada tem feito muitos milagres para quem nela tem fé.

_ Não. Não. Eu passava por lá casualmente. Fui visitar o túmulo de minha família que fica mais abaixo dali _ respondeu o moço, ruborizando-se.

Despediu-se dos três e saiu com o coração repleto de felicidade.

Tinha a certeza que a santinha dos amores impossíveis e proibidos atenderia seu pedido. Mas ninguém mais, a não ser ele, ficaria sabendo deste detalhe...

Angelina Saudino foi uma criatura predestinada a ser diferente. Ela estava fadada, inexoravelmente, a se tornar alguém, mesmo que fosse à custa de algum estigma social, se assim tivesse de ser. Por alguns anos morou em Olímpia/SP, depois em Bebedouro, onde se casou.

Foi uma criança inteligente, uma menina linda e uma adolescente maravilhosa. Era encantadora à primeira vista, pelo menos para os padrões de estética de então. O historiador barretense Olindo Menezes, que a conheceu e privou de sua amizade,



disse que tudo o que se falasse de seu encantamento e sua beleza seria insuficiente para descrevê-la. Dermeval de Almeida comentou, certa vez, sua formosura invulgar.

Numa época em que se dava tanto valor à poesia, à declamação - apesar da intelectualidade da mulher ser obstada, castrada por preconceitos hoje considerados absurdos - Angelina era magistral em suas interpretações declamatórias. Animava qualquer ambiente com sua vitalidade e alegria, que eram contagiantes. Esses atributos, aliados a uma beleza fora do comum, fizeram dela uma mulher

acima dos padrões médios; mas uma pessoa infeliz que acabou vítima no verdor dos vintes anos de uma tragédia que abalou Barretos no ano de 1920. Casou-se muito cedo. Tinha quatorze anos apenas quando contraiu núpcias com o mineiro Luís Gonzaga Sant'ana. Este era 12 anos mais velho que a noiva. A união não

deu certo. Depois de um passo aqui, outro acolá, de encontrões a encontrões pela vida, seu espírito irrequieto levou-a, depois de separada do marido, à vida de aventuras. Começou em Barretos a ser notada e cortejada pelos figurões da cidade. Em pouco tempo ficou famosa, conhecendo o tenente-coronel José Garcia de Vassimon. Este era francano. Veio para Barretos em 1906. Exerceu aqui sucessivamente as profissões de dentista, comerciante, pecuarista e banqueiro. Homem de vanguarda, foi um dos primei-

ros a introduzir na região o gado zebu. Político, figurou primeiramente como membro do partido dos "Araras" de Silvestre de Lima e depois nos "Pica-paus" de Antônio Olímpio. Em 1910 contraiu casamento com dona Guilhermina de Freitas, filha do coronel José Justino de Sousa Júnior. Em 1911 foi nomeado ajudante do Procurador da República e exerceu vários cargos municipais. Foi vereador e vice-presidente da Câmara Municipal. Poeta de horas vagas, músico, executava com maestria as cordas de seu violão.

Como político precavido, tomara certos cuidados, às vésperas de determinada eleição. Para

que assolavam aquelas paragens nos fins do século dezenove e virada do século vinte.

Vassimon tinha perdido a cabeça quando conheceu Angelina, numa de suas escapadelas e passou a procurá-la com insistência, cada vez mais apaixonado. Apesar desta vida irregular, Angelina continuou a viver na casa paterna, dizem alguns. Vassimon queria-a inteira para si e todo tempo que tivesse no mundo. Pagou para isso. Na época comentou-se que desembolsou seis contos de réis. Montou casa para sua jovem amante na avenida 11, entre as ruas 18 e 20, próxima ao córrego.



garantir sua vida e guardar suas costas mandou buscar um bom capanga em sua terra natal. De lá então, veio por seu mando um crioulo de nome Pedro Aprigio dos Santos. Chegou bem recomendado pela gente do tenente-coronel Vassimon. Passadas as eleições, Pedro Aprigio continuou por aqui. Gostava de ser o "anjo da guarda" do patrão.

O coronel José Justino, seu sogro, um dos mais abastados fazendeiros de nossa região, viera de Santana do Paranaíba, Mato Grosso, fugindo dos distúrbios

E sua vida com a família?

Começou a ir de mal a pior. As rugas transformaram-se em querelas, estas em brigas e sua esposa dona Guilhermina desesperava-se. Ela sabia da existência da amante. As residências eram relativamente próximas. Vassimon tinha então 36 anos. Por precau-

ção, colocou Pedro Aprigio como um cão de fila na casa da amásia. Era um misto de pretoriano e sombra de plantão para guardá-la e, melhor ainda: vigiá-la.

Pedro Aprigio cumpriu na íntegra sua tarefa de guardião de Angelina, até o dia em que dona Guilhermina descobriu que a amante do marido estava grávida. Comentavam os de sua época que, desesperada, levou ao conhecimento do pai o fato embaraçoso. Coronel José Justino, com larga experiência em resolver esses tipos de questões de ma-

neira rápida e eficiente deu-lhe quinhentos e vinte mil réis para que ela comprasse a lealdade do capanga de Vassimon, fazendo-o pender para seu lado. Esta é a versão mais divulgada do fato que veio a redundar na grande tragédia.

Com esse dinheiro, deveria contratar o capanga para uma empreitada definitiva. Na melhor oportunidade que aparecesse, ele deveria assassinar a causadora das desavenças no lar de sua filha e, aproveitando o ensejo do ato, terminar com a possibilidade do genró ganhar um filho por vias tortuosas.

Como Aprigio tinha trânsito constante e desembaraçado nas duas residências, pois era agora sombra do tenente-coronel Vassimon e o anjo da concubina, a tarefa de comprá-lo foi fácil para dona Guilhermina. Quinhentos e vinte mil réis nos distanciadados idos de 1920 era dinheiro para botar respeito e água na boca da cobiça de qualquer um. Topou o contrato. Mataria a linda italianinha sem que o patrão soubesse e embolsaria o montante proposto. Daí então, começou a “sondar” os hábitos da vítima com maior cuidado. Angelina, grávida de quase sete meses, tinha paixão por cinema. Toda noite, acompanhada de uma criada, ia assistir a uma sessão no cine Éden. Saía de lá por volta das nove. Descia a rua 18 até a avenida 11. Sua casa ficava próxima à esquina.

Sabendo desse itinerário, Pedro Aprigio preparou a tocaia rente ao portão e ao muro de sua casa, onde a luminosidade era pouca. Negaceou a presa várias noites. Então, aproximadamente, às 22 horas, do dia 22 de janeiro de 1920, na volta do cinema, Angelina, vendo um vulto escondido nas sombras do muro, na entrada de sua casa, chamou

um jovem que ali passava, como garantia, para abrir a passagem. Quando as duas mulheres entraram, ouviu-se um tiro e um grito. Angelina caiu ferida...

No dia em que ia consumir o atentado, Pedro Aprigio dos Santos preparou-se com estilo para o crime. Vestiu paletó preto, calças brancas, botas de cano alto e convidou duas moças que trabalhavam na casa de D. Guilhermina para uma foto juntos.

Um parêntesis: no Velho Oeste, quando um pistoleiro ia duelar com outro fazia questão de se vestir da melhor maneira possível. A rigor, terno, gravata, chapéu. Depois procurava um fotógrafo. Se morresse, a foto do seu derradeiro dia ficaria para a posteridade. Se vencesse, serviria de recordação para ele de um momento difícil em sua vida. Parece que o futuro assassino, numa antevisão das conseqüências de seu ato, munuiu-se para a história dos crimes hediondos barreenses com tal documento. Com cinqüenta mil réis dados a mais pela mandante, tomou vinho e duas “Líbias” (nome do guaraná fabricado em Barretos por Luiz Fabrini, refrigerante famoso em toda a região na época). Após o disparo correu, mas foi posteriormente preso numa pensão no bairro Fortaleza.

Angelina foi socorrida na Farmácia mais próxima, na rua 18, esquina da avenida 13, propriedade de Juca Barros, medicada e ouvida pelo delegado doutor Aristides de Albuquerque. A arma do crime foi uma garrucha de dois canos, calibre 44. Portava também uma faca, além de algumas balas de reserva nos bolsos.

Transcorreram os dias. Angelina, paralítica, a bala lesara-lhe a espinha, ainda viveu quase um mês no hospital “Casa de Caridade”, onde hoje funciona a “Socie-

dade Espírita 25 de Dezembro”.

Olindo Menezes, muito jovem na época, e seu amigo desde a infância, ia quase todos os dias visitá-la. Contava este historiador que nem no leito do hospital ela perdeu o viço e o encanto. Vaidosa, penteava-se, empoava-se a toda hora.

Declamava poesias e alegre, otimista, esperava o parto próximo, tentando adivinhar como seria a criança. Ela, no desespero e na dor, continuava a mesma jovem deslumbrante. Não esmorecia ante a desgraça.

Nesse ínterim, o coronel e a família foram passar uns tempos em Franca, até que a situação se acalmasse. Os boatos e as maledicências tomaram conta do noticiário de boca e ouvido da cidade, o disse-que-disse funcionou à vontade sobre o assunto. Um homem do porte e valor de Vassimon e o que ele representava ante a comunidade de Barretos foi suficiente para a deflagração de uma crise nos meios políticos e sociais da cidade. Dividiram-se as opiniões.

O pior estava para acontecer. No dia 16 de fevereiro, Angelina não resistindo aos padecimentos, faleceu. No mesmo dia morreu também a criança, batizada com o nome de Maria. A morta, dizem alguns sobreviventes daquela época, continuava linda. Impressionava, mesmo já possuída pela imobilidade macabra da morte.

O zelador do cemitério era José Carlos Gomide, homem sensível, espírito bem dotado, músico, como todos os membros de sua família. Gomide, naquele dia, imortalizaria, com poucas palavras, o fato, as exéquias, de uma maneira inusitada.

Naquele tempo, o auto de inumação era diferente do atual, em que só se coloca nome do extinto, nome do pai e causa mortis.





Além disso, ainda se acrescentava um pequeno currículo do morto, a gosto e estilo de quem fazia o apontamento. O zelador, comovido pela harmonia, pela candura da beleza daquela jovem, por sua conta acrescentou: “A extinta era de uma tez clara, muito mimosa e de beleza rara”. Quando grafou a palavra beleza, sua letra até então firme, caligrafia perfeita, falseou no l, pela emoção, denotando o que já ia a seu íntimo sensibilizado com a tragédia.

Aquela frase diferenciou-se de todos os autos de inumação em enterros barretenses dantes e depois. Deixou para os pósteros a mais significativa avaliação da formosura de Angelina. Tal afirmativa, de efeito, sincera, lavrada com emoção legítima, resumiu o contexto e a pungência daquele acontecimento.

O túmulo, dizem, foi pago pelo coronel Vassimon no anonimato. Este, ainda com receio da opinião pública, mandou que se gravasse na dedicatória não seu nome, mas de um “sincero amigo”. A construção deste

monumento funerário não é bela nem pomposa. De mármore branco de Carrara, trata-se de um obelisco de quatro faces, em base e topo, tudo isso encimado por uma cruz, permeada por arabescos em baixo relevo. A base é singela. Essa secção é guarnecida nos quatros cantos por vasos (lanternas inflamadas de mármore). No alto, os quatro lados salientes são enfeitados por minúsculos pináculos

de formato obeliscóide. O topo termina em quatro faces em planos inclinados. Numa das faces, lado esquerdo de sua via de acesso, está gravado o epitáfio. Diz ele: “Jazem aqui os restos mortais de Angelina Saudino, nascida a 21 de novembro de 1899 e falecida a 16 de fevereiro de 1920 e sua filhinha Maria nascida e morta nesta mesma data. Saudade de seus paes e de um sincero amigo.” Mais abaixo, um fragmento de poema de Gustavo Teixeira, notável vate da cidade de São Pedro, fragmento este adaptado para este fim por Osório Falleiros da Rocha. Diz assim: “Quem tem uma illusão ridente nunca a perde, nem que outras illusões nasçam no coração, que é uma roseira verde coberta de botões...”

Angelina iniciou seu repouso eterno naquele dia. Mas não descansou esquecida por muito tempo. Pouco depois, alguém se condoendo do desenlace violento daquele drama e que tinha no coração um pedido escuso, um caso de amor proibido, lembrou-se de Angelina. Pediu uma graça

à morta. E foi atendido. Depois outro, e outro, e mais outro. Passaram também a rezar em intenção da alma da pequena Maria, o anjinho inocente que sobreviveu apenas algumas horas.

Foi um crime que abalou os alicerces de duas famílias e de toda a sociedade barretense. Mas, na continuidade dos anos, a protagonista central deste enredo de violência, ódio e desagregação familiar, continua no seu repouso, atendendo os seus fervorosos suplicantes. Quem lhe é devoto evita ser flagrado, colocando velas ou flores. Ninguém gosta de se denunciar portador de um amor escuso ou impossível. Quem a ela recorre, a procura nas horas mais sossegadas, faz seu pedido, oferece seu voto, velas, flores ou bilhete e sai rapidamente. É a regra básica de ser fiel nas solicitações a Angelina. Por isso que seu túmulo é sempre vazio de gente. Mas quantos, em surdina, por ali passaram e passam, implorando uma graça ou pagando uma promessa atendida? Em julho de 1926, o juiz Belmiro Simões considerou que contra a co-ré D. Guilhermina não existia nos autos outro elemento de prova, a não ser o depoimento do co-réu Pedro Aprígio, reformou o despacho da pronúncia contra D. Guilhermina, dando baixa na culpa.

Olindo Menezes comenta que Angelina estava grávida de dois ou três meses. Surgiu uma lenda de que Angelina no dia 16/02 deu à luz uma criança e faleceu.

No registro de óbitos não encontramos nenhuma referência a essa criança. Provavelmente deveria estar grávida de alguns meses, confirmando, em parte, a existência da criancinha, mas não nascida na data de sua morte.

Carrasco

Outro local que sempre recebe visitante é a perpétua de João Estefânio, o conhecido Carrasco. O túmulo se localiza na quadra 15 do Cemitério de Barretos. Sob a lápide está gravada esta elegia feita por Assis Canoas: Sepultado na paz deste jazigo. Que o povo de Barretos lhe doou. Jaz o "Carrasco" em derradeiro abrigo. Orai por ele, que foi grande amigo das crianças que em vida sempre amou. Ele nasceu em 1905 e morreu em 27 de junho de 1955. Tinha fama de amigo e protetor das crianças, por isso recebe muitas homenagens em seu túmulo de fiéis que acreditam ter alcançado graças com a sua ajuda.

Carrasco era um homem agradável no trato e de sensibilidade apurada na arte de fazer amigos. Carrasco por quê? Era um preto meão, forte e baixo, a cara constante e infalivelmente ornada de uma barbicha hirsuta, pontuda. Daí o apelido. Dizia que ganhara o apelido "pelo" cavanhaque e arrematava gargalhando forte: - que trocadilho infame!

Sua carantonha escura e aquele pontão peludo, afilado, no queixo, eram sua marca registrada, seu selo de presença e garantia. Na estética era tal e qual um verdugo, destes de gravuras, histórias em quadrinhos e ilustrações.

Mas, no dia-a-dia, na noite, nas madrugadas, fazia uma verdadeira gama de personagens admiráveis.

O passado de João Estefânio, como ele se chamava, era obscuro. Dizia que tinha servido na Marinha de Guerra. E que no



Rio havia participado de noites memoráveis, serestas ao lado de cantores famosos como Chico Alves, Nelson Gonçalves, quando este era ainda rapazinho e muitos outros.

Papo de malandro? Quem sabe. Saudade verdadeira de fatos passados, reais? Mentirinhas para engrandecê-lo, na época, perdido no ocaso da vida, numa cidadezinha do norte paulista?

Apenas indagações. A verdade disto ficou sendo propriedade sua. E morreu com ele. Trabalhava, às vezes, com regularidade, aqui e ali. Outras vezes vivia da precariedade de biscates, limpando quintais, recolhendo e rachando lenha e, assim, sobrevivia.

À noite, era a hora da transformação. Aquele homem calmo, educado e comportado metamorfoseava-se. Na virada da noite já estava mais aceso que fogão de pensão.

Carrasco então penetrava no seu mais perfeito elemento,

a boêmia. Depois de uma girada por alguns botecos e bares, estava pronto para a segunda e mais importante parte de sua requintada programação noturna.

A essas alturas, já podia contar em volta de si com uma pequena multidão de fãs, frequentadores do sereno, e notívagos desocupados.

Pedido ia, pedido vinha e, depois de escolhido o repertório e de umas boas doses de caipirinhas, iniciava seu "show" que nunca mudava. Atacava, no vozirão firme, músicas antigas de serestas. Estrondava no peito e garganta: - Meeu doooce amôôôr porque pensa ainda em miiiiim.

O "amôôôr" era longo, estirado e num caprichado urro de deixar qualquer leão trêmulo de inveja. Continuava: - Não choremos a vida passada, porque todo romance tem fliiiiiim... O seu "fiiim" quase não tinha fim de tão longo.

Quarteirão que o Carrasco





sapecava sua garganta, ninguém dormia. Na verdade não cantava, estrugia. Canhoneava as palavras, uma a uma, de verso a verso, num bombardeio formidável. Sua artilharia verbal estremecia a madrugada, dominadora. E o sossego capitulava. Até parecia que a polícia e a guarda noturna da época não davam bola ao desassossego causado pelas suas cordas vocais possantes. Ninguém perturbava seus memoráveis “recitais”.

Depois, como consagração de espetáculo, seus aficionados começavam a pedir o início da sessão das “carrascudas”. As “carrascudas” como ele mesmo batizara suas gargalhadas bombásticas, eram verdadeiras “arrasa-sossego”.

Essa sua invenção, quando iniciada, era lenta, suave... Medida como um há ... há ... há e ia aumentando, aumentando, aumentando, até chegar ao máximo que sua garganta agüentava e seu peito garantia e resistia. Acabava num profundo roncado, gutural, firme e prolongado. E como durava!

E lá ficava ele, pelos bares do centro, que, na época, permaneciam abertos a noite inteira, ou então na zona do meretrício, rodeado da moçada despreocupada, fazendo estremecer as imediações por onde estava, azucrinando os que dormiam.

Sua presença era obrigatória, para o pessoal da noite, naqueles bons primeiros anos da década de cinqüenta. Este era o boêmio.

Durante o dia sua personificação era outra, na vida. Virava Papai Noel de ébano, e gran-

de parte do que ganhava gastava com balas e doces para presentear a molecada. E como brincava!

A meninada do primeiro grupo o idolatrava. Na saída das aulas, lá estava ele inventando meios de fazer rir, engendrando patuscadas.

Uma delas era fazer sumir o cigarro na língua. Depois ficava soltando fumaça pelo nariz, resfolegando qual locomotiva da Paulista, com o cigarro escondido na boca. A molecada vibrava.

Um dia correu a notícia. O carrasco morreria. A princípio ninguém acreditou. Mas, afinal, era verdade. Acontecera.

Tinha apenas 51 anos. O coração daquele “negrão” forte, sacudido, deixara finalmente de bater. Mas, os corações agradecidos das crianças que o idolatravam e, eram tantas, dos amigos noctâmbulos, das incontáveis amizades que angariara, bateram mais forte naquele dia, na amargura de sua perda.

Teve velório enorme. O enterro foi concorridíssimo, com a garotada toda da cidade, homenageando aquele Papai Noel,

mais para Pai João.

Deixara tantas saudades, que durante suas exéquias, foi feita até uma proposta emocionadíssima do Libia Fabrini, para que se prolongasse por mais um dia tudo aquilo e embalsamasse seu corpo, para que todos seus admiradores pudessem ter a oportunidade de vê-lo pela última vez.

Hoje, seu túmulo é bem visitado no Cemitério municipal. Sabem por quê?

Carrasco, que em vida foi verdugo só de nome, e bom homem no trato e paciência com que lidava com os pequeninos, na morte, virou santo milagreiro.

Quem tem alguma graça por conseguir, principalmente se tratando de boa nota em escola, promoção de ano letivo, é só ir até lá e pedir com fé.

O João Estefânio de cavanhaque pontudo não falha no atendimento. Continua a amparar nos confins da eternidade quem pede e precisa.

Nessas artes e artimanhas de ajudar o próximo, o Carrasco velho de guerra não nega fogo.

É só pedir para ver.



Santinha Maria Aparecida



O túmulo de Maria Aparecida da Conceição é o mais visitado, localizado na sepultura perpétua, número 741, quadra número 1. Ali seus devotos construíram sob o túmulo, uma cobertura de telhas de amianto, onde são colocados ex-votos, santos, flores, quadros, fotos, orações. Tudo isto lembrando graças alcançadas. O dia mais movimentado de visitas é segunda-feira. Ali são cumpridas novenas e trezenas. Esta adolescente Maria Aparecida Conceição, foi assassinada, em Itambé, hoje Ibitu, em 1942, na noite de 10 de março.

É uma história pungente e envolvida em lances dramáticos que começou numa família cuja matriarca casou-se duas vezes. A primeira com João Teixeira, tendo vários filhos, entre estes, Maria Conceição. Enviuvandose, casa-se com João Silveira Santana, tendo com este dois filhos, um menino e a garota Isaura.

Enviuvou-se novamente. Então amasiou com Antônio

Pires Cordeiro, que tinha idade para ser seu filho. Ela, com 49 e ele com 31. Antônio era natural de Juciabi, Bahia, deixando por lá esposa e filhos. Passado algum tempo, Cordeiro começou a apaixonar-se pela enteada mais velha.

Não conseguiu conviver muito tempo com essa situação que o atormentava. Um dia falou com Josefa, sua decisão de separar-se e casar-se com sua filha. Em depoimento, disse Antônio, que a própria Maria Conceição aceitou seu pedido. Depois, sabendo, através de prosa da família, ser ele casado na Bahia, voltou atrás e começou a negar-lhe qualquer possibilidade de compromisso.

Ele, apaixonado, desesperou-se. Estavam montados todos os componentes para o palco da futura grande tragédia. Diante desta situação insustentável, Josefa resolveu mudar-se de casa, com suas filhas. Foi para uma casa junto às lavouras de algodão de Joaquim de Souza. Como al-

gumas galinhas haviam ficado na casa de Cordeiro e só poderiam ser pegas quando empoleirassem, à noite, ela mandou as duas filhas, Isaura e Conceição, apanhá-las no fim da tarde.

Já próximo a casa, as irmãs encontraram Antônio Pires Cordeiro, que apareceu de repente, e, agarrando Maria Aparecida da Conceição, exigia explicações porque ela não queria mais compromisso com ele. Ela tentou desculpar-se, amedrontada, numa tentativa de ganhar tempo. Ele não acreditou e avançou com violência. Ela caiu ao chão e este lhe encostou um revólver na cabeça e disparou.

Isaura, sua irmã, fugiu e viu o clarão do tiro na cabeça de Maria Aparecida, caída. Depois, ainda esfaqueou-a várias vezes. Em seguida foi à casa de José Neves Paixão, e confessou-lhe ter praticado uma "arte".

Após o crime, Antônio foi preso pelo subdelegado Eduardo Borsato. Foi condenado a 10 anos



de prisão, na Penitenciária do Estado.

Começou a fantasia popular a sobrepor a realidade sem graça e descolorida do lugarejo. As lendas começaram a nascer em torno do crime que roubou a vida de uma adolescente linda e de beleza inocente, pura. Cada um, no lugar, tinha sua versão, seu ponto de vista, atrelado ao mundo mágico, maravilhoso, onde os bons são sempre recompensados, na graça de Deus.

Iniciou-se espontaneamente a criação de um novo santo milagreiro barretense. Saiu estória de que onde o sangue da vítima pingou, não coagulou por muito tempo.

Segundo Sebastião Ferreira da Silva, funcionário municipal, o médico legista não quis retirar a faca do corpo, pedindo ao assassino que assim o fizesse.

E que quando tiraram a algaema do criminoso, este puxou a

faca e o sangue jorrou do corpo. Este depoimento é tão fantasioso que deixamos de comentá-lo.

Nos autos do processo, não existe nenhuma explicação quanto à retirada da faca, que sendo tarefa legal do legista, ninguém ia levar até o necrotério o assassino para desembainhá-la do corpo morto.

Por curiosidade, a faca era marca Domestic, de vinte quatro centímetros de cabo e treze e meio de lâmina, com dois centímetros e oito milímetros de largura. O revólver era calibre 38. Ainda, na seqüência das lendas, depondo em reportagem de Thomas Aquino, ao jornal "O Diário", o senhor Sebastião Ferreira, contou que pressentiu que a morta queria falar com ele, quando foi colocá-la no caixão.

Ele disse: _ pode falar. Mas Maria Conceição, dramaticamente, só para contrariar sua curiosidade, já no limbo da eternidade,

não lhe disse nada.

Aí foi fácil o roteiro para encontrar motivo da criação de estórias e mais estórias, o folclore avolumou-se, e a lenda agigantou-se e nasceu o novo santo milagreiro. Promessas começaram a serem feitas, algumas deram certo. E o santo nasceu para a credulidade popular. Que seria do homem se não recorresse ao dom da crença, ao sentido da fé. Que seria este mundo sem a esperança ante as maravilhas de um milagre, de uma cura impossível, de um atendimento de graça relevante. Por isso é que entre o céu e a terra devem existir os intermediários bem-aventurados, os mensageiros, para encaminhar suas súplicas, dirigir suas preces, elevar suas promessas até o mais profundo dos céus e entregá-los, confiá-los à essência do pai.

Esta é a missão do santo milagreiro. Ou, pelo menos, seus devotos acreditam.



ACHEGA AOS FALARES ESTUDANTIS OLIMPIENSES

José Carlos Rossato Departamento de Folclore – Olímpia

Ao longo das últimas décadas, nos empenhamos em levantar este palpitante assunto. Colocamos, muitas vezes, da forma mais indireta possível, ouvindo os jovens, quase sempre, sem indagá-los diretamente, acerca dos vocábulos e expressões usadas no cotidiano, pela classe estudantil da cidade “Menina-Moça”. Adentrando, paulatinamente, entre eles, fomos sentindo o resultado da prática em desenvolvimento. Inicialmente usando gravador portátil, alimentado por pilhas, e, com o tempo, anotando o que se ouviu. Quando sentimos necessidade, exemplificamos em seguida.

Partes dos verbos e expressões verbais foram registradas no infinitivo impessoal. No entanto, há casos em que foram anotados num só tempo verbal, de um único modo e apenas em uma pessoa, respeitando, rigorosamente, as fontes informativas.

No âmbito educacional _ não apenas no interior dos muros da escola pública propriamente dita _ vive-se a prática de um vocabulário específico, mesclado ao vernáculo. Esse léxico próprio do universo estudantil, registrado entre os educandos, extravasou os seus parâmetros, inicialmente suposto, adentrando na vida doméstica e em outros nichos sociais. Obviamente, o inverso é também lógico e absolutamente verdadeiro. E, em função disso, ocorreu como processo compensatório, em contrapartida, o recebimento de outros vocábulos e expressões, numa verdadeira

simbiose, para o enriquecimento do processo informativo no coloquial do dia-a-dia olimpiense. Sentimos, de forma evidente, que os órgãos de comunicação de massa, especialmente a televisão, tem contribuído sobremaneira, notadamente nos últimos lustros, com progressiva popularização desse instrumento, tão utilizado pelo povo. É certo que a televisão deseduca, destrói valores seculares, criando e até modificando outros. Entrementes, é a realidade que não se deve e jamais podemos negá-la.

O rádio, numa proporção menor, de acordo com a classe social, também incute.

E as migrações internas? Como elas influem!...

No caso específico de Olímpia, pode-se apresentá-las em duas vertentes. Uma que será denominada de compulsória, controlada, em termos, por uma usina produtora de açúcar e álcool. Essa valorosa empresa utiliza mão-de-obra sazonal, especialmente em dois períodos: o do plantio e o da colheita da cana-de-açúcar para a industrialização. Nessas duas épocas, levadas e levadas, sobretudo de mineiros, baianos e nordestinos de outros Estados, chegam para atender a demanda. Trazem a força de trabalho para ser vendida, retornando após cumprir a missão proposta pela economia capitalista que comanda não só a região, mas, como não poderia ser diferente, também o restante do País. A rigor, é uma verdadeira transumância social. A outra ver-

tente é bem menor. É composta pelos caminhoneiros que cortam o Brasil nas mais diferentes direções, quer influenciando, quer sendo influenciados pelos nossos irmãos de outras plagas. Nela, também estão embutidas as migrações turísticas, não só trazendo visitantes para os nossos Festivais de Folclore (nacional em agosto, e internacional entre abril – maio) como para outros pólos atrativos, como o Thermas dos Laranjais e outros. Tanto o fluxo quanto o refluxo nesses marcos turísticos deixam marcas indelévels no processo existente. É perfeitamente perceptível esse fenômeno humano, sendo necessário apontar o contingente de alunos transferidos.

O levantamento que concedeu condições para a realização deste trabalho, embora tenha sido iniciado há considerável tempo, certamente permanecerá e continuaremos recebendo novas contribuições, tendo em vista que o dinamismo da cultura continua em marcha acelerada.

Cabe-nos salientar, como pretensão lexicógrafa, que o linguajar que nos referimos é considerado, pelo menos parcialmente, polissêmico. Em outras palavras, tem mais de uma acepção. Em certos casos, várias. Quando essa situação ocorre, para ficar bem explícito, a partir do segundo, antecede o algarismo arábico correspondente. Não relacionaremos as frases feitas pelo povo, isto é, locuções consagradas pelo uso frequente



(e, muito menos, outros aspectos folclóricos que inventariamos), para mantermos a fidelidade ao objetivo do planejamento desta pesquisa de campo proposta no projeto inicial deste trabalho. Eles ficarão reservados para vindouras oportunidades, quando poderemos ampliar o leque em outros aspectos próximos deste específico assunto.

Os valores culturais e os hábitos refletem não só no idioma, mas certamente em outros compartimentos (não na concepção de isolamento), muito pelo contrário, nas manifestações artísticas na culinária do povo, nas quadras anônimas, nos ditados da nossa gente, e em variados outros aspectos.

Cabe-nos mencionar uma frase

do sábio geógrafo Milton Santos, baiano, de nascimento e us-piano de coração:

“...vivemos a época da informação, uma vez que comunicação é compartilhar emoções e isso nós não fazemos”.

Acrescentamos o pensamento do escritor italiano Umberto Ecco:

“A informação é quem transmite. A comunicação é de quem recebe”.

Mas tentamos e continuaremos na luta, para quem sabe, um dia comemorar. A persistência e o tempo são molas-mestra, quando nos empenhamos em atingir um objetivo com ardor.

NOMENCLATURA INVESTIGADA

Do universo perquirido, utilizamos, neste ensaio, uma pequena parcela, aproximadamente de um quarto a um terço do material coletado, o que significa uma considerável parcela. Nada mais fácil, justo e humano foi “dividir o pão”. Para facilitar a leitura e, notadamente, eventuais consultas, os termos fluem em ordem alfabética, a saber:



À BOCA PEQUENA. Às escondidas.

A LEITE DE PATO. Sem dinheiro.

ABACAXI. Algo ruim, indesejável, problema, questão de difícil solução.

ABAFAR. Ato do goleiro defender a bola.

ABAFAR. Furtar.

ABAFAR A BANCA. Ganhar muito em jogo de bicho, comprometendo a situação econômica do banqueiro do jogo.

ABECÊ. Rudimentos iniciais de um assunto ou ciência.

ABECEDÁ. Tolo, ignorante, imbecil, estúpido.

“ABEIA” (abelha). Rapaz citadino que age como caubói.

“ABEIA BRABA” (abelha brava). Peão fraco que não consegue permanecer em cima do animal.

ABILOLADO. Abobalhado.

ABOMBADO. Cavalos velho cansado e ofegante.

ABONADO. Endinheirado.

ABORRECENTE. Adolescente.

ABORRESCÊNCIA. Adolescência.

ABRAÇAR. Acreditar.

ABRAÇO DE TAMANDUÁ. Abraço de hipócrito.

ABRIDEIRA. Primeira dose (pinga, conhaque, fernet, etc) 2 – Cerveja.

ABRIR O BICO. Acusar alguém, falar muito do desnecessário.

ABRIR O JOGO. Falar o que sabe.

AÇÃO ENTRE AMIGOS. Rifa.

ACERTAR NA MOSCA. Acertar com exatidão.

ACHACADOR. Aproveitador, principalmente pedindo dinheiro emprestado.

ÁCIDO. Pinga.

AÇO. Faca, canivete, facão, punhal. 2 – Dinheiro.

“AÇOQUERO” (açougueiro). Médico incompetente. 2 – Péssimo dentista.

ACREDITAR. Incentivar.

AÇÚCAR. Cocaína.

ADEGO. Cavalos que vagueia pelos campos.

ADVENTISTA. Oportunista.

AEIOU. Ignorante.

AÉREO. Distraído.

AEROLULA. Avião presidencial de grande luxo, adquirido durante a administração do atual mandatário brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva (2002-06).

AFANAR. Furtar.

AFETADO. Portador de doença venérea.

AFRICANO. Feijão preto.

AFUNDAR O PÉ NO ACELERADOR.

Motorista que corre exageradamente.

AGIOTA. Pessoa que pratica a usura.

AGRADO. Propina.

ÁGUA-DE-CHEIRO. Perfume

ÁGUA MORNÁ. Lerdo, lento, vagaroso.

ÁGUA NO CHOPE. Festa estragada.

ÁGUA PINTADA. Leite.

ÁGUA QUE GATO NÃO BEBE. Pinga.

AGUADA. Mulher extremamente loira.

AGUADO. Animal estressado, cansado, sem condições de pular durante a montaria.

ÁGUIA. Inteligente, ágil, esperto, portador de raciocínio rápido, aprendizagem veloz. 2 – Astuto, malandro.

AIO. Pessoa que se dedica à educação doméstica de crianças pertencente às famílias abastadas ou importantes.

“AJUDINHA” (ajudazinha). Suborno direcionado a alguém.

ALARÁCA. Confusão.

ÁLCOOL MOLHADO. Transformar o álcool anidro em hidratado, usado como combustível.

ALEGRE. Sob o efeito de álcool.
ALFINETAR. Falar mal de alguém.
ALHO. Velhaco.
ALI. Polícia.
ALICE. Pederasta abobalhado.
ALINHADO. Bem vestido.
ALISAR O BANCO ESCOLAR. Frequentar as aulas sem receber o desejável aproveitamento.
ALISO. Focado.
ALTO ASTRAL. O moral elevado.
ALUADO. Amalucado
ALUNO-FANTASMA. Educando inexistente, cujo nome consta dos registros, mas é uma falsa matrícula.
ALUNO-PAPEL. Discípulo que existe somente no papel. Equivale ao anterior.
AMACIAR. Facilitar.
AMACIAR. Promover libidinagem.
AMA-DE-LEITE. Senhora que amaamenta criança que não é seu próprio filho.
AMARELINHO. Carteiro.
AMARELITO. Idem.
AMARELO. Chinês, coreano, japonês, outros orientais e descendentes.
AMARRAR O GATO. Defecar, evacuar.
AMA-SECA. Moça que cuida de crianças, sem, contudo, alimentá-las com leite humano.
AMASSAR CAPIM. Deitar em capim.
AMEIXA. Projétil, bala de revólver.
AMEIXA-QUENTE. Tiro.
AMIGA. Amásia, concubina.
AMIGO DA ONÇA. Futebolista que marcou gol contra seu próprio clube. 2- Falso, hipócrita, traiçoeiro.
AMIGO DO ALHEIO. Ladrão, larápio.
AMIGO DO PEITO. Pinga. 2- Sutiã. 3- Xarope.
AMIZADE COR-DE-ROSA. Flerte, fase que antecede ao namoro, paquera.
AMOLECER. Facilitar, não colocar em prática ordem superior.
AMOSTRA-GRÁTIS. Indivíduo de baixa estatura. 2 – Sexo pré-marital ou sem compromisso.
“ANARFA” (analfa). Ignorante.
ANCA. Nádegas.
ANDAÇO. Diarréia.
ANDORINHA. Prostituta.
ANEL. Soco desferido com a mão fechada e com força.
ANGU. Barulho, confusão.
ANGU DE CAROÇO. Confusão. 2 – Algo difícil e complicado.
ANJO DA GUARDA. Protetor.
ANTA. Idiota, imbecil.
ANTENA. Espião.
ANTENADO. Interessado.
ANU PRETO. Pessoa de cor.
AO DEUS-DARÁ. Ao acaso. 2 – Gançada.

APADRINHADO. Protegido por pessoa influente no meio social. Ex: Fulana só conseguiu vaga por ser apadrinhada da diretora.
APAGADO. Indisposto, sem energia. 2 – Morto, assassinado.
APAGAR. Matar, morrer.
APANHAR O SABONETE. Pederastia.
APÊ. Apartamento.
APELAR. Não aceitar a provocação.
APELAR PARA A IGNORÂNCIA. Brigar.
APELO. Tipo de falha cometida durante a montaria (cavalo ou boi), como segurar a corda de apoio com as duas mãos.
APETEÓ. Apartamento.
APIMENTADO. Acalorado. Ex: O debate ficou apimentado.
APITAR. Morrer. Ex: Beltrana apitou ontem.
APOSTA ESPELHO. Aposta em que o sistema eletrônico gera outra, escolhendo os outros cinqüentas números não registrados na original. É bem usada na Lotomania.
APRONTAR. Engravidar. 2 – Insultar seriamente. 3 – Promover desordem.
APURRINHADO. Cavalo ou touro bom de rodeio, que dá trabalho ao peão.
APURRINHADO. Importunado.
AQUÊ. Dinheiro.
AQUELA QUE MATOU O GUARDA. Pinga.
AQUÉM. Pouco dinheiro.
AQUENDAR. Copular.
ARAME. Dinheiro.
ARAPONGA. Espião.
ARAPUCA. Desonestidade, embuste, engodo, ardil. 2 – Negócio ilícito.
ARAQUE. Mentira.
ARAQUIRI. Duvidoso, não ser de boa qualidade.
ARARA. Empresa fantasma criada para aplicar golpes financeiros na praça firma falsa.
ARARUTA. Quadra anônima bem conhecida
ARCO-DA-VELHA. Estória fantástica. 2 – Arco-íris.
ARGOLA. Aliança, anel de noivado, casamento. 2 – Ânus.
ARIGÓ. Bobalhão, otário. 2. Caipira.
ARMAR O BARRACO. Criar confusão.
ARRASAR. Acabar. 2 – Vencer, vencer.
ARRASTA-PÉ. Baile popular, às vezes improvisado.
ARRASTAR A ASA. Ter preferência indistinta.
ARREBENTAR A BOCA DO BALÃO. Obter êxito.
ARREBITE. Bala. 2 – Estimulante usado por alguns que dirigem à noite.

ARREBITE. Psicotrópico. 2 – Projétil.
ARREGAÇADO. Estragado, quebrado.
ARREGAÇAR. Estragar.
ARREPANHADO. Avaro.
ARRIPUNAR. Enfastiar, repugnar.
ARRISCAR UM OLHO. Tentar obter sucesso.
ARROMBA-PEITO. Cigarro de péssima qualidade.
ARROTAR. Blasfemar.
ARROZ COM CASCA. Petulante, metido a ser o que não é.
ARROZ COM FEIJÃO. Algo simples, sem complicação.
ARROZ DE FESTA. Pessoa que está sempre presente em atividades de lazer.
ARROZ DOCE. Pessoa não convidada que adentra as festas onde são servidos alimentos e bebidas.
ARTEIRO. Traquina, irrequieto.
ARTISTA. Quem sabe viver bem.
ÀS PAMPAS. Muito legal.
ASSANHADA(o). Extrovertida(o).
ASSENTO. Nádegas.
ASSOMBRAÇÃO. Pessoa muito feia.
ASSOVIO-DE-CACHORRO. Aguardente.
ASSOVIO-DE-COBRA. Cachaça.
ASSUSTA-BOBO. Prova escrita ou oral, sem aviso prévio aos alunos.
ATARRACADO. Apertado.
ATAZANAR. Atrapalhar.
ATENDER. Praticar sexo.
AUÊ. Barulho.
AURÉLIO. Dicionário.
AUTÓPSIA. Furtar bêbado.
AVACALHAR. Anarquizar, bagunçar.
AVE. Prostituta.
AVE DE RAPINA. Político fisiológico.
AVEXADO. Envergonhado.
AVIÃO. Aluno menor de idade que age no interior ou defronte da escola vendendo drogas aos colegas, recebidas de traficante.
AVIÃOZINHO. Idem ao anterior.
AZEDUME. Azia.
AZEITADINHA. Suborno.
AZEITEIRO. Indivíduo extremamente lisonjeador, capaz de adular servilmente. 2 – Gigolô. 3. Pessoa que gosta de fazer média.
AZEITONA. Projétil.
AZEITONAR. Balear, atirar.
AZUCRINAR. Deixar alguém furioso.
AZULAR. Fugir, sumir, desaparecer.





BÁ. Equivale a ama-seca.
BABÁ. Idem.
BABADO. Problema.
BABILÔNIA. Confusão.
BABOSEIRA. Impropério.
"BACAIAU" (bacalhau). Pessoa muito magra, nem sempre doentia, podendo ser até trabalhadeira.
BACANA. Legal, ótimo.
BACIA DAS ALMAS. Preço irrisório.
BADALAR. Lisonjejar.
BADULAQUE. Sem sabor comercial.
BAFAFÁ. Desentendimento.
BAFÃO. Aglomeração ou confusão de pessoa. 2 – Confusão, anarquia.
BAFI. Briga antecedida por confusão generalizada.
BAGACEIRA. Bebida alcoólica preparada com uvas.
BAGAÇO. Pessoa de pouco valor. 2 – Criança raquítica e fraca.
BAGAGEIRO. Nádegas.
BAGAROTE. Dinheiro.
BAGUÁ. Bravo, nervoso. 2 – Animal selvagem e bravo.
"BAGUIO" (bagulho). Algo sem valor.
BAGUM. Baderna, desordem proposital.
BAHIA. Baiano. Ex: Bahia, quanto custa o côco?
BAITA. Grande.
BAIÚCA. Antro, lugar ruim.
BAIXO CLERO. Conjunto de deputados sem a expressão política adequada.
BALADA. Festa noturna para jovens com música ao vivo e bebidas alcoólicas.
BALAIÓ DE GATO. Algo complicado, de difícil solução.
BALANGA FUMEGA. João ninguém, pessoa comum.
BALEIA. Mulher gorda.
BALELA. Conversa sem sentido, estória mal contada.
BALZAQUIANA. Mulher com idade superior a trinta anos, bem trajada e com ares de orgulhosa.
BAMBA. Valentão.
BANANA. Cartucho de dinamite. 2 – Palerma, moleirão.
BANCA A MINHA. Pague a conta.
BANCAR. Pagar.

BANDEIRA BRANCA. Posto de gasolina sem ter obrigação naquele momento de vender determinada marca de combustível, exclusivamente, por ter encerrado o contrato e geralmente está à venda ou em vias de arrendamento.
BANDEIRAR. Auxiliar de árbitro de futebol que trabalha com bandeira.
BANZÉ. Algazarra, bagunça.
BARATA. Pessoa insignificante.
BARATINADO. Mentalmente perturbada.
BARATO. Legal.
BÁRBARA(o). Elegante, bonita (o).
BARBEIRO. Incompetente no que faz.
BARBEIRO. Motorista, ciclista ou motocicleta ruim.
BARBI. (Vindo do nome comercial da boneca Barbie) – Pederasta.
BARNABÉ. Funcionário público da base.
BARRA-LIMPA. Boa situação.
BARRA-SUJA. Algo escuso.
BARREIRA. Fita que marca o início da prova. Jamais poderá ser "queimada", isto é, ultrapassada pelo peão antes do tempo estabelecido.
BARRIGA. Notícia falsa. 2 – Gravidez.
BARRIGA DA PERNA. Panturrilha.
BARRIGA DE CERVEJA. Gordurinha incômoda e indesejável que se acumula na região abdominal, principalmente nos mais idosos e de meia idade.
BARRIGA DE DOIS. Parto de gêmeos.
BARRO. Fezes.
BASE DO AGRIÃO. Viver na sombra e com água fresca.
BASEADO. Cigarro de maconha.
BASQUETE. Trabalho.
BATALHA. Jogo de futebol concorrido.
BATATA-QUENTE. Problema.
BATATA-QUENTE. Problema sério.
BATATADA. Silabada, mudança de acento tônico de vocábulo: gratuito por gratuito (o acento é no u e não no i, ao pronunciar).
BATE-BOCA. Discussão estéril, sem sentido e até acalorada.
BATENTE. Trabalho, serviço, ocupação profissional.
BATER PERNAS. Passear, visitar colegas, conhecidos e amigos.
BATER A LÍNGUA. Falar da vida alheia.
BATER AS BOTAS. Morrer.
BATER COM AS DEZ. Idem.

BATER COM A LÍNGUA NOS DENTES. Delatar.
BATER O BARRO. Declarar namoro.
BATER O MARTELO. Fechar negócio.
BATER O QUEIXO. Sofrer muito frio.
BATER UM FIO. Dar um telefonema.
BATERIA. Nádegas.
BATE-SACO. Baile popular.
BATE-VOLTA. Rápida viagem de sacoleiras que chegam cedo ao destino e regressam no mesmo dia.
BATIDA. Ronda policial. 2 – Pinga, limão e açúcar a gosto.
BÊ-Á-BÁ. Rudimentos iniciais.
BEDEL. Inspetor de alunos.
BEDELARIA. Local de encontro dos bedéis e onde guardam os seus pertences. 2 – Serviços da secretaria da escola executados por bedéis.
BELEZA! Legal, ótimo.
BELISCÃO. Advertência verbal. 2. Massa fina cortada aos quadrados, recheados com goiabada, enrolada no sentido transversal e assada.
BELISCÃO DE FRADE. Forma de castigo físico usado no passado. Consistia em um beliscão dado com os nós dos dedos (fechados) indicador e médio.
BELISCÃO DE FREIRA. Equivale ao anterior.
BELISCÃO DE MADRE. O mesmo do interior.
BELISCÃO DE PADRE. Idem.
BENGALA. Tipo de pão longo. 2- Pênis exagerado.
BENGALA DE OURO. Veterano.
BERO. Moço da cidade que tenta passar por caubói.
BERRANTE. Arma de fogo.
BERRO. Revólver.
BESOURO. Automóvel Volkswagen, modelo popular, conhecido também por "fusca", deixou de ser produzido em 1996.
BEXIGA. Variola.
BIBA. Pederasta.
BICANCA. Chuteira.
BICHA. Lombriga. 2 – Pederasta.
BICHAREDO. Ótimo.
BICHÁRIO. Local de concentração de pederastas.
BICHINHO DO RÃ-RÃ. Aids.
BICHO. Gratificação para o jogador de futebol, após a conquista de determinado resultado favorável à equipe. 2- Primeiroanista de faculdade ou universidade. 3 - Amigo.

BICHO DE SETE CABEÇAS. Algo complicado.
BICICLETA. Dois zeros.
BICO. Chute, pontapé.
BICO DE BURRO. Pênis.
BICO-DOCE. Pessoa que consegue justificar o seu pensamento em poucas palavras, convencendo o interlocutor.
BICOTINHA. Beijinho.
BIFE DE PADARIA. Pão francês partido ao meio com um bife.
"BIGUE" CACHORÃO. Sanduíche de cachorro-queente incrementado, além de duas salsichas.
BILAU. Pênis.
BILHETE AZUL. Transferência expedida como atenuante para que o aluno não seja expulso compulsoriamente.
BIMBA. Pênis de criança.
BIMBO. Pênis.
BINGA. Idem.
BIRAIA. Mulher da vida.
BIRITA. Cerveja.
BIROBÁ. Enfermeira.
BIRRA. Teimosia.
BIRITEIRO. Bebedor de cerveja.
BIRUTA. Abobalhado.
BISCA. Prostituta.
BITOTA. Beijo.
BLÁBLÁBLÁ. Conversa sem sentido, sem nexos.
BOA-PINTA. Vistoso, bem apessoado.
BOA-VIDA. Ocioso, improdutivo.
BOAZUDA. Mulher atraente, que impressiona.
BOBO. Pedagogo.
BOBO DA CORTE. Membro da diretoria de escola particular ou de fundação educacional. Ocupa função inferior, faz de tudo, até contra si, para favorecer a cúpula, auxiliando-a em todos os seus aspectos, até nos rejeitados pela honestidade.
BOBO-ALEGRE. Subalterno que faz de tudo para agradar a direção da escola.
BOCA DA NOITE. Começo da noite.
BOCA DE BURRO. Idiota.
BOCA DE CHUPAR OVO. Idem.
BOCA DE FERRO. Revólver
BOCA DE FORNO. Idem.
BOCA DE LIXO. Polígono formado pelas ruas do Triunfo, Aurora, avenidas São João e Duque de Caxias, largo General Osório e praça Júlio Mesquita. É também conhecido por quadrilátero do pecado. 2. Submundo que abriga ladrões, traficantes, prostitutas, pederastas e falsários, nas adjacências da Estação da Luz na capital paulista em direção ao antigo terminal rodoviário.
BOCA DE OURO. Pessoa que ostenta ouro nos dentes; é hábito arcaico, em vias de desaparecimento, desde meados do século XX, mas ainda existe.

BOCA RIC. Pessoa abastada.
BOCA-DE-SIRI. Segredo.
BOCA-PEQUENA. Confidencial.
BOCUDA. Traíra.
BOFE. Mulher feia. 2 - Quem aceita fazer qualquer programa por dinheiro.
BOI. Regras menstruais. 2 - Sanitário em péssima conservação. 3 - Menstruação. 4 - Banheiro público.
BOI RALADO. Carne moída
BÓIA. Refeição simples. 2 - Câmara de ar cheia para proteger pessoas nas águas.
BÓIA-FRIA. Trabalhador braçal, diarista, que, morando na periferia da cidade, se desloca para o trabalho no campo, levando consigo a sua alimentação, que será saboreada sem aquecimento, na temperatura ambiental.
BÓIA-FRIA DA EDUCAÇÃO. Professor itinerante que necessita lecionar em várias escolas para completar a carga horária satisfatória e suficiente para cobrir as necessidades básicas do profissional.
BÓIA-FRIA DO MAGISTERIO. Equivale ao anterior.
BOIANDO. Sem entender nada.
BOIÔ (boiou) ?. Entendeu?
BOI-SANFONA. Aquele que engorda nas águas e emagrece nas secas.
BOI-VERDE. Bovino de corte criado e engordado com capim e outros produtos orgânicos. Porém, podem ser vermifugados, vacinados e receber até alguns suplementos minerais, tudo controlado.
BOLA. Suborno. 2 - Zero. 3 - Louco. Ex: Fulano não é certo da bola.
BOLA "MUCHA". Medroso, covarde, algo ruim, pessoa de pouca ação.
BOLA DE CERA. Chiclete mascado que alguns alunos colocam em cadeiras e bancos para que ficam presos nas roupas de quem sentar. Há quem o coloque nas cabeças dos oponentes, seus colegas, humilhando-os.
BOLA FORA. Erro clamoroso, gafe.
BOLACHA. Bofetada no rosto. 2 - Vagina.
BOLACHA QUEBRADA. Negócio fácil.
BOLADA. Muito dinheiro.
BOLÃO. Pessoa muito gorda.
BOLAR. Usar a criatividade.
BOLEIRO. Futebolista 2 - Dirigente de equipe de futebol, mesmo amador.
BOLO DE REVEION (do francês Reveillon) NÃO-VENDIDO. Refere-se à moça que não se casou até a idade de 31 anos.
BOLOSTRÔ. Pessoa gorda.
BOLSA SUPERPOSTA. Quando uma escola particular, fundação educacional, indica (fraudulentamente) o nome de um mesmo aluno como beneficiário

de duas bolsas de estudos de diferentes origens, sem que haja conhecimento explícito dos ofertantes.
BOLSEIRO. Bolsista.
BOLSO-FURADO. Sem dinheiro.
BOM DE BICO. Equivale a bico doce.
BOM DE COPO. Pessoa que bebe muito.
BOM DE PRATO. Indivíduo que come muito.
BOMBA. Reprovação.
BONDE. Grupo de pessoa com objetivos análogos. 2 - Casal. 3 - Transporte ilegal de armas e/ou pessoas para atender atividades ilícitas.
BONDE DA HISTÓRIA. Oportunidade.
BONECA. Bonita, linda, maravilhosa.
BONECO. Guarda noturno.
BOQUETA. Guichê, local de atendimento ao público, através de abertura em parede.
BORBOLETA. Indivíduo que habitualmente procura vários consultórios médicos para confirmar ou não o diagnóstico conhecido e como solucionar o problema. 2 - Irregularidade bancária. 3 - Prostituta.
BORÉ. Dinheiro.
BORÓ. Abobalhado
BOROCOXÔ. Idem..
BORRECÊNCIA. Adolescência.
BORRECENTE. Adolescente que ignora o diálogo, achando ser o vencedor em tudo.
BOTAR BRONCA. Dominar.
BOTICA. Cantina escolar.
BRAÇO-DURO. Motociclista que desconhece literalmente o jogo de cintura. 2 - Quem não faz adequadamente as curvas por falta de coragem de inclinar o suficiente.
BRADE. Garoto propaganda muito conhecido e facilmente encontrado.
BRANCA DE NEVE. Idem.
BRANCA PURA. Cocaína.
BRANQUINHA. Pinga.
BRASIGUAIO. Brasileiro que vive no Paraguai e habituado aos usos e costumes daquele país vizinho.
BRASILEIRECO. Campeonato brasileiro da série C.
BRASILEIRO. Refeição composta de fritas, ovo, feijão, arroz e contra-filé frito.
BRECHA. Oportunidade favorável, possibilidade.
BRECHÓ. Local onde são vendidos objetos usados: acessórios, calçados, móveis, roupas, etc.
BRECHÓ. Local onde se comercializam objetos usados. 2- Forma de simplificar o nome Belchior.
BREGA. Ultrapassado, fora de moda,



desatualizado, obsoleto, arcaico, antiquado.

BREGANHA. Trocas de objetos ou animais em que eventualmente pode entrar algum dinheiro. O iletrado e o pouco letrado não são capazes de dizer barganha.

BREGUEÇO. Pênis.

BRETE. Local onde ficam reunidos os animais antes da prova.

BREU. Escuro.

BRIGA. Disputa.

BRIGÃO. Aluno provocador.

BROCA. Mentira.

BROCHA. Insignificante.

BROCOJÓ. Servente escolar.

BRONCA. Advertência.

BRONHEIRO. Mentiroso.

BRONZE. Dinheiro.

BROTA. Jovem, moça, beleza, bonita.

BROXA. Acabado.

BRUACA. Mala de couro cru na qual são

carregados os pertences usados no preparo da queima do alho, comida típica das caravanas de peões. 2 - Prostituta.

BRUCUTU. Atrevido, contundente e valente. 2 - Servente escolar. 3 - Pessoa feia, desajeitada. 4 - Ânus. 5 - Algo de pouco valor.

BUCHO. Mulher feia.

BUFUNFA. Dinheiro.

BUGUEIRO. Adepto do veículo tipo "Bug" (Bugue).

BUIÚ. Abobalhado.

BULHUFÁ. Nada.

BUMBUM. Nádegas.

BUNDALIZAÇÃO. Ampla vulgarização.

BURACO. Dívida. 2 - Local clandestino para promover o desmanche de veículos motorizados furtados. Posteriormente, as peças são lavadas, embaladas e distribuídas a firmas inescrupulosas que as comercializam.

BURACO NO MEIO DO CAMPO. Fa-

lha de um jogador desse setor, no futebol.

BURGUÊS. Aluno, professor ou autoridade educacional, tida como sendo rica, por vestir-se bem, de acordo com a moda vigente.

BURGUESÃO. Pessoa tida como muito rica, mesmo sem ser.

BURGUESINHO. Indivíduo que por trajar-se bem é tido como sendo rico, mesmo não sendo.

BURRA. Cofre de aço.

BURRALDO!. Forma de atrair a atenção da classe para um dos alunos que saiu da mediana, para a parte inferior.

BURRO!. Forma de desabafar sobre quem errou. 2 - Alguém com inteligência abaixo do normal.

BUSÃO. Ônibus

BUTIQUE. Vagina.

BUZANFA. Nádegas.



CABAÇO. Virgindade.

CABEÇA CHATA. Cearense e, por extensão, o nordestino em geral.

CABEÇA-SECA. Policial militar raso.

CABEÇA-CHATA. Nordestino, principalmente cearense.

CABEÇADA. Sucessão de insucessos.

CABEÇA-DE-PREGO. Furúnculo.

CABEÇA-DE-VENTO. Esquecido.

CABECEIRA. Excelente. Ex: Fulano é cabeceira na classe.

CABECEIRO. Quando o peão laça o animal pela cabeça.

CABEÇUDO. Pouco inteligente. 2 - Pênis.

CABELUDA. Muita sorte.

CABORÉ. Dinheiro.

CABRA. Menina ou moça levada.

CABREIRO. Muito desconfiado. 2 - Zangado.

CABRERO. Desconfiado.

CABRESTEIRO. Animal que aceita, com facilidade, ser conduzido por cabresto.

CABRITO. Menino peralta.

CABULAR AULA. Deixar de assistir a aula.

CABULOSO. Impressionante, muito bom, sensacional.

CACAU. Dinheiro.

CACETE. Pessoa esquisita.

CACHÁ. Forma reduzida de cachaça.

CACHIMBO. Vagina.

CACHOLA. Cabeça.

CACHOPA. Prostituta.

CACHORRA. Mulher desinibida para aproximar dos homens e seduzi-los. 2 - Mulher de soldado raso 3 - Mulher dissoluta que toma a iniciativa que quiser.

CACHORRO CHINÊS. Sanduíche preparado com salsicha fatiada, cebola picada, tomate cortado e molho de pimenta, não ardido, enrolado em massa de pão e colocada em forno quente para assar.

CACHORRO-LOUCO. Motociclista, geralmente embriagado ou dopado, jovem que realiza manobras incríveis e outras peripécias: via de regra empinando-a e promovendo outras extravagâncias, em motos barulhentas, pequenas e velhas.

CACIFE. Prestígio político. 2 - O banqueiro de jogos de azar.

CACIQUE. Líder, chefe político, detentor de considerada votação, em sucessivas eleições.

CADÁVER. Credor.

CADEIRA. Cargo efetivo de professor estadual.

CADEIRA DE BALANÇO. Professor de escola pública que habitualmente faz de sua classe um local de descanso. É uma

das maneiras de demonstrar a insatisfação pelo minguado salário, numa espécie de greve branca.

CADEIRA ELETRICA. Motocicleta grande, veloz e perigosa.

CADEIRAS (sempre no plural). Ancas, quadris.

CADELINHA. Prostituta.

CADUCO. Esclerosado.

CAFÉ COM LEITE. Casal de branco com outra de cor.

CAFÉ COM MISTURA. Café acompanhado de iguarias.

CAFÉ CONOSCO. Equivale ao anterior.

CAFÉ DE DUAS MÃOS. Idem.

CAFÉ DO DIABO. Café de péssima qualidade.

CAFÉ DO MATO. Café puro de origem, de boa qualidade.

CAFÉ GORDO. idem.

CAFÉ MASTIGADO. idem.

CAFÉ-CANTANTE. Local onde a rubiácea é servida ao som de cantores.

CAFÉ-COM-ISCA. Café acompanhado de algum alimento pequeno.

CAFÉ-COM-LEITE. Casal de branco e negra ou vice-versa. 2- Mulata. 3- Política de alternância de poder entre São Paulo e Minas, nas primeiras três décadas do século XX, na República Velha.

CAFÉ-CONCERTO. Local onde a rubi-

ácea é servida com música ambiente.

CAFEDÓRIO. Café aguado, fraco e sem nenhum sabor.

CAFÉ-ESCOLHA. Rubiácea de péssima qualidade.

CAFETÃO. Explorador de mulheres.

CAFETINA. Mulher habituada a explorar sexualmente pessoas do sexo frágil.

CAFIOLA. Cáften.

CAGÃO. Medroso.

“CAGÜETAGEM” (alcagüetagem). Denúncia anônima à polícia.

“CAGÜETE” (alcagüete). Delator.

CAI-CAI. Freqüentes quedas voluntárias de jogadores de futebol, tendo em vista o objetivo prático: passar o tempo.

CAÍDO. Apaixonado.

CAIR A FICHA. Lembrar.

CAIR DA CAMA. Levantar cedo.

CAIR DE CAVALO MAGRO. Sair-se mal.

CAIR NA BOCA DO BALAI. Não agüentar o primeiro pulo do animal.

CAIXA DOIS. Recursos não-contabilizados.

CAIXA-PRETA. Segredo.

CAIXINHA. Suborno que se passa a fiscal, indevidamente. 2- Colaboração espontânea que os clientes de cafés, lanchonetes e bares colocam no local onde está escrito: “caixinha, obrigado”.

CALABAR. Traidor.

CALÇA DE PULAR BREJO. Calça de pernas mais curtas.

CALÇA-CURTA. Desprevenido. Ex: Fulano foi pego de calça-curta no quintal do vizinho.

CALCANHAR DE AQUILES. Ponto fraco de alguém.

CALÇAR O PEITO. Comer algo.

CALDEIRÃO. Campo de futebol pequeno, onde a torcida fica mais próxima do gramado, promovendo pressão aos adversários.

CALHAMBEQUE. Carro velho.

CAMBADA. Bando de malfeitores.

CAMBALACHO. Malandragem.

CAMINHONEIRA. Lésbica bem masculinizada.

CAMISINHA. Preservativo.

CAMPEÃO. Pênis.

CAMPEÃO. Prato preparado com arroz, feijão, fritas, lombo assado em brasas, ovo frito e salada. É refeição predileta da juventude, nos encontros de peões em fazendas.

CANA. Aguardente. 2 – Prisão.

CANASTRÃO. Enganador.

CANCHA. Que conta vantagens fora de qualquer limite.

CANDINHA. Pessoa maldizente, geralmente servente escolar ou aluno medíocre.

CANELA. Perna.

CANELA DE SABIÁ. Perna muito fina.

CANETA-SECA. Arma branca (faca, facão, punhal, etc.).

CÂNHAMO. Maconha.

CANJA. Fácil.

CANJA DE CHALEIRA. Café com leite e torradas.

CANO. Prejuízo. 2 Pênis.

CANOVA. Caravana policial.

CANTADA. Assédio sexual.

CANTAR A BOLA. Antecipar um fato.

CANTAR DE GALO. Falar com ares de chefe. 2 – Quem assume chefia.

CANUDO. Certificado ou diploma.

CÃO CHUPANDO MANGA. Pessoa capacitada em algum trabalho, ofício ou estudo.

CAPACHO DOLARIZADO. Pessoa que fala “economês”, obedece ao FMI (Fundo Monetário Internacional) e tem pretensão para cargos públicos elevados.

CAPELA. Local em que os alunos ensaiam sempre o coro musical, sem ter necessidade de igreja, podendo ser uma sala comum.

CAPIM. Dinheiro.

CAPIM-GORDURA. Funcionário péssimo, aluno vulgar, professor descategorizado, profissional incompetente.

CAPIVARA. Ficha policial de criminoso.

CARA. Amigo.

CARA. Indivíduo, pessoa. 2- Amigo, colega.

CARA METADE. Cônjuge.

CARA PINTADA. Jovem rebelde.

CARA-A-CARA. Acareação.

CARA-DE-PAU. Pessoa sem escrúpulo.

CARA-DURA. Equivale ao anterior.

CARAMINGUÁ. Dinheiro miúdo.

CARCADA. Admoestação muito séria. Ex: A vice deu uma carcada na servente.

CARCAR. Aplicar séria admoestação verbal.

CARDEAL. Pessoa importante devido a posição funcional que ocupa.

CAREQUINHA. Criança que está com a cabeça raspada, com o cabelo cortado muito rênite ao couro cabeludo (por algum motivo). É alusão ao comediante Jorge Savala Gomes, conhecido por esse apelido, que nasceu em 1915 e faleceu este ano.

CARETA. Antiquado.

CARETA. Pessoa ultrapassada, retrógrada.

CARIMBEIRA. Almofada para carimbos.

CARNE-DE-PESCOÇO. Equivale a “capim-gordura”, ou seja, pessoa inadequada, indesejada, inconveniente, que geralmente é desprezada.

CARNEIRA. Sepultura simples.

CARNIÇA. Mulher que procura grupos de motociclistas, exclusivamente masculinos pretendendo arrumar namorado, ou pelo menos, amigo. 2- Motocicleta de baixa cilindragem, pequena, ruim, torta, de pouco valor econômico, e geralmente com multas a pagar. Ex: Fulano comprou uma carniça.

CARNICEIRO. Médico incompetente. 2 – Dentista desastrado.

CARROCHA. Carapuça de papel, empregada para representar um papel no palco, na escola de outrora. Algumas se sentiam discriminadas e envergonhadas, pela timidez.

CARONA. Passageiro que viaja em veículos motorizados, sem nada pagar.

CARPA. Mulher jovem que procura grupos de motociclistas do sexo feminino com a intenção de fazer farrá.

CARRAPATO-DE-CAVALO. É o mesmo que “carrapato-estrela” (Ambhyomma cajannense).

CARRAPATO-ESTRELA. Espécie que contamina os mamíferos (capivaras, cavalos e similares, além do homem) e as aves, provocando a doença conhecida por febre muculosa.

CARRÉ. Prato preparado com carne de porco.

CARREGADO. Quem usa roupa cântri (do inglês “country”), com diversas franjas e vários bordados.

CARTA MARCADA. Algo ilícito e indesejável.

CARTÃO AMARELO. Advertência verbal a aluno ou funcionário.

CARTÃO VERDE. Sinal de prévia autorização para o início de uma obra.

CARTÃO VERMELHO. Exclusão de aluno de escola pública emitida pelo Conselho de Escola.

CARTEIRINHA. Assíduo fã.

CARVÃO. Dinheiro.

CASADINHO. Pastel com caldo de cana. 2- Salgadinho com garapa (ou suco de fruta).

CASAR. Segurar o valor da aposta dos dois concorrentes. Ex: Vamos casar o dinheiro com o professor!

CASCA. Indivíduo improdutivo ou medíocre.

CASCA DE LARANJA. Celulite.

CASCABÓI. Carrancudo. 2- Esquisito.

CASCABULHO. Vestibulando que após várias tentativas não consegue ser aprovado em nenhuma instituição oficial.

CASCA-DE-FERIDA. Pessoa de má índole.

CASCALHO. Dinheiro.

CASCATA. Mentira.

CASCUDO. Tapa, croque, pé-de-ouvi-



do, sopapo. 2. Ignorante.

CASO. Envolvimento amoroso entre duas pessoas, não ligadas por laços de compromisso.

CASÓRIO. Casamento.

CASQUINHA. Profissional de poucos recursos.

CASSINO ELETRÔNICO. Através do prefixo 0900, o telespectador de diversas emissoras poderia telefonar para alguns números (cada emissora com o seu). Era cobrada, posteriormente o valor estipulado, em conta telefônica. O Ministério Público acolheu inúmeras reclamações e acabou com esse danoso jogo (1998) ao povo (3).

CASTANHA. Equivale a cascudo.

CASTELO. Registro de pressão para chuveiro.

CATA LOUCO. Ônibus que transporta trabalhadores braçais.

CATA-NIQUEL. Ônibus circular.

CATAR MILHO. Escrever a máquina (ou em computador) de forma vagarosa, utilizando apenas dois dedos.

CATARINA. Prostituta.

CATATAU. Criança pouco desenvolvida fisicamente em relação à idade cronológica.

CATORITA. Pessoa que professa, simultaneamente, os cultos católico e espírita.

CATRÂMBIAS! (sempre no plural). Esquisito.

CAUBÓI. Vaqueiro jovem.

CAVALETE. Indivíduo que não gosta de ficar sentado.

CAVALO. Deseducado, estúpido, rude.

CAVALO DE TRÓIA. Programa utilizado para escravizar computadores ligados à Internet. Geralmente vem escondido em arquivos de origem desconhecida. Quando o internauta abre o arquivo, sua máquina é infestada. Pode ir escondido dentro de animações de jogos, ou arquivos de origem duvidosa. Se obtiver o endereço eletrônico da vítima, o hacker atira o cavalo de tróia e passa a controlar o micro, podendo enviar vírus, inverter a imagem do monitor, abrir a gaveta do CD-ROM e destruir as informações contidas no micro. (1)

CAXIAS. Pessoa dedicadíssima e exemplar em tudo que faz.

CEBEZÃO. Aumentativo de CB (Ciclo Básico). Corresponde à segunda série ou CBC (Ciclo Básico de Continuidade), o complemento do período. Essa terminologia foi utilizada até 1997, pois no ano seguinte entrou em prática a nova LDB. (4).

CEBEZINHO. Diminutivo de CB (Ciclo Básico). É a primeira série ou CDI (Ci-

clo Básico Inicial) até 1997, postergada pela nova LDB.

CEBOLÃO. Relógio de bolso. 2- Denominação dada pelo povo ao Complexo Viário Heróis de 32, na capital paulista, inaugurado pelo governador Paulo Egydio (1978). A planta da obra arquitetônica é parecida com uma cebola.

CECÊ. Odor desagradável das axilas.

CÊ-DE-ÊFE. Aluno aplicadíssimo e dotado de bom comportamento social. A abreviatura desse verbete equivale a cu-de-ferro.

CERA. Má vontade em produzir.

CEROL. Mistura de cola e vidro moído de lâmpadas fluorescentes, passada em linha para empinar pipas. Essa linha fica cortante e não só danifica os outros papagaios, como pode até ferir pessoas que passam em logradouros públicos a pé, outras em motocicletas, até causando mortes, conforme tem corrido e divulgado (5).

CERVEJINHA. Suborno que se paga, indevidamente, a policial desonesto; é singelo diminutivo.

CESTÃO. Cesta básica com lata de doce.

CHÁ-DE-BANCO. Quando a moça fica sentada numa reunião social e ninguém se interessa em dançar com ela, por não atrair o sexo oposto.

CHÁ-DE-BAR. Despedida de solteiro, dias antes do casamento. Nem sempre é realizado em bar. É organizado de surpresa, pelos amigos. Esses levam pequenos objetos de presente, que servirão no futuro do casal, como espremedor de limão, abridor de garrafa, saca-rolhas, etc.

CHÁ-DE-CADEIRA. Equivale ao anterior.

CHÁ-DE-COZINHA. Despedida de solteira, organizada pelas amigas, pouco antes do casamento. É realizado na casa de alguém, não pode entrar homens, nem da família. As convidadas levam pequenos objetos para o futuro lar.

CHÁ-DE-PANELA. Equivalente ao anterior.

CHÁ-DE-URUBU. Cafezinho.

CHAINEDA. Mulher linda.

CHALEIRAR. Agradar excessivamente, além dos limites cabíveis.

CHALONGA. Pessoa lerda, sem expediente, boboca, lenta.

CHAMAR NO SACO. Repreender energeticamente.

CHAMAR O JUCA. Vomitar.

CHAPA. Amigo confiável. 2- Dentadura. 3- Pessoa que carrega e descarrega cargas de caminhões e carretas. 4- Raio X. 5 - Bilhete inteiro de loteria.

CHAPA CAMARÃO. Quando o eleitor vota somente em candidatos de sua coligação ou de um único partido.

CHAPADO. Embriagado. 2- Drogado.

CHAPARREIRA. Calça de couro com franjas usada pelo peão sobre a "jeans".

CHARBONÔ. Aula de educação sexual.

CHARUTO. Pessoa de cor. 2- Pessoa que recolhe as bolas que saem do gramado de futebol para que faça a devolução.

CHATO. Esquisito, ruim.

CHATO. Pessoa amolante.

CHAVASCA. Vagina.

CHECAR. Conferir.

CHEFÃO. Chefe de seção soberbo e arrogante.

CHEFIA. Pessoa que se considera importante, no exterior da repartição pública, na qual vende a sua força de trabalho.

CHEGAR NO "MIO" (milho). Entrar em pé de igualdade com todos, sem nenhuma diferença aparente entre os competidores.

CHEGUEI! Cor berrante que atrai as atenções das pessoas.

CHEIA. Grávida.

CHEIA DE LERO-LERO. Complicada.

CHEIO-DE-TITICA. Dengoso, esquisito.

CHEQUE CINCO ESTRELA. Cheque do Banco Itaú.

CHEQUE VOADOR. Sem fundo.

CHIFOSE. Subalterno com mania de chefe.

CHINELADA. Goleada.

CHINFRA. Pose.

CHIPES (sempre no plural). Militar de trânsito que pilota motocicleta amarela no exercício de fiscalizar.

CHIQUE. Esnobérrimo.

CHOCO. Chope com conhaque.

CHOCOLATE. Pessoa de cor.

CHOFER DE COZINHA. Merendeira, pessoa que prepara e serve as refeições em escola pública, além de lavar panelas, caldeirões, pratos, talheres, etc.

CHOFER DE FOGÃO. Idem.

CHOIO. Pessoa que aprecia e divulga os pratos da culinária japonesa.

CHOPRE. Chope com conhaque presidente.

CHOQUE. Grande susto. 2- Cumprimento rápido e amigável: oba, olá, oi, "oquei", etc.

CHOVE-NÃO-MOLHA. Indecisão.

CHOVER NO MOLHADO. Repetir incessantemente.

CHUCA. Mulher inibida.

CHULÉ. Lésbica.

CHUMBADO. Alcoolizado, bêbado, ébrio.

CHUMBAR. Reprovar. 2 - Assassinato com tiro (s).



CHUPANÇA. Parente que vive à custa de pessoas próximas, por não gostar de trabalhar.

CHUPÃO. Criança que faz o uso de chupeta em idade escolar.

CHUPETA. Criança que baba na escola.

CHUPIM. Marido que vive às expensas da mulher. 2- Aluno que, durante a prova, copia de seus companheiros próximos.

CHURRASQUINHO-DE-GATO. Espetinho preparado com carne bovina de péssima qualidade e de origem suspeita. Para amolecê-la, deixe-a mergulhada em leite de mamão. É colocada em espetinhos que são assados nas calçadas e na presença de fregueses que saboreiam com satisfação, às vistas de transeuntes.

CHUTANDO O PAU DA BARRACA. Reação impulsiva, temperamental, falando alto, sem pensar, explodindo, perdendo a paciência, saindo do controle, exagerado, reagindo extremamente, expondo sentimentos negativos, postura vigorosamente franca (e até falta de educação), alterando-se e gesticulando-se para se fazer entender.

CHUTAR O BALDE. Não agüentar mais nada e agir repentinamente.

CHUTE NAQUELE LUGAR. Algo desagradável.

CHUTE NO SACO. Idem.

CIDINHA. Aids. 2- Pederasta jovem.

CIÊNCIAS OCULTAS E LETRAS APAGADAS. Ignorante.

CIGANA. Pessoa que pratica a Cartomancia. 2- Mulher que pratica diversos negócios e, nem sempre, lícitos.

CIGANO. Indivíduo que usa cordões, medalhas e outros apetrechos em demasia, tidos como sendo de ouro, para atrair as atenções dos transeuntes.

CINTURA DE PILÃO. Cintura fina, linda, ideal para as moças.

CIPÓ. Dinheiro.

CITALÔ. Consumidor compulsivo do medicamento comercializado com o nome de Citalopram.

COBRA. Ótimo na prática do futebol. 2- Pessoa inteligente, persistente e culta.

COBRE. Dinheiro.

COBRIR O BURACO. Pagar dívida.

COÇA. Surra.

COCA-FAMÍLIA. Pessoa que pratica intimidades sem qualquer discriminação de local ou companhia.

COÇAR. Ficar ocioso, à toa, sem fazer nada.

COÇAR O SACO. Idem.

COCO. Cabeça.

COCORICÓ. Encontro de pessoas, principalmente mulheres que falam da vida alheia.

CODEGUIM. Lingüiça preparada com couro de porco lavado, moído e temperado; antes de servi-la é cozida em água.

CÓFI. Cafezinho.

COFRINHO DO TRABALHADOR. Depósito compulsório efetuado em nome do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço), pela empresa na qual trabalha. (6)

COIÓ. Abobalhado, idiota, imbecil.

COIOTE. Segurança, guarda-costas.

COITÉ. Cabeça.

COLA. Expediente desonesto, algo escrito (em parede, carteira, papel, corpo, etc.) que poderá auxiliar o aluno durante a realização da prova. Em suma, é cópia clandestina, fraudulenta, durante a realização da prova.

COLARINHO BRANCO. Autoridade. 2- Funcionário altamente qualificado.

COLHER DE CHÁ. Oportunidade, chance.

COM A BOCA NA BOTIJA. Em flagrante.

COM O CORAÇÃO NA MÃO. Com muito medo.

COM QUANTOS PAUS SE FAZ UMA CANOA. Saber as dificuldades.

COMENDA DE JACARÉ. Processo por vadiagem.

COMER ÁGUA. Beber pinga.

COMER BOLA. Ser subornado.

COMER GRAMA. Ter péssima vida.

COMO MANDA O FIGURINO. Na medida exata que deve ser.

COMPLETA. Pessoa que faz tudo, muito bem, na sua profissão artesanal.

COMPRAR BRIGA. Insultar, provocar briga e até aceita assumir o lugar de um amigo briguento.

COMUNA. Comunista.

CONTRATO DE GAVETA. Venda ilegal de imóvel financiado, sem que haja transferência oficial do vendedor (que o financiou) para o comprador. Este corre o risco de ter problema, oportunamente. Para a transferência, será preparado o contrato particular com força de escritura; após receber as assinaturas, será registrado em cartório (de registro de imóveis), transferindo-se o domínio do imóvel, que passa a ser mutuário do órgão financiador, geralmente a Caixa Econômica Federal. (8)

CONVERSA FIADA. Fala sem conteúdo ou monótona, aula exclusivamente expositiva. 2- Conversa sem nexos.

CONVERSA MOLE. Conversa sem sentido.

CONVERSA PRA BOI DORMIR. Conversa sem nexos.

COPO SUJO. Copo de bar com pasta de

sal e limão congelados na borda.

COPO-DE-LEITE (flor). Vagina.

COQUE. Toque com a mão fechada na cabeça das crianças, dado por colegas, geralmente, pelo seu rival, mais velho ou mais forte, com pretexto de provocação.

COR DE BURRO QUANDO FOGE. Cor indefinida.

CORDA BAMBA. Situação difícil.

CORDA INVISÍVEL. Confiança.

CORINTIANO. Mosquito *Aedes Aegypti*, causador da dengue, por ser listrado de branco e preto. 2- Massa de farinha com água, enrolada com recheio (geralmente presunto e queijo) e assada. 3 - Fanático.

COROA. Pessoa idosa.

CORONÉ. Corno é.

COROTE. Pessoa baixa e gorda.

CORPO DE MAÇÃ. Gordura que se localiza no abdômen e no tronco dos homens. É muito grave.

CORPO DE PÊRA. Gordura que se acumula nas nádegas e coxas em mulheres.

CORTA ESSA. Pare com isso.

CORUJA. Mulher feia, idosa e desajeitada.

CORVA. Idoso(a).

COSTURAR PARA FORA. Mulher que comete adultério.

COXINHA. Quem anda de motocicleta com roupa e calçados inadequados: bermudas, camisetas, chinelos, etc.

COZINHA. Área, no sentido defensivo, no futebol. 2- Os bancos do fundo nos coletivos.

COZINHAR COM POUCO FOGO. Ser previdente.

COZINHAR O GALO. Ser relapso na atividade

CRACOLÂNDIA. Polígono aproximado formado pela rua Aurora, avenida Rio Branco, avenida Duque de Caxias, Rua Mauá e Rua General Couto de Magalhães, onde o comércio e o uso de drogas é intenso, compartilhado com a prostituição, marginais e desocupados.(7)

“CRACK” (craque). Mistura de cocaína, bicarbonato de sódio e solvente petrificados.

CRÂNIO. Inteligência elevada.

CRICRI. Pessoa que fala muito de crianças e criadas. 2- Indivíduo que perturba demais.

CRISTA DE GALO. Verruga venérea.

CRITÉRIO DE TANAJURA. Quando se utiliza o tamanho das nádegas para aferir a competência da mulher.

CRIVO. Cravo (flor). 2- Tipo de bordado artesanal. 3 - Vestibular. 4 Concurso público.



CROQUE. Na escola do passado, pequena batida dado com um dedo, na cabeça do educando. Mesmo após a proibição, entre os colegas, persistiu, com o pretexto de provocação.
CUBAR. Observar.
CUCA. Cabeça. 2- Merendeira, pessoa encarregada de preparar as refeições para os alunos das escolas públicas e servi-las.

CUCHARA. Colher-de-pau.
CUECA-CURTA. Malandragem.
CUIA. Cabeça.
CUPIM. Cabelo pixaim.
CURINGA. Indivíduo que ocupa várias posições na atividade exercida.
CURVA DE RIO. Pessoa que nunca tem pressa, por ser desocupado, onde pára, encontra conversa e esquece do tempo.

CUSPIR NO MARIMBONDO. Quando o árbitro de futebol exagera emocionalmente ao chamar a atenção de um jogador pela falta cometida.
CUSTAR O OLHO DA CARA. Preço proibitivo.
CUTIANO. Tipo de prova de montaria em cavalos. 2- Instrumento, arreata, construído com couro curtido e estrutura férrea, usado em montaria.



DANADO. Traquina.
DANADO DE BOM. Ótimo, excelente.
DANÇAR. Sair-se mal.
DANONINHO. Pederasta iniciante.
DAR A LETRA. Contar a estória.
DAR ÁREA. Ir embora.
DAR BANDEIRA. Demonstrar até sem querer.
DAR BOBEIRA. Errar. 2- Cair em contradição.
DAR CHAPÉU. Lograr, enganar, enrolar.
DAR COM A LÍNGUA NOS DENTES. Denunciar, acusar.
DAR COM OS BURROS N'ÁGUA. Sair-se mal, ter falta de sorte.
DAR DE MÃO BEIJADA. Entregar com facilidade.
DAR DE PERDIDO. Despistar.
DAR FEBRE. Incomodar, preocupar.
DAR FORÇA. Apoiar.
DAR O BEIÇO. Não pagar conta.
DAR OS DOCES. Contrair matrimônio.
DAR PARA O SANTO. Derramar um pouco de bebida alcoólica forte (tipo pinga, conhaque, gim, etc.) antes de tomar ou antes de servi-la.
DAR UM BRANCO. Esquecer algo momentaneamente.
DAR UM BRANCO. Esquecer.
DAR UM ROLÊ. Sair, passear.
DAR UMA FORÇA. Apoiar.
DAR UMA MÃO. Ajudar.
DARVA. Amásia.
DE BOCA LIVRE. Abertamente.
DE LUA. Inconstante.
DECÁ. Descendente de nipônicos que foi trabalhar no Japão.
DECA. Bom.
DECORAR. Memorizar.
DECOREBA. Pura memorização. 2- Decoração (comercial ou residencial) horrrosa.

DEDADA. Denúncia.
DEDO-DURO. Delator.
DEDURAR. Delatar.
DEFESA EM DOIS TEMPOS. Quando o goleiro amortece a bola e, em seguida, segura-a firmemente e de forma definitiva.
DEGOLA. Reprovação em massa.
DELEGA. Delegado de ensaio (a denominação atual é diretor de ensino), está em desuso. 2- Delegado de polícia.
DELEGADO. No futebol, o atleta que prende, domina a bola com facilidade, e a despacha para um companheiro de equipe.
DELETRAR. Solettrar, ler muito mal.
DEMÔNIO RALADO. Cocaína.
DENDÉM. Dinheiro.
DENGOSA. Pinga.
DENORÉQUIS. Homem com aparência efeminada, sem ser pederasta.
DENTADURA. Ditadura.
DENTE DO JUÍZO. Terceiro molar, por volta dos dezoito anos nos seres humanos, quando tem início a fase do bom senso.
DENTE-DE-LEITE. Atleta entre treze e quatorze anos.
DENTINHO. Criança entre onze e doze anos que pratica esportes, regularmente.
"DEPROMA". Filho adúltero, bastardo.
DERRAMAR A MARMITA. Vomitar.
DERRAME. Acidente vascular cerebral.
DERRENGADO. Descadeirado.
DERRUBADA. Baqueada.
DESCABAÇAR. Deflorar
DESCER. Ir para o litoral.
DESCONHECIDO. Jogador bom, porém sem fama.
DESEMBARARÇAR. Desaparecer.
DESLIGADO. Desatento, desinteressado.

DESMILINGÜIR. Fugir, sumir.
DESPACHAR. Eliminar Ex: A Seleção despachou o adversário.
DESPELAR. Descascar, sair a pele tostada por ficar muito tempo em praia.
DESTEMPERADO. Desequilibrado.
DEU MILHO. Vacilou.
DIA DE CÃO. Dia péssimo.
DIA-DE-BRANCO. Dia de trabalho.
DIAMBA. Maconha.
DICA. Informação, sugestão.
DILÊ. Delegado de ensino (atual dirigente de ensino).
DILELÊ. Delegado regional de polícia.
DINDIM. Dinheiro.
DINO. Antiquíssimo.
DIRETA. Diretor.
DIRETIVO. Diretor.
DIRETO. Sempre. Ex: Ela vai direto ao cinema.
"DIRRUBADA". (derrubada) Rodeio ruim, que não tem ação e nem momentos empolgantes.
DISCO VOADOR. Sanduíche preparado com ovo frito, cebola refogada e alface em pão sírio, cortado horizontalmente.
DISQUE-PROBLEMA. Pessimista, desanimador.
DITADOR. Diretor de escola, de ensino ou outra autoridade escolar, que impõe facilmente.
DIVA. (abreviatura de departamento de investigação da vida alheia) – Pessoa que só fala mal de terceiros.
DO OUTRO LADO DO BALCÃO. Comerciante, geralmente atravessador.
DO PERU. Danado, malandro.
DOBRA. Professor I (terminologia da Lei 5692/71) com duas classes: manhã e tarde. Isso ocorreu até meados da década de noventa, do século passado.
DOBRADA. Aula dupla.
DOBRADINHA. Idem.

DOCE DE COCO. Linda garota com bons modos.
DOCINHA. Aguardente.
DOENÇA DO MUNDO. Doença venérea.
DOENTE. Torcer fanático pelo seu clube de futebol.
DOGÃO. Sanduíche duplo de cachorro-quente com duas salsichas, molho de pimenta, maionese, ervilha, purê, molho inglês, mostarda, "catchup" e batata-palha.
DOGUE. Cachorro.
DOGUEIRO. Vendedor informal de cachorros-quentes e refrigerantes, mas que atua diretamente na economia, acelerando a produção e comercialização de pães, salsichas, molhos, metalurgia (carrinhos), oficinas (consertos) etc.
DOIDÃO. Sob efeito forte de entorpecentes.
DOIDÓI. Machucado, principalmente em linguagem infantil.
DOIS DEDOS DE PROSA. Conversa curta, sem maiores delongas.
DOIS-TOQUES. Treino ou jogo-trei-

no em que o atleta recebe e, em seguida, passa a bola para o companheiro de equipe.
DÓLAR. Cigarro de maconha.
DOLAR FURADO. Passe, tíquete ou dinheiro falsos.
DOLOROSA. Conta a pagar.
DOMADA. Extremamente apaixonada.
DOMINADO. Sob controle, aprovado.
DONA DA BOLA. Pessoa poderosa em determinado local ou atividade.
DONA-DITA. Casa de detenção.
DONA-JUSTA. Justiça.
DONA-POLI. Polícia.
DONO-DA-BOLA. Dominante da situação.
DOR DE CABEÇA. Problema de difícil solução.
DOR DE COTOVELO. Ciúme.
DÓ-RÉ-MI. Meio comercial, refeição simplificada.
DOSE DO SANTO. Um pouco de pinga que a pessoa derrama antes de beber.
DRAGA. Situação péssima.
DRAMATURGO. Quem procura demonstrar conhecimento sobre um as-

sunto, sem possuir a devida segurança indispensável.
DRIBLE DA VACA. O futebolista, diante do rival, toca a bola, de um lado, contorna o adversário pelo outro lado do corpo e vai retomá-la em seguida, logo adiante. O driblado é considerado a vaca e o drible apesar de simples, depende de astúcia, prática e preparo físico.
DROGUEIRO. Viciado em drogas. 2 – Vendedor de drogas.
DUAS CARAS. Falso.
DUPLA. Duas aulas seguidas, da mesma disciplina, na mesma classe e com o mesmo professor.
DUREZA. Sem dinheiro, dificuldade financeira.
DURO. Sem dinheiro.
DURO DE QUEIXO. Teimoso, desobediente.
DUVIDOSO. Prato composto de arroz, feijão, fritas, salada e contra-filé.
DÚZIA DE TREZE. Promoção de venda cedendo uma unidade a mais a cada dúzia, perfazendo treze.



ECO. Indivíduo que não cumpre os compromissos assumidos.
ELDORADO. Orgasmo desejado.
ELEFANTE. Pessoa alta e gorda.
EM CIMA DA HORA. Gol ocorrido no tempo regulamentar de jogo, ou nos descontos, instantes antes do encerramento.
EM CIMA DO MURO. Indeciso.
EMBARCAR EM CANOA FURADA. Entrar em situação difícil. 2. Procurar problemas.
EMBROMADOR. Coordenador de ensino.
EMBROMAR. Fazer de conta que cumpre o papel assumido.
EMINÊNCIA PARDA. Alguém que se sente importante, sem que seja verdadeiro.
EMPACOTAR. Morrer, matar.
EMPALHADOR. Embalsamador ou taxidermista.
EMPATAR. Atrapalhar.
EMPURRAÇÃO. Um dos raros projetos sérios da Secretaria da Educação na primeira administração Mário Covas (1996-9): promover a aceleração de alunos que ficaram fora da série adequada

à idade, em função de retenção ou por ter sido admitido acima da idade apropriada na escola. No entanto, a prática distorceu a teoria e ficou sem o desejado aproveitamento. (9)
EMPURRA-EMPURRA. Processo de recuperação escolar que, infelizmente, objetiva a aprovação em quantidade, sem visar a qualidade.
EMPURRAR CAMINHÃO BRECADO E CARREGADO NA SUBIDA. Fazer o impossível.
EMPURRAR COM A BARRIGA. Adiar, levar de qualquer jeito, procrastinar, ser omissos na atividade praticada.
EMPURROTERAPIA. Balconista ou prático de farmácia que força a venda de vários medicamentos ao cliente, apenas visando ao lucro.
ENCARA. Enfrenta, disputa, joga.
ENCHER AS MEDIDAS. Perturbar.
ENCHER LINGÜIÇA. Pessoa que ao receber uma questão proposta, procura encobrir a sua própria ignorância, fazendo rodeios, perifrases, circunlóquios, circunlocuções, circuito de palavras desnecessárias.
ENCHER O PÉ. Chutar com força, até

sem querer. Ex: O Zé encheu o pé na carteira.
ENCHER O PICUÁ. Amolar, perturbar.
ENCHER O SACO. Falar de mais, explicando pouco.
ENCORUJADO. Encolhido, com frio.
ENCOSTO. Amante. 2- Feitiço.
ENCUCAR. Importunar.
ENFATOTADO. Bem-arrumado, bem-aprimado, enfeitado.
ENFORCAR. Deixar de assistir às aulas.
ENGABELAR. Enganar.
ENGALICADO. Com doença venérea.
ENGANAÇÃO. Recuperação supostamente aplicada aos alunos de conhecimentos deficientes, sem que haja o retorno esperado.
ENGANADOR. Coordenador.
ENGANA-MOLEQUE. Variedade de banana que, estando madura, permanece com a casca verde.
ENGASGA-GATO. Qualquer alimento ruim.
ENGOMAR. Furtar.
ENGRAÇADINHO. Aluno que provoca (facilmente) brincadeiras inconvenientes.



ENGRAXAR. Subornar.
ENGROSSAR. Demonstrar falta de educação. 2- Falhar onde não deveria.
ENGROSSAR A MANDIOCA. Zangar-se.
ENGRUPIR. Lograr, tapear.
ENIGMA. Pessoa que deseja ser eficiente e amigável, quando não consegue, se retrai, mas descarrega sua fúria em objetos.
ENLATADO. Filme importado para ser exibido em cinemas e/ou televisão.
ENRABICHAR. Iludir-se por alguém.
ENROLAR. Enganar. Ex: Sicrana enrolou até o diretor.
ENROSCAR O RABO NA CERCA. Sair mal.
ENRUSTIDO. Não-assumido.
ENSINAR PAI-NOSSO AO VIGÁRIO. Aconselhar quem não precisa.
ENTENDIDA. Lésbica.
ENTRÃO. Intrometido.
ENTRAR DE BADU. Adentrar de qualquer jeito.
ENTRAR DE SOLA. Agir desinibidamente, sem cerimônia.
ENTRAR NA FACA. Ser operado, sofrer intervenção cirúrgica.

ENTRE O LOBO E O CÃO. Ao escurecer.
ENTREGAR A RAPADURA. Acovardar-se.
ENTREGAR AS BOTINAS. Desistir.
ENVENENADO. Motor a explosão potencializado. Ex: O carro está envenenado.
ENXUGAR. Ingerir bebida alcoólica.
ENXUTA. Moça sensual.
ERNESTO. Honesto.
ERVA. Maconha. 2- Dinheiro.
ERVA MALDITA. Idem.
ERVA-DA-MORTE. Maconha.
ERZA. Roubo praticado por mulher (es).
ESBRODO. Sopa preparada com carne e caldo de galinha, água, além de temperos; acompanhada de pão.
ESCABECHE. Disfarce.
ESCAFEDER-SE. Fugir, sair.
ESCAMA. Militar desonesto.
ESCOLHER A DEDO. Optar com conhecimento de causa.
ESCONDE-SEIOS. Sutiã.
ESCORPIÃO NO BOLSO. Sovina.
ESCRAVA BRANCA. Moça aliciada para o lenocínio.
ESCRAVÃO. Escrivão de polícia.

ESPAÇO. Campo livre.
ESPANDONGADO. Relaxado.
ESPANHÊS. Língua espanhola má pronunciada e mesclada com o vernáculo.
ESPELOTEADO. Desmiolado.
ESPERA-MARIDO. Curso desqualificado. 2- Bolinho caseiro, muito comum, preparado com facilidade.
ESPERTA. Desonesta, infiel.
ESPETADOR. Faca, punhal, enfim, qualquer objeto perfurante.
ESPETO. Compra a crédito.
ESPINAFRAR. Maldizer, falar mal.
ESPÍRITO DE PORCO. Pessoa de má índole.
ESPONJA. Bêbado habitual.
ESPORA. Sujeira no calçado.
ESPORTE-CAFÉ. Futebol de salão.
ESPRITADO. Agitado, tanto animal quanto pessoa.
ESPRITADO. Enfurecido.
ESQUENTAR A GARGANTA. Beber aguardente.
ESTAR NA FOSSA. Deprimido.
ESTIVA. Serviço pesado.
ESTOPIM CURTO. Temperamental.
ESTOU-FRACA. Galinha d' Angola.
ESTREPE. Mulher feia.



FÁ DE CARTEIRINHA. Incondicional.
FACÃO. Membro fático.
FADA-MADRINHA. Pederasta idoso e que comanda o reduto.
FAJUTO. Falsificado, falso.
FALAR ABOBRINHAS. Dizer asneiras, algo sem valor.
FALASTRÃO. Falador.
"FALÔ". Confirmado.
"FALÔ E DISSE". idem.
FANDANGO. Muito misturado, bagunçado.
FANTASMA. Lei do descenso, no futebol.
FARINHA DO MESMO SACO. Objetos do mesmo aspecto.
FAROL. Basófila.
FAROL. Quem trabalha para banqueiros de jogos de azar.
FAROL BAIXO. Deprimido.
FARRANCHO. Mulher solteira com diversos filhos.

FAZ DE CONTA. Mentira. 2-Simulação.
FAZEDOR DE SONHOS. Entorpecentes.
FAZER. Copular.
FAZER A CABEÇA. Influenciar.
FAZER BICO. Praticar atividade econômica avulsa ou sem vínculo.
FAZER FIRULA. Enfeitar.
FAZER JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS. Vingar-se de alguém que caberia a justiça resolver.
FAZER MÉDIA. Ser maleável com todos.
FAZER O QUILO. Realizar a digestão.
FAZER OS PINOS. Lubrificação gratuita.
FAZER PÉ-DE-ALFERES. Fazer a corte.
FAZER QUÍMICA. Comprar algo necessário e solicitar nota fiscal de outros produtos que integram a relação dos possíveis. Isto é comum, sendo opera-

ção considerada correta, na prestação de conta é absolutamente honesta. (13)
FAZER REVISTA. Nas primeiras séries do então grupo escolar, uma vez por semana, previamente determinada, a professora da classe examinava a higiene de todos os alunos: cabelos lavados, unhas aparadas e limpas, etc. Era a função que completava a ação do lar.
FAZER UM PAPAGAIO. Assinar nota promissória.
FAZER UMA FEZINHA. Apostar nas loterias de números. 2 – Jogar no bicho.
FAZER-DE-CONTA. Enganar. Ex: Fulano faz-de-conta que conhece tal assunto.
FAZ-TUDO MUITO BEM. Perfeccionista.
FÊ DO DIA. Jogo do bicho.
FECHAR O NEGÓCIO. Conclui um relacionamento de compra e venda.
FEITOR. Coordenador de ensino.

FELINO. Maldoso, malicioso.
FELIPE. Dois frutos unidos num só, geminados. É comum encontrá-los em banana, café, chuchu e outros.
FERA. Excelente profissional.
FERIADÃO. Quando o dia santificado pela Igreja, o feriado ou o ponto facultativo coincida na 2ª ou 3ª, ou ainda, 5ª ou 6ª feira, o que permite alongar o período de descanso. O fato proporciona, em conseqüência, longas filas nas rodovias de acesso às áreas metropolitanas, principalmente no retorno. O povo denomina isso por martírio, filona, pagar os pecados, etc.
FERIADO. Furo em meias.
FERREIRO. Cachorro.
FERRO-VELHO. Antigo funcionário de escola que conhece detalhes de tudo que ela possui.
FERULA. Sinônimo de palmatória, instrumento de tortura aplicado nas mãos dos alunos de outrora. (11)
FERVER. Animar.
FERVIAR. Reprovar.
FERVO. Dinheiro.
FERVO. Festa concorrida.
FESTA DO ABACAXI E DA MELANCIA. É o comércio, à entrada do cemitério municipal, dessas frutas, fatiadas e/ou inteiras, além de outras regionais, velas, flores, fósforo, etc., nos dias de Todos os Santos e Finados, devido a grande afluência de público; é tradicionalíssima.
FEUDO. Delegacia de ensino. 2- Espaço existente no interior de algumas escolas públicas, onde antigo funcionário sente-se dono: planta, colhe verduras e legumes; coleta frutas e as vende sem dar satisfações a ninguém. (12)
FEZINHA. Pequena aposta nas loterias de números (Loto, Quina, Mega e Dupla), além das tradicionais, e no jogo do bicho.
FICAR. Relacionamento, sem compromisso, de um casal. Alguns até o chama de relacionamento relâmpago.
FICAR A VER NAVIOS. Ser enganado.
FICAR DE PICINÊ. Observar atentamente, sem demonstrar.
FICAR DE QUEIXO CAÍDO. Boquiaberto, pasmado, admirado.
FICAR DEBAIXO DO BALAIO. Ficar na reserva.
FICAR NA MÃO. Sem nada.
FICAR PELO CAMINHO. Ser derrotado.
FICAR POR DENTRO. Tome conhecimento.
FICAR TIRIRICA. Ficar muito bravo.
FICAR UMA PILHA. Muito nervoso.
FILA-BÓIA. Parasita.

FILANTE. Indivíduo que não fuma, mas não compra cigarros.
FILÉ. Jovem bonita, educada e atrativa.
FILHO DE CHOCADEIRA. Descendente de mãe solteira.
FILIAL. Amásia.
FILIPETA. Convite para festa ou espetáculo.
FIM DA PICADA. Sem explicação.
FINTA. Drible no futebol.
FIO DE ANTENA. Macarrão tipo talharine.
FIOTE. Pequeno.
FIRMEZA. Valeu, tudo bem, certamente, com certeza.
FISSURADO. Apaixonado.
FITINHA. Fração de bilhete de loteria.
FLAGA. Flagrante.
FOCA. Estudante de jornalismo ou profissional em início de carreira pouco ou nada experiente, formado no máximo há dois anos.
FOCADA. Ato do repórter novato.
FOCINHO BAIXO. Porco.
FODOCA. Máquina a vapor, alimentada por lenha ou carvão vegetal, equivale a Maria-Fumaça.
FOFOQUEIRO. Pessoa que vive falando da vida alheia, mesmo sem ter motivo e até sem conhecê-la pessoalmente, intrigueiro.
FÔLEGO DE GATO. Ânimo intenso.
FONFON. Buzina.
FORA DE SÉRIE. Incomum.
FORA DO CABO. Desajustado, esquisito.
FORA DO ESQUADRO. idem.
FORÇA DE GATO. Sem energia física.
FORDINHO DO AR. Avião Douglas DC-3, da Vasp.
FORMIGÃO. Quem come doces em demasia.
FORNECER MARMITA. Trair o marido.
FORRÓ. Baile popular, arrasta-pé.
FÓSFORO. Falso eleitor que votava em nome de outro, talvez falecido, antes da implantação das urnas eletrônicas.
FOSSA. Depressão.
FRACO DA BOLA. Anormal.
FRANGA. Moça liberal.
FRANGA. Jovem de pouca idade e liberal.
FRANGO DE MACUMBA. Pessoa escura.
FRANGUINHA. Adolescente liberal.
FREGE. Restaurante popular subsidiado pelo governo de Estado, existente no centro da capital e das maiores cidades paulistas, que cobra apenas R\$1 real pela refeição.
FRENTE-A-FRENTE. Acareação.
FRENTE-FRIA. Pessimista, sombrio

e desanimador; encontra defeitos em tudo e em todos.
FRESCO. Pederasta suposto.
FRIA. Perigoso, ruim.
FROUXO. Efeminado.
FRUTO PROIBIDO. Vagina.
FUÁ. Bagunça.
FUBÁ. Vulgar.
FUÇA. Rosto.
FUFA. Lésbica.
FUGIR DO PAU. Não enfrentar.
FULO. Muito zangado.
FUMO. Maconha.
FUMO-DE-ANGOLA. idem.
FUNÇA. Funcionário público pouco qualificado.
FUNDÃO. Forma popular de denominar o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino: 15% dos impostos estaduais, municipais, além de 5% da União; desse total, 65% vão para o pagamento dos professores. (14)
FUQUI. Equivale a fusca.
FURACÃO. Indivíduo explosivo. 2- Inquilino.
FURA-FILA. Pessoa sem educação que passa, sem cerimônia, na frente de outras.
FURAR. Deixar a bola passar, involuntariamente.
FURIOSA. Forma carinhosa de se referir à banda musical das cidades do interior.
FURRECA. Carro velho. 2 - Má qualidade.
FUSCA. Automóvel popular de marca Volkswagen que foi abandonado pela fábrica. A potência variava entre 1200 ou 1300 cavalos vapor.
FUSCÃO. Veículo popular da Volkswagen com motor mais potente: 1500 cilindradas.
FUSQUEIRO. Adepto ou colecionador de fuscas (automóvel popular da Volkswagen).
FUSQUETA. Equivale a fusca.
FUTEBOL SOÇAITE. Praticado em mini-campos. 2- Mulher muito brava. 3- Lésbica bem definida.
FUTEBOL SUIÇO. Praticado em minicampo.
FUTEBOLZINHO. Jogo ruim.
FUXIQUEIRO. Quem gosta de praticar intrigas.
FUZARCA. Baderna, bagunça.
FUZARCA. Bagunça, desordem, anarquia.
FUZUÊ. Confusão, barulho, conflito, festa desorganizada.





GABIRU. Quem furta pequenos objetos. 2 – Caipira.
GABOLA. Pessoa que só fala vantagens de si a esmo.
GAFE. Erro imperdoável.
GAFI. Baile popular.
GAFIEIRA. Baile ou brincadeira dançante popular.
GAFIEIRA. Idem.
GAFIFA. Baile popular.
GAGÁ. Esclerosado.
GAITA. Dinheiro.
GAJO. Homem.
GALEGO. Espanhol.
GALEPÃO. Veículo motorizado velho e sem valor.
GALERA. Torcida.
GALINHA. Prostituta.
GALINHA MORTA. Ótimo preço, bom negócio.
GALO. Inchaço que surge na cabeça, após uma pancada, hematoma.
GAMADO. Apaixonado.
GAMBÁ. Malcheiro.
GAMBIARRA. Instalação elétrica irregular e malfeita. É clandestina e visa o furto.
GAMBIRA. Barganha, troca de objetos, que eventualmente possa entrar uma compensação financeira.
GANCHO. Suspensão.
GANGUE. Grupo de malfeitores.
GANHAR. Conquistar alguém.
GANHAR A LANÇA. Ficar com o prêmio.
GANSO. Ditador.
GARAPA FERVIDA. Aguardente.
GARAPA REFINADA. Idem.
GARÇOM DE TREM. Profissional que derruba, com facilidade, o que carrega.
GARFO PERIGOSO. Indivíduo compulsivo diante de alimentos.
GARRA. aguerrido.
GARRAFADA. Meizinha grosseira.
GARRANCHO. Letra muito feia.
GARUPA. Nádegas.
GÁS. Energia. 2 – Dinheiro.
GASOLA. Gasolina.
GASOSA. Soda limonada. 2 – Gasolina.
GASPARINO. Fração de loteria.
GASTAR A BOLA. Jogar futebol muito bem.
GASTAR SOLA. Andar muito.
GASTURA. indisposição estomacal.
GATA. Garota sensuál.

GATA. Ladra. 2 – Bela jovem. 3 – Preguiça. Ex: Fulano está com uma gata.
GATAR. Reprovar, ficar retido na série.
GATO. Ligação elétrica/hidráulica, clandestina usando expedientes condenados e espúrios. 2 – Rapaz apresentável. 3 – Jovem atleta que falsifica o registro civil, de um a três anos a menos, levando vantagem com isso, atuando em categoria inferior correspondente com a sua idade. 4 – Atravessador na aquisição de gêneros agrícolas – 5 – Ladrão. 6 – Agenciador de trabalhadores volantes.
GATOLA. Mulher que pretende ser atraente sem ter condições físicas desejáveis.
GATOS PINGADOS. (sempre no plural) – Poucas pessoas, pequena quantidade.
GAVETEIRO. 2 – Árbitro que aceita propinas para favorecer uma das equipes.
GAVETEIRO. Comprador de imóvel financiado por instituição autorizada; por ser um contrato clandestino, conhecido por “gaveta”, ou seja, não é oficialmente autorizado, às vezes, paga prestação em atraso do mutuário original para evitar que o imóvel seja levado a leilão. O STJ tenta reverter decisão do judiciário gaúcho. A empresa construtora alega que o gaveteiro só pode pagar se quitar o saldo devedor e não apenas as parcelas em atraso. (15). 2 – Árbitro que altera o resultado do jogo.
GAVIÃO. Conquistador.
GAZETA. Pessoa que informa da vida alheia.
GAZETEAR. Deixar de assistir às aulas.
GEADA DE CAPOTE. Quando atinge apenas a parte superior da copa do cafeeiro.
GELADA. Algo ruim. 2 – Cerveja.
GELADO. Falecido.
GELO. Metanfetaminas (anfetaminas produzidas em forma de pó ou pedra). São potentes estimulantes que fazem o coração disparar, elevando a pressão arterial, e estimulando o metabolismo, se usada.
GENTE QUE FAZ. Lésbica ou pederasta vulgar que pratica relacionamento íntimo com qualquer pessoa.
GERAÇÃO COCA-COLA. Juventude irresponsável para a realidade.
GERAÇÃO INTERNET. Crianças e

adolescentes nascidos nos últimos tempos e vivem direcionados ao mundo da informática.
GETULINHO. Moeda com a efígie de Getúlio Vargas, de dez centavos e cunhada em 1943.
GIBI. Garoto de cor.
GIGOLETE. Mulher que agencia pessoas para programas sensuais.
GIGOLÔ. Pessoa que vive na dependência econômica de alguém melhor situado. 2 – Professor excessivamente assistencialista ou paternalista.
GIGOLÔ DE MULTINACIONAL. Quem usa termos impecáveis de língua estrangeira, especialmente em inglês.
GINGA. Movimentos rápidos que um futebolista aplica em adversário de qualidade técnica inferior, levantando aplausos da torcida.
GIRAFÁ. Pessoa alta e magra.
GLOSTORA. Pinga.
GOELA DE GATO. Massa alimentícia fina e em lâminas, enrolada em canudos largos e curtos, piramidais, afunilados, fritos, após o resfriamento, retirado da forma e recheado a gosto (doce ou salgado).
GOGÓ. Garganta 2 – Falador.
GOIABÁ. Imbecil. 2 – Embriagado.
GOL DE OURO. Tênis valioso que leva a equipe à classificação ou ao título, principalmente ao final do regulamentar ou suplementar quando não há tempo para o adversário reagir.
GOLPE DA PENEIRA. Falsa seleção de atletas para um clube famoso com cobrança antecipada de pequena quantidade de cada participante.
GOLPE DO BAÚ. Fraude.
GOMA. Amido de mandioca.
GONGADO. Reprovado.
GONORREIA. Blenorragia.
GORAR. Não dar certo.
GORGOTA. Aproveitador.
GOROROBA. Comida ruim.
GORRÁ. Arroz bem cozido, com pouco tempero.
GOTA. Reumatismo causado por excesso de ácido úrico no sangue.
GOTA D'ÁGUA. O quase nada que faltava para acontecer.
GOTAS (sempre no plural). Adoçante artificial.
GOTINHA. Vacina contra a poliomielite.
GRAMPO. Espionagem telefônica.

GRANA. Dinheiro.

GRANADA. Bola de carne bovina moída e frita, também conhecida por bolinho ou bolinha de carne.

GRANDE OTELO. Aparelho (telefone ou outro) de cor negra.

GRANJA. Faculdade ou outro local com muita gente aglomerada.

GRAVATA. Autoridade.

GRENAL. Clássico dos pampas.

GRILO. Problema.

GRINFA. Dinheiro.

GRINGO. Estrangeiro.

GROGOTÓ. Acabou-se agora, é tarde, findou-se.

GROGUE. Embriagado.

GROGUE. Sob efeito de bebida alcoólica, meio dopado, embriagado.

GROJA. Gorjeta.

GROSSA. Grande. Ex: Ela recebeu uma verba grossa para pintar os banheiros.

GRUDE. Refeição simples e mal-feita.

GRUJA. Dinheiro, gorjeta.

GRUPO. Malandragem. Ex: Você está com grupo?

GUAIACA. Cinto de couro, geralmente vistoso, com divisões para guardar canivete, moedas, relógio de bolso e dinheiro em cédulas.

GUARDAR. Marcar gol. Ex: Só o ponta guardou dois.

GUARDAR A SETE CHAVES. Ter o maior cuidado possível e imaginável.

GUÊI. Pederasta.

GUERRA DE GIZ. Indisciplina generalizada entre os alunos que arremessam entre si pequenos pedaços de giz deixados na sala por esquecimento, inexperiência, irresponsabilidade ou outro motivo.

GUERRA DE LEITE. Quando a escola é indisciplinada, os alunos arremessam uns contra os outros, os saquinhos de leite da merenda escolar.

GUERREIRA. Veículo Volkswagen, apresentado em 1973, classificado como perua, comportando cinco passageiros, montado em modelo Variant. Foram vendidas 950 mil unidades no mercado interno e foi exportada para os países da África e da América do Sul. Saiu de produção (1982). 2 – Mulher sem escrúpulos que briga com outras, para conquistar novos namorados, além de outros atributos.

GUIMBA. Ponta de cigarro.

GUINCHADO. Falhas ocorridas na execução de uma partitura musical.

GUITARRA. Máquina ilusória de fazer dinheiro.

GURI. Menino, criança.

GURIA. Menina, garota, mocinha. 2 – Bola de futebol.



HACKEAR. Invadir um portal ou fazer algo proibido na rede.

HALTEROCOPISTA. Habitual bebedor de cerveja e chope, subindo e descendo o copo na mesa ou outra superfície.

HASTE. Pessoa muito magra e alta.

HAXIXE. Resina extraída de folhas e inflorescência do cânhamo, usada de duas maneiras: mascada ou fumada.

HEMORRÓIDA. Indivíduo esquisito, podendo ser de ambos os sexos, de variadas idades e profissões.

HERÓI. Indivíduo que persegue o pichador, não sendo nem o proprietário do estabelecimento atingido e nem policial.

HILÁRIO. Pessoa sob efeito de tóxico.

HOLANDESA. Mulher de seios volumosos.

“HOME” (Homem). Policial militar.

HOME FEMA. Homem que não é pederasta, mas gosta de atividades femi-

nas.

HOMEM. Aquele que ficou com a guarda dos filhos, após desquite, simples separação, divórcio ou viuvez.

HOMEM DA CAPA PRETA. Juiz de Direito togado.

HOMEM DA COBRA. Vendedor ambulante em praça pública que usa uma ou mais cobras para atrair as atenções dos transeuntes.

HOMEM DA MALA. Alguém que exerce influência na massa populacional – mesmo através de terceiros – e interfere no resultado de eleições, utilizando o poder econômico.

HOMEM DE BRANCO. Enfermeiro, médico, paramédico.

HOMEM DE PRETO. Árbitro de futebol, embora na atualidade use outras cores.

HOMEM DE SAIA (em desuso). Cape-

lão, padre, frei, bispo.

HOMEM DO ALUMINIO. Regente de orquestra, maestro de banda, quem ensaia a banda escolar.

HOMEM DO MAR. Alguém de quem não se pode esperar ajuda.

HOMEOPATIA. Pinga de ótima qualidade.

HORA DO GALO CANTAR. Madrugada.

HORÁRIO BRASILEIRO. Atraso habitual considerado exagerado.

HORÁRIO BRITÂNICO. Pontualidade.

HOSPITALITE. Moléstia transmitida ao paciente que ficou internado em nosocônio.

HÓSTIA. Fatia muito fina de mandioca frita. 2 – Mandiopã.



IBA. Vara de pescar com anzol.

IÇÁ. mulher de nádegas volumosas.

ÍCARO. Ambicioso.*

IDADE DA LUA. Pessoa idosa.

IDÉIA DE JERICO. Falta de inteligência.

ILA. Tóxico.

ILHÓS. Nádegas. 2 – Ânus.

IMACULADA. Aguardente

IMINÊNCIA PARDA. Indivíduo que pretende demonstrar a importância que não tem.

IMPALAMADO. Pessoa pálida e indis-



posta para qualquer atividade.

IMPRENSA AMARELA. Jornal desonesto.

INANA. Confusão, barulho, dificuldade, encrenca, luta, rixa. 2 – Competição.

INCENDIAR. Atirar, balear.

INCHAÇO. Excesso.

INDEIS (Indez). Ovo gorado em ninho para atrair aves domésticas, principalmente galinhas, visando a aumentar a postura.

INFERNINHO. Bar suspeito, com música ambiente e iluminação propícia à dança.

INGÁ. Pênis.

INGUA. Indivíduos de péssimos hábitos.

INHACA. Algo ruim.

INJEÇÃO. Indivíduo inoportuno.

INJETADO. Sob efeito de drogas injetáveis.

INSETO. Feto morto ao nascer.

INTRÊMULO. Destemido, corajoso, valente.

INTRUJA. Agente de ladrão.

INVICTA. Virgem.

INVOCAR. Aborrecer.

"INXERIDO". Intrometido, quem se mete onde não foi chamado.

IR PRA CUCUIA. Fracassar.

IR PRO BREJO. Idem.

IR PRO GOIÁS. Levar um calote.

IR PRO VINAGRE. Idem.

IRMÃO. Comparsa.

ISCA. Pequenas fatias de alguns alimentos para acompanhar o aperitivo.

ISCADA. Mulher com doença venérea.

ISOLAR. Esquecer, ignorar.

ISSO NÃO VIRA. Não vai dar certo, não perca tempo.

ITAÚ. Homem que bate em profissional do sexo, após o relacionamento, e sai sem acertar.

IUCA. Pinga.



JÁ ERA. Algo que não existe mais.

JABÁ. Corrupção na mídia onde um anunciante desonesto leva vantagem.

JABACULÊ. Dinheiro 2 – Propina.

JABIRACA. Mulher feia e idosa. 2 – Jardineira, precursora do atual ônibus, em transportes coletivos.

JACA. Nádegas.

JACÃO. Presidiário com HIV (vírus da Aids).

JACARÉ. Aids.

JACU. Caipira.

JAMANTA. Caminhão de carroceria alongada. 2 – Nádegas avantajadas.

JANELA. Vaga entre duas aulas de um mesmo dia, em que o professor fica ocioso. 2 – Na imprensa é espaço vago que deverá ser preenchido com propaganda ou nota jornalística.

JANELA COLONIAL. Quando no horário do professor existe um espaço vago de duas aulas seguidas, no mesmo período. Equivale a portão.

JAPA. Japonesa.

JAPONA. Idem.

JARARACA. Mulher brava.

JASPIOM. Adepto de motocicletas de corrida, consideradas máquinas perigosas.

JAVA. Café bem forte.

JEGA. Cama.

JEITINHO BRASILEIRO. Solução paliativa e momentânea.

JEREBA. Prostituta.

JERERÊ. Maconha.

JERIBITA. Aguardente.

JEROMA. Ama de leite. 2 - Mulher de seios enormes.

JIBÓIA. Mulher feia e velha.

JIPEIRO. Adepto, colecionador ou proprietário de jipe (s).

JÓ. Indigente.

JOÃO DA CRUZ. Dinheiro.

JOÃOZINHO. Corte de cabelo com franja curta, em linha reta ou arredondada.

JOELHO-QUEIMADO. Homem casado.

JOGA EM OUTRO TIME. Usa a sua sexualidade fora do casamento.

JOGAR A TOALHA. Abandonar, desistir.

JOGAR CONFETE. Elogiar exageradamente.

JOGAR PEDRAS NAS POMBINHAS. Atrapalhar o flerte.

JOGO DE CINTURA. Ter paciência, compreensão e bons argumentos para permitir concessões e fazer acordos na família, no local de trabalho e nos demais relacionamentos, inclusive românticos.

JOGO MORNO. Partida de futebol com movimentação abaixo da crítica.

JOGO PROIBIDO. Jogo do bicho.

JUGÚSTA. Polícia.

JUMBO. Sacola contendo alimentos, antigos para higiene pessoal, cigarros, etc levada aos presídios pelos familiares / amigos de detentos.

JURIPOCA. Dinheiro.

JURUBITA. Aguardente.

JURUPOCA. Pinga.

JURURU. Aborrecido, bravo.



LABESCA. Antiquada.

LÁBIA. Conversa convincente.

LABIRINTITE. Distúrbios relacionados ao nosso equilíbrio e audição, como tontura, surdez, zumbido e várias outras formas de mal estar.

LADRÃO. Broto de planta, existente no tronco, impede o desenvolvimento normal, até atingir a fase adulta, o que força a sua poda. 2- Saída do excesso de água existente em reservatórios.

LAGE. Descarado

LAJOTA. Pessoa que comete o crime de

usura, mais conhecido por agiotagem. Somente os Bancos e com apoio do governo podem exercer, abertamente, sem problemas.

LALAU. Ladrão.

LAMBARI. Esperto, rápido.

LAMBE-LAMBE. Fotógrafo ambulante,

atividade em vias de desaparecimento.
LAMBIPÓIA. Pessoa feia, nojenta e repelente.
LANCHA. Pé grande.
LANFRANHUDO. Desajeitado, esquisito.
LANTERNA. Último colocado em uma competição esportiva. 2 – O mais atrasado aluno de uma classe.
LAPADA. Dose de cachaça.
LÁPIS. Pênis.
LARANJA. Indivíduo usado em esquema de corrupção que assume responsabilidade de outro, levando vantagens, mas passando como parvo. 2- Holanda.
LARANJEIRO. Estelionatário.
LARGADO. Prostrado.
LATÃO. Lata de cerveja de quase meio litro.
LATINHA. Microfone. 2 – Apito de árbitro.
LAURINDA. Cerveja.
LAURINHA. Cerveja.
LAVA-BUNDA. Libélula.
LAVAR A ÉGUA. Situação vantajosa, sair e bem em uma ação ou atitude. Ex: Beltrana lavou a égua naquela compra.
LAVAR AS MÃOS. Eximir-se de responsabilidades.
LEÃO-DE-CHÁCARA. Segurança de casas noturnas. 2 – Vigilante de escola. 3 – Segurança de prostíbulos e assemelhados.
LEI DE GÉRSO. Obtenção de vantagens, até sem responsabilidade.
LEI DO BOI. Expressão do povo para designar a Lei 5465/68 (revogada pela Lei 7432/85) que assegurava aos filhos

de proprietários rurais vagas em escolas técnicas de segundo grau em área agrícola e também no terceiro grau, em Agronomia e Veterinária, o direito de cursá-lo, sem passar pelo crivo dos processos seletivos. (16)
LEI DO CÃO. Regime disciplinar rigoroso.
LEI SECA. Deliberação que impede a comercialização de bebidas alcoólicas às margens das rodovias paulistas.
LEIDE. Lésbica de aparência feminina.
LEITE DE PATO. Sem valor, algo inexistente.
LEITE-DE-MOÇA. Aguardente.
LELÉ. Louco, maluco.
LELÉ DA CUCA. Idem
LEONORA. Navalha. 2 – Algo perigoso.
LERO. Conversa sem sentido.
LERO-LERO. Enganação, conversa sem fundamentos, sem sentido.
LESÊ. Preguiça, indolência, leseira.
LESMA. Pessoa muito lenta, lerda, preguiçosa em suas atividades.
LEVA-E-TRAZ. Pessoa faladeira da vida alheia.
LEVAR EM BANHO-MARIA. Com cuidado, devagar.
LEVAR NO BICO. Conversar com alguém, justificando o assunto, de modo que ela acate, plenamente.
LEVAR PRENSA. Cobrar mais empenho.
LEVAR TÁBUA. Receber veemente negativa ao convidar uma moça para dançar.
LEVAR TOCO. Tomar um fora.
LHUFAS (sempre no plural). Nada.

LIAMBA. Maconha.
LIGADO. Atento, interessado.
LIGADO. Atualizado.
LIMÃOZINHO. Seio no início do surgimento, na adolescência.
LIMPEZA. Roubar tudo.
LIMPO. Sem dinheiro.
LÍNGUA PESADA. Pessoa faladeira.
LÍNGUA PRETA. Pessoa que só comenta maldades.
LINGUADURO. Telefone. 2 - Vigia, segurança.
LINGÜIÇA. Jornal semanal ou quinzenal.
LINGÜIÇA CABO DE REIO. Tradicional lingüiça preparada com carne de vaca; recebe essa denominação por ficar esticada.
LINHA-DURA. Disciplinador. Ex: O novo vice-diretor é linha-dura.
LISO. Sem dinheiro.
LISTA VERMELHA. Rol de espécies (animais e vegetais) ameaçadas de extinção.
LIVRO PRETO. Local em que são (ou eram) registradas as ocorrências disciplinares negativas dos alunos em unidades escolares.
LOBO MAU. Adolescente arredo e deseducado.
LOIRA. Cerveja.
LOIRINHA. Idem.
LOURINHA. Idem.
LUA-CHEIA. Rosto redondo.
LUA-DE-MEL. Ótimo.
LUNFA. Ladrão.
LUXO. Maravilhoso.



MACACADA. Amigos.
MACACO. Policial militar raso.
MACETE. Astúcia para obter ou fazer algo.
MACHORRA. Mulher feia com comportamento masculino.
MADALENA. Bolinho leve, preparado com farinha de trigo, manteiga, ovos açúcar, limão e fermento em pó, oblongo e frito em gordura de porco (ou óleo) quente.
MADRE. Útero.
MADRINHEIRO. Responsável pelo resgate dos competidores na arena, logo que alguém caia do animal.
MÃE CANGURU. Progenitora que car-

rega o bebê dentro de uma espécie de sacola, no tórax, preso ao pescoço.
MÃE DO CORPO. Útero, órgão genital interno das mulheres.
MAFA. Lésbica idosa.
MÁGICA DE VERÃO. Progressão automática nas escolas públicas estaduais, por força da Secretaria da Educação Estadual, em janeiro do ano seguinte.
MAGRELA. Bicicleta.
MAIADA. Mulher feia, porém fiel.
MAIORAL. Diretor de ensino.
MAJORENGO. Delegado de polícia.
MAL DOS SETE DIAS. Tétano umbilical ocorrido na primeira semana do recém-nascido.

MAL FRANCÊS. Sífilis.
MAL NAPOLITANO. Idem.
MALA. Pessoa esquisita. 2 – Conjunto do pênis com a bolsa escrotal.
MALA DE LOUCO. Peão que não consegue parar sobre o animal (em rodeio), sem demonstrar estilo.
MALA-PRETA. Prêmio extra, como incentivo, para determinada equipe obter determinada ação (vitória, empate ou derrota) em um campeonato.
MALA-SEM-ALÇA. Pessoa muito esquisita.
MALEIRO. Guarda-volumes existentes em terminais rodoviários.
MAMÃO. Seio.



MAMATA. Fácil.
MAMPARA. Trapaça.
MANCADA. Falha clamorosa.
MANCAR. Falhar.
MANCHA. Pederasta bem afeminado.
MANDA-CHUVA. Chefe máximo da repartição, a partir do dirigente de ensino, as coordenadorias do ensino (interior e grande São Paulo), ou o Secretário da Educação.
MANDAR UMA LETRA. Fazer uma declaração.
MANÉ. Idiota.
MANECA. Manequim.
MANGA. Algo fácil.
MANGO. Dinheiro.
MANGOTA. Pouco dinheiro.
MANGUAÇA. Pinga.
MANGUAÇADO. Embriagado.
MANGUE. Anarquia, bagunça, confusão.
MANHA. Jeito, conversa para conseguir algo.
MANJADO. Malvisto, estigmatizado.
MANTEIGA DERRETIDA. Criança que chora, com facilidade, e, às vezes, sem motivo aparente.
MÃO BEIJADA. De graça.
MÃO CANSADA. Boa oportunidade.
MÃO DE AÇO. Ditador.
MÃO DE FERRO. Idem.
MÃO NA MASSA. Ação.
MÃO-DE-SEDA. Ladrão.
MÃO-DE-VACA. Avaro.
MÃO-FURADA. Gastador, esbanjador.
MARACUTAIA. Algo ilícito, malandragem.
MARAFÁ. Aguardente.
MARCA-DE-JUDAS. Indivíduo de baixa estatura.
MARCAR BOBEIRA. Errar bisonhamente, sem motivo aparente.
MARGA. Redutivo de margarida.
MARGARIDA. Faxineira.
MARIA-FUMAÇA. Máquina ferroviária movida a vapor produzido por lenha colocada na fornalha.
MARIA-MOLE. Pessoa sem expediente, lerda, lenta.
MARICA. Afeminado.
MARIJUANA. Maconha.
MARINHEIRO DE PRIMEIRA VIAGEM. Inexperiente.
MARIPOSA. Prostituta.
MARITACA. Aluno que fala muito.
MARMITÃO. Prédio redondo e de vários andares construído no centro de São José do Rio Preto (SP), nesta região.
MARÓ. Contrabando.
MAROCA. Mulher maldizente.
MAROMBA. Maconha.
MARRA. Contra a vontade.
MARRECO. Um real em cédula ou mo-

eda.
MARRETA. Algo mal feito. 2 – Comerciante não-estabelecido.
MARTELADA. Cópula.
MARTELÃO. Pênis grande.
MARTELO. Pênis.
MARUMBA. Idem.
“MARVADA”. Cachaça.
MASTIGADO. Bem explicado.
MASTRO. Pênis ereto.
MATA-BICHO. Aguardente. 2 – Aperitivo.
MATADOR. Goleador.
MATADOR DE ALUGUEL. Marginal que cobra para executar alguém.
MATA-MATA. Partida decisiva, pois o vencedor continuará na disputa.
MATÃO-DE-AULA. Aluno que falta às aulas, freqüentemente, e sem motivo justificável.
MATAR AULA. Deixar de ir à escola.
MATRACA. Pessoa que conversa muito.
MATUNGO. Cavalo sem raça definida.
MATUTAR. Meditar, refletir, pensar muito.
MAURICINHO. Menino ou adolescente que está sempre impecavelmente bem vestido e calçado, acompanhando a moda da estação, ocasionando pilhérias.
“ME DEIXA”. Grito de guerra.
“ME ERRA”. Larga-me.
MEDALHÃO. Professor portador de respeitável currículo e profundo conhecimento. Hodiernamente, a escola pública carece desse tipo de profissional.
MÉDIA. Xícara (chá) de leite com café.
MEGANHA. Soldado raso.
MEIA-BOCA. Quase segredo.
MELANCIA. Pessoa que demonstra ser exatamente o oposto do que é na realidade.
MELHORADA. Aluno que mudou positivamente sua aparência e seu comportamento, em decorrência do amadurecimento.
MELISSA. Vírus mais difundido de todos os tempos. Foi o primeiro a utilizar a Internet para se autocopiar, acessando os endereços de e-mail armazenados e enviando arquivos contaminados para todos os destinatários encontrados. (17)
MENDI. Freguês que aparenta ter boa situação econômica, apresentando-se bem trajado, fala bem e gasta pouco, pagando na hora. Após adquirir a devida confiança do comerciante, compra bastante, apresenta desculpa, fica fiado e o devedor esquece da dívida, desaparecendo.
MENINA. Maconha. 2 – Aids.
MENINA-DE-CINCO-OLHOS. Palma-

tória, instrumento de tortura física, utilizada em repreensão na escola de quase toda a primeira metade do século XX.
MENSALÃO. Pagamento de propina a parte do legislativo em troca de apoio ao governo federal nas votações da câmara.
MERCADO PERSA. Local onde há tudo para ser comercializado.
MERÊ. Funcionária municipal (auxiliar de nutrição) cedida à escola estadual para preparar e servir a merenda escolar aos alunos do ensino fundamental, pela carência dessa modalidade de funcionária na rede pública.
MERGULHA. Quando o atleta se joga em nível horizontal no ar para tentar de cabeça marcar o tento.
MESADA. Dinheiro entregue, semanalmente, pelos responsáveis, a crianças e adolescentes com o objetivo de educá-los para a futura vida econômica que enfrentarão.
METAIS ESTÃO RASGANDO. Quando o volume de um grupo musical está exageradamente elevado.
METER A MÃO EM CUMBUCA. Meter-se em encrenca.
METER-SE EM CAMISA DE ONZE VARAS. Entrar em situação difícil.
METIDO. Intrrometido.
MEXER. Substituir atleta (s) no intervalo ou no decorrer do jogo.
MEXER OS PAUZINHOS. Solicitar o auxílio de pessoa influente especialmente do meio político, com a meta de resolver problema pessoal de intricada solução.
MEXERICO. Bisbilhotagem, boato, intriga.
MEXERIQUEIRO. Pessoa habituada a falar da vida alheia pelas costas do ofendido.
MIAU-TIAO. Até logo.
MICARETA. Carnaval fora de época, carnaval temporão.
MICARETA. Carnaval fora de época.
MICHÁ. Chave falsa 2 – Pão preparado com sobras de várias farinhas. 3 – Cédula falsa.
MICHARIA. Pouco dinheiro.
MICHÓ. Sem valor.
MICROFONE. Pênis.
MILICO. Policial militar raso.
MILONGA. Conversa sem sentido.
MINA. Moça, adolescente, jovem.
“MIO” (milho). Dinheiro.
MIOLO MOLE. Sem juízo.
MISERITE. Holerite.
MIÚDOS (sempre no plural). Vísceras de animais domésticos: galinha, leitão, vaca, etc.
MIXOLA. Insignificante, de pouco valor.

MIXÓRDIA. Pouco dinheiro.
MIXUNICA. Importância insignificante, pequeno valor em dinheiro.
"MÓ CARA". Muito limpo.
MUAMBA. Contrabando. 2 – Feitiço.
MOBRAL. Calouro, ou seja, aluno que inicia o curso técnico, nível médio, em escola agrícola.
MOCA. Café.
MOCÓ. Local utilizado por viciados, para o consumo de drogas proibidas por lei, em esconderijo.
MOCRÉIA. Mulher feia.
MOFETE. Esquecido.
"MOIÁ" (MOLHAR) AS PALAVRAS. Beber um gole de cachaça.
MOIASQUI. Quem aprecia namorar descendentes de nipônicos ou outros povos orientais.
MOLA DE BINGA. Cabelo pixaim.
MOLHAR A MÃO. Subornar.
MONA. Efeminado.
MONTADA. Travestida.
MONTEI UMA CAVALA. Pilotei uma moto grande.
MORAL. Categoria, cartaz. Ex: Beltrano

tem moral com a diretora.
MORCEGO. Explorador. 2 – Guardanoturno desonesto.
MORDE DE CIUMES. Desconfiança total.
MORÉ. Homem traído pela esposa.
MORGA. Mulher feia.
MORINGA. Cabeça.
MORRER NA PRAIA. Lutar muito e perder ao final ou próximo.
MOSCANDO. Vacilando.
MOSTRAR SERVIÇO. Desempenhar bem o papel que tem obrigação de exercê-lo o melhor possível.
MOTUCA. Motocicleta.
MOTOQUEIRO. Motociclista irresponsável.
MUCANA. Moça que acompanha criança à escola, sem que seja parente.
MULA. Doença venérea, conhecida entre os profissionais da saúde como Adenite inguinal. 2 – Transportador de tóxico, geralmente menor de idade, de ambos os sexos, que age nos locais mais variados, a partir da escola onde estuda.
MULATA. Maconha.

MULHERZINHA-SÁBADO. Mulher que trabalha fora durante a semana, além de outros compromissos, e tem apenas o sábado para fazer as compras, nascendo, assim, o problema da inadimplência.
MUNDO DA LUA. Distraído.
MUNDO-CÃO. Submundo das drogas, da violência.
MUNDRUNGUEIRO. Feiticeiro.
MUQUE. Força.
MUQUIRANA. Avaro, sovina.
MURO DAS LAMENTAÇÕES. Sala dos professores.
MÚSICA. Dinheiro.
MUTRETA. Malandragem.
MUVUCA. Confusão, tumulto.
MUXANGO. Aluno briguento e desordeiro.
MUXIBA. Sovina.
MUXICÃO. Antiga forma de castigar os alunos com um safanão.
MUXINGA. Chicote.
MUXIRÃO. Mutirão.



NA BANHEIRA. Impedido, em futebol.
NA BUCHA. Imediatamente.
NA ESTICA. Bem trajado, bem arrumado.
NA FAIXA. Grátis.
NA PONTA DA LÍNGUA. Saber de cor, respondendo imediatamente.
NACO. Lésbica. 2 – Pedaco de alimento.
NADANDO EM DINHEIRO. Excelente situação econômica.
NAIFA. Faca.
NAJA. Pessoa intrigante.
NAMBA. Maconha.
NANICA. Pequena.
NANICO. Baixo, pequeno. 2 – Partido político insignificante.
NÃO É BOBINHO. É difícil.
NÃO É PARA SEI BICO. Sem chances.
NÃO É PRA MEU CAMIÃOZINHO. É muito, é demais, não se agüenta.
NÃO ENTENDO PATAVINA. Não sei nada.
NÃO ESTÁ EM GIBI. Não existente, inacreditável.
NÃO PEGA NEM GRIPE. Moça de idade que não consegue namorado.
NÃO TEM MOSQUITO. Sem proble-

ma.
NÃO TEM PERNAS. Sem preparo físico.
NASO. Nariz.
NATA. O melhor. Ex: É a nata da escola.
NECA. Pênis. 2. Nada.
NEGADA. Moçada, amigos, companheiros.
NEGOCIAR. Estabelecer diálogo completamente democrático entre as duas partes, objetivando acordo comum numa discussão.
NEGÓCIO CASADO. Ambos fazem-no juntos e paralelo a outro.
NEGRINHO. Cafezinho.
NEGRINHO DE BORRACHA. Pneu.
NEM SOMBRA. Longe da imitação.
NEREIDA. Nada.
NERLIDA. Nada.
NHENHENHÉM. Conversa monótona e sem sentido prático, nem teórico, rotina.
NHONHA. Pessoa abobalhada 2 – Refrigerante vendido em garrafa (600ml).
NICOLAU. Dinheiro.
NINFA. Moça sedutora.
NINGRE-NINGRE. Pessoa acanhada.
NINHO. Cama.

NINHO. Cama.
NÓ. Crise de crak, acompanhada da sensação de pavor e perseguição: para aplacar a angústia, o viciado fuma outra pedra.
NÓ CEGO. Mau pagador, tapeador.
NO DURO. Com certeza.
NO GRITO. À força.
NO MOLE. Com facilidade.
NO PAPO. Conquistador.
NO POÇO. Na pior, em baixo astral.
NO ÚLTIMO. Máximo.
NÓIA. Viciado em drogas, dependente, desclassificado.
NOME DE GUERRA. Falso nome, pseudônimo.
NOS TRINQUIS. De acordo, tudo certo.
NOTA. Dinheiro.
NOVIDADE. Gravidez.
NOVO CLERO. Políticos sem a expressão política adequada.





Ó. Ruim, resto.

O LÍQUIDO. Pinga.

OBA-OBA. Manifestação positiva.

OBÉ. Navalha.

OBRIGAÇÃO-DE-POBRE. Pinga.

OCÓ. Homem sem prestígio.

OCUPADA. Menstruada.

ODORA. Homem elegante.

"OFFICE BOY" DE OURO. Diretor de ensino.

"OFFICE-BOY" DE LUXO. Diretor de escola estadual.

"OFFICE-BOY" MAIORAL. Delegado de ensino (atual diretor de ensino).

"OFFICE-BOY" DE SUPERLUXO. Supervisor de ensino.

OITAVÃO. Última série do curso fundamental.

OITO OU OITENTA. Nada ou tudo?

OLHAR NO FUNDO DO COPO. Tomar aguardente.

OMEDETÔ. Parabéns.

ONÇA. Pessoa de cor. 2 - Mulher brava.

ONDEIRO. Pessoa que gosta de espalhar falsidades.

ONZE. Equipe de futebol.

ONZE-HORAS. Flor de cores variadas que desabrocha perto das onze horas.

ONZENICE. Intriga.

OPERAÇÃO SETE ANÕES. Rota oficial da corrupção em Brasília.

OPERAÇÃO TRIANGULAR. Ação desonesta, onde pelo menos um dos integrantes agiu de má-fé, quando não é marginal.

OPERÁRIO. Futebolista útil à equipe, sem aparecer para a torcida.

OPINIÃO. Insistência, teimosia.

"OREIA" (orelha). Pouco inteligente.

"OREIUDO" (orelhudo). Idem.

ORELHA DE BURRO. Dobras que acontecem nas pontas dos cadernos

escolares, sobretudo dos alunos principiantes, mais novos, nas séries iniciais da escola pública.

ORELHA RALA. Pederasta.

ORELHA SECA. Pessoa anormal.

ORELHÃO. Telefone público instalado em variados pontos.

ORELHUDO. Atrasado, parvo, tolo.

OS CAMBAUS. Desaprovação.

OSSO. Algo difícil, ruim.

OSSO CARUNCHADO. Osteoporose.

OSSO DIFÍCIL DE ROER. Horrível.

OSTRA. Desocupado, que, por não ter o que fazer, demora a deixar o lugar.

OTI. Bebida.

OVA. Interjeição de rejeição.

OXO. Empate sem abertura do placar, no futebol.



PACO. Pacote de papéis em formato de cédulas, sendo a primeira verdadeira.

PACOTEIRO. Empacotador.

PADARIA. Nádegas.

PÁ-DE-CAL. Assunto encerrado.

PADOCA. Padaria, panificadora.

PADRECO. Pessoa que estudou em seminário, desistiu antes de concluir o curso, por falta de vocação.

PADRINHO. Protetor.

PÃE. Quando o homem passa a exercer o papel duplo de pai e mãe na educação dos filhos, em virtude da separação do casal.

PAGA-PAU. Indivíduo que admira os objetos alheios.

PAGAR O PATO. Ser considerado culpado pela prática de ato negativo, não cometido.

PAGAR PEDÁGIO. Com a emenda constitucional nº 20, que modificou o sistema de previdência social, estabeleceu normas de transição. Promulgada a 15 e publicada 16/12/98 no DOE. (20)

PAI DOS BURROS. Dicionário.

"PAIA" (palha). Mentira

PAINÇO. Dinheiro miúdo.

PAIOL. Depósito clandestino de armas e até munição; geralmente em favelas.

PALHAÇO SALVA-VIDAS. Profissional que distrai os animais na arena após a montaria, reconduzindo-os ao brete.

PALOMA. Prostituta.

PAM. Advém da abreviatura passivo até a morte.

PAMONHA. Indivíduo sem energia, preguiçoso.

PANACA. Imbecil, sem valor.

PANARO. Nádegas.

PANÇA. Barriga.

PANCA. Ostentação, vaidade.

PANCADA. Pessoa anormal.

PANCADÃO. Ritmo musical do "funk". 2- Indivíduo muito maluco.

PANÇUDO. Obeso, barrigudo.

PANDEIRO. Nádegas.

PANELA. Quisto existente no interior de escola pública estadual com a pretensão de agir como força paralela, quando não antagônica à direção. 2- Indivíduo

reunidos com o mesmo objetivo, até para fazer o bem, fora da escola pública. (18)

PANELINHA. Grupo fechado de pessoas com objetivo estabelecido. Ex: A panelinha contra o diretor é forte. Equivale ao anterior.

PANQUECA. Passivo.

PÃO. Homem simpático, atraído pelas mulheres.

PÃO DE FORMA AMBULANTE. Côm-bi, perua Volkswagen; deixou a linha de montagem.

PÃO DE POBRE. Preparado com tapioca, mandioca, ou fubá.

PÃO-DURO. Sovina.

PAPAGAIO. Pessoa que fala demais.

PAPAGAIO. Semi-alfabetizado falante e até sem nexos no que pronuncia.

PAPANICOLAU. Exame citopatológico realizado pelo médico para prevenir eventual câncer no aparelho reprodutor feminino.

PAPAPUM. Revólver. 2- Tiro de arma de fogo. 3- Sucesso de gases expelidos



por uma ou mais pessoas.

PAPEL ACEITA TUDO. Sem argumentos para discutir.

PAPELADA. Documentos.

PAPELÃO. Ação ou ato condenado pela sociedade.

PAPELINHO. Bilhete entre os alunos durante as aulas.

PAPO. Conversa.

PAPO-FURADO. Conversa sem nexos, sem valor.

PAQUEIRO. Intermediário leigo que agencia causas trabalhistas em ruas e as entrega nos escritórios de advogados, aos quais estão diretamente relacionados.

PAQUERAR. Atrair alguém do sexo oposto.

PAR DE VASOS. Duas pessoas vestidas com roupas iguais.

PARAFUSO SOLTO. Pessoa anormal.

PARAGUAIZINHO. Local em que se concentram vendedores ambulantes, geralmente em feiras livres, autorizados pelo órgão competente, para vender produtos estrangeiros, vindos do país vizinho.

PARAÍBA. Mulher que age tal qual homem.

PARANGOLÉ. Conversa sem sentido.

PARASITA. Quem procura viver à custa de alguém.

PARDAL. Equipamento de controle de velocidade no trânsito (ou detector de multas por radar).

"PARÊIA" (parelha). Dupla que aparece em todos os locais possíveis juntos. 2- Emparelhamento de dois animais. 3 - Duas pessoas vestidas com roupas iguais

PARTIDÃO. Partido Comunista Brasileiro, fundado em 25/03/1922.(19)

PARTIDO DO CRIME. Primeiro Comando da Capital (PCC), facção criminosa surgida em 1993, mas que atingiu o clímax, no sistema penitenciário paulista (2001), corrompendo funcionários, promovendo tráfico de drogas, assaltos, extorsões, resgates de detentos, e outros crimes. Promoveu (2006) rebelião na capital e em parte do interior amedrontando a população com os atentados.

PARTIR PARA A IGNORÂNCIA. Tornar-se agressivo, desequilibrar-se.

PASPALHO. Abobalhado, apalermado.

PASSA MOLEQUE. Deslealdade.

PASSADOR. Traficante.

PASSAR A SALIVA. Convencer através de astúcia.

PASSAR A LIMPO. Transcrever.

PASSAR A MANTA E AZULAR. Mentir, extorquir e sumir.

PASSAR A MÃO. Acariciar. 2- Furtar.

PASSAR A MÃO NA CABEÇA. Agra-

dar, adular.

PASSAR A SACOLINHA. Coletar doações.

PASSAR FÁXIS. Evacuar.

PASSAR O CHAPÉU. Recolher donativos para algum fim justo.

PASSAR O PENTE FINO. Executar minucioso levantamento.

PASSAR O PIALO. Enganar alguém em transação comercial.

PASSAR PARA TRÁS. Prejudicar, preterindo alguém.

PASSAR TELEGRAMA. Defecar.

PASSAR UM FIO. Telefonar.

PASSAR UM PITO. Admoestar.

PASSAR UM SABÃO. Repreender.

PASSE. Trabalho de fluidoterapia. 2 - Atestado liberatório de futebolista profissional.

PASSE AÇUCARADO. Excelente passe no futebol.

PASTAR. Sofrer. 2- Amolar outro.

PASTELÃO. Apostila preparada com cópias de livros, revistas e recortes de jornais, sem conter qualquer citação bibliográfica.

PASTILHINHA. Motociclista medroso, que normalmente pilota mal e freia muito, contribuindo para o desgaste do freio.

PATA. Mão ou pé de animal. Nas escolas há alunos que usam esse termo com os colegas.

PATA-CHOCA. Pessoa gorda, baixa, lerdada e sem expediente.

PATAXÓ. Vítima.

PATINHO FEIO. Desprezado, rejeitado, preterido por todos devido ao comportamento indesejável e anti-social.

PATO. Simplório.

PATOCA. Mentira.

PATOTA. Grupo de amigos.

PATO-TOLO. Parvo.

PATRÃO. Marido ausente.

PATRICINHA. Menina ou adolescente que acompanha extremamente a moda, em todos os sentidos.

PATUÁ. Amuleto.

PATURI. Maconha.

PAU-D'ÁGUA. Ébrio.

PAU. Reprovação. 2- Dinheiro, moeda corrente. 3- Poste do gol.

PAU-DE-ARARA. Instrumento de martírio para presos políticos nos anos de chumbo (1964-85). 2- Braçal que mora na periferia da cidade e trabalham na área rural, sendo mais requisitado, sazonalmente. 3- Migrante que outrora saiu do Nordeste, de caminhão, para o centro-sul do País.

PAULADA. Policial à paisana.

PAULISTECA. Série A-3 do campeonato paulista de futebol.

PAULISTINHA. Série A-2 do campeonato paulista de futebol.

PAVILINHO. Mascote.

PAVIO-CURTO. Pessoa neurastênica, despótica e autoritária que desequilibra, com facilidade, o ambiente de trabalho, crendo unicamente em si e em informações duvidosas.

PÁ-VIRADA. Pessoa extrovertida, capaz de promover atos alegres, bem humorada, mas que, por vezes, irrita algumas pessoas.

PÉ ATRÁS. Precaução.

PÉ DE BORRACHA. Automóvel.

PÉ DOIS. Caminhar, andar a pé.

PÉ NA COZINHA. Mulato.

PÉ SUJO. Desordeiro.

PÉ-D'ÁGUA. Chuva forte, inesperada e rápida.

PEDAÇO. Mulher atrativa.

PEDAÇO DE MAU CAMINHO. Prostituta. 2 - Pessoa muito bela.

PEDAÇO DE PÃO. Pessoa amiga e de bom coração.

PÉ-DE-BODE. Antiquíssimo automóvel da marca Ford.

PÉ-DE-BOI. Trabalhador.

PÉ-DE-BORRACHA. Automóvel.

PÉ-DE-BREQUE. Motorista péssimo.

PÉ-DE-BRIGA. Provocação.

PÉ-DE-CANA. Ébrio.

PÉ-DE-CHINELO. Pobre.

PÉ-DE-CHUMBO. Futebolista que joga mal, tem os pés pesados e não faz gol.

PÉ-DE-GALINHA. Rugas que surgem no canto dos olhos.

PÉ-DE-MEIA. Pecúlio.

PÉ-DE-OUVIDO. Tapa na orelha.

PÉ-DE-PATO. Nadadeira.

PEDRA. Lousa, quadro-negro (em desuso). 2- Local existente em muitas cidades interioranas, a praça central, aonde reúnem pessoas, geralmente não-credenciadas pelo órgão oficial, comercializam imóveis, veículos motorizados e terrenos. Não são benquistos pela população em decorrência do comportamento demonstrado ao longo do tempo, especialmente com o sexo feminino, chegando até faltar com o respeito, especialmente as jovens bonitas.

PEDRAS NOS RINS. Litíase renal.

PÉ-DURO. Péssimo chutador, no futebol. 2- Animal sem raça.

PÉ-FRIO. Azarado.

PEGA. Corrida clandestina de automóveis (ou motociclistas) em logradouros públicos, nas madrugadas. É também conhecida como racha.

PEGAR. Relacionar-se intimamente.

PEGAR NO PÉ. Repreender com severidade e persistência.

PEGAR PELA RABIOLA. Acariciar



com as mãos as nádegas da parceira, enquanto dança. 2- Puxar uma pipa presa a outra, através da linha.

PEGAR PESADO. Trabalhar duro, com afinco.

PEGA-RAPAZ. Cacho de cabelo que pende nas testas de algumas jovens.

PÉ-GELADO. Azarado.

PEIA. Corda usada para amarrar o animal, geralmente pelas duas patas traseiras juntas.

PEITAR. Desafiar, enfrentar. Ex: Sicrano peitou Beltrano.

PEITEIRA. Apoio que vai no peito do animal e dá equilíbrio ao peão.

PEIXINHO. Protegido.

PELADA. Jogo de futebol feio e ruim.

PELADA. Partida ruim de futebol varzeano.

PELE DE PÊSSEGO. Celulite.

PELEGO. Pessoa que participa de diretoria de sindicato fazendo politicagem e preparando-se para a vida pública.

PELOTA. Oportunidade. 2- Bola.

PENDULEIRO. Relojoeiro prático, conhecedor profundo da profissão. Está em vias de desaparecimento, por conta da tecnologia avançada e não encontra novos aptos, pois os jovens não nutrem interesse por ela.

PENETRA. Intruso.

PENOSA. Galinha. 2- Mulher imoral.

PENSA-QUE-SABE. Pessoa que gosta de demonstrar conhecimento, mas não consegue enganar todos o tempo todo. 2- Enganhador.

PENTE. Carregador para pistola automática.

PENTEAR MACACO. Procurar o que fazer, amolar outro.

PENTELHO. Indivíduo esquisito que importuna. 2- Eleitor radical e fanático.

PEPINO. Problema.

PERABA. Furúnculo.

PÉ-RAPADO. Pobre.

PERDER A CABEÇA. Desequilibrar-se emocionalmente, gerando desavenças.

PERDER A ESPORTIVA. Desequilibrar-se, tornar-se agressivo.

PERDER A LINHA. Perder a postura.

PERDER O REBOLADO. Ficar sem jeito.

PERDIGUEIRO. Fiel.

PERERECA. Vagina.

PERNA. Nota de cem reais.

PERNA BAMBA. Perna sem força, no futebol.

PERREIO. Muita vontade.

PERU. Intrometido.

PERUADA. Passeata organizada pelos acadêmicos de direito do Largo São Francisco, centro de São Paulo. É festa tradicional com ampla distribuição de

bebidas. Um peru, como símbolo da irreverência, é carregado. Porém, pela primeira vez (2003), dispensou-se a ave, atendendo aos apelos de entidades que trabalham em defesa dos animais. 2 - Interferência na conversa, sem ser convidado.

PESCAR. Copiar do vizinho ou dele ouvir emocionalmente alguma resposta no decorrer da prova. 2- Cochilar em sala-de-aula.

PESEIRO. Quando o peão laça o animal pelo pé.

PESO PESADO. Nome importante.

PESTINHA. Criança peralta.

PETELECO. Tapa.

PIALO. Tombo, prejuízo.

PIATÁ. Ânus.

PICA. Pênis.

PICA. Quando a bola bate na relva e engana o atleta. 2- Pênis.

PICADA. Injeção de drogas.

PICA-PAU. Espingarda artesanal, carregada pela boca do cano, socada.

PICÁPE. Mulher de nádegas volumosas.

PICAR A MULA. Fugir, sumir, desaparecer.

PICAR O BURRO. Sumir, desaparecer.

PICARETA. Pessoa sem valor.

PICARETA. Trapaceiro, indivíduo inoportuno.

PICHAÇÃO. Palavras e frases, geralmente difamatórias, em muros, nas vias públicas e prédios (residenciais ou não). É a ação da inveja e da falta de hombridade agindo na calada da noite. Não se trata de propaganda comercial ou industrial. É papel executado por desordeiros vândalos, desocupados.

PICHAR. Difamar, censurar.

PICO. Picada de drogas.

PICUINHA. Sem valor, sem consideração, algo minúsculo. 2- Minúcias insignificantes.

PIFADO. Esgotado, escangalhado, sem forças.

PILA (sempre no singular). Dinheiro.

PILADO. Nu.

PILANTRA. Malandro.

PILANTROPIA. Truque que forneceu, durante anos, pessoas que faziam o papel de filantropo, sendo apenas de fachada. Desde aquela época existe o trocadilho.

PILHA FRACA. Pessoa desanimada.

PIMENTA. Pênis.

PINDAÍVA. Miséria.

PINGADO. Copo de leite com um pouco de café.

PINO-BOLA. Engate instalado em tração de veículos para que possa acoplar pequena carreta, ou serve para rebocar

outros.

PINOTE. Fuga.

PINTA. Vagina.

PINTAR O SETE. Promover anarquia.

PIO-DE-MADEIRA. Objeto artesanal usado na caça clandestina de aves.

PIPI DO PERERÊ. Lingüiça fina acbolada e bem frita (ou assada); é prato servido apenas em botequins.

PIPOCAR. Ficar com medo.

PIPOQUEIRO. Covarde, medroso.

PIRANGUEIRO. Pessoa apaixonada por pescaria com anzol, nas barrancas do rio Grande (não distante de Olímpia). Essa modalidade de profissional auxilia os turistas que tenham necessidade de encontrar os melhores pontos para a atividade, além de ensinar os nomes de animais e plantas, o que recupera a denominação regional desses seres vivos.

PIRANHA. Prostituta.

PIRAR. Enlouquecer. 2- Ficar dopado.

PIRATA. Violação dos direitos de propriedade intelectual. 2- Malandro.

PIRATARIA. Comércio.

PIRIPAQUE. Histeria.

PIRIRI. Disenteria.

PIRULITAR. Sumir, desaparecer, fugir.

PISANTE. Calçado.

PISTOLÃO. Proteção. 2- Diploma. 3- Apresentação.

PITANGA. Vagina. 2- Prostituta.

PITICA. Pessoa pequena.

PÍULA. Não é nada.

PIVETADA. Molecada.

PIVETE. Garoto. 2 - Ladrão menor de idade.

PIXOLÉ. Dinheiro miúdo.

PLÁ. Conversa.

PLACAR PERIGOSO. Diferença de apenas um gol.

PLANTA DO CAPETA. Maconha.

PLANTAR BATATAS. Indivíduo inoportuno que incomoda a vida alheia até ouvir este verbete, quando pára. Equivale a caçar sapo.

PLU. Bebida contendo sonífero.

PNEUSÃO. Nádegas volumosas.

PÓ. Cocaína.

PÓ-DA-CHINA. Pentaclofenol.

PODEROSA. Aids.

POEIRA. Idem

POLACO. Sino de metal colocado em animal, principalmente em touro, para irritá-lo, deixando-o nervoso.

POLÉIA. Palestina, cidade desta região.

POLENTA. Indivíduo molengo, sem expediente para nada.

POLENTEIRO. Descendente de italiano.

POMBA-GIRA EM LÍQUIDO. Cerveja.

PONGA. Pessoa esquisita.

PONTE. Ato de suspender as aulas,



quando ocorre feriado ou ponto facultativo na terça ou na quinta-feira. Tal expediente é previsível no planejamento, no início do ano e entra no calendário escolar, legalmente.

POPÓ. Nádegas.

POPOQUETE. Nádegas pequenas.

POPOZUDA. Nádegas avantajadas.

POR BAIXO DO PANO. Às escondidas, clandestinamente.

PÔR CIMA DO JABÁ. Ótimo.

PÔR NA GELADEIRA. Desprezar.

PÔR O DEDO NA FERIDA. Comentar assunto desagradável, falar de um assunto útil, mas que desagrada.

PÔR PANO QUENTE. Contemporizar.

PORCARIA. Portaria

PORCO. Aluno que profere palavrões a qualquer instante. 2- Torcedor do Palmeiras. 3- Aluno que está sempre sujo.

PORNÉIA. Gonorréia.

PORORÓ. Dinheiro.

PORRADA. Pancada.

PORRE. Bebedeira.

PORRETA. Gente fina, legal, sensacional.

PORTÃO. Quando no horário do PEB II (antigo professor III) existem vagas duas aulas seguidas, no mesmo período. Equivale a "janela colonial".

PORTUNHOL. Língua espanhola mesclada com o nosso idioma, de forma meio confusa e mal falada.

POTRÉIA. Algo sem valor, objeto que não presta.

POUPANÇA. Nádegas.

PRATA (sempre no singular). Dinheiro.

PRECISA TER ESTÔMAGO. Algo difícil de se agüentar.

PREÇO SALGADO. Valor alto.

PREGADO. Cansado.

PREGAR EM OUTRA FREGUESIA.

Procurar outro lugar e outra pessoa.

PREGO. Homem que rodeia as prostitutas e sai sem nada acontecer.

PREPARADA. Mulher dissoluta, que aceita qualquer companheiro.

PRESENTE DE GREGO. Algo indesejável. 2- Negócio ruim.

PRESENTINHO. Forma eufêmica de subornar; é diminutivo para não despertar atenção.

PRESEPADADA. Estória mentirosa.

PRESUNTO. Forma irônica do aluno responder, no ato da chamada, a sua presença. 2- Gordura localizada e embaulada no corpo humano.

PRETA. Maconha. 2- Difícil, ruim. Ex: A vida está preta.

PRETINHA. Idem.

PRETO E BRANCO. Corintiano, santista e outros torcedores alvi-negros.

PRETO NO BRANCO. Documento assinado.

PRIMA. Prostituta.

PRIMO POBRE DO CURRÍCULO. Educação Física, Educação Artística e Inglês, por terem pequena carga horária e os alunos não levam a sério, por serem práticas educativas, sendo necessário apenas o mínimo de 75% de presença.

PRINCÍPIO ATIVO DA BAGUNÇA. Aluno especialista em gerar confusão, atrapalhando o ambiente.

PRISÃO DE VENTO (ventre). Constipação intestinal.

PROBLEMÃO SEM FIM. Progressão continuada.

PROSTITUTA. Substituta.

PROVÃO. Exame nacional de cursos, anualmente promovido pelo MEC (Ministério da Educação), visando a avaliar os cursos e não os alunos. 2- Tipologia de prova escrita no ensino médio que envolve duas disciplinas num mesmo

dia.

PUIÑA. Requeijão caseiro.

PULAR A CERCA. Ser infiel ao compromisso conjugal.

PULO NO ESCURO. Casamento à moda antiga.

PUM. Expulsão de gases, peido.

PUNGA. Furto de carteira.

PUNHETA. Bolinho de tapioca cozida.

PUNHETA DE ESTUDANTE. Doce preparado com tapioca.

PUNXIRÃO. Mutirão.

PURITÃO. Idem.

PUTA. Ótima, legal, extraordinária. Ex: Fulana é uma "puta" artista.

PUTO. Muito nervoso. 2- Pederasta profissional. 3- Libertino, dissoluto. 4- Sem dinheiro.

PUXADA. O atleta joga a bola para trás, com o peito do pé, passando-a sobre o seu adversário. Não é sinônimo de bicicleta.

PUXADA DE RABO. Admoestação severa e pública.

PUXÃO DE ORELHAS. Repreensão.

PUXAR. Furtar.

PUXAR. Usar maconha.

PUXAR A "PAIA" (palha). Dormir

PUXAR O CARRO. Ir-se embora.

PUXAR O SACO. Lisonjear, adular servilmente, bajulador.

PUXA-SACO. Bajulador

PUXA-SACO. Bajulice, lisonja, quem gosta de adular.

PUXA-SAQUISMO. Ato de quem gosta de adular em demasia e, geralmente, em público.

PUXETA. Equivale a "puxada".

PUXIRÃO. Mutirão.



QUÁ. Dúvida.

QUADRADO. Antiquado, obsoleto, conservador.

QUADRIL. Nádegas.

QUADRO-NEGRO. Antes era chamado de pedra, depois quadro-negro, posteriormente quadro-verde, onde o giz era o objeto para se escrever. Mais tarde surgiu o quadro-branco, usando-se pincéis. Em todos esses casos o apagador era usado para limpar a superfície. Neste século, paulatinamente chegou a

eletrônica. É a última palavra, mas não está presente em escolas públicas, até o momento presente.

QUÁ-QUÁ-QUÁ. Estatuto do Magistério Paulista (Lei complementar 444/85). 2 - Gargalhada. 3 - Pederasta vulgar que provoca risos.

QUARTELADA. Rebelião de alunos no interior (ou no portão) da escola.

QUARTOS. Nádegas.

QUARTOS (sempre no plural). Nádegas, ancas, cadeiras.

QUATRO LETRAS. Aids.

QUEBRA-DEDO. Jogo entre duas equipes, com qualquer número de atletas, sem juiz, sem bandeiras, sem uniformes, as metas improvisadas são marcadas por pedaços de tijolos, chinelos, sapatos, além de outros objetos existentes no local e que possam cumprir o papel de sinalizar. É o futebol folclórico.

QUEBRA-COSTELA. Abraço forte.

QUEBRADO. Sem dinheiro. 2 - Falido.

QUEBRA-GALHO. Improvisação.



QUEBRA-GALHO. protetor. 2 – Loja que comercializa objetos (ou artigos) de segunda mão, usados.

QUEBRA-GELO. Iniciação à palestra, conferência, conversa, etc.

QUEBRA-LOUÇA. Relação sexual entre as mulheres.

QUEBRA-PAU. Arruaça, briga desavença.

QUEBRA-QUEBRA. Arruaça, briga generalizada, depredação de bens materiais.

QUEBRAR O GALHO. Facilitar algo, favorecer alguém, auxiliar, resolver uma questão.

QUEBRARAM O OVO. Desentenderam-se.

QUEIJO. Remendo em roupa.

QUEIJO DA ROÇA. Queijo caipira, feito com processo rústico e elementar.

QUEIMA. Liquidação.

QUEIMAR. Esbanjar, gastar em excesso. 2- Liquidar.

QUEIMAR A LÍNGUA. Opinar erroneamente sobre algo.

QUEIMAR LATA. Cozinhar, de forma improvisada, sem maiores conhecimentos do assunto.

QUEIMAR O FILME. Falar mal da vida alheia.

QUEIMAR PANELA. Idem.

QUEIMA-ROSCA. Pederasta.

QUEIXO CAÍDO. Admirado, surpresa.

QUEIXO DURO. Animal que não atende aos toques das rédeas (correias que servem para comandar as cavalgadas).

Também é usado para os humanos bem teimosos.

QUEIXUDO. Idem.

QUENGA. Prostituta.

QUENTE. Sensual. 2 – Pinga.

QUERO. Querosene.

QUERO-QUERO. Água de coco.

QUETILIQUE. Insignificante.

QUICHUTE. Lésbica.

QUIDE-TOCAIA. Especialista em comentários maldosos e irônicos.

QUIPROQUÊ. Confusão.

QUIRELA. Dinheiro trocado, ou seja, miúdos.

QUIZAMBA. Bagunça, desordem, confusão. 2- Feitiço.

QUIZILA. Antipática.



RABICHO. Quatro horas-aulas semanais (Educação Física e Educação Artística), ministrada por professores licenciados nessas disciplinas, quando esteve em vigor a lei 5672/71. Contudo, ocorreram mudanças, por algumas vezes, no decorrer do tempo. Nesses casos o “rabinho” era desenvolvido pelo próprio professor da classe (21). 2 – Namoro carregado de paixão momentânea. 3 – Engate colocado em carros de passeio para que possam carregar pequenas carretas e, de acordo com a capacidade do motor, até trailer. 4 – Carro funerário.

RABO DE FOGUETE. Ruim, péssimo.

RABO DE PALHA. Pessoa que carrega erros que facilmente podem ser mencionados (inadimplência, ébrio, infidelidade, etc).

RABO PRESO. Quem está supostamente envolvido com outra (s) pessoa (s) e, por conta disso, não tem coragem de tomar certas decisões.

RABO-DE-CAVALO. Penteado feminino.

RABO-DE-SAIA. Mulher.

RABO-PRESO. Ser conivente com algo escuso.

RAÇA. Refere-se a negra.

RÃ-CACHORRO. Animal anfíbio (Megaelosia bufonia), existente na nossa área rural.

RACHAR. Dividir. 2 – Estudar muito.

RACHO. Vagina.

RAEL. Cigarro de maconha.

RAIBÃ. Murro desferido no olho, deixando marca.

RALA-BUCHO. Baile popular.

RALAR. Machucar. Ex: A Lu caiu da moto e está ralada.

RALÉ. Vulgar.

RAMBO. Violento, explode a toa com qualquer um, depois se condena pela ação, sem sentir remorso.

RANGO. Refeição simples.

RAPA. Momento em que os fiscais da prefeitura passam em áreas de ambulantes; os que estiverem em situação irregular terão os materiais recolhidos. O povo, no afã de auxiliar os ambulantes, gritam “ó o rapa, o rapa...” para alertá-los.

RAPAPÉ. Bajulação.

RAPA-TACHO. Pessoa que come muito, raspando o restante que fica em panelas, caldeirões e tachos.

RAPOSA. Mulher preconceituosa e repleta de manias.

RAPOSA VELHA. Pessoa matreira, bem maliciosa.

RAQUEL. Cocaína.

RAQUER. (do inglês racker). Indivíduo que utiliza a internet para praticar delitos e/ou danificar sistemas. Se flagrado será responsabilizado pelo que cometeu.

RAQUETE. Mão grande.

RARÁ. Pecado, erro, falha.

RASGA-SEDA. Idem.

RASPA DE TACHO. Caçula, o último filho do casal.

RASPADINHA. Cartela que contém números ocultos por uma película. Após raspados, se ocorrer a existência de três,

absolutamente iguais o apostador receberá um prêmio.

RASPUTIM. Conquistador, sedutor.

RASPUTINHA. Mulher que mantém, às ocultas, relações íntimas com religiosos: pastores, padres e outros.

RATAZANA. Ladra.

RATO. Ladrão.

RATO D'ÁGUA. Ladrão que furta pescadores.

RATO DE IGREJA. Pessoa altamente desonesta.

RATO DE PRAIA. Pessoa que, à beira-mar, furta banhista.

REBOLADO. Requebrado.

REBU. Confusão.

RECLAMAR DE TUDO. Infeliz, nada satisfará.

REDONDA. Grávida. 2 – Bola.

REDONDINHA. Bola bem passada ao companheiro de equipe.

REDONDO. Zero.

REFRESCAR A MEMORIA. Lembrar.

REFRESCO DE PÉ. Chinelo de dedo, tipo havaiana.

REFRI. Efeminado.

REIMOSO. Gorduroso.

RELA-BUCHO. Baile popular pouco recomendável. Equivale a gafieira.

RELICÁRIO. Caderno com uma longa série de perguntas, uma por folha, sendo algumas mais íntimas. Era raríssimo o adolescente que não possuía essa forma de entretenimento e de conhecer melhor o círculo de amizade. Na primeira folha: “Qual é seu nome completo”? Na outra, data de nascimento. E, assim por diante.

Logo após a pergunta, todas as linhas numeradas. E cada convidado respondia na ordem de entrega. Geralmente o primeiro a responder era o dono. E seguia para os mais próximos, os mais amigos. E assim continuava até o fim. Era a forma salutar de exercer a redação (o que ninguém pode negar) e a coragem para demonstrar a sinceridade. Com o passar do tempo, entrou em decadência, e, na atualidade, são raríssimos, mas existem.

REME-REME. Comum, rotineiro, repetitivo, sem graça.

REMOSO. Gorduroso.

RENCA. Muito, demais.

RENEGADO. Futebolista ruim.

REPETECO. Repetição.

REPÓRTE (repórter) ESSO. Pessoa que freqüentemente passa informações maldosas e inconfiáveis de variados setores, principalmente sobre pessoas que exercem liderança na comunidade escolar e na política local e regional.

REPÚBLICA. Casa ou apartamento onde residem várias pessoas amigas, geralmente para estudar e/ou trabalhar.

REPÚBLICA DE BANANAS. País que não atingiu o desenvolvimento susten-

tável. Ex: O Brasil é uma república de bananas.

RESORVE. Revólver.

RESPIRA. Tem esperança.

RETRECHEIRO. Indolente, preguiçoso.

REUMATISMO NO SANGUE. Febre reumática.

REVORTADO. Funcionário público que atua distante de casa e sem ter chance de rápida remoção, pouco produz e está sempre insatisfeito.

REZAR. Torcer.

RIFAR A BOLA. Chutar a bola para a frente, ou até para fora, sem maiores objetivos.

RIFIFI. Confusão.

RISCADO. Ofício. Ex: Ela entende bem do riscado. 2 – Desaparecido. Ex: Fulana foi riscada da minha lista.

RISCA-FACA. Local onde se encontram pessoas de baixa categoria social e gostam de brigar, podendo ser em bar, baile, praça, etc.

RISCAR DO MAPA. Desaparecer.

RISITE. Pessoa que exagera nos risos.

RISO DE ARTISTA. Sorriso fácil.

RODA. Zero.

RODA VIVA. Sucessão de fatos.

RODADA. Cada vez em que a bebida é servida a um grupo de cidadãos.

RODA-PRESA. Receio de tomar decisão.

RODAR A BAIANA. Mostra o que deve ser feito.

RODELA. Mentira.

ROLETA RUSSA. Ato de pegar o revólver, com apenas uma bala no tambor e acionar o gatilho contra si.

ROLO. Briga, confusão.

ROLO. Troca de objetos, barganha. 2 – Negócio escuso. 3 – Confusão.

ROMBO. Desfalque, desvio de dinheiro.

ROMENO. Jovem que tingiu o cabelo de amarelo, bem acentuado, em alusão à Copa de 1998, quando os atletas da Romênia usaram o processo, com a cor ouro.

ROMEU E JULIETA. Queijo com goiabada.

RONCAR PAPO. Glorificar-se.

ROSCA-SECA. Sovina.

RUA DA MUAMBA. Rua 25 de março, na capital paulista.

RUFIAO. Explorador de lenocínio.

RUIM DE CABEÇA. Débil mental. 2 – Pessoa extremamente incoerente.



SABÁTICO. Oportunidade para o funcionário repensar a carreira e se aperfeiçoar, através de curso, aos sábados.

SABE COM QUEM ESTÁ FALANDO?. Modo autoritário de iniciar uma conversa ou lhe dar continuidade.

SABENTA. Apostila.

SABE-TUDO. Competente, culto, franco e autoritário; não tolera ser contrariado ou corrigido.

SABICHÃO. Culto.

SACADINHA. Dose de pinga.

SACANA. Malandro.

SACAR. Entender.

SACATRAPO. Secretário.

SACO. Pessoa intrometida que procura intervir em tudo.

SACO-DE-OSSO. Pessoa muito magra.

SACO. Paciência. 2 – Pessoa que aborrece.

SACO DE GATOS. Algo complicado e às vezes difícil de entender.

SACOLEIRA. Comerciante ambulante.

SACO-ROXO. Coragem.

SACRISTÃO. Auxiliar de enfermagem.

SAFANÃO. Uns tapas.

SAIA-JUSTA. Embaraço, situação incômoda.

SAIDEIRA. Última pinga ou cerveja que se toma para ir-se.

SAIR DA LINHA. Enganar, modificar o modo de ser.

SAIR DO ARMÁRIO. Assumir claramente a homossexualidade.

SAIU VENDENDO AZEITE. Nervoso, furioso, bravo.

SAL AMARGO. Sulfato de magnésio. 2 – Pessoa indigesta, de difícil comunicação.

SALADA. Confusão.

SALADA MISTA. Idem.

SALAME. Drible. 2 – Pessoa sem expediente.

SALGADO. Preço elevado.

SALGAR. Ato relativamente comum entre algumas crianças, colegas de escola, é passar a mão nas nádegas do outro. O revide é valorizado a seguir. Dificilmente tem que ocorrer a intervenção adulta, pois não há maldade nessa brincadeira.

SALIVAR. Convencer através de boa conversa.

SAMBA-EM-BERLIM. Bebida preparada com pinga, coca-cola e suco de limão.

SAMPA. São Paulo (cidade).

SANDÁLIA. Lésbica masculinizada.

SANDUBA. Sanduíche.

SANFONA. Carteira de dinheiro.

SANGRIA. Bebida preparada com vinho, água, mel (ou açúcar), suco de limão e especiarias moídas (canela, cravo e noz-moscada) levada à chama, coada e servida morna ou quente no inverno em algumas festas juninas).

SANGUESSUGA. Explorador. 2 – Corretor desonesto e inabilitado.

SANTINHA. Aguardente. 2 - Pessoa que finge ser inocente.

SANTINHA DO PAU OCO. Fingimento de virgindade por parte de moça.

SANTO. Pessoa de comportamento exemplar. Ex: Beltrano é um santo em aula.

SÃO SILVESTRINHA. Prova realizada em algumas cidades interioranas, cujos vencedores seriam os representantes delas na nossa São Silvestre, que ocorre no



último dia do ano, em São Paulo, com caráter internacional.

SAPA. Lésbica.

SAPÃO. Lésbica idosa.

SAPATA. Lésbica.

SAPATO. Revólver.

SAPO. Quem vive ao redor das mesas de jogo dando palpíte, intrometendo-se.

SAPUCAIA. Vagina.

“SARAPATÉ” (sarapatel). Prato preparado com miúdos de porco, fígado, moela, coração e rins, acompanhados de arroz e feijão.

SARARÁ. Chuvisqueiro congelado, raríssimo na região, que leva os descuidados a pensarem em neve.

SARNA. Pessoa que não dá trégua e incomoda muito.

SEBO. Adolescente, geralmente do sexo feminino extremamente orgulhosa e levemente desequilibrada no seu ambiente escolar e social. 2 – Loja de livros e discos usados. 3- Enjoado.

SEBOSA. Pessoa que pretende ser o que não é, sem ter motivos.

SEDE. Vontade, desejo.

SEDÉM. Cinta feita de crina (pêlo do pescoço e da cauda do cavalo) ou de pele de cavalo que é amarrada na virilha dos animais, contribuindo para que ele pule.

SÉDEM NO TALO. Calça dins (“jeans”) bem justa.

SEGURAR. Reprovar.

SEGURAR A CESTA. Ato de acompanhar namorados, incomodando-os.

SEGURAR A VELA. Equivale ao anterior.

SELEÇÃOZINHA. Seleção sub-20.

SELECINHA. Seleção brasileira de futebol de categoria não adulta.

SELINHO. Beijo.

SELO. Virgindade.

SEM PAPAS NA LINGUA. Pessoa que não poupa nada.

SEM PÉ E SEM CABEÇA. Sem nenhum sentido.

SEM SABER DA MISSA A VONTADE. Desconhecer o assunto.

SEM SAL E SEM AÇUCAR. Pessoa sem aparência adequada.

SEMANA DO SACO CHEIO. Semana de outubro em que estão os dias 12 (feriado nacional) e 15 (feriado escolar), os alunos mais velhos fazem algum tipo de excursão educativa, ou simplesmente não comparecem às aulas. Já está tradicionalizada.

SENTAR O DEDO. Atirar.

SENTIR A PERNA. Atleta (escolar ou profissional) que está com a perna contundida.

SERELEPE. Muito esperto, rápido.

SERRÃO. Quem pede emprestado, sistematicamente. E não devolve, nem dá satisfações.

SERROTE. Idem.

SETA BANANINHA. Quando acionada, levanta-se na lateral para alertar o sentido da conversão. Esse instrumento de sinalização existia nos primeiros modelos Volkswagen, produzidos no Brasil.

SIMPA. Indivíduo não-definido ou mesmo heterossexual que frequenta ambientes ocupados por pederastas e lésbicas.

SIRICUTICO. Desmaio. Ex. Deu um siricutico em Beltrano que ela só acordou no pronto socorro.

SOÇAITE. Termo vindo do inglês “society”, designa, neste caso, a alta sociedade, a elite.

SOSSEGA LEÃO. Injeção para acalmar o indivíduo extremamente fora de si.

SOCO NO ESTÔMAGO. Situação desagradável.

SOFRER DA BOLA. Indivíduo com problemas neurológicos.

SOLA. Carne dura, às vezes servida na merenda escolar

SOLTAR A BAIANA. Ver “chutar o pau da barraca”.

SOLTAR OS CACHORROS. Dizer impropérios.

SOM MIADO. O que impressiona mal os ouvidos, saindo de um instrumento musical.

SOMBRA E ÁGUA FRESCA. Vida folgada.

SOMBREIRO. Sombrinha, guarda-sol, guarda-chuva ou chapéu de abas largas que protege o seu portador do astro-rei.

SONANTE. Dinheiro.

SOPA. Fácil.

SOPA DE LETRAS. Conjunto de muitas letras, às vezes, associadas a números, cada qual com o seu significado. Ex: A-1, A-2, A-3...

SOROBÔ. Sobras de alimentos preparados, conservados sob refrigeração e em condições propícias ao consumo.

SUCATEIRO. Quem trabalha com sucata.

SUINGUE. Orgia entre casais com troca de parceiros.

SUJAR A BARRA. Agir de má-fé.

SUJEITO A GUINCHO. Quando as falhas na execução de uma partitura musical começam a ocorrer.

SUMIÇO. Fuga, desaparecimento. 2 – Morte.

SUMIR DO MAPA. Desaparecer.

SUOR-DE-ALAMBIQUE. Aguardente.

SURPRESINHA. Nas loterias de números, o sistema os escolhe, mas a quantidade de apostas depende da pessoa.

SURRA. Sova.

SURRÃO. Prostituta reles.

SURURU. Briga.

SURURU. Conflito generalizado.

SURURU. Desavença, briga.



TÁ NO NÁILON. Mulher conquistada.

TÁ-TÁ. Pessoa visivelmente anormal.

TABA. Maconha.

TÁBUA DE BATER ROUPA. Mulher de corpo sem saliências visíveis.

TAMPINHA. Pessoa de baixa estatura.

TANAJURA. Mulher de nádegas avantajadas.

TAPA. Tragada em cigarro de maconha.

TARADO ENCUBADO. Cafajeste que

aguarda oportunidade propícia para agir.

TAREFA-GILETE. Aluno que ao realizar pesquisa bibliográfica apenas copia o que lê, por não ter capacidade e/ou falta de vontade para raciocinar e transformar o conteúdo em suas próprias palavras, consoante o seu entendimento.

TATURANA. Bigode volumoso.

TAXI SOLA. Caminhada.

TECIDO FINO. Cocaína.

TEIMOSINHA. Opção do apostador, nas loterias de números (Dupla Sena, Lotomania, Mega e Quina), de indicar o número de concursos que pretende participar com o mesmo jogo, entre os indicados, em casas lotéricas.

TELEBUNDÃO. Programa televisivo que explora o erotismo, o vulgarismo e o palavreado de baixo nível.

TELEFONISTA. Operadora de telemarketing.
TELINHA. Televisor.
TELONA. Cinema.
TEM BASE?. Dá para acreditar? É possível ser?
TEMPORÃO. Aluno com idade avançada para aquela série.
TENDEREPÁ. Confusão.
TENDINHA. Boteco de favela.
TENEBROSO. Ônibus circular.
TÊNIS. Fuzil. 2 – Pênis.
TERCEIRÃO. Terceira série do colegial (até 1971), de 2.º grau (até 1996) e de médio, na atualidade.
TERÊ. Maconha.
TEREZA. Corda improvisada feita com lençóis, toalhas e outras peças de roupas pelos presidiários, almejando fuga.
TESÃO. Atração sexual. 2 – Vontade. Ex: Perdeu o tesão de estudar.
TESO. Sem dinheiro.
“TESORO” (tesouro). Moça linda e de corpo atrativo.
TESOURAR. Maldizer, falar de alguém.
TESTE PARA CARDÍACO. Esforço físico exagerado.
TIA. Professora. 2- Senhora. 3-Aids.
TIÃO. Lésbica.
TIÇÃO. Pessoa de cor.
TICHUCA. Moça pouco atrativa.
TICO-TICO. Escola de primeiras letras do jardim infância.
TICO-TICO NO FUBÁ. Pessoa de estado civil ignorado.
TIGRÃO. Homem atrativo com cabelos semi-grisalhos.
TIGRE. Cafetão.
TIGRESA. Mulher atraente.
TIME CHAPA BRANCA. Clube esportivo, principalmente de futebol, que recebe dinheiro público para disputar um certame. O Gama e outros times de Goiás são tidos dessa categoria. No esporte amador regional, é comum ocorrer casos análogos.
TIM-TIM. Coquetel.
TINTUREIRO. Viatura policial para transporte de presos.
TIO PATINHAS. Sovina.
TIONA. Lésbica.
TIRA. Policial.
TIRADENTES. Dentista que atua em escolas públicas (estaduais e municipais) ou em postos de saúde. 2- Balde-chuveiro com registro e usado em área rural desprovida de energia elétrica. Os primeiros eram mais elementares.
TIRA-GOSTO. Qualquer petisco que sirva para retirar, por momentos, o sabor de cachaça da boca.
TIRA-GOSTO. Salgadinho que se come enquanto se bebe.

TIRAR A MÃE DA ZONA. Ter pressa exagerada.
TIRAR ÁGUA DO JOELHO. Urinar.
TIRAR DA RETA. Eximir-se de responsabilidades.
TIRAR DO ARMÁRIO. Expor ao público.
TIRAR LINHA. Flertar.
TIRAR O CAVALO DA CHUVA. Desistir.
TIRAR O CHAPÉU. Respeitar.
TIRAR O PAI DA FORÇA. Ter muita pressa.
TIRA-TEIMA. Aguardente.
TIRA-TEIMA. Recurso eletrônico utilizado na televisão para esclarecer situações duvidosas em arbitragens de futebol. 2 – Pinga. 3. Decisão de campeonato importante.
TIRETE. Pênis pequeno.
TIRIRICA. Aluno, funcionário, pai ou outrem de má índole e persistente. 2 – Furioso, bravo.
TI-TI-TI. Conversa maldosa, fútil e frívola, acerca da vida alheia.
TIÚ. Abobalhada.
“TÔ (estou) BEGE! (ou outra cor)”. Expressão de surpresa.
TÔ (estou) PASSADO. Espantado.
TOCO DE AMARRAR JEGUE. Homem de baixa estatura.
TOFU. Pessoa adepta de soja e derivados no cotidiano.
TÓI. Indivíduo que se insere no afã de ganhar dinheiro, sem escrúpulos, verdadeiro aproveitador.
TOMATE. Indivíduo bem corado. Ex: A inspetora de alunos é um tomate.
TOMEI UM CHÃO. Cai (da bicicleta, do cavalo, da moto, etc).
TOMOU CHÁ QUANDO ERA CRIANÇA. Bem educado.
TOQUE DE CAIXA. Rápido.
TORCE O NARIZ. Não aceita, detesta. Ex: Quando ele ouve falar sobre futebol, torce o nariz.
TORÓ. Chuva com ventania, chuva forte.
TOTOZINHO. Pequeno toque na bola, no futebol.
TRAMBIQUE. Negócio ilícito.
TRAMÓIA. Algo ilícito.
TRAMPAR. Trabalhar.
TRAMPO. Serviço, trabalho.
TRANSA. Relacionamento íntimo.
TRANSAR. Copular.
TRASEIRA. Nádegas.
TRASTE. Cafajeste.
TRATO. Combinação.
TRAVA. Travesti.
TREINEIRO. Aluno que presta vestibular, por experiência, mas não terminou o ensino médio. 2- Treinador de futebol,

em clubes amadores.
TREM. Palavra muito usada na área, dada a proximidade de Minas; designa qualquer objeto.
TREMINHÃO. Cavalinho mecânico e as duas unidades (carretas) a ele engatadas.
“TRENCOSEQUENTO”. Qualquer carícia no corpo, inesperadamente.
TRESOITÃO. Revólver de calibre 38.
TRETA. Briga, desavença, confusão. 2 – Malandragem.
TRETOU-RELOU. Por qualquer pequeno motivo.
TREZE DE MAIO. Pessoa de cor.
TRIÂNGULO DA MORTE. Região compreendida pelos bairros: Capão Redondo, Jardim Herculano e Parque Santo Antônio, onde é altíssimo o volume de homicídios na capital. Ex: Sicrana veio do triângulo da morte.
TRIBO. Gangue de jovens.
TRIPINHA. Papeleta estreita, onde o professor coloca, ao final do período estipulado (geralmente bimestre) as notas e as faltas dos alunos, entregando-a na secretaria.
TROCADINHO. Dinheiro miúdo.
TROCADO. Algumas moedas.
TROCANDO FIGURINHA. Refere-se aos favores que ocorrem entre as escolas públicas, visando a beneficiar os alunos, desrespeitando os prazos estipulados para entrega de algum documento, conseguir vagas e outros análogos.
TROCA-TROCA. Mudança rápida de posicionamento.
TRÓIA. Prostituta.
TROPEIRO. Criador que fornece animais bravos para rodeios.
TROTE. Castigo físico aos alunos que iniciam a primeira série em alguns cursos técnicos de nível médio e universitários pelos veteranos dos próprios estabelecimento de ensino. Está em franca decadência, tendo em vista os abusos cometidos. As unidades de melhor nível já substituíram-no (ou estão em processo de alterá-los, gradativamente) por ações comunitárias: doação de sangue, coleta para cestas básicas, trabalho social em instituições de caridade, coleta de livros, além de outras atividades congêneres.
TROUXA GLOBALIZADO. Pessoa que se traja com produtos importados, repete termos ingleses, vive na Internet, pensando no primeiro mundo e não fica sem lanchar em “fast food” de nome transnacional, bebendo coca.
TRUQUEIRO. Jogador de truco.
TRUTA. Confusão, malandragem.
TUDO AZUL. Ótimo.
TUNDA. Sova, pisa.



TURBINADO. Motor de explosão potencializado.

TURCO. Comerciante considerado desonesto.

TURRÃO. Teimoso ao extremo.

TUTA E MEIA. Pouco dinheiro.

TUTU. Dinheiro.

TUTU. Dinheiro. 2- Mexido de feijão com farinha de mandioca, cebola e couve refogados com torresmo e carne.



UAI! Admiração.

UBÁ. Pessoa que se preocupa com a vida alheia.

UCA. Aguardente.

UÉ! Idem.

UISCADA. Reunião social em que o uísque é a bebida predominante.

UISCAR. Beber uísque.

ÚLCERA DE BAURU. Leishmaniose.

ÚLTIMA LONA. Penúria.

UM BUSCA O OUTRO. Quando ocorre na família mais de uma morte, em pouco tempo.

UM MEIO. E-mail, endereço eletrônico.

UM PAR DE DIAS. Vários dias e não

apenas dois.

UM TREMENDO BARATO. Algo excelente.

UMA. Cachaça.

UMA ERVA. Muito dinheiro.

UMA GELADA. Cerveja.

UNHA-DE-FOME. Sovina.

UNHAR. Furtar.

UNHEIRA. Ferimento produzido pelos arreios no lombo dos animais.

UÓ. Péssimo, ruim.

UPA. Aguardente.

URÉ. Pessoa suja e maltrapilha.

URINA DE SANTO. Pinga.

URSADA. Deslealdade, ingratidão.

URSO. Delator, inimigo, falso, fingido, desleal. 2- Homem forte e peludo.

URUBUSERVAR. Observar.

URUCA. Azar.

URUCUBACA. Azar.

URUCUBACA. Feitiço. 2- Azar.

URUMBEBE. Pessoa fácil de ser lograda.

URUTU. Veículo blindado usado pelo Exército para o transporte de pessoas. 2- Pessoa muito brava, valente, briguenta.

USEIRO. Pessoa que pratica atos censuráveis.

UVA. Jovem linda.



VACA. Prostituta.

VACA "LOCA" (louca). Dança entre embriagados.

VACA AMARELA. Mistura de guaraná com sorvete de abacaxi.

VACA BRANCA. Soda limonada com sorvete de limão.

VACA DOURADA. Refrigerante de laranja com sorvete de maracujá.

VACA PRETA. Coca-cola com sorvete, geralmente de creme.

VAGA. Vadio.

VAGOLINO. Malandro.

VALE-COXINHA. Tiquete-refeição cedido pela Secretaria da Educação do Estado aos funcionários e parte dos professores que recebem até determinado limite.

VAMPIRO. Indivíduo que cobra preços exorbitantes.

"VAPT-VUPT". Rápido.

VAQUINHA. Prostituta. 2 - Arrecadação entre amigos para obter objetivo comum.

VAREIO. Pisa, surra, sova.

VARJÃO. Várzea.

VAZAR. Passar, fugir, sumir, ir embora.

VAZIO. Barriga, estômago.

VÊ SE TE MANCA. Cale a boca.

VELHO. Pai.

VENENO. Pinga.

VENENO. Situação péssima. 2- Alimento ou bebida que faça mal à saúde.

VENENOSA. Aguardente.

VENTA. Nariz.

VENTO. Dinheiro.

VENTO-ENCANADO. Malandro.

VER O SOL NASCER QUADRADO. Prisão.

VER O SOL QUADRADO. Idem.

VERANICO. Curto período de seca, em geral de dez a quinze dias, no período chuvoso. É um fenômeno atmosférico atípico.

VERDÃO. Guia curricular de capa verde que deveria orientar os interessados, especialmente os professores, após a implantação da Lei 5692/71 (Reforma do Ensino), sepultada pela atual LDB (22). 2- Palmeiras.

VERME. Vírus que contamina os computadores, sem a necessidade de qualquer intervenção do usuário.

VERSÁTIL. Pessoa que utiliza o sexo ativo e passivo. Ex: Ela é versátil.

VESÍCULA PREGUIÇOSA. Inflamação

da vesícula.

VESTIR PIJAMA DE MADEIRA. Morrer.

VETERANA. Idosa, moça em idade avançada.

VÊU-DA-NOIVA. Rede da meta, no futebol.

VIAJAR. Equivocar.

VIDA MANSA. Vida tranqüila, sem preocupações.

VIDRAÇÃO. Namoro apaixonado.

VIDRADO. Entusiasmado.

VIDRAR. Apaixonar-se repentinamente.

VIDREIRO. Vidraceiro.

VIGÁRIO. Malandro, golpista.

VIGARISMO. Malandragem.

VIGARISTA. Malandro.

VINAGRE. Miséria.

VINHOTO. Mau elemento.

VIPE. Gente muito importante.

VIRA E MECHE. Quase sempre.

VIRA-LATA. Cão sem raça. 2- Pessoa desqualificada.

VIRAR. Mudar de opção sexual. Ex: Sincrana virou.

VIRAR A CASACA. Mudar de partido político, trocar de clube de futebol para

torcer ou mudar radicalmente de opinião.

VISTA CANSADA. Presbiopia, processo de envelhecimento dos olhos humanos, diminuindo a capacidade de focalizar de perto.

VITALINA. Moça idosa, mas esperançosa.

VITAMINA. Pessoa robusta, bonita.

VITÓRIA APERTADA. Resultado final apenas com a diferença de um gol.

VITÓRIA DE LAVADA. Goleada.

VITÓRIA MAGRA. Equivale à "vitória apertada".

VIÚVA DE PLANTÃO. Esposa consciente do abandono marital, mesmo vivendo sob o mesmo teto.

VIÚVA-ALEGRE. Viatura de transportar detentos.

VIVALDINO. Malandro.

VIVALDO. Idem.

VÔO. Sensação provocada por drogas ilegais.

VULCÃO. Moça bonita, sedutora e atraente.



XANHA. Nojo.

XANXO. Suíno. 2- Pessoa que desconhece o que é asseio.

XAROPADA. Conversa sem nexos, fastidiosa.

XAROPE. Pessoa esquisita.

XAVECO. Mulher muito feia e sem modos.

XEBREGA. Muito antiquado.

XEDENGUE. Ordinário. 2- Magro.

XEMBENGUE. Imprestável, ordinário.

XENGO. Boa sorte.

XEPA. Alimentação ruim. 2- Final de feira-livre, quando os preços diminuem.

XEPEIRO. Pessoa que pede comida nas ruas.

XEQUE-MATE. Expulso.

XETA. Dinheiro.

XEXELENTO. Vulgar.

XIBA. Maconha.

XIBABA. Idem.

XIBABEIRO. Maconheiro.

XIBAR. Usar maconha.

XIBI. Pinga.

XIBOCA. Batida de limão, pinga e açúcar.

XILINDRÓ. Detenção, prisão.

XILIPE. Prisão.

XIMBICA. Algo velho e de pouco valor.

XIRUBA. Bonito.

XIS. Cela, cubículo de detenção, xadrez. 2- Difícil.

XIXICA. Fezes.

XODÓ. Querido, predileto.

XOROCA. Pessoa exigente.

"XUCO" (xucro). Animal semi-selvagem, que não aceita ser domado.

XUCRO. Embriagado.

XULIPA. Bola de futebol.

XUMBERGA. Coitado. 2- Bêbado.

XUMBREGA. Equivale ao anterior.

XUXU. Mulher bonita.



ZABADEIRA. Prostituta.

ZANGÃO. Indivíduo que fica nas calçadas e praças para conseguir clientes para hotéis, despachantes, fotógrafos, etc.

ZANZAR. Andar à toa, sem fazer nada de útil.

ZAPEAR. Trocar constantemente de canal televisivo.

ZAZÁ. Freguesa que olha vários artigos, vê os preços e dificilmente compra.

ZÉ FIDELIS. Feijão duro, sem temperos e ruim.

ZÉ MARIA. Morte.

ZEBRA. Resultado inesperado.

ZEFA. Égua de pouco valor. 2 - Prostituta.

ZEZÉ. Freguês que apalpa as frutas, mas nunca compra.

ZICA. Azar.

ZINCO. Navalha.

ZINHA. Namorada.

ZIZI. Sorte.

ZOAR. Fazer bagunça.

ZOIÃO. Prato preparado com arroz, farinha de mandioca, feijão, salada russa e dois ovos estrelados.

ZÓIO DE LULA. Feirante invejoso.

"ZOIUDO" (zolphudo). Invejoso.

ZONA. Área de prostituição. 2- Bagunça generalizada.

ZONZEIRA. Fora de si, inconsciente. 2- Bêbado, embriagado.

ZORÓ. Excesso. 2- Pessoa meio desequilibrada, apalermada, abobalhada.

ZOROPITÓ. Louco.

ZORRA. Anarquia total, bagunça generalizada. 2 - Zona de meretrício.

ZORRA. Baderna, confusão, bagunça.

"ZUEIRA" (zoeira). Anarquia, desordem, grande bagunça.

ZUMBI. Indivíduo de cor que tem liderança e faz questão de demonstrá-la. 2- Abobalhado.

ZUNGA. Hospedaria.

ZURA. Sovina.

ZURETA. Confuso. 2- Louco.



EPÍLOGO

Para muitos o temido fenômeno da globalização antevia o desaparecimento das culturas do povo, principalmente nos grandes núcleos urbanos dos países não-desenvolvidos, pelo intenso processo de manifestação, através dos meios de comunicação de massa. Não há dúvida de que o problema é patente, prejudicando-as. Todavia, outra forte corrente oposta, menos hostil, visa a preservar as culturas tradicionais, sobretudo nas grandes urbes, está em ação, agindo contra essa pressão de cima para baixo. Mesmo nos grandes centros populacionais, as comunidades periféricas se defendem como podem.

No nosso meio, felizmente, é bem diferente. Os laços afetivos (amigos, conhecidos, familiares, compadrio, vizinhos e até diversas autoridades) são mais fortes e conseqüentemente geram mais força para o povo defender o que é dele, nosso, da comunidade, enfim de todos, o patrimônio cultural. É a união de muitos concorrendo para alcançar o mesmo objetivo.

Dois singelos conceitos da Linguística (ou Glotologia) — ciência da linguagem, ou o estudo do idioma em si mesmo e por si mesmo — podem ser usados no que tange ao conteúdo deste ensaio. São denotação (o que o termo sugere, o sentido literal e original) e conotação (é indireto, figurado e amplo, mas não desagregados entre si).

Sugerimos que o leitor faça alguns exercícios diante dos verbetes, que possa interessar. A cono-

tação deverá ficar na frente.

É oportuno lembrar a frase de Câmara Cascudo (1898-1987):

“Comparar é sempre mais cômodo porque estabelece a referência e com ela a compreensão”.

Na prática proposta, executou-se, colocou-se em prática o que o pesquisador deixou explícito, chegando-se à compreensão após ter efeito de aceitar a responsabilidade de uma deliberação e anuí-la.

As conversas entre os jovens facilitam (e muito) a comunicação, graças à interação e à aceitação das palavras e expressões que surgem entre eles. Abraçam-se sem qualquer resquício de nada.

Muitos dos usados pelo grupo servem para camuflar outros termos, que parecem ser mais chocantes. Observe, através do léxico apresentado, que variadas palavras, das apresentadas, quando lidas (ou ouvidas ficam mais deglutíveis e assimiláveis, apresentando o sentido conotativo). Para exemplificar, o termo maconha “atrai” as atenções de muitos, até daqueles que não a conhecem. Uns sentem preconceito, outros, receio, outros, medo, outros, reações diferentes destas. Ela denota o sentido literal e original. Em contrapartida, existem, no cotidiano do grupo, bagulho, bengue, birra, eliamba, erva, cânhamo, fumo, mato, manga-rosa, massa, liamba, tabagira, totó, etc. que são conotativos; têm o sentido conotativo, indireto e figurado. Note que insinuam o efeito oposto do denotativo. Ficou claro, pelo visto, que

as palavras “conotativo” e “denotativo” não são desagregadas entre si. Ambos os conceitos estão associados. O mesmo ocorre com outros termos. As palavras: água-benta, branquinha, cana, dengosa, moça-branca, purinha, sinhá e tantas outras, parece-nos mais suaves, são conotativas, sentido figurado e indireto. Porém, ao relacioná-las com aguardente ou pinga, sugerem o sentido literal e original. As reações das pessoas para ambos os conceitos, podem levar o leitor a reações diferentes, para o mesmo produto. O sentido conotativo é mais brando, mais eufêmico. Não nos parecem viris as palavras adão, braulio, careca, cabeçudo, chorão, coalho, bimbo, minhoca, piroca, rola e outras, por terem sentido indireto e figurado: são conotativos. Servem melhor que o sentido literal e original, pênis. No entanto, como há sempre exceção, nos exemplos citados, acompanhará. Não se iluda, o eufemismo não envolve tudo, nem poderia.

É valioso refletir:

“A Ciência é aética por natureza. A Economia, por necessidade. A Política, por conveniência”.

Palavras de Joelmir Beting dão para ponderar, meditar, exprimir e espelhar. É isto que os brasileiros necessitam.

Notou-se que algumas palavras importadas, geralmente do inglês, somente são usadas da forma que são lidas ou traduzidas. Exemplificando: dogue, guei e outras.

Às vezes, certos progenitores e parentes corrigem os jovens pelo uso dessas palavras que fogem à norma-padrão, sem a devida explicação. Fica pior. Sem preparo tecno-pedagógico, qualquer tentativa de melhorar, estraga. Só valeu a intenção.

Nos últimos tempos todos os cidadãos, mesmo as autoridades, deveriam imaginar que sem esse vocabulário, tão utilizado no processo de comunicação coloquial, poderia ser conhecido, sobretudo quando os jovens marcam presença. Não estamos induzindo ninguém a se comunicar com essa riqueza vocabular, mas simplesmente conhecê-la para melhor interagir.

Como entre as palavras e expressões usadas, existem diversas

não-dicionarizadas, é conveniente ficar informado, para não sentir o dissabor de sofrer surpresas. Algumas foram dicionarizadas, mas o que interessa são os significados dados pelo povo.

A quase totalidade dos termos e expressões mencionados podem ser encontrados em outros locais desta vasta região. Pois bem, há vários, que até o presente momento somente foram localizados nesta terra. É natural que essa é uma situação momentânea, pois o direito de ir e vir dos cidadãos, e notadamente os meios de comunicação de massa, cumprirão o papel de espalhá-los.

O homem é um animal simbólico. Só para ativar a mente, note a relação analógica concreta/abstrata existente: grana, encher o

picuá, leite de pato, nó-cego, japonsa, rato, sossega leão, santinha do pau-oco e muito mais. Note a relação de semelhança material entre os que seguem: ingá, invicta, lápis, mamão, pregado, racho, roda e os respectivos significados. Há, também, palavras com analogia sufixal, talvez para disfarçar. É o caso de enganação, enganador e oxalá outras que quicá não guardam relação de significados entre si. É só ir ao glossário.

Por ser viva, não é fácil, por vezes, garantir se uma palavra está grafada correta ou erroneamente.

Para finalizar, em laografia (termo em desuso, mas era utilizado por Paulo de Carvalho Neto) não há censura e nem se aceitam qualificativos.

INFORMANTES

“Nos variados idiomas, palavras se alongam, encurtam e trocam de significado: expressões são criadas enquanto outras perdem a razão de existir; substantivos, verbos, adjetivos e advérbios emprestam sentido uns aos outros” conforme ponderou Marcos Nogueira.

Retomando as considerações gerais, em sumárias palavras, afirmamos que a metodologia empregada foi simples, concreta, objetiva e transparente.

Como realizamos a coleta da maneira mais informal possível, consideramos a quase totalidade do universo dos informantes anônimos. Em outras palavras, não fizemos perguntas diretas, mas soubemos aproveitarmos as conversas espontâneas deles, principalmente alunos, mas também serviços, professores e até o pessoal tecno-administrativo-pedagógico. Tudo foi altamente valioso durante o levantamento efetuado. Nada pode ser considerado dispensável. Entretanto, aproveitar a espontaneidade das informações, ao nosso ver, foi

o ponto alto da técnica utilizada. Certamente, sem essas ações contínuas deles transmitirem conhecimentos acumulados, sem maiores indagações, foi excelente. Perguntas poderiam insinuar o não-tão objetivo e, conseqüentemente, não teríamos atingido o nível aguardado. O somatório vindo das ações espontâneas, retiradas do povo, sem intervenção direta do pesquisador, além de maior transparência, seriedade e objetividade, em todos os ângulos, trouxe solidez. Esse material após sistematizado concedeu-nos as condições de ser divulgado aos leitores interessados, com a meta de focar às gerações vindouras, como ponto de apoio, para outras atividades inerentes. No entanto, para completá-lo, tivemos a imperiosa necessidade de indagar algumas pessoas. Esses estão indicados, como praxe. Eis a pequena relação de informantes diretos:

1 - Amarildo Celestino Ruiz /2-Vilma Gomes Morais /3-Geni Araújo Nunes /4-Arístides Cardoso (Ari)

/5-Luciano Magalhães (Lu) /6-Armanda Serafina Ramos (Fina) /7-Moacir Prado de Melo /8-Alexandrina Nascimento Santos /9-Madalena de Oliveira (Mada) /10-Isolina Mendonça /11-Sebastiana Martins Barbosa /12-Oswaldo de Andrade /13-Aparecida Vieira (Cida) /14-Eunice Pina Branco (Eu) /15-Orlando da Silva (Lando) /16-Avelina Dias (Lina) /17-Maria Aparecida Fernandes (Cidoca) /18-Angelina Never Cunha (Gelina) /19-Sebastião Luiz Zuquetti (Tiãozinho do Gás) /20-Valdemar Marques (Demá) /21-Augusta Novais (Guta) /22-Pedro Clóvis Borges Nogueira (Pecê).

Agradecemos a todos que propiciaram as informações indispensáveis para a efetivação deste presente trabalho. Certamente sem as ações positivas dos informantes – diretos e indiretos – não teríamos atingido, plenamente, a meta pretendida. Ampla gratidão e eterna luz celestial a todos, indistintamente.

DANÇA FOLCLÓRICA

- TAMBORIL -

Maria Aparecida de Araújo Manzoli
Departamento de Folclore – Olímpia/SP

Tamboril é manifestação que integra as festividades em louvor aos santos católicos Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, e São Benedito, em Minas Gerais, especificamente na cidade de Dores de Indaiá, onde os Congos se apresentam com algumas características próprias. São Ternos de Congo com nomes e indumentárias peculiares, mas que mantém a mesma devoção à santa do Rosário. Existem o Congo Penacho Real, o Congo de Manguaras, a Rainha Conga e o Tamboril. De acordo com relatos locais, a denominação Tamboril se deve ao pequeno tambor com que os congadeiros trazem às

mãos, tocando músicas e fazendo passos coreografados em suas exibições. Também são característicos os grandes chapéus com variegadas fitas de papel crepom. No grupo, sempre presentes se fazem os reis e também de alguns promesseiros, representados em trajes nas cores branca e roxa.

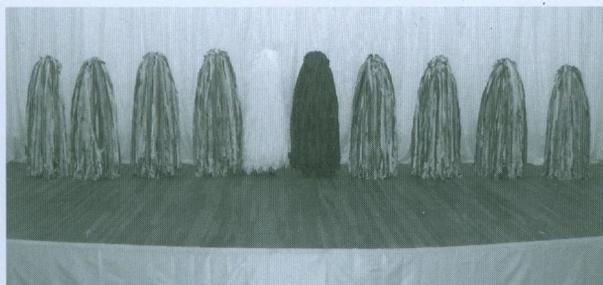
Uma outra conotação para esses trajes nos foi relatada pelo Prof. José Sant'anna, segundo o qual a cor branca representava a vida, e a roxa, a morte.

Na reelaboração da dança, que fizemos para o GODAP - Grupo Olimpiense de Danças

Parafolclóricas "Cidade Menina Moça", se encontram uma dançarina vestida de branco, e outra, de roxo. É dançada apenas por mulheres, pois, inicialmente, os dançarinos do grupo não queriam participar em razão dos trajes, especialmente por causa das saias. Embora atualmente até haja integrantes masculinos no grupo que estariam dispostos a dançar o Tamboril, acabou permanecendo a "tradição" entre nós.

No repertório do GODAP de Olímpia/SP, que tivemos o prazer de criar, o Tamboril se inclui há cerca de 15 anos.

>> POSIÇÃO INICIAL <<



.: MÚSICA .:

Instrumental (2 vezes)

>> 1ª FIGURA <<



:: 1.º MOVIMENTO ::

Em duas filas indianas o grupo se movimenta para frente. As dançarinas movimentam-se para dentro e para fora.



:: MÚSICA ::

Instrumental e vocal
(Sereia... - 2 vezes)

:: 2.º MOVIMENTO ::

As filas saem pela lateral indo se posicionar no fundo do palco, formando novamente duas filas.



:: MÚSICA ::

Instrumental
(2 vezes)



>> 2ª FIGURA <<



.: 1.º MOVIMENTO .:
Marcam passo no lugar.

.: MÚSICA .:
Vocal e instrumental
(Sereia... - 1 vez)



.: 2.º MOVIMENTO .:
Intercalam-se para frente e
para trás.

.: MÚSICA .:
Instrumental (1 vez)



.: 3.º MOVIMENTO .:
Repetem o 2.º movimento,
girando em torno de si mesmas.

.: MÚSICA .:
Instrumental
(1 vez)





:: 4.º MOVIMENTO ::
Desfazem as duas filas e formam uma roda.

:: MÚSICA ::
Instrumental e vocal.
(Sereia... - 1 vez)

<< >> **3ª FIGURA** <<

:: 1.º MOVIMENTO ::
Em roda, marcando passo.

:: MÚSICA ::
Instrumental e vocal
(Sereia... - 1 vez)



:: 2.º MOVIMENTO ::
Movimentos de 180º para direita e para esquerda, com ligeira genuflexão, posicionando-se face a face, ora com a dançarina da direita, ora a da esquerda.

:: MÚSICA ::
Instrumental (2 vezes)

Para uma melhor visualização há menos dançarinas nesta imagem





:: 3.º MOVIMENTO ::
 Marcam passo frente a frente.

:: MÚSICA ::
 Sereia... (1 vez)

Para uma melhor visualização há menos dançarinas nesta imagem



: 4.º MOVIMENTO :
 Dançam para dentro e para fora,
 com revezamento de dançarina par e
 ímpar, formando 2 círculos concêntricos.

:: MÚSICA ::
 Instrumental
 (1 vez)



Para uma melhor visualização há menos dançarinas nesta imagem



:: 5º MOVIMENTO ::
 Repete o 2.º movimento girando em torno
 de si mesmas.

:: MÚSICA ::
 Instrumental
 (1 vez)

>> 4ª FIGURA <<

:: 1.º MOVIMENTO ::
A roda é desfeita, formando 2
filas
indo até a frente do palco.

:: MÚSICA ::
Instrumental e vocal
(Sereia... - 2 vezes)



:: 2.º MOVIMENTO ::
As filas saem pela lateral.

:: MÚSICA ::
Instrumental (1 vez)

:: 3.º MOVIMENTO ::
Passos de encontro e afastamento
em duas filas indo até a frente do
palco.

:: MÚSICA ::
Instrumental
(1 vez)



.: 4.º MOVIMENTO :.
Retornam em filas até a frente do palco.

.: MÚSICA :.
Instrumental
(1 vez)



>> SAÍDA <<



As dançarinas posicionam-se de maneira a formar 'V', de costas para o público...

...e vão até o fundo do palco, voltam-se todas para um dos lados e saem em fila indiana.

.: MÚSICA :.
Instrumental
(1 vez)



INDUMENTARIA

1 - INDUMENTÁRIA COMPLETA



2 - CHAPÉU



Suporte de arame, e coberto de veludo, com fitas coloridas de papel crepom.



3-ROUPA



SAIA - Tecido liso

PEITO, COSTA – Tecido estampado

SOBRE-SAIA PREGUEADA – Tecido estampado

CAMISA – Branca, manga longa

4 –



MEIA-CALÇA - branca

POLAINAS -

SAPATOS - pretos fechados ou botas pretas cano curto

Tamboril

4

8

12

16

1. 2.

1. 2.

Para complementação deste artigo encontra-se disponível no Portal do Folclore Brasileiro, a música e o vídeo da dança Tamboril no endereço: www.ifolclore.com.br/godap/tamboril.htm

Finalizo agradecendo aos amigos André Nakamura e Luís Fernando Rabatone pela colaboração.





- NOTICIÁRIO -

O 41.º FESTIVAL DO FOLCLORE

André Luiz Nakamura
Departamento de Folclore – Olímpia/SP

O Festival do Folclore teve um dia a mais na sua 41.^a edição. A abertura, que geralmente se dava no segundo domingo do mês de agosto, realizou-se no dia 6/08/2005, sábado. A Comissão Executiva acolheu recomendação do Prefeito Municipal, Luiz Fernando Carneiro, de que a abertura fosse no sábado a fim de que o público pudesse participar mais da festa, pois, em geral, o repouso semanal remunerado dos trabalhadores é aos domingos.

Depois da abertura do Pavilhão Cultural do SEBRAE/SP, do lançamento do Anuário do 41.º FEFOL, do hasteamento das bandeiras, dos discursos do Prefeito Municipal, do presidente da Comissão Executiva do 41.º Festival do Folclore, Márcio José Ramos e da Coordenadora Geral do Setor de Folclore, Maria Aparecida de Araújo Manzolli, iniciou-se o Espetáculo de Abertura, organizado por Célio José Franzin, Luiz Carlos Queiroz e Marcos Eugenio Balbo, que consistia em uma homenagem ao “folclore da região norte”. Cerca de 465 crianças do ensino fundamental da rede municipal de ensino participaram do espetáculo.

No decorrer dos 8 dias do 41.º FEFOL, do qual participaram cerca de 120 mil pessoas, os grupos folclóricos e parafolclóricos apresentaram-se no palco principal da Praça de Atividades Folclóricas Prof. José Sant’anna, em meio a outros eventos de que trataremos a seguir.



GRUPOS QUE PARTICIPARAM DO 41.º FEFOL

Grupo Folclórico Campinense, Campinas/SP; Grupo Caçula de Catira, Bauru/SP; Grupo Folclórico e Religioso Moçambique de São Benedito, Lorena/SP; Companhia de Reis Carioca do Extremo Norte, Bebedouro/SP; Cia. de Reis Presépio ao Vivo – Bebedouro/SP; Congada Marinheiros de Franca/SP; Congada Três Colinas, Franca/SP; Reisado Sergipano e Bumba Meu Boi, Guarujá/SP; União Folclorista São Benedito do Belém, Taubaté/SP; Caiapós Mata Adentro, São José do Rio Pardo/SP; Congada de Sainha Irmãos Paiva, Santo Antônio da Alegria/SP; Samba Lenço, Mauá/SP; Cordão Folclórico Tatuense, Tatuí/SP; Grupo Folclórico Caboclinhos, Guarujá/SP; Grupo de Catira Tradição Brasileira, Pirangi/SP; Grupo de Fandango de Tamanco Cuitelo, Capão Bonito/SP; Congada Rosa de Atibaia, Atibaia/SP; Grupo Moçambique São Benedito, Guaratinguetá/SP; Grupo de Dança Atram, Potirendaba/SP; Cia. de Reis Magos do Oriente, Severínia/SP; Terno de Moçambique de Canequinha Irmãos Realino, Santo Antônio da Alegria/SP; Cia. de Reis Canário da Terra, Bebedouro/SP; Moçambique Princesa Isabel, Uberlândia/MG; Grupo Congado Marujos Azul de Maio, Uberlândia/MG; Congado de Nossa Senhora do Rosário Prata, Uberlândia/MG; Congada Os Marinheiros de Itaú de Minas/MG; Cia. de Santos Reis Unidos dos Marinheiros, Itaú de Minas/MG; Grupo Folclórico Chambá, São Sebastião do Paraíso/MG; Moçambique Diamante, São Sebastião do Paraíso/MG; Moçambique O Manhoso, Ibiraci/MG; Congo de Serra/ES; Grupo Frutos do Pará, Belém/PA; Grupo de Carimbo Os Quentes da Madrugada, Santarém Novo/PA; Congos de Oeiras/PI; Grupo Parafolclórico Flor da Serra, Chã Preta/AL; Samba de Roda, Taieiras e Parafusos, Lagarto/SE; Reisado de Zabelê/PB; Bacamarteiros de Carmópolis/SE; Grupo Arte Indígena Pataxó e Tupinambá, Ilhéus/BA; Grupo Parafolclórico Jacoca, Conde/PB; Grupo de Tradições Populares Acauã da Serra, Campina Grande/PB; Grupo Fogaça, Maringá/PR; Grupo de Dança Atram, Potirendaba/SP; GODAP, Olímpia/SP; Fanfarra Interescolar Municipal “Maestro Vicente Delamanha”; Grupo “Sarandeiros”, Belo Horizonte/MG, CTG M’Bororé, Campo Bom/RS.



APRESENTAÇÕES NO PALCO



REISADO DE ZABELÊ-PB
(Zabelê - PB)



OS CONGOS DE OEIRAS
(Oeiras - PI)



GRUPO ACAUÃ DA SERRA
(Campina Grande - PB)



BACAMARTEIROS
(Carmópolis - SE)



GRUPO CAIAPÓS
(São José do Rio Pardo - SP)



CONGADA CHAMBÁ
(São Sebastião do Paraíso - MG)



BANDA DE CONGO DE SERRA-ES
(Serra - ES)



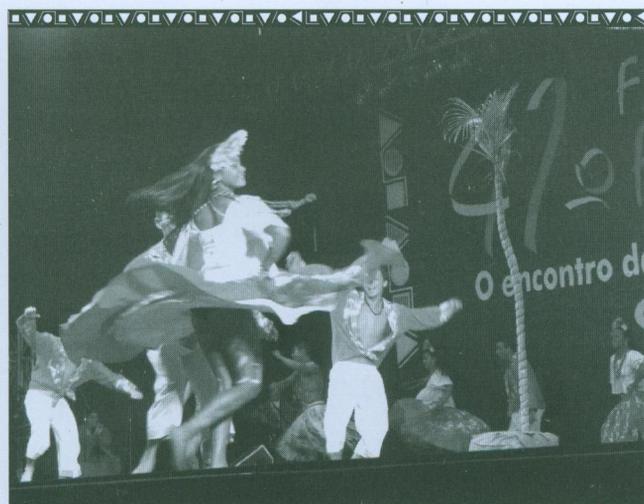
CTG M'BORORÉ
(Campo Bom - RS)



GRUPO FLOR DA SERRA
(Chã Preta - AL)



GRUPO FOGANÇA
(Maringá - PR)



FRUTOS DO PARÁ
(Belém - PA)



**GODAP – GRUPO OLIMPIENSE DE DANÇAS
PARAFOLCLÓRICAS**
“CIDADE MENINA-MOÇA”
(Olimpia - SP)





GRUPO DE DANÇAS VALENTINA TOAZZA
- APAE
(Olímpia - SP)



GRUPO JACOCA
(Conde - PB)



GRUPO DE CARIMBÓ OS QUENTES DA MADRUGADA
(Santarém Novo - PA)



SAMBA DE RODA
(Lagarto-SE)



GRUPO SARANDEIROS
(Belo Horizonte - MG)

DESFILE DOS GRUPOS FOLCLÓRICOS E PARAFOLCLÓRICOS

Ponto máximo do Festival do Folclore, o Desfile se realizou no derradeiro dia do 41.º FEFOL, dia 14/08/2005, tendo se iniciado por volta das 16 horas. Todos os grupos folclóricos e parafolclóricos que participaram do evento estiveram presentes nesse belíssimo desfile, que partiu da Avenida do Estudante (prolongamento da Avenida Brasil), passando pelas Avenidas Andrade e Silva e Menina Moça, e depois, pelas barracas e avenidas em torno da Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”. Grande parte dos espectadores, após a passagem do último grupo, seguia-o em direção à mencionada Praça, deixando-a praticamente lotada.



SAMBA-LENÇO
(Mauá-SP)





CONGADA TRÊS COLINAS
(Franca – SP)



CORDÃO DE BICHOS
(Tatuí – SP)



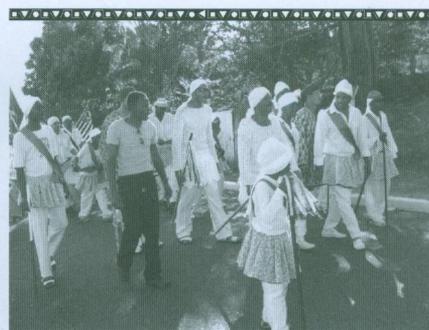
CONGADA IRMÃOS PAIVA
(Santo Antônio da Alegria – SP)



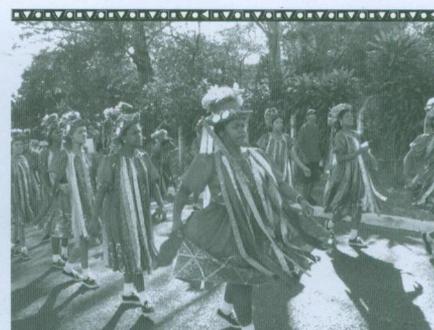
MAÇAMBIQUE O MANHOSO
(Ibiraci – MG)



CONGADA OS MARINHEIROS
(Itaú de Minas – MG)



MOÇAMBIQUE DE GUARATINGUETÁ
(Guaratinguetá – SP)



REISADO SERGIPANO E BUMBA-MEU-BOI
(Guarujá – SP)

PAVILHÃO TURÍSTICO CULTURAL DO SEBRAE/SP

Na 41.^a edição do Festival do Folclore de Olímpia, o Pavilhão Turístico Cultural do SEBRAE/SP, ornamentado com grande competência, foi programa imperdível para os participantes de nossa festa maior. Nele se realizou grande parte das atividades culturais paralelas às apresentações no palco principal da Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”.

O artesanato ali vicejava com galhardia. Promoveu-se uma Oficina de Repasse Técnico, com artesãos olimpienses e da região que ali permaneciam transmitindo informações e dicas para outros artesãos ou por quem se interessasse, sob a supervisão do SEBRAE/SP. Nessa Oficina se verificou também uma belíssima integração dos artesãos olimpienses e paulistas com os com-

ponentes dos grupos folclóricos e parafolclóricos, provenientes das mais diversas regiões do Brasil, que se dedicam ao artesanato. A Secretaria Municipal de Assistência Social e a APAE de Olímpia também ali apresentaram, para exposição e venda, peças produzidas pelos alunos dessa Associação. Todos os participantes dessa exposição que se afigurava um álcere mostruário da sagacidade e da destreza dos artesãos revezavam-se produzindo peças durante a visitaçã, diante do público. Enfim, uma produtiva e belíssima atividade foi ali levada a efeito, na qual se valorizaram os artesãos, se deram oportunidade e espaço para aprendizes, bem como um oportuno e enriquecedor intercâmbio de informações e de idéias. A exposiçã de peças artesanais, aliás, é sempre aconte-

cimento marcante em nossa festa maior.

Um tear da Incubadora de Empresas de Olímpia _ outro projeto subsidiado pelo SEBRAE/SP _ também ali se encontrava em atividade, produzindo peças durante o Festival.

Acrescente-se, ainda, que o COMTUR – Conselho Municipal de Turismo de Olímpia/SP, juntamente com a AHPO – Associação dos Hotéis e Pousadas de Olímpia e o Termas Tour fizeram-se presentes, divulgando o turismo local e comercializando pacotes turísticos para a “Capital do Folclore”.

No Pavilhão também se encontravam à venda Anuários dos Festivais de Folclore, bem como outros produtos alusivos ao festival, camisetas, bonés, chaveiros, etc.



MOSTRA CULTURAL DO 16.º SALÃO DE ARTES

Promovida pela AOLC – Associação Olimpiense de Cultura “Zecca Scura”, sob a coordenação da artista plástica Janete Haidar, o 16.º Salão de Pintura e Artes Folclóricas obteve grande êxito no 41.º FEFOL, superando suas edições anteriores. Foram apresentados mais de 500 trabalhos, de artistas olimpienses, da região e inclusive de outros Estados, nas modalidades pintura, artesanato, escultura, fotografia e literatura. Renomados artistas integraram

o corpo de jurados, a exemplo do crítico Silvio Campi, de Jaboticabal/SP, que tem trabalhos de sua autoria expostos pelo Brasil e pela Europa; Daniel Firmino da Silva, que possui obras expostas na galeria permanente da Pinacoteca de São Paulo e Brasília, e Valério Dias, especializado em artes, arquiteto de grandes empresas, dentre as quais a Coca-Cola. Também integraram o Júri, na modalidade Fotografia, o diretor do SBT, Luiz Alberto Borges

Silveira, Graça Freitas e James Giacomini, conceituados profissionais na região. Os trabalhos premiados ficaram expostos no decorrer do 41.º FEFOL, no Espaço Cultural Laura Haidar, no Pavilhão Turístico Cultural do SEBRAE/SP. Quadros, esculturas, fotos, de rara beleza e viço se apresentaram nessa exposição que é sempre sucesso absoluto em nossa festa maior.



PINTURA PREMIAÇÃO MODERNA

Premio Aquisição - Troféu "Laura Haidar": Cláudio Barbosa Venturini (São Paulo). Obra: Negrinho do Pastoreio.

1.º Troféu Ouro: Marilene Gomes da Silva (Santana do Parnaíba). Obra: Homenagem ao Mestre Capiba.

1.º Troféu Prata: Maria Carbieri (São José do Rio Preto). Obra: Folia de Reis.

1.º Troféu Bronze: Rosemarie Borgmann Secco (Jaguará do Sul). Obra: Folclore Gaúcho.

Troféu Menção Honrosa: Niedisson Barros (Barueri). Obra: Tocadores de Pífanos.

PREMIAÇÃO ACADÊMICA

Prêmio Aquisição - Troféu "Laura Haidar": Dolores Moreno (São José do Rio Preto). Obra: Bumba-meu-boi.

1.º Troféu Ouro: Marisa Peres Bonadi (São José do Rio Preto). Obra: Torrando Café.

1.º Troféu Prata: Domingas Mira de Assunção (Olímpia). Obra: Negrinho do Pastoreio.

1.º Troféu Bronze: Maria Alice Foganhole Santos (Olímpia). Obra: Os Jagunços.

Troféu Menção Honrosa: Willian Bezerra (Barueri). Obra: Festeiro.

ARTESANATO

Troféu Aquisição: Josiane Ap. da Silva Santos (Olímpia). Artesanato: Raízes Folclóricas.

Troféu Destaque Internacional Trançado Estrela: Odulia Rizzatti Gomes (Olímpia). Artesanato: Máscara do Folião de Santos Reis.

1.º Troféu Ouro: Delfina Ribeiro Macedo (Cajobi). Artesanato: Visitação.

1.º Troféu Prata: Lucélia de Oliveira (São José do Rio Preto). Artesanato: Renascer da Fé.

1.º Troféu Bronze: Cláudio Tunes Ali (Barretos). Artesanato: Saci Pererê.

Troféu SEBRAE: Geralda das Neves Singhi (Olímpia). Artesanato: Boneca de Juta e Bucha.

ESCULTURA

Troféu Aquisição: Romeu Ângelo Tamelini (Olímpia). Escultura: Figuras de Folclore.

1.º Troféu Ouro: Gilberto Fernandes Moreira (Olímpia). Escultura: O Saci e o Pé de Laranja.

1.º Troféu Prata: Fabiano Molas Rodrigues (São José do Rio Preto). Escultura: Galo do Céu.

1.º Troféu Bronze: Margarida S. Oliveira (São José do Rio Preto). Escultura: Colhedor de Café.

Troféu SEBRAE: Veranice Castro de Oliveira (Cajobi). Escultura: Fogão de Lenha.

FOTOGRAFIA

Troféu Aquisição: Clara Beatriz Carvalho (Olímpia). Foto: Alusão a Congada.

1.º Troféu Ouro: Cristiane Correa da Silva (Olímpia). Foto: O Encanto Folclórico.

1.º Troféu Prata: Agnor Guevara (Olímpia). Foto: Congada (capitão).

1.º Troféu Bronze: Karen Bruna Madalena (Olímpia). Foto: A Baiana.

LITERATURA (POESIA)

Troféu Aquisição: Edward Marques da Silva (Olímpia). Poesia: As Comadres.

1.º Troféu Ouro: Solange Ribeiro da Costa (Olímpia). Poesia: Minha Gente Brasileira.

1.º Troféu Prata: Francisca Lopes Zacarias (Olímpia). Poesia: Crendice! Eu.

1.º Troféu Bronze: Marina Rodrigues Blanco Maluf (Olímpia). Poesia: O Brasil e Suas Danças.

PINTURA INFANTO-JUVENIL

1.º Troféu Ouro: Geraldo da Silva de Oliveira (Escola Maria Ubaldina de B. Furquim). Obra: Sou da Mata.

1.º Troféu Prata: Lucas Ferrarezi Espósito (Escola Mauricio Alves Pereira). Obra: Literatura de cordel.

1.º Troféu Bronze: Ingrid Bonilha de Lima (idem). Obra: Festa Junina.

Troféu "Dr. Luiz Fernando Carneiro": Anderson Alves Pereira (Escola Santo Seno). Obra: O Divino em Sua Casa.

Troféu Paz e Esperança: Gabriel Henrique Inácio (Escola Dimas Narciso). Obra: Ciranda.

Troféu AOLC: Jelice Leme Garcia (Escola Luíza Seno de Oliveira). Obra: Bumba-meu-boi.

Troféu Destaque Visual: Carolina ribeiro da Cruz (Escola Santo Seno). Obra: Imaginação ou Realidade.

Troféu SEBRAE: João Pedro Olmos de Souza (Escola Santo Seno). Obra: O Menino e o seu Pau-de-sebo.

Troféu Monteiro Lobato: Marcelo Ferranti (Escola Santo Seno). Obra: Saci na Mata.

Troféu Brincando de Arte: Brenda Valeriano Ramos (Escola Mauricio Alves Pereira). Obra: Brincando no Campo.

Troféu Mundo da Imaginação: Raquel Luizon Padilha (Olímpia). Obra: Atirei o Pau no Gato.

Troféu Pequeno Artista: Flaviane Estefanini (Escola Mauricio Alves Pereira). Obra: Fé Sertaneja.

Troféu Educando com Arte: Jenifer de Souza (Escola da COHAB III). Obra: O Boi.

Troféu Arco-Iris: Paulo Henrique Oliveira (Escola Ernesto Riscali). Obra: Floresta das Lendas.

Troféu Secretaria Municipal de Educação: Alex Júnior dos Santos Nardelli. Obra: Festa na Praça.

Troféu Vivendo e Aprendendo: Mariáth Iscla Vieira Arantes (Escola Objetivo). Obra: Olímpia e o Pau de Fita.

Troféu José Sant'anna: Willian Pires de Oliveira (Escola Joaquim Miguel dos Santos). Obra: Olha o Boi.

Troféu Folclore: Jonatas Martins Fialho (Apae). Obra: Curupira.

Troféu Arte e Escola: Ingrid Karen da Silva (escola Zenaide Rugai Fonseca). Obra: Boneca de Pano.

Troféu Esperança: Bianca Caroline Cassiano (escola Silva Melo). Obra: Ferradura da Sorte.



OUTRAS ATIVIDADES



Minifestival do Folclore



Lançamento do Anuário do 41.º Festival do Folclore



Ciclo de palestras sobre folclore



Gincana de Brinquedos Tradicionais Infantis



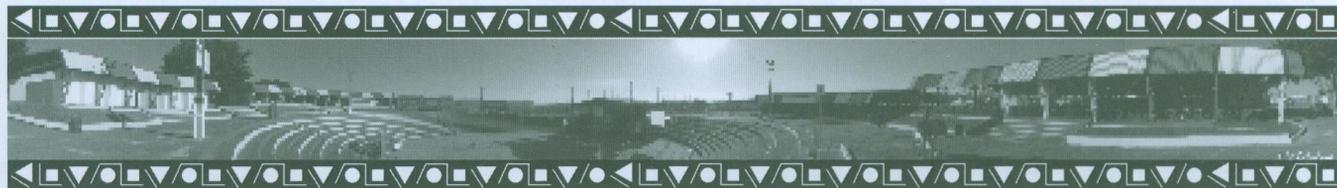
“Folclorança” – Oficina de Brinquedos Tradicionais Infantis



Gerson Santos Silva, folclorista de Lagarto-SE, recebe o título de Cidadão Honorário Olimpense, no dia 10/08/2005, na Câmara Municipal de Olímpia.



A PRAÇA DE ATIVIDADES FOLCLÓRICAS “PROF. JOSÉ SANT’ANNA” – 20 ANOS DE SUCESSO



Como se sabe, a origem do Festival do Folclore de Olímpia remonta a pesquisas empreendidas pelo Prof. José Sant’anna e seus alunos, na década de 50. Tais exposições, antes circunscritas ao âmbito do Colégio Olímpia, onde Sant’anna lecionava, extravasaram-se para outras escolas e estabelecimentos comerciais da cidade, até chegar à Praça da Matriz de São João Batista, transformando-se em Festival em 1965.

A Praça da Matriz de São João Batista se tornava cada vez menor para abrigar um evento sempre ascensional. Sant’anna, então, já idealizava uma casa própria para a festa. Mas, enquanto não fosse possível realizar seu projeto, o Festival passou a ser realizado, a partir do 19.º ao 21.º no Ginásio de Esportes

a obra: estava pronta a “Praça de Atividades Folclóricas ‘Prefeito Wilson Zangirolami’”, assim denominada por iniciativa do então vereador José Sant’anna (Projeto de Lei n.º 2.150) para homenagear o prefeito que levou a efeito o grande projeto do criador do festival, num épico feito, procedeu à construção do “folcloródromo”, realizando-a em pouco mais de quatro meses. A execução da estrutura metálica da obra (aproximadamente 9 mil m²) supervisionada por meu querido pai, Issao Nakamura, foi concluída no prazo recorde de 45 dias pela Indústria e Comércio Nakamura Ltda., empresa olimpiense.

Também chamado “folcloródromo”, palavra híbrida, formada por *folclore*, do inglês arcaico *folk* = povo e *lore* = sabedoria, mais o grego *dromo* = lugar por onde passa.

A arquiteta Nilma Mieko Yamato, da Universidade Federal de Brasília, foi a responsável pelo projeto.

Na área de estacionamento há 374 árvores, 17 em cada um dos 22 canteiros: Ipê

Rosa Salvador, Cássia Leptofila, Alfineiro, Coleutéria, Ipê Amarelo. No local de estacionamento para ônibus, 28 pés de Ipê Rosa Salvador, distribuídos por 3 canteiros. À saída, extensa fileira de Jerivá e variegadas Buganvílias ou Primaveras espalham-se pelas cercas, pe-

los aramados que circundam o recinto ou que cercam determinados lugares.

Na ocasião, o Prof. Sant’anna assim se pronunciou:

“Olímpia dá uma contribuição elevadíssima ao estudo e à preservação do folclore nacional (...) A Praça, de construção moderna, é elegante e espaçosa, e merece especial menção entre as principais obras do gosto de nossa gente. Nela, o povo se reanima e sente-se valorizado, pois apresenta um aspecto pitoresco e muito agradável em meio a músicas, danças, folguedos, flores, comidas e ao geral e entusiástico contentamento da população inteira” (Anuário do 24.º Festival do Folclore, 1989: 103).

Em 1997, o então vereador Dr. Vicente Augusto Batista Paschoal, “Guga”, após a aprovação de Projeto de Lei de sua autoria que modificou a Lei Orgânica do Município de modo a possibilitar que os próprios municipais também ostentassem nomes de pessoas vivas, em homenagem a elas, apresentou outro Projeto, com o fito de alterar a denominação daquele recinto para Praça de Atividades Folclóricas “Prof. José Sant’anna”.

Na justificativa do Projeto, o vereador Guga relata que Sant’anna, “exímio professor e um dos mais profundos conhecedores da Língua Mãe (...) passou a dedicar-se ao estudo do Folclore Nacional, e com tamanha profundidade e eficiência, que hoje se tornou, sem a mínima sombra de dúvida, num



“Olinto Zambon”.

Nesses entretimentos, as instâncias de Sant’anna junto à administração municipal tiveram êxito, fazendo com que se iniciasse a construção da sede própria para a festa. Em 1986, então, quando do 22.º Festival do Folclore, foi concluída





Um ângulo da Praça de Atividades Folclóricas.

dos maiores e dos mais respeitados conhecedores do Folclore no Brasil (...). Já não ficamos, apenas, entre São José do Rio Preto e Barretos... E até internacionalmente somos reconhecidos (...) por ele, e só por ele, Olímpia é hoje conhecida como a 'Capital Nacional do Folclore' (...) Por tudo isso, e já que ele foi o principal idealizador dos Festivais do Folclore e do 'Recinto do folclore', nada mais justo que ele empreste seu nome àquele próprio municipal, como uma singelíssima homenagem do povo de sua terra".

No entanto, na ocasião em que tal projeto estava em discussão, o Prof. José Sant'anna, de notória modéstia e humildade, ainda que deveras sensibilizado com a proposta, manifestou-se favoravelmente à permanência da denominação da Praça, justificando seu parecer em carta endereçada ao vereador, da qual, com a devida autorização do destinatário, podemos extrair os seguintes fragmentos:

"(...) como já foi dito, quando da inauguração da Praça das Atividades Folclóricas, exercíamos a vereança nessa egrégia Casa Legislativa, tendo sido, na ocasião, autor do projeto de lei que indicava o então prefeito Wilson Zangirolami ao patronato do emergente recinto do folclore.

O já mencionado prefeito, reiteramos, empenhou todos os seus esforços para o alcance do bom êxito das atividades folclóricas em Olímpia, mormente no que concerne à inefável ventura de se criar espaço próprio para a nossa festa maior. (...)

Conquanto jamais cometeremos o desatino e a imperdoável

deslealdade de recusar, ou tentar arrefecer, uma homenagem sincera, e considerando que participamos, obstinadamente, da realização da casa própria do Festival do Folclore, não nos deixa de ocorrer que se poderia ficar a impressão de algo que um dito popular bem o expressa: 'elogio em boca própria é vitupério' – o que nos preocupa. Por isso, manifestamo-nos em favor da manutenção do 'status quo', mas não sem, antes, reiterarmos a inexprimível e rara alegria que nos trouxe a intenção de Vossa Excelência".

A resposta do Prof. José Sant'anna, de certa forma até previsível, inclusive para o próprio edil responsável pela proposta, interrompeu a tramitação do Projeto de Lei.

Lamentavelmente, com o falecimento do Prof. Sant'anna (janeiro de 1999), em que se lhe precipitaram as homenagens, Projeto de Lei de autoria do vereador Vicente Augusto Batista Paschoal (de n.º 3074/97) foi aprovado por unanimidade, pela Câmara Municipal de Olímpia, convertendo-se na Lei n.º 2.723, de 10/2/99, cujo teor determinou a alteração do nome da casa própria do festival, que, desde então, passou a chamar-se "Recinto de Exposições e Praça de Atividades Folclóricas 'Professor José Sant'anna'".

É um amplo e belíssimo recinto, onde acontece a grande apoteose da cultura folclórica brasileira. Situado na Avenida Me-

nina-Moça, Olímpia/SP, tem cerca de 96800 metros quadrados de espaço disponível, sendo 6500 de área construída. Paulatinamente, em consonância com as disponibilidades econômicas do Município, cresce e se consolida o maior monumento que se erigiu às atividades folclóricas no país. 'O Recinto do Folclore tem estacionamento para cerca de 900 carros e 100 ônibus e 20 banheiros', informa Rosali Gobato Ducati, Coordenadora de Turismo da Prefeitura Municipal de Olímpia. 'A arena onde se realizam as apresentações de grupos folclóricos e parafolclóricos tem área de 3.750 metros quadrados, com capacidade para 5 mil pessoas sentadas. Cada vez mais os visitantes se encantam com a Praça das Atividades Folclóricas, e os olimpienses dela se orgulham.

Trata-se, com efeito, de um mágico "folcloródromo", onde se verifica a mais fulgurante apoteose da cultura popular brasileira. Ele – que no 42.º Festival do Folclore comemora seus 20 anos de sucesso – representa a realização de um nobre ideal do Prof. Sant'anna, ao qual todos nós olimpienses devemos dar prosseguimento, de modo a continuar o magnânimo labor perpetrado pelo maior expoente que Olímpia já teve, pois, como dissemos em outras oportunidades, essa é a mais bela homenagem que lhe podemos prestar.



Arena e palco principal da Praça de Atividades Folclóricas "Prof. José Sant'anna"

PEGADAS NAS TRILHAS DO FOLCLORE

José Carlos Rossato

Agrupamos sob o título os acontecimentos (alegres ou tristes) que deixaram marcas valiosas para os estudiosos do folclore (e até para os leigos interessados no palpitante assunto). Este noticiário comenta objetivamente as ocorrências, mesmo as indesejáveis (falcimentos), para que os leitores - de todas as regiões brasileiras, sem contar os estrangeiros - tomem conhecimento.

Ressalta-se que não tivemos preocupação com a ordem cronológica das ocorrências.

Alertamos que os interessados em divulgar qualquer informação que encaixei no contexto, procure conectar conosco. O mesmo serve para as críticas, sabendo antecipadamente de nossa imparcialidade, ética e responsabilidade, atributos indispensáveis a quem informa. A redação será nossa, após a consulta

do eventual material remetido. As sugestões, desde que bem concatenadas e justificadas, serão bem-vindas, analisadas e aproveitadas no Anuário, provavelmente.

Em síntese, iniciaremos pelos comentários gerais, incluindo publicações e gravações. A seguir, alguns pesquisadores que continuam na ativa; finalmente, as lamentações e doloridas efemérides.

DIA INTERNACIONAL DO FOLCLORE

O termo "folk-lore" surgiu na revista londrina THE ATHE-NEUM, no nº 982, de 22-08-1846. Portanto há 160 anos. Era o documento de William John Thoms, assinado com o pseudônimo de Ambrose Merton. Ele criou a palavra composta "folk-lore" juntando folk (povo) e lore (estudo). Com o tempo foram unidas e, posteriormente, recebeu o processo de aportuguesamento: folclore.

A data em que surgiu a palavra "folk-lore" é tida como o dia internacional do folclore. Assim o dia 22 de agosto é comemorado como tal em nosso planeta oficialmente.

No Brasil o "dia nacional do

folclore" foi oficializado por Castelo Branco (1900-67), através do Decreto nº 56747/65, nos anos de chumbo.

O Decreto nº 48310/67, do governador Abreu Sodré, denominou "agosto, o mês do folclore", em todo o estado de São Paulo.

Nos anos seguintes, várias cidades da hinterlândia paulista passaram a patrocinar festivais de folclore; e, com isso, divulgando a ciência sócio-antropológica que, à medida que o tempo passa, se torna mais conhecida pela população.

Isto posto, os bilhetes da Loteria Federal, na extração nº 3957-8, ocorrida em 03/08/2005, numa

quarta-feira, infelizmente, errou vergonhosamente.

É evidente que não foi a primeira vez publicada a data erroneamente. Entretanto, nem por isso deixou de ser lamentável, sobretudo por ter sido a Caixa Econômica Federal divulgadora do Folclore em variados anos. Tomara que o deseducativo ato nunca mais ocorra.

Oxalá caiba um adendo: a referência foi sobre o aparecimento da palavra e não acerca do surgimento do folclore propriamente dito, que, a rigor, vem desde os tempos mais remotos, quando o homem passou a viver em sociedade.



ARTESANATO FLUMINENSE

A UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), através do Instituto de Artes, lançou a obra **ARTESANATO FLUMINENSE**, com o patrocínio da Unesco (órgão da ONU que trata de educação, ciência e cultura). Contou com o apoio cultural do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e Ministério da Cultura. É material de apoio para atender a rede escolar e facilitar as ações didático-pedagógicas dos docentes, tornando prazeroso o trabalho em sala-de-aula.

Trata-se do projeto Identidade brasileira: cultura, população e educação, financiado por patrocinador famoso e concebido por dois professores universitários competentes: Cásia Frade e Ricardo Lima, nossos amigos. A obra consta de um opúsculo e um baralho (50 cartas bem confeccionadas). Cada carta do baralho é impressa (frente colorida), mostrando a ação do artesão, e o verso, sem cores, descreve o tipo de artesanato: o autor (pequeno histórico) e a localização do município no Estado. Não foi possível incluir todos os artesãos, sempre devido à

carência de verbas.

O Estado do Rio foi dividido em seis pólos. No desenvolvimento dos levantamentos de campo, vários artesãos foram descobertos. As pesquisas realizadas entre outubro e novembro de 2003 contaram com a colaboração de outros cinco interessados.

Essa obra a nosso ver não deve ser ignorada pelos professores, não só fluminenses.

As técnicas aplicadas no uso do baralho são excelentes; omitiremos (intencionalmente), para resguardar o interesse do leitor que pretender utilizá-las.

PRIMEIRA ANTOLOGIA DE CORDÉIS

Conhecemos no Rio, no ano passado, Jota Rodrigues. Homem simples, poeta do povo, de extrema sensibilidade aos problemas nacionais, que os tematiza em seus opúsculos. Esse pernambucano escreveu mais de quatro centenas de títulos.

O nome de batismo é José Rodrigues de Oliveira, nasceu em Águas Belas, sertão de Pernambuco (1934). Após várias andanças, até em São Paulo, resolveu fixar-se em Nova Iguaçu, na área metropolitana do Rio.

O título desta nota equivale ao livro homônimo, do citado poeta. A edição é do Centro de Intercâmbio Cultural "Marti Popular" (2001), da cidade que abraçou para sua morada.

Quem, porventura, pretenda entrar em contato com Jota Rodrigues, pode ser através do telefone (21) 3778-4643.

Entre os cordéis lançados, citamos alguns, dos que lemos (é óbvio que não sabemos informar se

os mesmos estão esgotados). Eis o pequeno rol:

- "A Aids e suas contradições"
- "As impurezas no sangue e algumas conseqüências"
- "A primeira e verdadeira Aids"
- "A impotência sexual do homem e a inflamação da próstata"
- "A fumacinha da morte destruindo a geração"
- "Os sacrifícios dos médicos e a extinção da medicina"
- "A artrose a osteoporose e o anticuario reumatismo"
- "Os valores desconhecidos das ervas medicinais"
- "Contos, cantos e encantos do nosso imenço Brasil"
- "Nascimento vida e morte do padre Cirço o milagreiro"
- "As importâncias dos rins e algumas suas conseqüências"
- "A discricção em cordel sobre o linguaça caboclo"
- "Tiatro e curtura da roça"
- "A historia de um menino pobre que se tornou presidente"
- "Fernando Henrique Cardoso o presidente antiBrasil"
- "A estória dos paus de arara"
- "A história do gigante boi trovão"
- "Gregório, Carlos Lacerda e o Cristo Getulio Vargas"
- "Como vive o sertanejo nas terras do meu sertão"
- "Pai, aluno, professores e os governos brasileiros"
- "Nascimento vida e morte do educador Paulo Freire"

Observe que os títulos estão entre aspas, pois a grafia deve ser preservada.

Note que a obra de Jota abrange

diversos assuntos: política, saúde, medicina, social, educação e a cultura do povo.

FOLCTERAPIA DA FALA

A UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora), sul de Minas, lançou, de Antônio Henrique Weitzel, o mencionado título (2002). É um estudo breve, com levantamentos efetuados naquela região da Zona da Mata mineira, com levantamentos dos trava-

línguas e da linguagem secreta. São 87 páginas que prendem a atenção do leitor.

O autor, nascido na mesma cidade (1932), professor universitário, membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore. Está aposentado como professor

adjunto (1993), mas continua ministrando cursos, palestras e conferências, escreve artigos (jornais e revistas), além de livros.

A obra apresenta glossário e bibliografia, o que a deixa mais sugestiva.

CULTURA, ARTE E TRADIÇÕES FLUMINENSES

Impressionante volume de 22 páginas, de boa apresentação e de leitura agradável, lançado pela Aeroplano Editora, com o telefax (21) 2239-7399.

O copyright pertence ao Conselho Estadual de Cultura (2003), daquele Estado.

Além do sumário, das pala-

avras finais e do posfácio, a obra retrata quatro painéis, a saber: Panorama atual da cultura popular fluminense; Caminhos para a auto-sustentabilidade da produção cultural; Os meios de comunicação e a cultura popular; Educação e Folclore no Estado do Rio de Janeiro.

Todos eles constituídos por estudos de diversos autores, sendo alguns amigos. Todavia, convém não declinar nomes, por serem vários.

A obra, dádiva de Delzimar Coutinho, é um valioso presente para quem lê, aprecia e divulga o que vem do povo.

A OBRA DE CÂMARA CASCU DO

A conhecida Revista Notícia Bibliográfica e Histórica, editada em Campinas (SP), na edição de nº 196, janeiro/março 2005 (1.º trimestre), publicou um assunto que merece ser destacado neste Anuário. Entre as páginas 61-3, o conhecido folclorista Hitoshi

Nomura, nosso amigo e de Olímpia. Trata-se do artigo "A obra de Câmara Cascudo". Logo de início cita o livro "Vultos do Folclore Brasileiro", lançado (2001), na Coleção Mossoroense, série C, volume 1243, de sua própria autoria. Nessa publicação, men-

cionou os olimpienses: Iseh Bueno de Camargo, José Sant'Anna (1937-99) e o deste colonista. Essa obra já foi comentada nesta coluna, em uma das últimas edições do terceiro milênio.

BOLETIM DA COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE

Recebemos daquela diretoria o exemplar 32, agosto 2005, editado em São Luís (MA). A referida publicação traz interessantes estudos sobre o folclore e a cultura popular daquela unidade federativa. Depois do editorial, das notícias, resumos, resenhas e um perfil popular; além de ler as matérias: “Cadê o Boi de Orquestra?” (Deborah Baesse); “Semana da Cultura Popular comemora

Dia Internacional do Folclore” (Maria Michol P. de Carvalho); “Memórias Sociais de Moradores do Desterro: a festa de Santo Antônio na casa de Maria Brito” (Ronald Clary dos S. Ericeira e Creudecry C. da Silva); “A maranhensidade ao ritmo do bumba-meu-boi” (Antonio Evaldo Barros); “Vivências emaranhadas: o requebro do cazumbá” (Juliana Bittencourt Manhães); “Badé no

Tambor de Mina do Maranhão” (Mundicarmo Ferreti); “Ocupação Pré-Histórica na Ilha de São Luís: ocorrência de grupos ceramistas proto-tupi” (Deusdédit C. Leite Filho e Eliane Leite); “O fogo - parte 2” (Carlos de Lima); “Janela do Tempo - São João Maranhense” (Josué Montello).

Parabéns, aguardamos a próxima edição.

CRIME E CASTIGO NO CORDEL

A Editora Presença (Rio de Janeiro) editou o presente título do pesquisador Adelino Brandão.

O autor trata de “Crime e

Pena no Folheto de Cordel e no Romanceiro Folclórico do Brasil”. Traça a introdução; o corpo do trabalho, dividido em duas partes, sempre fornecendo refer-

ências bibliográficas. Apresenta as conclusões com referências e finaliza a obra com a bibliografia geral. É um ótimo texto para os especialistas do assunto.

A PRESENÇA DOS IRMÃOS GRIMM NA LITERATURA INFANTIL E NO FOLCLORE BRASILEIRO

A IBRASA (Instituição Brasileira de Difusão Cultural Ltda.), sediada em São Paulo, lançou o título de Adelino Brandão, com ilustrações. A obra inicia com o discurso do autor no Consulado da Alemanha (Rio de Janeiro) ao receber o Prêmio Irmãos Grimm: “A importância

da contribuição da cultura alemã à cultura e ao folclore do Brasil”. Segue a introdução. O corpo do trabalho está dividido em três capítulos, acompanhados de bibliografia: Os Contos Infantis e do Lar e da Infância dos Grimm. Os Contos Tradicionais do Brasil e os Contos de Grimm. Conclusão.

Apêndice: “Os músicos de Bremen”, tradução e adaptação de Monteiro Lobato (1882-1948). Encerra com rica bibliografia.

Excelente texto para ser explorado pelos que se interessam pela temática, sobretudo por educadores.

ESPAÇO E TEMPO DO FOLCLORE POTIGUAR

Até o título da obra é interessante! O consagrado folclorista Deífilo Gurgel lançou (2001), através do Governo do Estado do Rio Grande do Norte e Departamento Estadual de Imprensa, a excelente obra ilustrada com 230 páginas. Dedicou-a para diversas personalidades; sem desmerecer outros nomes, todos valiosos, por questão de espaço, citamos o de José Sant'anna (1937-99), um dos ressaltados. Mencionou "o trabalho desenvolvido na cidade de Olímpia, pela equipe do Prof. José Sant'anna, prestigiada pela Prefeitura Municipal..." e o nosso "Anuário que é uma das mais importantes revistas brasileiras, na área dos estudos folclóricos".

No citado livro, o poeta e crítico literário Anchieta Fernandes

afirmou: "...no assunto, Deífilo Gurgel está se saindo como o Segundo Mestre do Folclore Norte-Rio-Grandense, depois de Luís da Câmara Cascudo. Outros autores - Veríssimo de Melo, Gumercindo Saraiva, Sérgio Santiago, Iaperi Araújo, Hélio Galvão - deram suas contribuições, não resta dúvida, mas as pesquisas de Deífilo têm-se aprofundado nas nossas raízes folclóricas..."

Após o prefácio, a costureira introdução, aparecem os compartimentos interligados entre si e a respectiva bibliografia, o que facilita aos interessados aprofundar o conteúdo. Começou com Folclore Geral - conceito e objeto. A seguir, Breve Notícia do Folclore Brasileiro. Depois, Folclore do Rio Grande do Sul (usos e costumes,

superstições e credences); Literatura Popular e subdivisão; ainda, Danças, folguedos e jogos; depois Artesanato e artes populares, Folclore Infantil; Nomes famosos do Folclore Potiguar (incluindo Mário de Andrade e o livro O Turista Aprendiz") e encerra com os Anexos.

A linguagem adotada pelo Autor é didática, o que facilita a leitura. Todo cidadão alfabetizado, mesmo ignorando os rudimentos da cultura espontânea do povo está apto para entendê-la. Essa tipologia pedagógica é sempre bem-vinda, especialmente para os principiantes. E, para ser iniciante, independente da idade, poderá ser adulto, como foi o próprio Deífilo, quando iniciou no assunto. Que exemplo de vida!...

ORAÇÕES & REZAS POPULARES

Com 128 páginas, a Editora Rígel Ltda. Lançou o presente título do pesquisador Basto de Albuquerque. Obra premiada com a Primeira Menção Honrosa no Concurso Sílvio Romero 2001, promovido pela Funarte (Ministério da Cultura). O plano da obra, sem contar a introdução

(ótima), ei-la: Preces populares e orações oficiais/ A formação dos arquivos de preces/ A quantificação revela um arquivo de preces/ Comparando arquivos de preces/ Imagens, símbolos e rezas (sol, lua, pedra, estrela, chuva, trovoadas, claridade, luz, mar, o trânsito do simbólico e do imaginário)/

Preces e narrativas/ Conclusões/ Bibliografia (vasta). O autor Eduardo B. de Albuquerque é nome de prova como docente e pesquisador. As notas enriquecem a obra para quem aprecia o assunto religiosidade popular brasileira.

O MELHOR DO ALMANAQUE BRASIL DE CULTURA POPULAR

Esse projeto idealizado pela Editora Positivo está subdividido em doze partes; cada uma representa um mês do ano civil. Em todos os meses há os mesmos títulos, a saber: jogos e brincadeiras, carta enigmática, você sabia, especial, ilustres brasileiros e mistura fina (fases da lua, lendas brasileiras, santos, signos e respostas). A obra foi um presente da amiga Zaida Maria Ferraz Arruda. É um ótimo passatempo. Linguagem simples, curiosidades variadas, biografias de ilustres brasileiros

(Câmara Cascudo, Mário de Andrade, Gilberto Freyre, Tiradentes, Milton Santos, Heitor Villalobos, Santos Dumont, Mestre Vitalino, Monteiro Lobato, Nise da Silveira, Zumbi, Noel Rosa), além do índice remissivo, nas 128 páginas da obra.

Note que o assunto é Cultura Popular. Embora existam autores que a trate como Folclore, não o é. Apenas uma parte dela considera-se Folclore. Não queremos polemizar, cada qual pense da forma que entendeu. A

intenção foi esclarecer. No futuro, quem sabe, o conceito poderá ser outro, já que a cultura é altamente dinâmica.

É um livro indicado para a criança que sabe ler e para as demais pessoas, independente de idade, mas que goste de recordar. E como diz o povo: "recordar é viver"... a opção é sua. "Como gosto não se discute", conforme ouviu-se sempre na sabedoria popular, a leitura vai depender de cada um. É algo subjetivo.

COMER E SER COMIDO

É o número 90, de revista Humboldt (ano 47, 2005), publicada duas vezes ao ano pelo Goethe-Institut, Alemanha. É leitura direcionada para antropólogos, etnólogos e outros in-

teressados. Eis alguns títulos de capítulos: A grande comilança, Galeria de famintos e ..., Canibalismo, Antropofagia em "Grande Sertão: Veredas", A metafísica do bacalhau ou os limites do bom

gosto..., além de outros.

Para quem goste do assunto, é uma boa obra produzida em Bonn (Alemanha), ilustrada e que causa boa impressão nas oitenta páginas.

CATÁLOGO DO CONTO POPULAR BRASILEIRO

Do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura)/UNESCO, recebemos o interessante título, lançado pela editora carioca Tempo Brasileiro (bilíngüe), em 2005. Contatos podem ser obtidos através do fone (21) 2516-2458. São 236 páginas pormenorizadas. Quem poderia ser o autor? Nada mais, nada menos, que o especialista no assunto, o folclorólogo Braulio do Nascimento, da "Cidade Maravilhosa". A publicação é o primeiro

catálogo dos contos populares, em língua portuguesa. Que beleza!

A publicação que deverá ser lida (e, quando necessário, consultada) pelos estudiosos (e outras pessoas interessadas) pelos contos do povo brasileiro. Após a introdução, o conto popular no Brasil; resumo da classificação dos contos; resumo da classificação dos motivos; encerrando com rica bibliografia. Apresenta, ainda: siglas e abreviaturas, e o índice analítico, em ordem alfabética. É o

que há de melhor e mais completo no momento.

É evidente que o nome de José Sant'anna (1938-99) consta, assim como os demais especialistas em pesquisas que envolvem o assunto.

Parabenizamos o presidente de honra da Comissão Nacional do Folclore, o entusiasta Braulio do Nascimento, pelo esplêndido trabalho de alto nível para atingir aos pesquisadores do assunto. Continue...

A NOÇÃO DE CULTURA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

O francês Denys Cuche, doutor em Etnologia pela Sorbonne, sob a orientação do nosso querido Roger Bastide (1898-1974) que viveu entre 1938-54, lecionando na Universidade de São Paulo, com tradução de Viviane Ribeiro, lançou a 2ª edição (2002) pela Editora da Universidade do Sagrado Coração (Bauru), a obra que nomeia esta nótula.

A idéia de cultura surgiu no século XVIII, provocando debates.

O termo cultura é pluralístico, tem significados. A noção de cultura possibilita às Ciências Sociais pensar a humanidade em sua diversidade ou pluralidade.

O autor mostra os vários empregos da noção de cultura, principalmente na Sociologia e na Antropologia. E como o Folclore é ciência sócio-antropológica, julgamos conveniente promover esta rudimentar apresentação.

Todos nós, os humanos, somos seres portadores de cultura. Recebemos a cultura do grupo e o

nosso comportamento é assim determinado.

Uma pessoa pode participar de várias culturas; também pode mudar de cultura (por exemplo, da cultura rural para a urbana). As culturas dos grupos socialmente dominados estão condenadas ao desaparecimento, quando não passam a imitar as culturas dominantes. A propósito, a semelhança do que ocorre entre os Estados Unidos e nós, para exemplificar, não é mera coincidência.

A linguagem empregada é razoavelmente comum e apresenta exemplos variados. Entrementes, não é leitura endereçada aos leigos ou simples curiosos.

Após a introdução (o homem é ser essencialmente cultural) no extenso processo iniciado há aproximadamente quinze milhões de anos, mostra a adaptação cultural.

A obra é dividida em capítulos, assim distribuídos:

1- Gênese social da palavra e da idéia de cultura.

2- O conceito científico de cultura.

3- A vitória do conceito de cultura.

4- O estudo das relações entre as culturas e a renovação do conceito.

5- Hierarquias sociais e culturais.

6- Cultura e identidade.

7- Conteúdos e usos sociais da noção de cultura.

Conclui: “um bom uso do relativismo cultural e do etnocentrismo”.

A vasta bibliografia cita vários nomes conhecidos dos brasileiros letrados. Entre eles: Baladier, Bastide, Benedict, Boas, Berger, Bordin, Clifford, Crozier, Durkheim, Geertz, Herskowsky, Mauss, Mead, Parsons, Sapir, Simon, Tylor e Weber, sendo raros os editados ou traduzidos para o nosso idioma.

Com 255 páginas, deve ser lido e discutido pelos folcloristas que pesquisam o povo.

DANÇAS FOLCLÓRICAS SINGULARES

De Manaus (AM), os conhecidos pesquisadores Mário Ypiranga Monteiro e a filha Marita, temos o nº 7, que trata do assunto Danças Folclóricas Singulares (Amazonas), edição 1979, ano 2. É obra esgotada.

Os autores consagrados pela crítica nacional, além da descrição de cada dança, ilustraram bem o trabalho com fotos, coreografia, códigos de dança, notas e penta-

gramas. A transcrição musical foi obra de Nivaldo Santiago (maestro) e Betty Antunes de Oliveira (professora).

Não é demais lembrar que o folclorólogo Mário Ypiranga Monteiro (1909-2004) foi o grande líder do setor nas pesquisas daquela área, respeitado em todo o território nacional, enquanto ocupou lugar no espaço na cultura folclórica brasileira. E

viveu 95 anos, longevidade alcançada por poucas pessoas.

Eis as danças elencadas: Desfeiteira/Arara/Camaleão/Gambá/Rapachão/Sol 1 e 2, Quadrilha-rural/Jacundá/Aro/Iraúna/Veado, veadinho/Serafina/Pássaro-Deus Beuêque (fragmento)/Maneiro Pau/Carão/Maçarico.

Que maravilha, para os apreciadores do assunto!...



SANTO DE CASA FAZ MILAGRE: A DEVOÇÃO À SANTA PERNA

A Fundação Cultural Cassiano Ricardo, mantedora do Museu de Folclore de São José dos Campos, vale do Paraíba paulista, através do CECF (Centro de Estudos da Cultura Popular), lançou mais um volume, o 16º da Série Cadernos de Folclore. Trata-se de "Santo de Casa faz milagre: a devoção à Santa Perna", obra produzida pela folcloróloga Cásia Frade, conhecida em todas as regiões brasileiras e além-mar. É

um estudo de religiosidade popular. A publicação com 71 páginas está subdividida, a saber:

Algumas reflexões sobre santos/Santos populares brasileiros/Santa Perna/Razões da crença/Promessa, milagre, ex-votos/Notas finais/Bibliografia, sem contar com a introdução. Essa obra lançada em 2006 é bem ilustrada, facilitando a compreensão do texto, sobretudo aos que desconhecem o assunto.

A pesquisadora, professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e radicada, há anos, na "Cidade Maravilhosa". A autora possui outros títulos publicados em livros e periódicos especializados.

De saborosa leitura, seria conveniente que os folcloristas, uma verdadeira legião de adeptos, tomem conhecimento desse lançamento.

MOACYR COSTA FERREIRA, O BAIANO-MINEIRO

Nasceu em Salvador (BA), em 11/08/1928, o professor Moacyr, embora graduado em Matemática, Física e Desenho Geométrico, também se despertou para o estudo da cultura espontânea do povo.

Cidadão guaxupeano (1992), professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé, desde 1970 e vice-diretor da mesma instituição entre 1982-90.

Membro de várias academias e sociedades culturais

como a Comissão Mineira de Folclore, escreveu vários livros e continua o seu trabalho intelectual após a aposentadoria. Os títulos publicados e relacionados com o assunto que nos interessa são: Guaxupé folclórico in Guaxupé, memória histórica, a Terra e a Gente (1985); Fatos e lendas (idem). O brinquedo através da história (1990); A alimentação no Brasil (1992); A adivinhação e suas formas (1995), Curiosidades Folclóricas Brasileiras (1997),

além de outros que surgirão.

Escreve em linguagem simples que toda e qualquer pessoa letrada entende. Cita fontes bibliográficas, facilitando o leitor, mas sem novidades, para os folcloristas mais ortodoxos. Porém, o registro é válido para que essas obras passem para o conhecimento dos interessados deste país-continente, onde as edições, via de regra, além de pequenas, por alguns motivos, não são bem distribuídas.

PIRANGI, FLORIDA E FESTEIRA

A nossa querida Ineh Bueno de Camargo, que tanto colaborou com o FEFOL (Festival do Folclore) de Olímpia, lançou o título que nomeia esta nota. A obra lançada no ano passado pela Editora Letra Boreal, de Monte Alto (SP),

tem 238 páginas.

Pelo título percebe-se que a folclorista não deixou de lado o folclore pirangiense (inserido na área geocultural de Olímpia - denominação cunhada por nós há décadas). Porém, não parou nas

festas de Pirangi; tocou em outros aspectos atinentes à cultura daquele povo. O interessante é que dedicou pelo menos duas ou três páginas a Olímpia, Sant'anna e o folclore.

Como a referida obra pode

rá ser encontrada nesta cidade, sugerimos que o leitor interessado procure conhecer o texto para saber que o nosso Festival corre o Brasil (e, sem exagero, outros continentes), através de publicações pouco divulgadas na Capital do folclore brasileiro. O convite à leitura é para não deixar despercebido. Não estamos

emitindo, como pesquisador imparcial, qualquer senso crítico a respeito, especialmente por ter nomes citados de pessoas conhecidas. Cada cidadão deveria ler, analisar, concluir e formar o seu conceito e, se for o caso, discutir a respeito, com outros interessados.

Como votuolimpiense já

provamos que amamos a obra criada e capitaneada pela equipe dirigida pelo sábio José Sant'anna.

Agradecemos pela lembrança do nosso modesto nome citado e pela oportunidade de conhecer um pouco mais a respeito daquele município, situado entre Bebedouro e Catanduva.

100 RECEITAS DE BERINJELA

A mesma autora, pela mesma editora, no mesmo ano, prefaciada pela irmã Iseh, ambas colaboradoras e integrantes da equipe do inesquecível mestre Sant'anna; Olímpia e nossa cultura folclórica. A sutileza da prefaciadora demonstrou ser conhecedora da etimologia do termo berinjela, na obra de 118 páginas.

O amigo das irmãs culinárias Alberto Luiz Massabni, deixou o comentário inserido.

Nós fizemos levantamento de campo acerca do folclore de beringelas, desde os anos setenta

do século passado. Daí, sem exagero, podemos afirmar que na referida obra há elementos da "ciência do povo" (como Cascudo denominou o folclore). A vantagem, em tese, e até o presente momento, é grande; a folclorista e culinária já comprovou na prática a centena de receitas, recolhidas do povo. Está parabenizada pelo fato.

Como folclorista, soube colocar no tempo e no espaço o fruto arroxeadado. Historiou bem, porém, em síntese, para não deixar o assunto desinteressante.

Apresentou "dicas" (pequenos e valiosos segredos utilizados no apresto de deliciosos pratos) preparados com esse fruto. Vários nomes de informantes olimpienses que cederam suas receitas foram lembrados.

Que as pesquisas dão o incensurável labor, ninguém discute. Entretanto, é compensador, pois parte do material coletado poderia desaparecer, caso a autora não tivesse efetuado o levantamento. E assim, a cultura do nosso povo permanecerá menos refratária.

RECORDAR É VIVER

Iseh, irmã de Ineh Bueno de Camargo, pela mesma editora de Monte Alto (fone 16-3242-1766), lançou outra obra com quase trezentas páginas, com prefácio da mana e parecer do professor Alberto Massabni. É bem ilustrada a publicação.

A autora é tão modesta que inicia a dedicatória, assim:

"Para o Rossato, embora não seja nada folclórico..."

Como admirador e pesquisador do nosso folclore, permitame ponderar, em poucas linhas. É evidente que não é uma obra acerca do folclore, No entanto, os aspectos da cultura espontânea de

nossa gente estão presentes. Observe e faça um rol: apelidos, jogos (buraco, truco, bocha, malha), danças regionais (especialmente catira, também conhecida por cateretê), várias receitas recolhidas do povo (doces, refrescos e salgados), sendo que algumas já saboreamos, adivinhas, boas piadas, frases de caminhão, quadras anônimas (que a moçada transcreve em correios elegantes nas quermesses), e algo mais. Ora, se isto não for folclore?!... Desculpe-nos, não seja tão modesta!... É pena que o exíguo espaço é insuficiente para citar exemplos. Mencionou poesias do povo, letras de

moda-de-viola e muito mais. Citou diversas cidades da região e, como não poderia deixar de ser, não se esqueceu da nossa Olímpia, a "Cidade Menina-Moça".

Folcloróloga Iseh, é pena que deixou de colaborar. O Anuário de Folclore sente a sua falta, tal qual seus admiradores. Contudo, os laivos de folclore contidos nessa obra demonstram a nossa preliminar avaliação. Estamos perdendo com a sua ausência a oportunidade de utilizar o brilho de sua inteligência, assim como a diletta discípula do inesquecível e incansável José Sant'anna (1937-99).

FOLGUEDOS NATALINOS

Recebemos do amigo Affonso Furtado Silva a terceira edição da obra de THÉO BRANDÃO, o fantástico FOLGUEDOS NATALINOS (ilustrado). Foi lançado em 2003, em Maceió (AL) pelo Museu da UFAL (Universidade Federal de Alagoas). Leva o nome do renomado pesquisador e contou com o apoio cultural da Petrobras (Petróleo Brasileiro S/A).

O estudioso, que era médico, recolheu para compor a obra imenso material etnográfico, que soube (muito bem) sistematizá-lo, com rara maestria.

Theotônio Vilela Brandão (1907-81), descendente das tradicionais famílias alagoanas Brandão e Vilela.

É uma obra que não pode passar despercebida. Está dividida em 14 capítulos, a saber: Introdução/ O Reisado/O Bumba-meu-boi/ Caboclinhos-Caboclinhas/ O Guerreiro/O Fandango/ A Chegança/ O Presépio ou Pastoril Dramático/ O Pastoril/ As Taieiras/ O Maracatu/ As Baianas/ O Quilombo/ e A Cavallhada. Segue a lista dos folguedos natalinos por município e, finalmente Notas. São 175 páginas

que relatam o título desta nota, em vocabulário acessível.

Convém acrescentar que o livro não é uma simples reprodução da edição anterior (1973). Com a redivisão municipal a divisão política daquele estado passou a contar com novas unidades, alterando o mapa cultural.

Para a coordenadora do citado Museu, Cármen Lúcia Dantas o referido livro "é a mais importante obra escrita sobre os grupos folclóricos que compõem o grande elenco das manifestações populares do ciclo natalino, no

FOLCLORE PARAIBANO

O conhecidíssimo Altimar (de Alencar) Pimentel, nos últimos dois anos, editou seis novos títulos englobando o Folclore Paraibano, a saber: Barca/Boi de Reis/Coco de Roda/Ciranda de Adultos/Lapinha/ e Fandango, todas com excelente apresentação, além de sete CDs.

Nascido em Maceió (AL),

filho de pai alagoano e mãe paraibana (30/10/1936), o exemplar folclorista, desde os dezesseis anos, reside em João Pessoa (PB). Ficou conhecido no Brasil e nos meios intelectuais de várias partes do mundo. Publicou diversos livros, ocupou importantes funções acadêmicas e o seu nome é muito conhecido, integrando a

bibliografia do folclore brasileiro. É deveras citado entre os pesquisadores. Vive dividido entre o teatro e o folclore, valorizando muito a dramaturgia e a cultura do povo nordestino.

Nesta oportunidade teceremos rápidos comentários acerca dos livros, desse nosso amigo e de Olímpia.

BARCA

Com ilustrações, partituras, notas, bibliografia e dois CDs, com 218 páginas, saiu do prelo em 2004.

O paulistano Mário de Andrade afiançou:

"Chego mesmo a afirmar que é justamente nestas duas danças dramáticas brasileiras intituladas

por Sílvio Romero (Chegança de Mouros e Chegança de Marujos), que os trabalhos do mar português e as lutas contra o Infiel tiveram a sua notável, mais bela e profunda celebração popular. Foi a gente brasileira que, reunindo e amalgamando um mundo de tradições diversas aqui chegadas,

fez nestes dois bailados a rapsódia mais admirável que jamais cantou o ódio ao infiel e os trabalhos do mar".

Os títulos são: Marujos e Mouros/Fandango e Marujada/ A Barca da Paraíba/Cabedelo e a Barca/Barca.

BANDO FLOR DO MATO

Esse grupo gravou dois vinis. As pesquisas que levaram à escolha das músicas foram efetuadas por Eliezer Teixeira, amigo do nosso FEFOL (Festival do Folclore), há bom tempo. No primeiro, intitulado INFLUÊNCIAS foi gravado (1985). Contou com a apresentação de Inezita Barroso, também amiga

da capital do folclore brasileiro, onde frisou:

“A pesquisa bem feita e honesta, Teixeira.”

Eis a relação das gravações: Rede de Varanda/ Folias de Reis/ Beira-Mar/ Boi Janeiro/ Que noite tão bonita/ Boi de Itamirim/ Cantiga/ Devoção/ Cio da Terra/ Cateretê/ Cuitelinho.

O conhecidíssimo João Pacífico (1909, Cordeirópolis-1998, Guararema), no poema “Viola”, impresso na contracapa do disco, fez referência a catira, ao desafio, ao arrasta-pé, as folias de Reis, as festas do Divino, e as festas de São João. Que gênio que São Paulo produziu e perdeu...

EM CANTOS BRASILEIROS

O nordestino Eliezer Teixeira - radicado na maior cidade da América do Sul - com a apresentação de Inezita Barroso, lançou o CD com o interessante título. As páginas musicais são atraentes:

Cheguei/ A rosa do rio e a grandeza de Deus/ Tropeiro/ ABC do amor/ Couro apanhado/ Aboio de vaqueiro/ Sina/ Sete, toada de gado/ De contador pra contador/ Trovejou/ Quando eu era caçador/

O galo cantou na serra/ Repente nordestino/ Peça de guerreiro e Guerreiro alagoano.

Outras informações e eventuais aquisições poderão ser obtidas através do fone (11)5661-8076.

CANCIONEIRO DA IMIGRAÇÃO

O fascinante título é um álbum com dois CDs, e um livro (bem ilustrado). Mostra a panorâmica da memória musical brasileira. A exuberante obra traça as reminiscências da musicografia de imigrantes na metrópole paulistana, nos séculos XIX e seguinte.

O amigo Eliezer (cantador e pesquisador) foi responsável pelo último capítulo: Nordestinos. Entretanto, há outros valio-

sísimos: Guaranis, paulistas e afro-brasileiros. Jamais deixamos transparecer ou insinuamos que as demais temáticas: portuguesa/síria e libanesa/italiana/húngara/judia (1ºCD); e no outro: japonesa/alemã/armênia/polonesa/russa/espanhola sejam desinteressantes.

A obra dividida em três partes é fantástica. Contudo, tem apenas um defeito: o preço é demasiadamente alto para o bolso

do brasileiro.

Plano - populações formadas de guaranis, paulistas e afro-brasileiros; imigrantes: portugueses, italianos, húngaros, judeus, japoneses, alemães, armênios, poloneses, russos, espanhóis, sírios e libaneses. Finalmente, migrantes (nordestinos).

Compensa apreciar a concepção musical de Anna Maria Kieffer. Onde encontrá-la?!...O Eliezer informará...



DALVA SOARES BOLOGNINI

Essa paulistana, graduada em Comunicação Social pela Escola Superior de Propaganda e Marketing, trabalhou 23 anos em uma firma desenvolvendo (entre outros projetos) brindes promocionais na temática da cultura do povo brasileiro.

Desde 1982 é pesquisadora de cultura e folclore brasileiros. Foi diretora tesoureira da Associação Brasileira de Folclore, Conselheira da Comissão Paulista de Folclore.

Especialista em Museologia (pós-graduada pelo Museu de Arqueologia e Etnologia - Universidade de São Paulo (2000), concluindo com a monografia "Museu da Memória Agropecuária no Brasil". É tutora acadêmica do Curso de Especialização em Museologia/USP, desde 2001.

Realizou várias pesquisas (texto e iconografia), projetos gráficos destinados a livros. Publicou vários trabalhos. Entre eles, cita-mos:

A Vida Nossa de Cada Dia (relatório do folclore cotidiano). Edição Escola de Folclore, série Documentos, 1983. Aspectos de Folclore de Gravidez e Parto. Boletim de Leitura, Associação Brasileira de Folclore, 1989. Costumes Alimentares no Brasil. Associação de Folclore e Artesanato. Boletim 22, 1997. Uma Festa de Santo Antônio em Taboão da Serra. Comissão Estadual de Folclore, São Paulo, Boletim nº 1, 1997. Casaluce, uma festa italiana em São Paulo. Revista Folclore, Associação de Folclore e Artesanato de Guarujá, nº 23, 1998. A Arte de Embalar, inserido no livro Um

Olhar sobre o Design Brasileiro - Objeto Brasil/Instituto Uniemp, 2003. Sempre aos Domingos (Crônica, in Estas Histórias) Laboratório de Redação do Museu Lasar Segall/IPHAN/Minc, 2005.

Vários artigos em jornais e revistas, enfocando a cultura espontânea.

Em co-autoria, edições TOGA, São Paulo: Trançados de Palha do Brasil (1978); Rendas e Cerâmica (1979); Joalheria Popular Afro-Brasileira (1980); Alagoas, Tradições Populares (1981); Tapetes Artesanais do Brasil (1981); Pipas no Céu Brasileiro (1982); Natal Brasileiro (1984); Embalagem, Arte e Técnica de um Povo - um estudo da embalagem brasileira (1985).

Além disso, possui trabalhos inéditos, inclusive em co-autoria.

MARIA DO ROSÁRIO TAVARES DE LIMA, UMA BATALHADORA

Nasceu em Caçapava, no vale do Paraíba paulista (1919), indo para São Paulo aos cinco anos. Foi casada com Rossini Tavares de Lima. Atua no Museu do Folclore, na capital, fundado pelo seu esposo. Concluiu o curso na Escola de Folclore (1983), apresentando dissertação que foi publicada e defendida pela banca examinadora presidida por Rublo Muller. Lecionou folclore na Escola Municipal de Música (1994-5), em São Paulo - Integrou o corpo docente do curso de folclore brasileiro coordenado pela Associação Brasileira de Fol-

lore, no Museu do Folclore Rosini Tavares de Lima. Pertence à Associação Brasileira de Folclore; foi vice-presidente (1997-9); Comissão Internacional para a Ciência e Pesquisa da UNESCO (órgão da ONU); Internacional Organization of Folk Art; União Brasileira de Escritores; e Comissão Paulista de Folclore.

Foi a Coordenadora Geral do 1.º Congresso Sul Americano de Folclore (1995) da International Organization of Folk-art, realizado na Universidade São Judas Tadeu (S. Paulo).

Participou de vários con-

claves no exterior: Havana, Cuba (1994), apresentando a comunicação Terapia Folclórica no Brasil. Lisboa, Portugal (1995), acompanhada de Baronesa Esther, Francisco (Petrópolis) e este redator (representando Olímpia), convidados especiais, Rosário apresentou a comunicação: Mitos que fizeram história - o sebastianismo na História do Brasil. Proferiu diversas palestras em instituições estaduais e particulares de ensino superior.

Foi designada delegada da IOF no Brasil para intercâmbio cultural, sendo também delegada

para intercâmbio cultural com Cuba e membro correspondente da Comissão Internacional Permanente de Folclore (Argentina).

É autora de livros e artigos. Citamos: O significado mitológico do sangue (apud: Infância e Violência Doméstica, São Paulo. Cortez, 1993. Lobisomem: asombração e realidade (apresentado na Escola de Folclore), São Paulo (1983). O Diabo na tradição cultural Judaico-Cristã e suas comparsas as Bruxas in Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, Florianópolis, 26 (39-40), 1988. Cobras e crendices (Comissão Municipal de Fol-

lore, São José dos Campos, 1995, 20 p. Curso de folclore em nível de especialização (Apud: Anais do Simpósio Nacional de Ensino e Pesquisa de Folclore, São José dos Campos, 1992:347-348). O feitiço do amor e da morte (Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, Florianópolis, 29 (43-44): 51-57,1991-1992; Mário de Andrade: sua contribuição aos folcloristas (Boletim de Leitura, Associação Brasileira de Folclore, São Paulo, (11): 7-9,1993; O erotismo, a feitiçaria e o pueril no folclore do sapo (Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, Florianópolis, 33(45-46): 91-98,1994); Uma pitada de folclore

(Papa-Formiga Editora, São Paulo, 93 p. 1995); Origem, tradição e anonimato: monstros sagrados do folclore? (I Congresso Sul Americano da IOF, São Paulo, 1995:89-91); Serpentes: folclore e biologia (I Congresso Sul Americano da IOF, São Paulo, 1995: 113-127; As culturas populares: espontânea, popularesca e de massa (Folclore, Guarujá, (21): 23-24,1996). No Suplemento Literário do Diário Oficial do Estado de São Paulo (D.O.Leitura) há artigos, entre 1987-1995, de Tita, para os amigos íntimos.

Continua lúcida e pesquisando.

DORALÉCIO SOARES, FOLCLORISTA BARRIGA-VERDE

Esse pernambucano, bem adaptado ao Sul, nasceu em 23-10-1914, em Recife. Coursou a Escola Industrial Federal de Pernambuco (ensino técnico). Migrou para o Estado barriga-verde e na Universidade Federal de Santa Catarina freqüentou os cursos de Dialectologia Brasileira, Introdução à Arte Contemporânea, Aspectos e Práticas do Jornalismo, Desenvolvimento de Comunidade e Política Social, Folclore e Turismo Cultural.

Lecionou na Escola Industrial de Santa Catarina (Florianópolis). Preside a Comissão Catarinense do Folclore, desde 1970, que é responsável pela edição do Boletim Catarinense de Folclore.

Como folclorista editou: Do artesanato e a sua proteção: renda da ilha de Santa Catarina (1947), 14pp. Aspectos do folclore catarinense (1970), 119pp. Boi-de-

mamão catarinense (1978), 39pp. Folclore Brasileiro - Santa Catarina (1979), 84pp, Jogo da mora "Alla Mora" (1986), 24pp. Jogo de bocha - "Boccie"(1986), 24pp, il. Rendas e Rendeiras da Ilha de Santa Catarina (1987), 79pp. Il. Schützenverein - Sociedade de Atiradores - Cultura Popular Teuto-Brasileira (1987), 48 pp, il. Valentes & Valentões - Fatos da História Popular do Recife Antigo (1996), 141pp, il.

No Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, publicou diversos artigos: Do artesanato e a sua proteção: rendas de Santa Catarina 8 (23-24):163-175, 1958. O III Congresso Brasileiro de Folclore 8 (23-24): 155-158,1957-1958. Santa Catarina no IV Congresso Brasileiro de Folclore (notas) 11 (25-26):100-121,1959-1960. Culinária típica da cozinha catarinense: cozinha alemã. 19(34): 19-

22, il, 1981. Culinária regional de Santa Catarina. 21 (35-36):7-11, 29-31,1983. Rendas e rendeiras da Ilha de Santa Catarina (Apud: Estudos de folclore em homenagem a Manuel Diégues Júnior - Coordenação Braulio do Nascimento (pp. 79-90, il), 1991-306pp, il. Sem citar outras obras.

Recebeu o título de Cidadão Honorário de Florianópolis (1989). A Associação Catarinense de Imprensa concedeu-lhe o Troféu Prensa (1995). A Biblioteca Municipal "Prof. Barreiros Filho" criou o Espaço Cultural Jornalista Doralécio Soares. A Academia Catarinense de Letras (1995) homenageou-o destaque cultural dos últimos 50 anos, com certificado, medalha e placa alusivas ao fato histórico.

Doralécio, continue produzindo, e que Deus lhe dê o centenário!...



BRAULIO DO NASCIMENTO, VALOROSO FOLCLORISTA

Em João Pessoa (PB), nascia em 22/03/1924, Braulio que se tornou figura de destaque nos estudos sobre a Literatura Popular Brasileira, notadamente sobre o conto e o romanceiro tradicional.

Licenciado em Letras Neolatinas pela então Faculdade Nacional de Filosofia (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro). Desde criança reside no Rio. Atuou no jornalismo e foi respeitado crítico literário. Folclorista e pesquisador renomado, não apenas no âmbito nacional. É conhecido e respeitado além-mar. Exerceu diversos cargos públicos, entre eles: Biblioteca Nacional, Diretor da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (Ministério da Cultura), que foi incorporada à FUNARTE (1974), transformou-se no Instituto Nacional do Folclore.

O incansável Braulio organizou a Bibliografia do Folclore Brasileiro (1971), premiada pela Academia Brasileira de Letras com o prêmio João Ribeiro para Filologia, Etnografia e Folclore. Preparou a edição comemorativa ao centenário de publicação dos artigos de Celso de Magalhães, no jornal O Trabalho, Recife (1873), com o título A Poesia Popular Brasileira, reunidos e editados no Maranhão por Domingos Vieira Filho (1966). Celso de Magalhães foi o brasileiro que primeiro se interessou pela literatura popular, recolhendo do romanceiro no Maranhão, Pernambuco e Bahia.

Também organizou a publicação da coletânea de Antônio Lopes, intitulada Presença do romanceiro: versões maranhenses

(1967).

Elaborou o estudo comparativo de 47 versões do romance Veneno de Mariana (Juliana e D. Jorge), recebendo o Prêmio Silvio Romero da Campanha de Defesa do Brasileiro (1964).

Entre 1999-2000, presidiu a Comissão Nacional de Folclore (criada em 1949).

Coordenou o projeto Conto popular e tradição oral no mundo de língua portuguesa, nascido de um acordo cultural entre Brasil e Portugal, que tem envolvido várias instituições de ambos os países. Em Portugal, o projeto foi coordenado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Com a coordenação geral de Braulio e prefácio de Fernando Freyre foram organizados em Pernambuco, por Roberto Benjamin. O segundo foi na Paraíba, Altimar Pimentel e Osvaldo Trigueiro; o terceiro, na Bahia, por Doralice Alcoforado e Maria del Rosário Suárez Albán; no Ceará, o quarto, por Francisco Assis de Sousa Lima.

O extraordinário Braulio está concluindo a obra ímpar no Brasil: Catálogo do conto popular brasileiro, tão aguardada.

Os levantamentos e estudos da Literatura Oral na Universidade Federal da Paraíba (programa de Pós-graduação) produziu O Cancioneiro da Paraíba, prefaciado por Braulio do Nascimento.

A mesma universidade, proporcionou a oportunidade de conhecer uma coletânea de dez ensaios substanciais que trabalham o romanceiro tradicional, onde o especialista aplica à teoria

proposta - análise de romances. Destaca-se Conde Claros, O Veneno de Mariana (Juliana no Brasil) e Bernal Francês. Percebe-se em Braulio, "o estudioso da obra literária que conhece, em profundidade, os mecanismos lingüísticos, com o olhar cuidadoso e penetrante, conteúdos que vêm interessando aos estudiosos em literatura popular de todos os tipos, como processos temáticos, variacionais, parafrásticos e eufemísticos e ao mesmo tempo, tão específicos dos romances orais a ponto de identificá-los e definir-lhe a natureza da tradição como algo que se constrói no tempo, enriquece-se e se modifica para acolher as transformações operadas na cultura". O autor com esse trabalho: História da Literatura Popular no Brasil, deixa um monumento para ser lido, discutido, analisado, enfim, estudado, como se deve.

Publicou diversos ensaios em revistas especializadas e livros. Citamos:

Um segmento capixaba do romance de Juliana e D. Jorge (Folclore, Vitória, 15 (79-80): 11,14,1964). As seqüências temáticas no romance tradicional (Revista Brasileira de Folclore, Rio de Janeiro, 6(15):159-190,1966). Processos de variação do romance (Revista Brasileira de Folclore, Rio de Janeiro, 4(8-10): 59-126,1964). Pesquisa do romanceiro tradicional no Brasil (Apud: El romancero em la tradición oral moderna - Colóquio Internacional sobre el romancero, Madrid, 1971). Menendez Pidal y Universidad de Madrid, Madrid, 1972:

65-83. Bibliografia do folclore brasileiro (Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1971, 353pp). Romanceiro Folclórico do Brasil de Rossini Tavares de Lima (Revista Brasileira de Folclore, Rio de Janeiro, 12 (34): 251-260, 1972). O romanceiro tradicional no Brasil (Cultura, Brasília, 3(11): 78-86, 1973). Um século de pesquisas do romanceiro tradicional no Brasil (Revista Brasileira de Cultura, Rio de Janeiro, 5(17):37-54,1973). Celso de Magalhães: a poesia popular brasileira (Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1973, 113pp). O ciclo do boi na poesia popular (apud: Literatura Popular em

Verso. Estudos (Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1973, 1:165-232). Arquétipo e versão na literatura de cordel (Revista Sergipana de Cultura, Aracaju, I (1): 41-46.1977). Silvio Romero e os contos sergipanos de origem africana (apud: Estudos de Folclore em Homenagem a Manuel Diegues Júnior pp. 59-66); (Comissão de Folclore, Maceió e Instituto Arnon de Mello, Maceió, 1991, 306pp. II). Essa homenagem a Diéguas Júnior foi coordenada por Braulio do Nascimento. Estudos sobre o Romanceiro Tradicional (Edição comemorativa dos 80 anos do autor), João Pessoa: Edi-

tora Universitária, 2004, 357pp. O Romanceiro Tradicional no Brasil (Anuário do 41º. Festival do Folclore, Olímpia, XXXII (35): 78-84, 2005).

O octogenário Braulio do Nascimento continua ativo e produzindo sempre trabalhando para a cultura, com muito ânimo e determinação.

Que o Criador dê ao Presidente de Honra da Comissão Nacional de Folclore, saúde e vida longa para que o pesquisador coloque em prática o sonhado em realizar, como valioso legado aos estudiosos da especialidade.

DEÍFILO GURGEL, PERSONALIDADE CULTURAL POTIGUAR

Nasceu em Areia Branca (RN), em 22-10-1926. Reside na capital desde 1944. Tal qual o mestre Câmara Cascudo (1898-1986), Deífilo considera-se “provinciano incurável”.

Poeta na juventude, bancário, professor e bacharel pela Faculdade de Direito de Natal (1967). O amor dele com o Folclore surgiu quando atingiu 44 anos de idade (1970). Considerado um folclorista global, escreve em jornais, realiza palestras, publicou livros e auxilia as pessoas do povo, que preservam nossas tradições.

Foi nomeado Diretor do Departamento de Cultura, da Prefeitura de Natal (1971) e, oito anos após, Diretor do Centro de Promoções Culturais da Fundação José Augusto. Lecionou a disciplina Folclore brasileiro na Universidade Federal do Rio Grande do Norte até a aposentadoria, no início dos anos noventa do século passado.

Na execução das pesquisas de campo redescobriu pessoas de importância para o Folclore norte-rio-grandense, como Chico Antônio. Na famosa viagem de Mário de Andrade (1983-1945), entre fins de 1928 e início do ano seguinte, o paulistano ficou encantado com o elemento folque citado, pelas informações que possuía.

Recebeu a Medalha do Mérito Cultural Militana Salustino, do governo brasileiro.

Publicou: Danças folclóricas do Rio Grande do Norte/João Redondo, Teatro de Bonecos do Nordeste/Romanceiro de Alcaçus, preliminar do grande livro Romanceiro Potiguar/e, finalmente, Espaço e Tempo do Folclore Potiguar, uma verdadeira antologia disso tudo.

Como poeta publicou livros, sendo o último, Os Bens Aventurados (2005), onde incluiu poemas que deixam os folcloristas

atentos, tais como: A Moringa/O chocalho/O pilão sertanejo/Adivinhas do chapéu/A rede de dormir/A tarrafa/A renda/O folclore do pião/A pipa/Ex-votos/Carranca/Os barcos de Santos Reis/Xico Santeiro/Dona Neném/As jangadas/Romance da Bela Nau Catarineta, entre vários outros. O leitor está convidado a essa leitura.

Na Coleção Mossoroense, editou Areia Branca, a Terra e a Gente (2002), que não poderia ser omitido, jamais.

Presidente da Comissão Norte-Rio-Grandense de Folclore; trabalhou para a realização de três históricas comemorações: Sesquicentenário da criação da palavra “Folk-Lore”(1996); Centenário de nascimento de Luís da Câmara Cascudo (1998) e Cinquentenário da criação da Comissão de Folclore daquele estado (1998).

Está em ação desde o mo-



mento da escolha de Natal (2004) para sediar o XIII Congresso Brasileiro de Folclore, neste agosto de 2006.

Deífilo tornou-se amigo de Sant'anna e sua equipe. Foi visitado pelo idealizador dos nossos Festivais, durante viagem que o

inesquecível Mestre efetuou ao Nordeste, que tanto amava e admirava.

A postura intelectual desse ensaísta abnegado e dedicadíssimo aos estudos da cultura do povo daquele Estado é admirável. Deífilo é afável, bondoso,

simpático, alegre e de simplicidade notável, daí ser louvado por tudo que fez, sem alardear.

Deífilo, que o Criador lhe dê longa vida para prosseguir nessa missão que a executa, com total brilhantismo.

ISEH BUENO DE CAMARGO, SINÔNIMO DE IDEALISMO E FIDELIDADE

Filha do casal Sebastião e Lydia, nasceu em 28-15-1923, em Pirangi (SP), não distante de Olímpia.

Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Graduou-se em jornalismo pela Fundação Escola de Jornalismo Cásper Líbero. Concluiu o curso de Educação Pré-Escolar na Faculdade Piratininga, também da capital. cursou a Escola Normal Santa Úrsula, Ribeirão Preto (SP). Entre 1970-96 participou dos nossos festivais de folclore, integrando a Comissão de Folclore de Olímpia.

Publicou os opúsculos: Grupos folclóricos (1985) e Danças e folguedos do folclore brasileiro (1988), ambos em Olímpia. Também vários estudos no Anuário de Folclore, da mesma cidade, onde colaborou desde 1972. Eis alguns títulos:

Projeção do Folclore no meio escolar 6(8):1977; Abrolhos e abrolheiras 9(10-12):5-8,1982; Retalhos - artesanato fantástico 12(15):52-55, il,1985; Artesanato decorativo 13(16):7-9, il,1986; O forno do nosso pão nosso de cada dia 14(17):47-50,il,1987; Arquitetura folclórica 15(18):2-6,il,1988; O coração no folclore 16(19):86-88,1989; Procura-se...17(20):74-83, il.,1990; Cada povo com seu uso, cada roca com seu fuso 18(21):15-30,il.,1991; O homem e seus parentes irracionais 19(22):3-19,il.,1992;Rosa, rainha das flores 20(23):3-19,il.,1993; Maravilhas do Reino Vegetal 20(23):22-46, il.,1993; Medicina rústica - A magia das tisanas 22(25):73-84,il.,1995, sem contar outros. Publicou artigos sobre folclore nos jornais olimpenses: Tablóide da Nova Paulista e Jornal da Região. Em Pirangi editou em três: Folha de Pirangi,

O Município e Pirangi. Histórico de Pirangi (1985) foi edição especial de A Folha de Pirangi.

Pelas suas atividades didáticas e de divulgação recebeu a Comenda da Ordem dos Jornalistas do Brasil (Rio de Janeiro), Diploma de Honra ao Mérito do Rotary Clube de São José do Rio Preto, Louvor ao Mérito pelos eventos culturais de que tem participado na cidade de Olímpia. Foi homenageada pelas professorandas (1976) do CENE Capitão Narciso Bertolino (Olímpia), recebendo o título Turma Professora Iseh Bueno de Camargo. Após a merecida aposentadoria mudou-se para a sua terra natal. Mesmo assim continuou colaborando com os nossos Festivais. Passou a pesquisar e publicar livros sobre assuntos pirangienses. Olímpia sente a ausência dessa colaboradora!...

HITOSHI NOMURA

Nascido na capital paulista (1933), desde criança tem interesse acerca dos animais, endereçando-o ao curso de História Natural, na Universidade de São Paulo. Tornou-se naturalista (1962).

Obteve o título de Doutor em Ciências na UNICAMP (1970), Universidade Estadual de Campinas. Livre-docente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (1974). Nessa

mesma instituição lecionou de 1968 a 1979.

Iniciou as suas atividades científicas no Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo (1958) como estagiário,

permanecendo até 1961. Com o grau de naturalista ocupou o cargo de oceanógrafo até 31/03/64. Foi para a Universidade Federal do Ceará e lá exerceu as suas atividades na Estação de Biologia Marinha até 1967.

Participou de dezenas e dezenas de congressos científicos (nacionais e internacionais).

Transfere-se para a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiros (Piracicaba), onde lecionou até a aposentadoria (1985). Em decorrência passou exercer outras atividades, sendo uma delas a pesquisa folclórica.

Publicou muitos artigos téc-

nico-científicos, biografias, resenhas, artigos em jornais valiosos, traduções e alguns livros na profissão que exerceu com muito carinho.

Foi ganhador da 2.^a Menção Honrosa do Concurso Silvio Romero, com a monografia Os Peixes no Folclore, INF (Instituto Nacional do Folclore), no Rio (1980) e a 1.^a Menção do mesmo Concurso, com a monografia Os Invertebrados no Folclore, no ano seguinte.

Mário Souto Maior (1920-2001) o integrou no Dicionário dos Folcloristas Brasileiros (1999), Recife (PE).

Entre as publicações que interessam aos leitores deste Anuário, destacam-se:

Usos, credices e lendas sobre anfíbios (1996).

O mundo fascinante dos peixes (1996).

Os mamíferos no folclore (1996).

Os répteis no folclore (1996).

Avifauna no folclore (1996).

Os moluscos no folclore (2005).

E talvez outros desconhecidos, pouco divulgados.

Reside em Campinas (SP) há muitos anos e integramos o rol dos seus admiradores.

ÁTICO, O AMIGO ANTIGO DE OLÍMPIA

O escritor, folclorista, historiador, tradutor dos idiomas, catalão, inglês, sueco e cigano (romani) para o vernáculo, além de professor universitário aposentado. Atico Villas-Boas da Mota, nasceu em Livramento (BA). Graduou-se em letras neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1957) e em Ciências Jurídicas e Sociais (1974). Concluiu diversos cursos de extensão e de especialização na Argentina e em países europeus. Doutourou-se em Filologia Românica pela USP, Universidade de São Paulo (1972) com a tese: Formas de tratamento em Português e Romeno.

Viveu muitos anos em Goiás, terra dos antepassados maternos.

Participou do Corpo Diplomático Extraordinário, como Assessor Cultural, quando do reatamento de nossas relações diplomáticas com o Leste Europeu (Missão João Dantas - 1961). Dirigiu o Departamento de Edu-

cação e Cultura da Universidade Federal de Goiás, quando realizou, entre várias promoções culturais, a Primeira Exposição Internacional do Livro de Goiás (1963-64). Foi Vice-Diretor da então Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás. Criador e colaborador do Primeiro Plano de Cultura de Goiás (1972 - Secretaria de Educação e Cultura de Goiás), que mereceu inúmeros elogios da UNESCO, sediada em Paris.

Pertence a várias instituições culturais e científicas do Exterior. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Sócio-correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Membro correspondente da Academia de Letras da Bahia. Membro Efetivo da Academia de Letras de Brasília (Cadeira nº 7). Ex-Professor Asso-

ciado da Universidade Integral de Bucareste (Romênia 1999/2000). Premiado no Concurso Nacional de Contos (Paraná), no Concurso Mário de Andrade (São Paulo) sobre Folclore Nacional. Recebeu o Primeiro Prêmio Nacional no Concurso Silvio Romero, MEC/FUNARTE, Campanha Nacional de Defesa do Folclore Brasileiro (1976) com Queimação do Judas, Catarismo, Inquisição e Judeus no Folclore Brasileiro, na qual apresenta novas explicações quanto à origem da Malhação do Judas e da Serração da Velha. Ex-Presidente da Comissão Nacional de Folclore, IBECC, Unesco, Rio de Janeiro (1992-99). Condecorado com a Ordem do Rio Branco (2000). Pioneiro dos estudos romenos no Brasil. Recebeu o título de cidadão goiano, pela Assembleia Legislativa de Goiás (2005). É Presidente da Fundação Cultural Prof. Mota (Macaúbas, BA).

Obras editadas: 1- Mutirão. Inquérito lingüístico, etnográfico

e folclórico. Goiânia: Editora do Autor, 1964. 2- Aspectos da Cultura Goiana, antologia de artigos, de parceria com Modesto Gomes. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1972. 3- Provérbios em Goiás (Premiado no Concurso "Mário de Andrade" (São Paulo) sobre Folclore Nacional, 1972. 4- Queimação do Judas, Catarismo, Inquisição e Judeus no Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE, Instituto Nacional de Folclore, 1980 (Prêmio Silvio Romero de Folclore, 1976). 5- Rezas, Benzeduras et Cetera: Medicina popular em Goiás, Segundo Prêmio no 1º Concurso Nacional de Folclore Americano do Brasil. Goiânia: Editora Oriente, 1977. 6- Contri-

buição à História da Ciganologia no Brasil. Goiânia: Editora Autor, 1982. 7- Ciganos, poemas em trânsito. Brasília: Thesaurus Editora, 1998. 8- Romênia, Poemário Telúrico. Brasília: Thesaurus Editora, 1999. 9- Brasil e Romênia: Ponte Cultural, in A Nova Romênia. Brasília: Thesaurus Editora, 1999. 10- Estrela Editorial dos Irmãos Taylor e José Oriente. Goiânia: Kelps. 2002. 11- Literatura Macaubense. Brasília: Fundação Cultural Prof. Mota, 2003. 12- Estudos Ciganos (antologia). Brasília: Thesaurus Editora. 2005. 13- Ion Luca Caragiale: Uma Noite Tempestuosa (Comédia em dois atos), traduzida do romeno. Brasília. Thesaurus Editora, 2005. 14- Alpondras: Travessias de Bu-

careste, prefácio de Ursolino Tavares Leão, posfácio de Adovaldo Sampaio, ilustração da escultora Maria Guilhermina. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 2005.

Ático, cidadão culto, esteve várias vezes em Olímpia. Em uma delas, logo após o desfile dos grupos folclóricos, aplaudindo, emendou: "Olímpia, Capital do Folclore".

Vive nos corações dos olímpenses. É nosso amigo de longa data.

Ático fala e escreve: esperan- to, francês, italiano e romeno. E, acima de tudo, é modesto.

Os adeptos poderão contac- tá-lo através do fone (77)3473- 1292.

PAULA SIMON RIBEIRO, LUTADORA E VENCEDORA

Essa gaúcha, da capital, nasceu em 27/02/1938. Graduou-se em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Cursou pós-graduação em Folclore e História das Artes, ambas na Faculdade Palestrina, em Porto Alegre.

Participou de especialização, aperfeiçoamento e atualização: Curso de Música pelo Liceu Musical Rossini, Pelotas (RS). Curso de Folclore Brasileiro pelo Museu Rossini Tavares de Lima (SP). Curso de Reciclagem em Educação Artística pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Curso de Animadores de Folclore - Açores, Portugal. Curso de Especialização em Arte-Educação pela Escolinha de Arte Infantil da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Participação em Entidades Diversas: Presidente da Comissão

Gaúcha de Folclore, Presidente da Comissão Nacional de Folclore, Diretora Nata de Folclore da Fundação Santos Herrmann, Conselheira no Conselho Estadual de Cultura, Membro da Estância da Poesia Crioula, Membro do Instituto Histórico Geográfico de São Luís Gonzaga, Sócia Benemérita da Associação de Trovadores Luis Muller, Sócia Benemérita da Sociedade Araruna de Danças Antigas e Semi-Desaparecidas, Natal (RN).

Atividade Profissional: Professora de Educação Artística na rede estadual de ensino (aposentada). Técnica do Setor de Pesquisa do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore de 1984 a 1993. Professora dos Cursos de Graduação em Educação Artística e Pós-Graduação de Folclore na Faculdade Palestrina em Porto Alegre, de 1982 a 1988. Instrutora

nos Cursos de Guia de Turismo no Senac de 1986 a 1994. Conselheira em exercício no CEC/RS.

Participação em Seminários, Simpósios e Congressos: Encontro Estadual de professores da Área Artístico-Cultural - SEC 1985. Artes Plásticas e Formação Profissional - Instituto de Artes - 1986. Primeiro Seminário Estadual sobre a História e a Cultura Negra - 1988. Primeiro Encontro Intermunicipal de Museus das Regiões Luso-Brasileiras. Seminário de Gestão Participativa para os Programas de Artesanato, Ministério do Trabalho/Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais - Florianópolis (SC), 1988. Primeiro Congresso Estadual de Cultura, Porto Alegre, 1989. Nono Simpósio de Educação Pré-Escolar do Vale dos Sinos, 1989. Primeiro e Segundo Simpósio Estadual sobre Cultura

Gravataíense, 1989 e 1990. Folclore, Ensino e Pesquisa Fundação Cassiano Ricardo. São José dos Campos, SP, 1992. Palestrante do 38º Congresso Tradicionalista Gaúcho, Santo Ângelo (RS), 1993. Primeiro Encontro Latino-americano de Brincadeiras Tradicionais, PUC, Campinas (SP), 1993. Primeiro Seminário Brasil e Açorianidade, Santo Antônio da Patrulha (RS), 1994. Primeiro Encontro Nacional de Brincadeiras Tradicionais, Recife (PE), 1995. Primeiro Congresso Sul-Americano da IOF, São Paulo, 1995. I Simpósio Estadual de Arte-Educação, Porto Alegre (RS), 1995. Seminário O Folclore como Fator de Unidade Regional, Universidade de Santa Maria, 1995. III Encontro Sul-Brasileiro sobre Brinquedoteca e I Encontro Internacional sobre Brinquedoteca. Universidade Federal de Santa Maria, 1996. II Congresso Latino Americano del Mercosur y VII Jornadas Nacionales de Folklore, Buenos Aires, 1996. III Congresso Latino Americano del Mercosur y VII Jornadas Nacionales de Folk-

lore, Buenos Aires, 1997. X Congresso Brasileiro de Folclore, Porto Alegre, 2000. Encontro Raízes de Santo Antônio da Patrulha, 2001 e 2002. Seminário Tempo, Espaço e Imaginário do Mundo Antigo, Universidade Federal de Santa Maria, 2004. 7ª FOLKCOM Conferência Brasileira de Folkcomunicação, Lajeado, 2004. Seminário de Patrimônio Imaterial - "O Registro do Patrimônio Imaterial nas Cidades", Porto Alegre, 2004. XI Congresso Brasileiro de Folclore, Goiânia, 2004. Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares, Brasília, 2005. Congresso Cearense de Folclore, Limoeiro do Norte (CE), 2005. XXVII Intercom, Rio de Janeiro, 2005. 1.º Congresso Internacional de Literatura de Cordel, João Pessoa (PB), 2005.

Publicações:

Livros de autoria e/ou em co-autoria: RS - Aspectos do Folclore. Martins Livreiro (em co-autoria em 6ª edição). Estudos Riograndenses. Martins Livreiro (em co-autoria, esgotado). Adivinhações Populares. 2ª ed. Comissão Gaú-

cha de Folclore. Folclore - Aplicações Pedagógica. 2ª ed. Martins Livreiro Editor. Brincadeiras Infantis. 3ª ed. Martins Livreiro Editor (co-autoria). Viamão, Tradição e Identidade. Editora Nova Dimensão (co-autoria, esgotado). Os Brinquedos do Imperador. Editora FTD, São Paulo. Folclore: Similaridades nos Países do Mercosul. Martins Livreiro. Segredo, História e Tradicionalidade. Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. Para Compreender e Aplicar Folclore na Escola. Comissão de Educação, Cultura, Desporto e Tecnologia da Assembléia Legislativa do RS. Série: Estudos de Folclore 1. Comissão Gaúcha de Folclore (co-autoria). Contribuições Luso Açorianas no Rio Grande do Sul. Comissão Gaúcha de Folclore (co-autoria). Tradições Populares no Brasil: Lendas e Mitos da série Literatura em minha casa, co-autoria. IBEP, 2002. Participação em várias coletâneas e em Anais de inúmeros congressos e seminários, bem como Revista do Professor, Revista Ciência Hoje, Jornal Mundo Jovem da PUC e outros.

FERNANDA MACRUZ ABRIU UM HIATO

A alegre, otimista, bem-humorada, amiga e companheira de ideais. Nasceu em Lisboa, Portugal (1925) e foi naturalizada brasileira com o longo nome de Fernanda Francisca Mariana Penalva Santos de Moraes Sarmiento. Mais tarde foi acrescentado o sobrenome Macruz.

Formou-se em Biblioteconomia; graduou-se em Ciências Sociais (Université Laval, Quebec, Canadá). Frequentou o curso de Folclore, dirigido pelo folclorista Rossini Tavares de Lima, na Escola de Folclore de São Paulo.

Presidiu a Comissão de Folclore (da Secretaria de Estado de Cultura do Estado de São Paulo) e foi Diretora-Presidente do Museu de Folclore de São Paulo, idealizado pelo musicólogo Rossini.

Realizou diversas pesquisas de campo: Currutela de Porto Alegre do Norte (MT). Garimpo de ouro, dentro da Mata, ao norte de Conceição do Araguaia (PA). Alardo em Alcobaça e Prado (BA). Comunicação visual folclórica no Brooklin Novo e Velho (bairros paulistanos). Cavalhadas em Pirenópolis (GO). Estudos na

Ilha de Búzios, litoral norte-fluminense. As atividades do Museu de Folclore Rossini Tavares de Lima, publicado nos Anais do Simpósio Nacional de Ensino e Pesquisa de Folclore, São José dos Campos (1992). Com a filha homônima escreveu Folclore de Peões e Posses em Luta pela Sobrevivência (município de Luciara, MT), que foi editado na Escola de Folclore de São Paulo (1983). Uma proposta pedagógica em conceitos atualizados (contando com outros colaboradores), editado pela Fundação de Desenvolvimento

da Educação, São Paulo (1989).

Ministrou cursos de folclore no Museu de Folclore Rosini Tavares de Lima, na Escola de Comunicação e Artes da USP

(Universidade de São Paulo), na Universidade de Montes Claros (MG), na Fundação Cultural Cassiano Ricardo, São José dos Campos (SP) e na Faculdade de

Filosofia de Araras (SP).

Faleceu em 20/08/2003, de problemas cardíacos.

PERDEMOS HILDEGARDES VIANNA, FÃ DOS NOSSOS FESTIVAIS

Filha do folclorista Antônio Vianna (Antônio Gonçalves Vianna Júnior e Amália Cantolino Vianna), nasceu em Salvador (BA) a 31/03/1919. Estudou no extinto Instituto Baiano de Ensino. É bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais (mais tarde incorporada pela Universidade Federal da Bahia) e professora de Música pela antiga Escola de Música, dirigida pelo Maestro Pedro Jatobá. Especializou-se em Etnologia no Centro de Estudos de Etnologia, em Lisboa, sob a orientação do prof. Antônio Jorge Dias (catedrático das cadeiras de Antropologia Cultural e Etnologia Regional da Universidade de Lisboa, com bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian e do Instituto de Alta Cultura de Portugal.

Orientadora de Pesquisas Folclóricas da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Salvador. Assessora de Folclore da Superintendência de Turismo da cidade do Salvador. Pesquisadora do Arquivo Público do Estado da Bahia, professora do Instituto de Música da Universidade Católica do Salvador. Chegou à aposentadoria como professora - adjunta da Universidade Federal da Bahia e Técnica em Assuntos Culturais da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia.

Muito dinâmica ministrou cursos de Introdução à Ciência do Folclore e Folclore Brasileiro, sob os auspícios da Campanha de De-

fesa do Folclore Brasileiro, Instituto Nacional do Folclore. Organização dos Estados Americanos e universidades do Sul brasileiro. Foi conselheira do Conselho de Turismo da Cidade do Salvador, do Conselho Deliberativo da Fundação Cultural do Estado da Bahia e suplente do Conselho de Cultura do Estado da Bahia. Participou ativamente, com trabalhos aprovados em plenário, de Congresso de Folclore, Etnologia, História e Literatura Oral no Brasil, Portugal e Uruguai, bem como em colóquios, seminários, simpósios, encontros, semanas de folclore no Brasil e Portugal.

Foi membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Ocupou a cadeira nº 36 da Academia de Letras da Bahia, cujo patrono foi Fernando da Cunha (1827-1903). Tomou posse (1981), saudada por José Calasans Brandão da Silva. Organizou e dirigiu o Museu da Associação Baiana de Imprensa. Ingressou na Comissão Baiana de Folclore, quando de sua instalação, seção estadual da Comissão Nacional de Folclore (IBEEC, órgão brasileiro da UNESCO, organizada e dirigida por Antônio Vianna. Membro titular da Sociedade Brasileira de Folclore (RN). Instituto de Estudos de Folclore (SP), Associação Brasileira de Pesquisadores de Música Popular (RJ). Membro correspondente da Academia Norte-Grandense de

Letras (RN), Academia Goiânia de Letras (GO), Academia Sorocabana de Letras (SP), Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (GO), Sociedade Tucumana de Folklore (Argentina).

Publicou: A Cozinha Baiana, seu folclore, suas receitas; Festas de Santos e Santos Festejados; A Bahia já foi assim; Calendário de festas populares da Bahia; A Proclamação da República na Bahia (aspectos folclóricos); As aparadeiras, as sendeironas, seu folclore; além de outras.

Participou em várias antologia. Entre elas: Antologia da Alimentação no Brasil (Câmara Cascudo), Ciclo das Festas Brasileiras, Manual do Folclore (Laura Della Mônica), Estudos de Folclore em homenagem a Manuel Diegues Júnior, Panorama do Conto Baiano, além de outras.

Durante muitos anos, no jornal A Tarde, manteve coluna semanal sobre folclore e tradição, em editorial. Escreveu, em página dupla, durante dois anos: "Bahia Singular" na Revista do Centro Industrial de Aratu, e "Depois do expediente", na Revista dos Bancos (BA). Coordenou a publicação dos Cadernos Antônio Vianna.

Colabora em jornais do País e revistas especializadas como Revista da Academia de Letras da Bahia, Revista Brasileira de Folclore e Cultura, Revista do Ins

tituto Geográfico e Histórico da Bahia, Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, Boletim da Comissão Nacional de Folclore, Revista Fluminense de Folclore, Boletim da Comissão Santacatarinense de Folclore, Panorama (RN) e outros.

Recebeu a Medalha Silvío Romero (1948) pelos bons serviços prestados ao folclore, concedido pelo então Distrito Federal (atual Rio de Janeiro); Cartão

de Prata das Secretarias de Turismo e Educação do Rio Grande do Sul, pelo desempenho no Projeto Cultura, desenvolvido em Santo Ângelo (RS); Medalha do Mérito Castro Alves (BA).

Integrou Congressos e congêneres. Esteve em Olímpia, conheceu o Festival do Folclore e participou do Primeiro Simpósio Nacional para Estudo do Folclore (1986).

Ela, Sant'anna e este redator

fomos amicíssimos e mantivemos correspondências. Como acreditamos no espiritualismo, continuamos amigos.

Infelizmente, em 13/06/2005, ela partiu de Salvador para o além.

Embora há poucos anos, homenageamos a fantástica Hildegardes, agradecemos as informações cedidas pela Academia de Letras da Bahia.

BARONESA ESTHER KARWINSKY, ADEUS

Era quase só conhecida por Baronesa, outros acrescentavam Esther. Dificilmente entre os folcloristas era chamada de outra forma. Simples amável e muito querida por todos. Ela sabia - como poucos - cativar as pessoas, especialmente pela educação. Nasceu em Brodóski, região de Ribeirão Preto (1931), do lar do médico João Marciano de Almeida (patrono de escola estadual, há várias décadas, em Franca) e Aurélia Sant'Anna de Almeida.

Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Santos.

Vivia entre Guarujá, na orla, e a capital paulista.

A municipalidade de Guarujá criou a Comissão Municipal de Folclore e Artesanato (1969) e oficializou os Festivais de Folclore e Artesanato (1975). A Baronesa foi eleita para presidir a Associação de Folclore e Artesanato. Criou o órgão de divulgação: Folclore (1976), onde ela colaborou assiduamente, enquanto teve forças. Por convite a nós dirigidos, participamos de diversas edições

dessa Revista. Era admiradora dos trabalhos de Olímpia. Entretanto, por mais que desejou, não foi possível, visitar-nos já que coincidia com o período do Evento realizado em Guarujá.

Era membro da Associação Brasileira de Folclore (São Paulo); da Societé d'Ethologie Française; da American Folklore Society; da Internacional Society for Folk Narrative Research; da Societé Internacional d'Ethologie et Folclore e Conselheira do Museu de Folclore Brasileiro Rossini Tavares de Lima, de São Paulo.

Foi reconhecida pela forte atuação na divulgação do folclore. Recebeu a Placa de Prata do Sesquicentenário da Independência do Brasil, em Cubatão (1972); Recebeu a Placa de Prata do Sesquicentenário do Brasil e Cinquentenário da Pedra Fundamental da Capital Federal, Brasília (1975) e a Medalha Legislativa do Mérito do Trabalho, Guarujá (1975).

Na revista Folclore (Guarujá) ela publicou:

Artes com temas folclóricos

(1976). Uma experiência em levantamento do Folclore (1976). Grupos folclóricos autênticos de Guarujá (1977). A cobra grande da praia de Guaecá (1977). Santa Anna Nery - um folclorista esquecido (1980). In memoriam Theo Brandão (1982). Festa de Reisado na favela (1982). Receitas de Medicina Popular (1983). Prevenção e cura de picadas de ofídios na medicina popular (1984). O ciclo da vida - a terceira idade no Brasil (1987). Epitáfios (1988). Oração ao Glorioso São Roque (1988) Igreja Histórica em Ruínas (1990). In Memoriam Regina Lacerda (1993). Medicina Popular (1993). Problemas da terceira idade e sua prevenção (1994). O pescador e sua filha - um conto popular brasileiro (1995). Bibliografia 1976-95 (1995). Publicou o livro O Caiçara, Guarujá, 1993. Guarujá - uma experiência em levantamento de Folclore, Prefeitura Municipal de Guarujá (1975). Museus e Museologia - Associação de Folclore e Artesanato de Guarujá (1990). Danças e folguedos de Guarujá - Comissão



Municipal de Folclore e Artesanato de Guraujá (1974).

No exterior lançou: Folk culture, genres, their teoretic implications (1996). Folk narrative and problems of the third age - na experiment. Apud: Folk Nar-

rative and World View, Innsbuck (1996).

A Baronesa Esther foi a primeira pessoa que telegrafou à família Sant'anna, quando soube do falecimento do nosso querido e inesquecível mestre José. Nota-

se o carinho que ela teve por Olímpia.

Sentiu com o falecimento do marido e o acompanhou posteriormente, em 2004.

ADELINO BRANDÃO, FOLCLORISTA, ESCRITOR E ALGO MAIS

O advogado, pedagogo, escritor, conferista, bacharel em Ciências Econômicas, jornalista profissional e folclorista Adelino Brandão nasceu em Belém (PA), no dia 28/09/1926. Professor (aposentado) lecionou História da Civilização Brasileira e Sociologia. Cursos de especialização em Sociologia da Cultura e Sociologia da Comunicação (Unicamp); Estudos de Problemas Brasileiros (ADESG). Membro de várias instituições culturais, destacando o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte; Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba; Instituto Histórico de Petrópolis (RJ); Instituto Geográfico, Histórico e Genealógico de Sorocaba (SP); Academia de Letras do Pará. Academia de Letras de Franca (SP), Academia de Letras de Piracicaba (SP); Associação Brasileira de Folclore (capital paulista); Sociedade de Geografia de Lisboa (Portugal); Academia Paulistana de História; Academia de Letras Jurídicas de Jundiá (SP); Grêmio Euclides da Cunha; Instituto de

Genealogia da Paraíba; Instituto Brasileiro de Direito Comparado (Rio de Janeiro); Ordem Nacional dos Escritores (São Paulo); além de outras.

Ganhou vários prêmios. Entre eles: Prêmio Nacional Pedro Calmon, da Academia de Letras da Bahia (1999); Prêmio Irmãos Grimm, do Goethe Institut (Bonn); Prêmio Centro Islâmico de Brasília, Embaixada da Arábia Saudita, Brasília (1991); Prêmio Cimento Mauá, da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro (1990); Prêmio Grandes Educadores do Brasil, INEP/MEC, Brasília (1987); Prêmio Amadeu Amaral, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro/Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo/MEC (1977), além de outros.

Colaborou em diversos jornais e revistas especializadas.

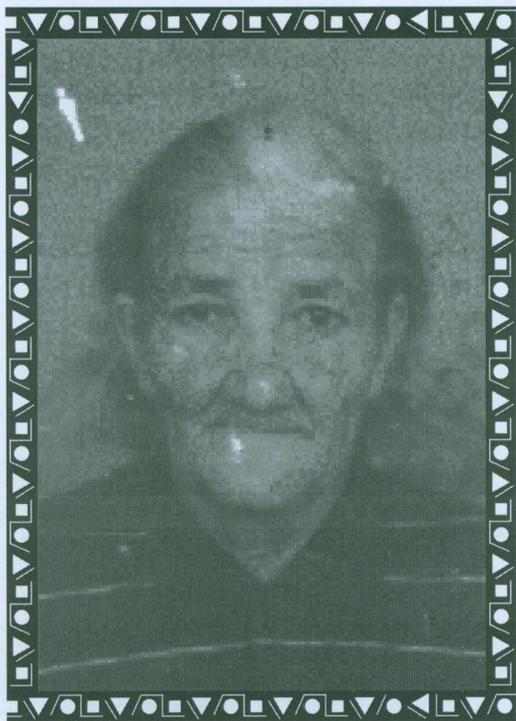
Publicou vários livros. Citaremos apenas os títulos interessantes aos folcloristas: Recortes de Folclore (1956); A Sociologia de "Os Sertões" (1974); Amadeu Amaral e o Folclore Brasileiro (1977); Euclides da Cunha e o Folclore (1986); Euclides da Cunha e

a Questão Racial no Brasil (1990); Crime e Castigo no Cordel (1991); A Presença dos Irmãos Grimm, na Literatura Infantil e no Folclore Brasileiro (1995); Euclides da Cunha - Bibliografia Comentada (2002); Boi-bumbá. Leitura, RJ: 17(22):27,1959; Lampião nos temas musicais e populares do Nordeste, Leitura, RJ, 18 (22):27, 1959; Contribuições afro-negras ao léxico popular brasileiro. Revista Brasileira de Folclore, RJ, 8(21):119-128,1968; Presença do Saci. Revista do Arquivo Municipal, SP 182:17-35,1971; Influências árabes na cultura popular e folclore no Brasil. Revista Brasileira de Folclore. RJ, 11(29): 65-84, 1971; sem contar outros títulos interessantes.

Casou-se com Nelsy. Deixou quatro filhos, cinco netos e a esposa.

Não só a nossa área sentiu a falta de Adelino Brandão, que faleceu em Jundiá, onde residia. Partiu para o além, deixando saudades, em 21/11/2004, após completar 78 anos e dois meses de muito trabalho e dedicação à Cultura do Brasil.

CLEMÊNCIA DE SOUZA: AFEIÇÃO AOS SANTOS REIS



A mais antiga bebedourense, que por meio século participou de reisados (Folia de Reis baiana, Bandeira de São Sebastião e outros), nasceu e faleceu em Bebedouro, cidade desta região.

Reisado é dança e canto da véspera e do Dia de Reis (seis de janeiro), de caráter popular, composto do cortejo de pedintes, cantando versos religiosos em louvor aos Reis Magos.

Essa “reiserá” nasceu em seis de janeiro (Dia de Reis) de 1919. Acaso ou designo do Criador?

Viveu neste planeta 86 anos. Que maravilha!... Devota de Santos Reis, a eles dedicou parte da sua inteira vida terrena. Faleceu em dez de outubro de 2005, após três anos de sofrimento.

Em homenagem à senhora Clemência foi edificada naquela urbe, em honra aos Três Reis Magos, uma capela. Esse templo situado na Rua do Contorno, nº 49, Jardim Talarico, ao lado da casa onde residiu a finada Clemência.

A mencionada capela foi erguida com a colaboração da comunidade, desde a mão de obra aos materiais de construção, além do apoio institucional. Foi marcante.

Dona Clemência comandava o famoso presépio vivo, marcado presença em vários dos nossos festivais. Mas...nada é eterno; chegou a doença e ela passou a responsabilidade para o seu marido Nelson Gonçalves.

Recomendou-o para nunca deixar de participar dos eventos de reisado, efetivamente. Passou a ser o responsável por tudo e jamais abandonar a atividade em louvor aos Reis Magos. A falecida gostava tanto daquilo que sempre fez (com muita dedicação) que o apelo está sendo cumprido. Isso é meritório e não deixa de ser homenagem àquela que partiu, deixando saudades não só aos “reiseros” amigos.

O sepultamento da saudosa Clemência foi digno de nota. A bandeira da Folia de Reis baiana sobre a esquife com os sons do reisado até a chegada ao túmulo; o cortejo fúnebre, acompanhado por várias autoridades locais, profissionais liberais, “reiseros” da cidade e da região, marcaram o 10/10/2005.

Sem nenhuma dúvida, a chamada de dona Clemência pelo arquiteto do universo trouxe grande perda para Bebedouro e região.

A última vez que estive em Olímpia (em cadeira de rodas). Chorou de emoção e arrancou aplausos da platéia. Obrigado pelo bom exemplo que deixou a todos que a conheceram.

Agradecemos a ação da colaboradora Elza da Costa Limão, continuadora da missão da falecida, pelas informações. Tenha força para seguir. Afinal, ninguém recebe uma incumbência, caso não esteja preparada para cumpri-la. Não é?!



UNIÃO FOLCLORISTA DE TAUBATÉ PERDE SEU MESTRE



Ao centro, Joaquim Antonio Gomes

No dia 05 de junho do ano em curso, faleceu, aos 97 anos de idade, o Sr. Joaquim Antonio Gomes, mestre e fundador da União Folclorista de São Benedito do Belém, de Taubaté/SP. Pun-

gente perda para esse grupo que é antigo participante de nossa festa maior. Juntamente com os parentes consangüíneos de Seu Joaquim, os integrantes do grupo, que o adotaram como um

avô muito querido, sentem profundo pesar por esse desfalque. O trabalho desenvolvido por ele se revestiu de grande importância para o folclore brasileiro.

Outro desfalque para a mencionada União Folclorista, que nos foi comunicado por Maria Aparecida Bonifácio, coordenadora do grupo, foi o desaparecimento do Sr. Lino Tomé Leite, também integrante do grupo, em 15 de janeiro do corrente ano,



Lino
Tomé
Leite

SAUDOSA INGRID DARLEI MARIANO



A jovem Ingrid Darlei Mariano foi componente do grupo

folclórico Reisado Sergipano e Bumba-meu-Boi (de Guarujá). Atuou como guia de 1994 até 2005, participando dos nossos Festivais do Folclore durante esse período.

“A doçura que expandia de seus lábios a fez ser estimada por todos aqueles que a cercavam, Deus é testemunha da estima e do afeto que devotava aos seus e aos que dela se aproximassem, e que jamais será esquecida.

É digna da paz celestial pela afeição que na terra soube espal-

har. Assim viverá eternamente na glória do Senhor e na memória daqueles que a amavam.

Senhor, dai-lhe o merecido descanso.”

Esta singela homenagem de todos nós olimpienses é endereçada (também) aos dois grupos folclóricos de que ela participava com todo o amor e consideração. A querida e inesquecível Ingrid que teve vida terrena de apenas 21 anos, continua morando nos corações de todos aqueles que a conheceram.

A Comissão Executiva do 42. Festival do Folclore registra seus mais expressivos agradecimentos, pelo apoio inestimável, ao Prefeito Municipal, Dr. Luiz Fernando Carneiro, ao Vice-Prefeito Dr. José Augusto Zambon Delamanha, e aos Secretários Municipais, quais sejam, a Secretária Municipal de Educação, Prof.^a Maria Teresa Diniz Sachetim Barboza, Dr. Giovanni Baptista da Silva Júlio, a Secretária Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social, Izabel Cristina Reale Thereza, o Secretário Municipal de Obras e Serviços Urbanos, Dr. Gilberto Tonelli Cunha, o Secretário Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano, Dr. Edil Eduardo Pereira e o Secretário Municipal de Administração e Finanças, Dr. Rui Fernando Bertolino.

Um evento da magnitude do Festival do Folclore de Olímpia necessariamente conta com um grande número de colaboradores. No entanto, na impossibilidade de citarmos todos os nomes dos que nos auxiliam na realização de nossa festa maior, tendo em vista o risco de se cometer a injustiça de omitir quaisquer deles, mencionamos os agentes públicos que se incumbem da administração municipal.

O próprio folclore afigura-se um grande exemplo de desprendimento, pois, embora o anonimato não seja requisito indispensável para a caracterização do fato folclórico, pois há manifestações também consideradas folclóricas cujos autores se identificam (a exemplo da Literatura de Cordel), existem inumeráveis outras criações culturais que se tornam de autoria coletiva.

Naturalmente, tudo o que se cria foi criado por alguém, mas, em muitos casos, o autor ou é desconhecido ou foi esquecido, ou, ainda, simplesmente não quis dizer o seu nome, por isso são de domínio público, de autoria coletiva; é criação do povo, por isso é folclore, pertence a todos nós.

É relevante lembrar que qualquer colaboração sempre nos será indispensável.

Oportuna uma fábula segundo a qual um passarinho portava em seu bico a quantidade de água de que capaz de suportar para ajudar a apagar um incêndio numa floresta, o qual já se tornava incontrolável. Aos que lhe diziam que seu esforço era inútil, respondia: _ Estou fazendo a minha parte.

Sendo assim, a todos que colaboram com o Festival do Folclore de Olímpia _ com a certeza de que por meio da lei de ação e reação, do Autor de Todas as Coisas, terão seus esforços recompensados, e com a certeza de que a imensidão da memória do universo tudo registra, para sempre _ nossos mais sinceros agradecimentos.

COMISSÃO EXECUTIVA DO 42.º FESTIVAL DO FOLCLORE



Realização:



Apoio:



PETROBRAS

SESCSP



Bradesco